

O DIRETO COMO VALOR-NOTÍCIA NO JORNAL DA TARDE DA RTP1

ANA FILIPA SILVA RIBEIRO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA FILIPA SUBTIL
PROFESSORA-ADJUNTA NA ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CO-ORIENTADOR: DR. DANIEL CRUZEIRO
PROFESSOR-ADJUNTO CONVIDADO NA ESCOLA SUPERIOR DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL

OUTUBRO DE 2016

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho é da minha autoria, sendo uma das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. É um trabalho original, que nunca foi submetido a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau acadêmico ou qualquer outra habilitação. Certifico ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Tenho também consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Outubro de 2016

A candidata,

RESUMO

O presente relatório de estágio tem como objetivo apresentar uma descrição e uma análise crítica das atividades desenvolvidas enquanto jornalista estagiária da RTP, assim como um exercício investigativo sobre o uso do direto no Jornal da Tarde da RTP1. A investigação teve lugar na redação televisiva de Lisboa e do Porto, entre 1 de fevereiro e 30 de abril de 2016.

Tendo em conta que a temática do direto está pouco presente nos estudos sobre jornalismo televisivo em Portugal, considerámos relevante focar a nossa pesquisa neste meio utilizado para mostrar os acontecimentos em tempo real. A ausência de investigação que retratasse os noticiários da hora de almoço, levou-nos a optar pelo Jornal da Tarde para pôr em prática a análise pretendida.

A interrogação central que orienta este exercício investigativo é: Qual é o valor noticioso do direto na televisão pública portuguesa? Procura-se compreender o conteúdo e o propósito da informação transmitida em direto pela RTP enquanto concessionária de serviço público de televisão português. Observámos assim que a RTP recorre à transmissão de diretos fundamentalmente para mostrar que está no local dos acontecimentos e para captar audiências. A principal conclusão aponta para uma crescente espetacularização das notícias como forma de entreter o telespetador, onde o direto é uma das estratégias recorrentemente utilizadas pelo jornalismo televisivo para criar a perceção na audiência de que esta está permanentemente atualizada. Neste sentido, a opção pelos diretos é uma cedência clara às audiências.

Palavras-chave: Jornal da Tarde da RTP1; Jornalismo Televisivo; “Direto em Televisão”; Valor-notícia; Serviço Público.

ABSTRACT

This internship report intends to present a description and a critical analysis of the activities performed as a trainee journalist at RTP, as well as a research exercise about the use of live streaming in Jornal da Tarde of RTP1. The investigation took place in the television newsrooms of Lisbon and Oporto from 1st February to 30th April 2016.

Bearing in mind that the thematic of the live streaming is seldom present in academic studies about television journalism in Portugal, we have considered that is relevant to focus our research in this way of showing the events in real time. The absence of research that focuses on lunchtime news programs underpinned the option for Jornal da Tarde.

The main question guiding this exercise is: What is the news values of live streaming in the Portuguese public television? We seek to understand the content and the purpose of the information broadcasted in live transmission by RTP, while concessionaire of the Portuguese television public service. We have seen that RTP resorts to live streaming, to show that the television station is at the effective location of the events, ultimately, seeking to profit out by improving its creditworthiness. The main conclusion is that the spectacularisation of the news is a way of entertaining, where the live streaming is one of the frequent strategies used by television journalism to create a perception in the audience that it is constantly updated. In this regard, the choice for the live streaming is a clear concession to the audiences.

Keywords: Jornal da Tarde of RTP1; Television Journalism; “Live Streaming in Television”; News Values; Public Service.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Professora Doutora Filipa Subtil, a minha orientadora, porque sem o seu apoio académico e psicológico este relatório não teria sido possível. Obrigada por me ter ajudado em todas as fases do relatório, nas boas e nas menos boas. Obrigada por compreender aquilo pelo que passei nesta última fase de trabalho. Obrigada por nunca ter desistido de mim e por ter acreditado que eu conseguia. Obrigada por todo o tempo que dedicou a este relatório e pela enorme paciência. Obrigada por me ter esclarecido todas as dúvidas e por ter insistido para que eu fizesse sempre melhor acrescentando mais valor ao trabalho. Obrigada por tudo, do fundo do coração.

Ao Professor Daniel Cruzeiro, o meu co-orientador, que me encaminhou sempre que eu precisei de conselhos e de novas perspetivas para o exercício investigativo. Obrigada pela compreensão, pela disponibilidade, pelo apoio e por nunca ter deixado nenhum pedido de ajuda sem resposta.

À Professora Anabela Sousa Lopes que me ajudou na fase inicial do relatório e que fez tudo o que podia para tornar possível a minha experiência de estágio na RTP.

À Professora Maria José Mata, também pela ajuda inicial no relatório, e aos professores do mestrado com quem aprendi as bases para tornar possível este exercício investigativo, bem como a experiência de estágio.

À professora Susana Torrado, que durante a minha experiência de Erasmus em Múrcia (Espanha) orientou a recolha de literatura académica sobre a temática em estudo.

À jornalista Sandra Machado Soares que me ofereceu estadia no Porto para eu poder realizar a observação da produção do Jornal da Tarde.

À Rita Ramos, à Rita Marrafa Carvalho, à Susana Santos e ao Hélder Silva pela disponibilidade de me concederem entrevistas, essenciais para este exercício investigativo. À Rita Ramos também agradeço por me ter orientado durante o estágio e por me fazer escrever sempre melhor. À Susana Santos também ainda um especial agradecimento por me ter recebido de braços abertos na RTP do Porto e por me ter aturado durante uma semana inteira, sempre ao lado dela, a esclarecer todas as minhas dúvidas.

À Natália Oliveira, à Cecília Carmo, à Adília Godinho, ao Fernando Miravent, à Isabel Magalhães, à Filipa Mendes, a todos os jornalistas e repórteres de imagem que acompanhei e a toda a redação de informação da televisão por me terem ensinado mais sobre o que significa ser jornalista e o que implica fazer jornalismo televisivo.

À Filipa Marques Henriques em particular por ter sido uma companhia muito importante durante o período de estágio, pelas conversas, pelo apoio e pela amizade que ainda continua.

À Eugénia Pires pela ajuda proporcionada neste relatório.

Ao meu pai pelo orgulho que tem em mim, pelo apoio e por ter aceitado mudar de distrito só para que eu pudesse fazer o mestrado. Obrigada pelo esforço que fazes todos os dias, longe do teu país, para que os teus filhos possam ter uma boa educação. Obrigada pela paciência e por nunca desistires de mim.

Ao meu irmão, que me tem acompanhado durante todo este percurso nos dias bons e nos dias menos agradáveis. Obrigada por estares sempre presente, na tua própria maneira de ser, e por me apoiares e incentivares a terminar o mestrado com sucesso. Obrigada Alexandre.

Aos meus irmãos mais novos, que apesar de serem tão pequenos e ainda não terem noção do que significa estudar na universidade, têm sido um importante incentivo para que eu continue a melhorar todos os dias, para ser um bom exemplo de pessoa para eles.

À minha mãe e à restante família pelo apoio.

À Joana Silva, à Juliana Costa e à Adriana Marques que me acompanham há vários anos e puxam sempre por mim para eu ser melhor pessoa e profissional. Obrigada por acreditarem em mim, por estarem presentes na minha vida e pela grande amizade que nos une.

À Sara Santos, ao Francisco Santos, ao Frederico Bártolo, à Mariline Rodrigues, à Sara Gouveia, ao Pedro Reis e a todos os meus amigos pelo apoio e pela camaradagem nas noites passadas em claro durante esta longa fase académica.

Obrigada!

ÍNDICE

Declaração	II
Resumo	III
Abstrat	IV
Agradecimentos	V
Introdução	1
Capítulo 1. A televisão de serviço público português	4
1.1. Notas sobre a história da RTP	4
1.1.1. A RTP pós-revolução	9
1.2. Serviço Público: A função do serviço público de televisão em Portugal	15
Capítulo 2. Perspetivas teóricas do direto em televisão	21
2.1. Especificidades do jornalismo de televisão	21
2.2. Definir o direto em televisão	27
2.3. História do direto em televisão	30
2.4. Diferentes tipos de direto	33
2.5. Possibilidade e limites do direto	37
Capítulo 3. Experiência de estágio na RTP	41
3.1. Dimensão organizacional da produção de conteúdos da RTP	42
3.2. Direção de Informação da Televisão	43
3.3. Rotina do jornalismo televisivo	45
3.4. Acompanhar jornalistas e redigir reportagens	53
3.5. Produção de noticiários na régie e investigação	61
3.6. Observação ao Jornal da Tarde na RTP Porto: 18 a 24 de abril	64
Capítulo 4. O valor do direto: Estudo empírico do Jornal da Tarde da RTP	70
4.1. Estudo Empírico	72
4.1.1. Metodologia e desenho da investigação	74
4.1.2. Universo estudado	75
4.1.3. Perguntas de partida que orientam o exercício investigativo	76
4.1.4. Análise de conteúdo de diretos no Jornal da Tarde	76
4.1.5. A perceção que os jornalistas da RTP têm dos diretos	96

Conclusão	106
Referências Bibliográficas	110
Anexos	114
Anexo 1. Declaração de estágio	115
Anexo 2. Tabela de análise de Concha Mateos	116
Anexo 3. Reportagens realizadas	117
Anexo 4. Organograma da RTP	118
Anexo 5. Grelha de análise aos diretos emitidos no Jornal da Tarde	119
Anexo 6. Peças jornalísticas e diretos no Jornal da Tarde	141
Anexo 7. Categoria temática	143
Anexo 8. Tempo dedicado a cada categoria temática	144
Anexo 9. Território	145
Anexo 10. Tipo de Direto por território	145
Anexo 11. Natureza da ação	146
Anexo 12. Tempo da ação	146
Anexo 13. Cenário	147
Anexo 14. Função narrativa	147
Anexo 15. Voz em direto	148
Anexo 16. Complemento do direto	148
Anexo 17. Pontos de direto	149
Anexo 18. Imagem do falso direto autopromocional (26-02-2016)	149
Anexo 19. Imagens em direto e gravadas no Palácio de Belém (09-03-2016)	150
Anexo 20. Imagem do falso direto sobre política na praia (17-03-2016)	151
Anexo 21. Imagem do direto sobre a tradição do bife da páscoa (26-03-2016)	151
Anexo 22. Imagem do falso direto sobre os jovens resgatados	152
Anexo 23. Imagem do falso direto sobre os combustíveis (19-04-2016)	152
Anexo 24. Guião das entrevistas	153
Anexo 25. Entrevistas aos profissionais da RTP	156
Anexo 26. Alinhamentos do Jornal da Tarde	201

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio apresenta as atividades realizadas enquanto jornalista estagiária da Direção de Informação da Televisão da RTP no período compreendido entre 2 de fevereiro a 29 de abril de 2016 (total de 469 horas).

O que aqui se apresenta é uma descrição e análise crítica dessa experiência profissional. A oportunidade que me foi concedida de realizar este estágio, possibilitou ainda levar a cabo um exercício investigativo sobre uma das características atuais do jornalismo televisivo – o uso sistemático dos diretos nos noticiários da televisão portuguesa. Esta é uma temática ainda pouco presente nos estudos sobre jornalismo televisivo em Portugal, embora a nível internacional eles existam pelo menos desde a década de 1990 (Dayan & Katz, 1995; Mateus 2013; Barriga, 2014).

Em relação à escolha do noticiário a analisar, optou-se pelo Jornal da Tarde por se tratar de um espaço noticioso pouco estudado, ao contrário do Telejornal, que tem sido recorrentemente objeto de análise, e também porque naquele espaço informativo a presença de diretos é bastante regular.

A pesquisa teve lugar na redação de Lisboa e do Porto, no período compreendido entre o primeiro dia de fevereiro e o último dia de abril de 2016. De forma a realizar a investigação proposta, acompanhámos a preparação de diretos, a transmissão destes no local dos acontecimentos - através dos carros de satélites e dos *teradeks* - e assistimos à sua produção através da régie. A experiência na redação da RTP e em reportagem, foi fundamental em termos de observação das rotinas produtivas da estação, com especial incidência nos diretos.

A interrogação central que orienta este exercício é: Qual é o valor noticioso do direto na televisão pública portuguesa? Interrogação esta que se pode subdividir num conjunto de outras como: Qual é a função do direto? Qual o critério para que seja efetuado o direto? Quais as temáticas apresentadas em direto? Em que medida a imediatez do relato em tempo real influencia a informação transmitida no direto? Em que sentido o direto é privilegiado em comparação com outros modos de dar a notícia? Qual a influência do nível de audiências na escolha por informar em direto?

Pretende-se compreender o conteúdo e o propósito da informação transmitida pela RTP enquanto operador de serviço público de televisão. Isto porque, apesar do direto ser

teoricamente definido como a transmissão em tempo real dos acontecimentos, assistimos à emissão de diretos, nos noticiários, que revertem essa lógica, porque apenas fornecem informação sobre o que já aconteceu ou fazem uma previsão de um evento que vai ocorrer mais tarde.

Para responder a estas questões utilizaremos uma estratégia metodológica que cruza técnicas de pesquisa de natureza documental e não documental. Em relação às de natureza documental, recorrer-se-á a dois tipos de técnicas de recolha de informação: análise crítica da literatura existente sobre jornalismo televisivo, com particular enfoque no direto; e uma análise de conteúdo temática, que terá como modelo os trabalhos realizados por Brandão (2002) e Mateos (2013). Para esta análise de conteúdo, foi efetuada: uma observação do objeto de investigação, nomeadamente o Jornal da Tarde e os diretos nele emitidos; uma avaliação do conteúdo presente neste noticiário; e uma recolha dos dados, utilizando uma grelha de análise dos diretos emitidos, na qual foi feita uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo apresentado. Neste sentido, o campo de análise deste estudo é constituído por 228 diretos analisados, que foram emitidos em 90 Jornais da Tarde, durante os três meses de estágio na RTP.

Quanto às técnicas de investigação não documental, foram realizadas quatro entrevistas semi-diretivas: à Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde; ao Hélder Silva, pivô e editor da redação do Porto; à Rita Ramos, editora de sociedade; e à jornalista Rita Marrafa de Carvalho. As entrevistas foram efetuadas para entender a perceção dos profissionais relativamente ao valor e funções do direto, às opções de transmissão de diretos no Jornal da Tarde e para obter esclarecimentos em relação as conclusões retiradas da análise de conteúdo aos mesmos. Foi também realizada a observação-participação com técnica de recolha de informação, concretizada graças ao estágio realizado na redação da RTP.

Tendo em conta a explicação deste exercício investigativo e para cumprir os objetivos a que nos propusemos, o presente relatório de estágio foi organizado em quatro capítulos.

O primeiro diz respeito à RTP, instituição onde foi realizado o estágio, tornando possível a investigação acima referida. Neste capítulo expomos os principais marcos da história da RTP, desde o começo das emissões até aos dias de hoje, explorando o efeito que a evolução tecnológica tem tido na produção informativa e na programação televisiva da estação. Apresentaremos ainda alguns elementos sobre a legislação

nacional e internacional que orientam a RTP enquanto concessionária do serviço público de rádio e televisão.

No segundo capítulo fazemos um enquadramento teórico sobre o direto em televisão, para tentar perceber, através da literatura académica disponível, qual o valor associado ao uso do direto e as quais as suas características informativas. Neste contexto, expomos as especificidades do jornalismo televisivo, para perceber o propósito dos noticiários, a relevância da informação audiovisual e os critérios de noticiabilidade. Procederemos ainda à definição do direto em televisão, enumerando as suas características assim como as possibilidades e limites de uma transmissão em tempo real. Historicamente, contextualizámos ainda o direto, através dos acontecimentos que ficaram na história das emissões ao vivo.

O terceiro capítulo, expõe a natureza das atividades realizadas enquanto jornalista estagiária, procurando não descorar uma reflexão crítica sobre essa experiência, só possível de realizar graças às ferramentas teórico-conceituais que a formação ao nível da licenciatura e do mestrado me facultaram. Para contextualizar a experiência de estágio, apresentamos a dimensão organizacional da RTP e, mais importante, o funcionamento da redação da Direção de Informação da Televisão. A experiência aconteceu em dois locais. Num primeiro momento, na sede da RTP em Lisboa, e num segundo no Centro de Produção do Porto, durante uma semana, com o intuito de observar a produção do Jornal da Tarde.

Por fim, no quarto, e último, capítulo que corresponde ao exercício investigativo, analisamos os resultados obtidos na análise de conteúdo realizada aos diretos durante o período em estudo. Procurámos assim, responder à questão de partida e às problemáticas relacionadas com o uso do direto em televisão.

CAPÍTULO 1. RTP: A TELEVISÃO DE SERVIÇO PÚBLICO PORTUGUÊS

Neste capítulo trataremos os principais marcos da história da RTP, desde o início das emissões regulares até ao presente, dando ênfase à programação da estação pré e pós-revolução de 25 de abril de 1974. Será ainda retratado o crescimento tecnológico que a RTP tem apresentado desde a sua implementação, levando a emissão a cada vez mais portugueses, através das várias plataformas informativas disponíveis. A televisão de serviço público deve, acima de tudo, contribuir para o desenvolvimento social, cultural e económico do país. Neste sentido, num segundo momento, daremos relevância ao serviço público de rádio e televisão, tendo em conta as normas europeias e nacionais que o orientam. Propomos ainda discutir o conceito de serviço público de televisão em Portugal.

1.1. NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DA RTP

No seu conjunto, a RTP é composta por um universo diversificado de “marcas” de televisão, rádio e *online*, entre outras, que iremos referir ao longo deste capítulo.

A 15 de dezembro de 1955, por iniciativa do Governo presidido por António de Oliveira Salazar - em escritura assinada no gabinete da direção da Emissora Nacional de Radiodifusão -, dava-se cumprimento ao disposto no Decreto-Lei nº 40 341 (publicado no Diário do Governo, nº 226 - I Série, de 18 de outubro de 1955). O Decreto promovia a constituição de uma Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada e estabelecia os princípios gerais reguladores da concessão de serviço público que lhe ficaria atribuída, para explorar a televisão em todo o território português, em regime de exclusividade pelo prazo de vinte anos prorrogáveis por períodos de dez anos, com possibilidade de resgate após os primeiros dez. Com sede e domicílio na cidade de Lisboa, sob a designação de RTP - Radiotelevisão Portuguesa, SARL, iniciou-se com o capital de 60 milhões de escudos (mínimo previsto na lei). O Governo contratou com esta, «a concessão do serviço público, da qual detinha um terço do capital, sendo os restantes dois terços oferecidos à subscrição dos emissores particulares de radiodifusão

e à subscrição pública» (Lopes, 1999: 34). No artigo 3.º dos estatutos da sociedade pode ler-se o propósito da empresa:

A RTP tem por objeto a instalação e exploração, em território português, mediante concessão outorgada pelo Estado, do serviço de radiodifusão, na sua modalidade de Televisão, e bem assim o exercício das seguintes explorações de publicidade: a) Cedência de tempo das suas emissões; b) Emissões de Televisão e de Radiodifusão com inclusão de publicidade; c) Venda e aluguer de filmes com programas; d) Venda e aluguer de aparelhos de Televisão e de Radiodifusão e seus acessórios; e) Serviço de assistência técnica aos aparelhos de Televisão e de Radiodifusão; f) Quaisquer outras atividades comerciais ligadas ou relacionadas com a exploração destes serviços, autorizadas pelo Governo¹.

Um mês depois da constituição da Radiotelevisão Portuguesa, SARL, a 16 de janeiro 1956, decorreu o ato de aprovação da concessão do serviço público de Televisão à RTP, no gabinete do Ministro da Presidência do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano. O contrato «estipulava que a concessionária se obrigaria a emitir diariamente um mínimo de 30 minutos de programas próprios» (Agee & Traquina, 2005: 107). Estando tudo acertado e definido a nível legal, era tempo de avançar na implementação da televisão em Portugal.

A 4 de Setembro de 1956, meia hora depois das 21 horas ocorreu a primeira emissão televisiva da RTP. Raúl Feio apresentou o programa da noite, emitido apenas para a zona de Lisboa. A inauguração foi possível devido às facilidades concedidas pelo jornal *O Século*, que organizava a Feira Popular de Lisboa, no parque de Santa Gertrudes, em Pavalhã (hoje morada da Fundação Calouste Gulbenkian). Foi aqui produzido um mês de emissões experimentais de televisão, em instalações improvisadas na Feira Popular.

No mesmo ano, a 5 de dezembro, celebrou-se o contrato de compra dos cinco emissores a instalar na primeira fase da rede nacional de televisão e que iriam ser construídos: na serra do Monsanto, no Monte da Virgem, na serra de Montejunto, na serra da Lousã e na serra de Monchique. O primeiro passo deste plano de cobertura foi orientado para servir as três regiões com maior densidade populacional: Lisboa, Porto e Coimbra.

Três meses depois, a 7 de março de 1957, pelas 21h30, o genérico da RTP voltou a entrar no ar. A locutora Maria Varela dos Santos saudou os telespetadores e anunciou o programa «Canções a Granel». Quer quanto ao número, quer quanto à qualidade dos

¹ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 50 - RTP: Nascimento e primeiros passos, p.1.

programas, esta data representa um avanço considerável relativamente às primeiras emissões experimentais da Feira Popular. Esta foi considerada a data oficial da primeira emissão regular da RTP.

A partir de então a inovação e as experiências prosseguiram. Em novembro de 1957, chegou à sede da RTP o primeiro carro de exteriores Mercedes-Benz, devidamente equipado. A 19 de novembro era tempo de testar a recente aquisição. Como conta Vasco Hogan Teves em *RTP 50 Anos - História da Televisão em Portugal*, o carro foi testado num direto a 19 de novembro que ocorreu junto ao estádio José de Alvalade. Um treino noturno da equipa de futebol do Sporting motivou a reportagem-piloto. Foram destacados seis operadores e um assistente radiotécnico, que colocaram as câmaras e as manejaram segundo indicações do realizador. A 9 de Fevereiro de 1958, realizou-se, no mesmo local, a primeira reportagem em direto do exterior para difusão pela rede de emissores da RTP².

A emissão do Telejornal estreou-se a 18 de outubro de 1959. Teves explica que o «Jornal RTP» que a meio do ano tinha substituído o «Jornal Actualidades, cedeu lugar ao Telejornal». Este iniciou-se com duas edições: «a 1ª logo após a abertura da emissão (às 20.30 h.), com meia hora; a 2ª antes do fecho (que raramente ocorria depois das 23.30 h.), com 10 minutos»³. Precisamente às 20 horas e 32 minutos, o jornalista Mário Pires, vindo do *Diário de Notícias* -e acompanhado de Alberto Lopes vindo de *O Século-*, anunciou o começo do noticiário: «Senhores espectadores, boa-noite! Vamos apresentar a primeira edição do *Telejornal* da RTP constituída por noticiário e atualidades do país e do estrangeiro⁴». Contudo, a apresentação não correu tão bem como era esperado e os jornalistas foram substituídos por locutores do quadro, nomeadamente Gomes Ferreira, Fialho Gouveia, Manoel Caetano, Henrique Mendes e Paulo Cardoso. Nesta altura, os locutores estavam encarregues apenas da leitura dos textos que vinham da redação «e sobre os quais o censor de serviço tinha apostado o seu visto. Não era permitido ao locutor qualquer iniciativa para alterar palavras e, menos ainda, o sentido de uma frase»⁵. Teves revela ainda que:

² Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 60 – No Reino do “Directo”, p.6.

³ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 60 – No Reino do “Directo”, p.19.

⁴ Discurso retirado de: Cardoso N., & Gurgel M. (23 de outubro de 2014) Telejornal: a escola da informação que é espelho de um país. *Notícias TV*. Obtido em 18 de outubro de 2016, de: http://www.noticiastv.pt/exclusivo/interior/telejornal_a_escola_da_informacao_que_e_espelho_de_um_pais_4627280.html.

⁵ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 60 – No Reino do “Directo”, p.19.

A realização do Telejornal passou a ser confiada aos redatores e esse foi considerado, pelos resultados obtidos, um ponto positivo da nova estruturação do serviço. Também se passaram a incluir pequenas entrevistas no estúdio ou mesmo no exterior⁶ (...).

Nove anos depois, a 25 de dezembro de 1968 nascia o 2º programa (em 1978 passou a designar-se RTP2, em 1990 foi renomeado de Canal 2, em 1992 chamado de TV2 e em 1996 voltou ao antigo e atual nome RTP2). O canal foi possível devido à instalação do primeiro emissor de UHF em Lisboa (Monsanto), permitindo o acesso dos espetadores servidos por esse centro emissor. Na emissão inaugural, o engenheiro Matos Correia, Diretor Geral Adjunto do canal, revelou, frente às câmaras, as intenções da programação para o novo canal:

O 2º Programa, que entrou na sua fase experimental, tem como objetivo fundamental – num futuro que esperamos seja próximo – propor aos Srs. espetadores um programa de emissões complementares das existentes, ou de natureza diferente, quando consideradas comparativamente as emissões do 1º [programa]⁷(...).

Nesta época e «durante muitos anos, os dois canais [RTP1 e RTP2] emitiram apenas durante sete horas aos dias de semana e algumas horas mais aos sábados e domingos» (Agee & Traquina, 2005: 118).

A 6 de agosto de 1972, após um ano de trabalho intenso de implementação das infraestruturas necessárias, é inaugurada, na Madeira, a primeira Delegação da RTP (que em 1980 passou a Centro de Produção Regional). Os portugueses residentes na Madeira já podiam ver televisão tal como os habitantes do continente.

A RTP foi criada durante o regime do Estado Novo⁸ que a utilizou profusamente para fins propagandísticos. Como procurámos mostrar através de um conjunto de factos históricos que compõem os primeiros 17 anos de emissões regulares do canal público de televisão, a RTP esteve sempre muito próxima do poder político. Na perspetiva de Nelson Traquina e Waren K. Agee, em *O Quarto Poder frustrado: os meios de comunicação social no Portugal Pós-Revolucionário*, «a televisão portuguesa tem sido mantida sob o controlo do Governo desde a sua conceção, mas nem sempre foi propriedade do Estado» (Agee e Traquina, 2005:107). Os autores explicam que «Salazar via a televisão como um dos maiores problemas com que o seu governo tinha de se haver». Contudo, «gradualmente, acabou por se interessar imenso pela televisão,

⁶ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 60 – No Reino do “Directo”, p.19.

⁷ Discurso retirado de: Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 60 –Do 2º programa à Lua e ao “Zip-Zip”, p.1.

⁸ Relativamente à influência do regime do Estado Novo na RTP ver *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa* (1996) de Francisco Rui Cádima.

considerando que ela se transformara numa instituição permanente»⁹. A este ponto de vista, o jornalista Pedro Coelho em *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*, acrescenta a forma como Marcello Caetano aproveitou o poder da televisão para chegar aos portugueses, ignorado por Salazar durante muito tempo:

Enquanto Salazar, o Presidente do Conselho, permanece divorciado do novo meio, Marcello Caetano, o ministro da Presidência e grande impulsionador da televisão, aproxima-se cada vez mais, aproveitando todas as virtualidades da televisão para estabelecer com a Nação uma *intimidade* cada vez mais forte. (...) após a *queda* de Salazar *da cadeira*, na residência de Verão do Presidente do Conselho, no Estoril, a 7 de setembro de 1968, Marcello Caetano ascende naturalmente ao poder e, ao contrário do antecessor, que, por não ser um bom orador, revelou sempre algumas dificuldades em comunicar com o país através da televisão, Marcello não só se aplica nesse *diálogo cara a cara* [itálicos do autor] como coloca a televisão, literalmente, ao serviço do governo (Coelho, 2005: 66).

Eduardo Cintra Torres e Felisbela Lopes partilham desta leitura, destacando o condicionamento político a que estava sujeita a programação da RTP. Em *A Televisão e o Serviço Público*, Torres afirma que a RTP «teve desde sempre uma relação umbilical com o poder político, no mínimo de deferência, no máximo de dependência e serviço de propaganda» (Torres, 2011:47). Para o autor, a RTP anterior ao 25 de abril era um média paradoxal: «Por um lado, cumpria por inteiro nos noticiários a função de megafone do regime salazarista-marcelista. (...). Por outro lado, com liberdade de escolha dos programas (...), a TV portuguesa abria horizontes aos espetadores» (Torres, 2011: 49-50). Já Felisbela Lopes, em *O Telejornal e o Serviço Público* refere ainda que «a televisão portuguesa foi alvo de sucessivas manipulações políticas. Na sua génese, a Radiotelevisão Portuguesa era um assunto do Estado. Ela era a voz da nação, ou melhor, a voz do partido que governa a nação» (Lopes, 1999: 31). A autora reforça este pensamento afirmando que «as preferências dos telespetadores eram relegadas para segundo plano. Não se via aquilo que se gostava de ver, mas aquilo que o regime do Estado Novo julgava adequado» (Lopes, 1999: 31).

Nuno Goulart Brandão prossegue esta leitura, analisando o caso dos noticiários, mostrando que «o formato do telejornal começou na televisão pública portuguesa a 18 de outubro de 1959 e, sobretudo até 24 de abril de 1974, nunca perdeu a sua base essencialmente protocolar» (Brandão, 2002: 94). Já Francisco Rui Cádima esclarece a composição do telejornal durante esta fase de ditadura que Portugal passou:

⁹ João Soares Louro (comunicação pessoal), Lisboa, 19 de março de 1982 *apud* Agee & Traquina, 2005: 108.

A agenda protocolar, quer dos responsáveis máximos da Nação quer dos seus ministros e dos principais atores da Administração Pública, era integrada nos alinhamentos dos jornais televisivos como se se tratasse de uma secretaria de redação adstrita diretamente ao próprio poder. (...) a burocratização da informação e as aberturas dos alinhamentos através da agenda e do protocolo constituíram o traço marcante deste primeiro conjunto de séries de telejornais, produzidos no entanto com uma estratégia clara, com uma orientação política e propagandística patentes desde os primeiros noticiários da RTP (Cádima, 1995: 331-332).

1.1.1. A RTP PÓS-REVOLUÇÃO

Durante o processo revolucionário¹⁰ e apesar das alterações estatutárias, a televisão continuou a ser utilizada como instrumento político. Nessa sequência a estação foi nacionalizada (1975), passando a denominar-se RTP-Radiotelevisão Portuguesa, E.P. Converteu-se assim novamente «numa empresa exclusivamente pública, dotada de personalidade jurídica de direito público e autonomia administrativa e financeira, à qual é entregue o serviço público de televisão» (Lopes, 1999: 34). Esta alteração concretizou-se pelo Decreto-Lei nº674-D/75 (nº 278 - I Série de 2 de dezembro), que rescindiu o anterior contrato de concessão de 16 de janeiro de 1956, «com o objetivo do exercício, em regime de exclusividade, do serviço público de Televisão e, eventualmente, de radiodifusão¹¹». Segundo Torres, a televisão era controlada pelos militares, que a 26 de abril de 1974 a definiram em comunicado como «um dos mais importantes meios postos ao serviço do povo português» (Torres, 2011: 50). Com o apoio da maioria dos funcionários, a RTP entrou de imediato ao serviço do regime democrático (Torres, 2011: 50).

Em janeiro de 1975, com vista a expandir a área de emissão da televisão, o major Ramalho Eanes, nomeado Presidente do Conselho de Administração da RTP, determinou que se passasse à execução das obras projetadas para a delegação da RTP nos Açores. A 10 de agosto do mesmo ano, os açorianos já podiam ter acesso às emissões da estação pública.

Em 1980, iniciaram-se as emissões a cores, mas a maioria dos portugueses não possuía televisores com essas características. Foi a 7 de março que o canal emitiu o primeiro programa a cores, o Festival RTP da Canção. «Era a finalíssima do Festival,

¹⁰ À data da instauração do regime democrático em 25 de abril de 1974, existiriam no país cerca de 700 mil televisores. Todavia, os sinais dos dois canais ainda não chegavam a muitas regiões do interior, nem aos Açores.

¹¹ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 70 – O difícil caminho para a nacionalização, p.18.

transmitida em direto do Teatro Municipal de S. Luiz, em noite de festa muito animada, que entrou para a história, não apenas da RTP mas da comunicação social portuguesa»¹². Já em 1986, começa a ser transmitido o Jornal da Tarde, o noticiário da hora de almoço. Segundo Teves, «ao longo do ano foram-se introduzindo alterações» na grelha noticiosa da RTP, passando o público a contar com «melhor qualidade de serviço»:

Com entrada em vigor do mapa-tipo de Outono-Inverno, o público-espectador passou a dispor, ao longo do dia e nos dois canais da RTP, de 4 blocos noticiosos: “Jornal da tarde” (hora do almoço); “Telejornal” (19.30 h.); “Jornal das 9” (21 h.); e “24 Horas” (fecho da emissão), isto além de vários sumários intercalares a cargo da Redação do Porto. Estava-se perante uma ampla cobertura informativa (...)»¹³.

Seis anos mais tarde, a 10 de junho de 1992, as emissões de televisão chegavam aos portugueses além-fronteiras com o início das emissões regulares da RTP Internacional. «Chegar longe, cada vez mais longe a todo o lado onde se encontrasse a audiência natural da RTP, os portugueses, inscrevia-se, assim, como a nova prioridade do serviço público de Televisão»¹⁴.

Depois de um processo prolongado de concessão, a abertura da televisão à iniciativa privada gerou alterações ao enquadramento jurídico do serviço público de televisão. A 14 de agosto é aprovado por lei da Assembleia da República (Lei 21/92 – I Série, nº 187) um novo estatuto para a Radiotelevisão Portuguesa E.P. Esta passou a «sociedade anónima, de capitais exclusivamente públicos, retomando o mesmo património, os mesmos direitos e as mesmas obrigações», continuando também com a concessão do serviço público de televisão (Lopes, 1999: 34).

No ano seguinte, a 17 de março de 1993, foi celebrado, entre o Estado português e a Radiotelevisão Portuguesa, SA, um novo Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão. O acordo previa, na cláusula 4ª:

(...) o dever de emissão de dois programas com cobertura geral da população do território continental, um que corresponde ao atual 1.º canal, de carácter eminentemente generalista, com opções diversificadas e destinado a servir a generalidade da população, o segundo, vocacionado para servir públicos potencialmente minoritários, e integrando programas de carácter educativo nos domínios da literatura, da ciência, da música, do teatro, da ópera, do bailado e das artes plásticas.

¹² Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 80 – RTP na idade da cor, p.1.

¹³ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 80 – Grandes projetos novos desafios, p.5.

¹⁴ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 90 – RTP uma antena para o mundo, p.1.

De acordo com a cláusula 5ª, a RTP ficava obrigada a: «pautar a programação pelo respeito pelo interesse público, por exigências de qualidade e de diversidade para assim promover o esclarecimento, formação e participação cívica e política dos cidadãos; e a contribuir para a informação, recreio e promoção educacional e cultural do público em geral, no respeito pela identidade nacional». A emissora estava também incumbida de promover a produção e emissão de programas educativos ou formativos, especialmente os dirigidos a crianças, minorias e deficientes auditivos. Ficou ainda determinada a orientação da divulgação da cultura e língua portuguesa junto dos países africanos de expressão oficial portuguesa e das comunidades portuguesas na diáspora, bem como o direito de antena, tempo de emissão para as confissões religiosas, tempos de emissão para a Universidade Aberta e para a Administração Pública e apoio ao cinema e à indústria audiovisual.

Três anos depois, o contrato foi substituído por outro, celebrado a 31 de dezembro de 1996. Este modificou parcialmente a situação do serviço público da RTP. O ex-Secretário de Estado da Comunicação Social, Alberto Arons de Carvalho, em *A RTP e o Serviço Público de Televisão*, destaca três importantes inovações deste documento, que contribuiria para diferenciar a programação da RTP1, da dos seus concorrentes privados:

1) Inclusão de obrigações quantificadas: mínimo de vinte e seis horas por ano (por cada um dos seguintes temas) relativas à produção e transmissão de obras dramáticas, dramático-musicais e coreográficas, criadas para televisão ou representadas com companhias independentes; de «obras de ficção de autores qualificados em língua portuguesa»; de «documentários de criação»; e um mínimo de doze horas anuais de produção e transmissão de primeiras obras;

2) Determinação da indemnização compensatória a atribuir anualmente à empresa, considerando o custo real de exploração da RTP1 e RTP2, incluindo o conjunto de custos relativos à preparação, difusão e emissão de programas, deduzidos os proveitos decorrentes da exploração, nomeadamente as receitas publicitárias;

3) Sujeição da RTP1 a um limite de sete minutos e trinta segundos de publicidade, enquanto a RTP2 não poderia emitir qualquer publicidade comercial.

O tempo de emissão das confissões religiosas também só passou a ser cumprido na vigência deste contrato.

Em 1997, nascia a RTP África, destinada aos países africanos de língua portuguesa, com o intuito de dar um novo impulso às relações entre Portugal e os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). A 7 de março arrancaram as emissões, via satélite, com uma programação específica de quatro horas, e surgia assim aquele que passou a ser considerado o grande veículo de cooperação e intercâmbio entre Portugal e a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. A RTP África tinha por objetivo evoluir «com uma repartição equilibrada de programas de informação, de carácter educativo e abrangendo vários géneros, tais como documentários, musicais e culturais»¹⁵.

No mesmo ano foi criada a RTP *online* (www.rtp.pt), outro produto das novas tecnologias que se tinha «estruturado e posto ao serviço» da RTP. Nas palavras de Teves «era a porta de entrada num novo painel de informação, de extrema amplitude (...) e quem acesse obtinha informação essencial sobre os seis canais de emissão e sobre o grupo empresarial RTP»¹⁶. Era também um veículo para se chegar aos horários e a conteúdos da programação, bem como um «meio de contacto privilegiado para quantos quisessem expressar críticas ou opiniões para o que havia um “mail” automático»¹⁷.

Em 2000, a situação financeira bastante complicada da RTP, leva o Governo de António Guterres a tomar a decisão, pelo Decreto-Lei n.º 82/2000, de 11 de maio «de criar uma “holding” para reunir sob a mesma tutela os três órgãos de comunicação estatais – RTP, RDP e Agência Lusa»¹⁸. Esta “holding” de nome Portugal Global, SGPS, S.A passou a deter o capital social da RTP. Porém, segundo Sílvio Correia Santos, em *Da rádio estatal ao modelo integrado: Compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*, esta aproximação entre as empresas já tinha sido pensada:

Começa ainda na primeira metade dos anos 90. Efetivamente apesar de nada constar no programa de governo do PSD, durante a administração de Arlindo de Carvalho, chegou a considerar-se que a junção das empresas podia ser possível até ao final da década. Na altura foram assinados acordos de colaboração entre os dois operadores públicos. Dois anos depois, em 1996 é criado, formalmente, um grupo de trabalho entre a RDP a RTP e a LUSA para estudar possíveis sinergias entre as empresas (Santos, 2003: 217).

Três anos depois da sua criação, a Portugal Global foi extinta pela Lei n.º 33/2003, de 22 de agosto, que aprovou a reestruturação do sector empresarial do Estado na área do audiovisual. Com esta alteração, nasceu a RTP - Rádio e Televisão de Portugal, SGPS SA., uma sociedade gestora de participações sociais, na qual estavam integradas,

¹⁵ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 90 – RTP África e Expo’ 98 no caminho das novas tecnologias, p.1.

¹⁶ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 90 – RTP África e Expo’ 98 no caminho das novas tecnologias, p.41.

¹⁷ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 90 – RTP África e Expo’ 98 no caminho das novas tecnologias, p.41.

¹⁸ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 90 – Mais País e Mais Mundo nos anos difíceis da RTP, p.19.

pela primeira vez, todas as participações do Estado na Rádio e na Televisão (aberta, satélite, cabo e digital). Em 2004, a RTP estreia a sua nova casa. Sai da Av. 5 de outubro, onde operava em edifício próprio desde 1979 e passa para o novo edifício-sede na Avenida Marechal Gomes da Costa¹⁹.

A 31 de maio de 2004, a RTP N²⁰ (antiga NTV) inicia a sua emissão. Este é um canal dedicado exclusivamente à informação, focado na atualidade, com programas de investigação jornalística e análise e debates sobre a política e a economia portuguesa e internacional. No dia 4 de outubro do mesmo ano é inaugurada a RTP Memória, dedicada à exibição de programas que fizeram história na RTP e à exibição de produção própria. Na leitura de Lopes, o canal «dá voz a personalidades da televisão portuguesa que já não são o centro das atenções²¹» (Lopes, 2014: 146). Em 2011 este canal passou a designar-se RTP Informação e, desde 2015, intitula-se RTP3.

Em 2007, a RTP1 comemorou meio século de existência. Com a Lei n.º 8/2007, de 14 de fevereiro, a concessionária do serviço de rádio e televisão passa a denominar-se Rádio e Televisão de Portugal, S. A, uma sociedade de capitais exclusivamente públicos. Nesta são incorporadas a Radiotelevisão Portuguesa - Serviço Público de Televisão, S. A., a Radiodifusão Portuguesa, S. A., e a RTP - Meios de Produção, S. A.

A 30 de julho é aprovada a Lei 27/2007 que impõe às empresas a quem é concedido acesso à atividade de televisão e seu exercício um conjunto de obrigações. É importante destacar os fins da atividade de televisão, presentes no n.º1 do artigo 9º:

- a) Contribuir para a informação, formação e entretenimento do público; b) Promover o exercício do direito de informar, de se informar e de ser informado, com rigor e independência, sem impedimentos nem discriminações; c) Promover a cidadania e a participação democrática e respeitar o pluralismo político, social e cultural; d) Difundir e promover a cultura e língua portuguesas, os criadores, os artistas e os cientistas portugueses e os valores que exprimem a identidade nacional.

A mesma lei delega ainda à concessionária do serviço público de televisão a obrigação específica de «apresentar uma programação que promova a formação cultural e cívica dos telespetadores, garantindo o acesso de todos à informação, à educação e ao entretenimento de qualidade» (n.º1 do artigo 51º).

¹⁹ A modernização das novas instalações teve o custo de «15 milhões de euros». Informação retirada do *Público*: <https://www.publico.pt/media/noticia/rtp-estreia-hoje-novas-instalacoes-com-o-telejornal-1189887>.

²⁰ Sobre a RTP N ver capítulo a *Informação Contínua da RTP-N em Os Funcionários da Verdade, Profissionalismo e responsabilidade social dos jornalistas do serviço público de televisão* (2014) de Diana Andringa.

²¹ Todas as traduções são da responsabilidade da autora deste relatório de estágio.

Em 2011, a empresa lança o RTP PLAY (integrado no site *online*), serviço pioneiro na área das novas tecnologias. Disponível no site da RTP, permite a visualização das emissões de televisão e a escuta das emissões de rádio (em tempo real), bem como de programas em *on-demand*. Um ano depois nasce o projeto RTP+ para dar apoio e visibilidade às causas de Solidariedade Social.

Em 2014, a empresa lança três novos projetos digitais: a aplicação 5i RTP, o portal Ensina RTP e o novo site do Arquivo RTP.

Desde 6 de março de 2015, com a celebração do último Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão (que vigora até aos dias de hoje), os órgãos sociais da RTP são os seguintes: Conselho de Administração presidido por Gonçalo Reis; Conselho Fiscal presidido por António Lima Guerreiro; Conselho de Opinião presidido por Manuel Coelho da Silva; Conselho Geral Independente presidido por António Feijó; Paula Cordeiro como Provedora do Ouvinte e Jaime Fernandes como Provedor do Telespetador.

Com o propósito de modificar a forma como os portugueses vêm a televisão de serviço público, este ano (2016), ao celebrar o 59º aniversário, a RTP implementou mudanças significativas na imagem da estação, adaptando também numa nova assinatura: «*RTP continua*». A RTP lançou um novo site com um novo ambiente gráfico e com design adaptável a vários dispositivos. A RTP1 ganhou uma nova imagem gráfica, novos separadores de estação desenvolvidos pelo *street artist* Vhils e uma nova imagem nos principais blocos informativos. A RTP conta assim com 81 anos de rádio, 59 de televisão e 19 de presença *online*.

O marco de primeira televisão portuguesa e o mais de meio século de emissões regulares colocaram a RTP como destaque fundamental na história da comunicação social portuguesa. Contudo, o seu percurso, como tentamos ilustrar, tem sido bastante conturbado primeiro, pela situação política do país, depois pelo processo de nacionalização e no início da década de 1990 com as transformações a nível estrutural, profissional e de programação que a estação sofreu devido à chegada concorrencial das televisões privadas. Nas palavras de Eduardo Cintra Torres, a pressão popular para a existência de mais televisão nacional levou à abertura desta aos privados, com «oposição política», mas também como «decisão política» (Torres, 2001: 52). Segundo o autor, «a legislação foi aprovada em 1989, vencendo em concurso a SIC, empresa do antigo primeiro-ministro Pinto Balsemão, e a Igreja Católica (TVI)» (Torres, 2001: 52).

Depois de 35 anos de monopólio, em 1992, a SIC inicia as emissões, seguida da TVI em 1993. Para Torres, «a TV privada alterou profundamente a oferta, não só na quantidade, como nos conteúdos, géneros, protagonistas, estilo visual, dinamismo, grafismo e relação com a audiência» (Torres, 2001: 52), resultando num abalo da popularidade e das audiências da RTP:

Como dinossauro público, a RTP precisou de cerca de uma década para se reposicionar no espaço concorrencial, num processo conturbado (2002-2004), por iniciativa do Governo de então (grandes mudanças na RTP têm sido obra dos governos), mas que veio a ser de seguida aceite por outras forças políticas (Torres, 2011: 54).

Fernando Correia tem uma visão ainda mais crítica acerca da influência da concorrência na programação da RTP:

Recorde-se que, entre nós, foi com a decisão de abrir a TV aos privados, e posteriormente, com o clima de competição instaurado, nomeadamente entre a RTP e a SIC, que o teletjornal se transformou no terreno por excelência da informação-espetáculo, da superficialidade e do sensacionalismo. Aliás, a honra de ter introduzido na informação televisiva portuguesa, de uma forma clara e assumida, a notícia sensacionalista, cabe ao teletjornal da RTP, quando, ainda antes da SIC e da TVI começarem a emitir, surgiu a ideia de, numa jogada de antecipação, transformar a RTP numa “pré-privada” (Correia, 1997: 155-156).

1.2. SERVIÇO PÚBLICO: A FUNÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO DE TELEVISÃO EM PORTUGAL

Desde o seu início foi sempre atribuída à RTP a concessão de serviço público de televisão em Portugal. Neste sentido, é fundamental perceber qual o objetivo e o propósito do serviço público, e em que é que se traduzem as constantes alterações de legislação que têm ocorrido até aos dias de hoje. A RTP é o operador de serviço público de rádio e televisão de Portugal, tendo a capacidade e obrigação de chegar a um vasto e heterogéneo público. Dos mais novos aos mais velhos, independentemente da sua classe social ou preferência religiosa, sem qualquer discriminação racial, todos têm o direito ao serviço público prestado.

A conceção de serviço público que se encontra plasmada na legislação nacional segue em traços largos a legislação europeia. A 7 dezembro de 1994 o Conselho da Europa tomou algumas medidas no sentido de determinar como deve ser o serviço público de televisão. Os ministros participantes da 4ª Conferência Ministerial Europeia

sobre a Política de Comunicação de Massas - realizada em Praga - assinaram a Resolução nº1 sobre «O futuro do serviço público de radiodifusão», na qual se valida o papel do serviço público de televisão em regimes de concorrência, reservando-lhe, entre outras, as seguintes missões: ser, através da sua programação, um ponto de referência para os vários públicos e um fator de coesão social; constituir-se como um fórum de discussão pública; desenvolver uma programação pluralista, inovadora e variada, subordinada a normas éticas e seguindo padrões de qualidade (Lopes, 1999: 158). Deste Protocolo, Lopes salienta quatro recomendações feitas a cada Estado Membro: «a instituição e organização do serviço público de televisão do respetivo país; a definição da missão de serviço público; o estabelecimento de regras transparentes de financiamento da TV pública»; e a promoção de «um quadro de financiamento “seguro e apropriado que garanta aos operadores de serviço público os meios necessários ao cumprimento das suas missões”» (Lopes, 1999: 158-159).

Mais tarde, a 25 de janeiro de 1999, a Resolução do Conselho da União Europeia e dos Representantes dos Estados-Membros presentes, acrescentava que «um amplo acesso do público, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, a várias categorias de canais e serviços constitui uma pré-condição necessária para o cumprimento das obrigações específicas do serviço público de televisão» e também que «se deve manter e aumentar a capacidade do serviço público de radiodifusão para oferecer ao público uma programação e serviços de qualidade, nomeadamente através do desenvolvimento e da diversificação das atividades na era digital». Estas recomendações constam também na alínea K) do Preâmbulo do último Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão, celebrado a 6 de março de 2015.

A 28 de maio de 2003 é aprovada a Recomendação Rec (2003) 9 pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa, na qual se admite a utilização de meios que permitam aos serviços públicos de radiodifusão cumprir a sua missão em ambiente digital. Estes meios «podem incluir o fornecimento de novos serviços de programas especializados, por exemplo no campo da informação, educação e cultura, e de novos serviços interativos, como Guias Eletrónicos de Programação ou serviços *online* complementares». O especialista em direito da comunicação Alberto Arons de Carvalho destaca o reforço à inovação, presente neste documento:

(...) estabelece-se que devem ser criadas as condições legais, técnicas e económicas para que o serviço público de radiodifusão possa estar presente nas diversas plataformas digitais com programas e serviços diversificados para todos os setores da população,

funcionando como um fator de coesão nacional, sobretudo tendo em conta o risco de fragmentação das audiências resultante da pulverização da oferta televisiva (Carvalho, 2009: 164).

Um ano depois, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa aprovou a Recomendação número 1641 (2004) 1, através da qual, os Estados-Membros do Conselho da Europa são obrigados a «definir um quadro jurídico, institucional e financeiro para o financiamento do serviço público de radiodifusão, bem como para a modernização e a sua adaptação, a fim de responder às necessidades do público e aos desafios da era digital». A Recomendação Rec (2007) 3 do Comité de Ministros do Conselho da Europa reconhece ainda que, a missão de serviço público de radiodifusão, num contexto de globalização e integração internacional, «deve também ser prosseguida através de novas plataformas e serviços de comunicação social, de modo a otimizar o seu potencial e especialmente a promover uma maior participação democrática, social e cultural» (Carvalho, 2009: 164-165). Carvalho refere ainda que existe, por parte das instâncias europeias, um claro incentivo ao papel do serviço público na transição para a era digital - que continua em execução tendo em conta as novidades tecnológicas - bem como a «legitimidade de uma diversificação das suas atividades, desde os novos canais, particularmente em áreas mais adequadas ao seu papel informativo e formativo (canais temáticos informativos e educativos), aos novos serviços interativos» (Carvalho, 2009: 164-165).

O operador de serviço público português tem alinhado acriticamente com as orientações internacionais, respondendo positivamente aos desafios da era digital de várias formas: através do reforço da oferta multicanal gratuita, também espelhada no serviço RTP PLAY, com televisão em direto *online* ou *on-demand*; na participação em canais de televisão paga; na criação do site principal e de outras plataformas educativas e informativas *online*: com aplicações para telemóveis; com a implementação da televisão de alta definição (HD) e em resolução 4K (Ultra HD).

A 25 de março de 2008, o Estado celebra um novo Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão com a RTP, no qual, a cláusula 6^a impõe quatro importantes objetivos específicos do serviço público:

- a) Promover a assimilação dos princípios, valores e direitos fundamentais vigentes na ordem comunitária e nacional, reforçando as condições para o exercício informado da cidadania e para o desenvolvimento de laços de solidariedade social;
- b) Promover, com a sua programação, o acesso ao conhecimento e a aquisição de saberes, assim como o fortalecimento do sentido crítico do público;
- c) Combater a uniformização da oferta

televisiva, através de programação efetivamente diversificada, alternativa, criativa e não determinada por objetivos comerciais; d) Manter uma programação e informação de referência, contribuindo desse modo para regular e qualificar o universo do audiovisual nacional.

No que diz respeito às normas nacionais de serviço público, o último Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão de 6 de março de 2015, em vigor, também deixa claro, na segunda alínea da cláusula 2ª, a posição que a RTP deve tomar em relação à produção e distribuição do serviço público de rádio e televisão na era digital:

O serviço público de rádio e televisão deve, de acordo com as exigências contidas nos princípios da universalidade, da diversificação e da inovação, estar presente nas diversas plataformas tecnológicas apropriadas à sua difusão, podendo contemplar serviços de programas, serviços audiovisuais a pedido, sítios e portais na internet e quaisquer outros serviços multimédia em diversas redes e plataformas de telecomunicações, lineares e não lineares e radiofónicos, em todas as plataformas de distribuição ou outras formas de organização de conteúdos de texto, som ou imagem especialmente concebidos para cada uma delas.

Na cláusula 5ª do mesmo contrato, podem ainda ler-se os objetivos específicos do serviço público de rádio e televisão:

a) Promover os valores do humanismo, da liberdade, do civismo, da cidadania, da solidariedade social e do debate democrático pluralista; b) Promover os valores e direitos fundamentais vigentes nas ordens jurídicas europeia e nacional; c) Promover a língua e a cultura portuguesa, a lusofonia e os princípios comuns europeus, valorizar o saber e a diversidade, contribuindo para o esclarecimento dos públicos; d) Promover o desenvolvimento do panorama audiovisual português através de programas e conteúdos diversificados, inovadores, atualizados e dinâmicos que regulem e qualifiquem a oferta audiovisual nacional e reforcem os laços de empatia com os públicos; e) Produzir uma informação independente, rigorosa, pluralista e aprofundada que constitua uma referência de credibilidade e confiança para os diferentes públicos.

Como podemos ver, ao longo da história da televisão portuguesa têm havido vários entendimentos sobre o serviço público de televisão, uns favoráveis ao mesmo e outros que se distanciam do conceito. Em Portugal, recordamos duas vozes, que têm discutido o que deve ser o serviço público: Eduardo Cintra Torres e Felisbela Lopes. Em linhas gerais, Lopes (1999) e Torres (2011) concordam com a aceção de serviço público televisivo defendido pela União Europeia, que promove a aprendizagem e que proporcione informação de referência. Torres defende que todo o esforço de produção e emissão do serviço público de televisão deveria centrar-se em conteúdos de interesse público, de que os telespetadores precisam e que os contribuintes podem pagar. Quer com isto dizer que «o dinheiro público deve ser canalizado para conteúdos que os

privados não fazem, caso contrário é um desperdício do esforço dos cidadãos quando pagam os seus impostos» (Torres, 2011: 87-88). O autor reforça que o importante «não é haver muitos canais e muitas horas de programação, mas horas de boa programação, bons conteúdos» (Torres, 2011: 91). Salientando ainda a relevância da transmissão de informação regional e de visões do exterior, dizendo que apenas o serviço público parece ter condições para prestar esse valor acrescentado, ao manter correspondentes no estrangeiro. «A presença noutros países é importante pelas grandes comunidades portuguesas e pelo valor das relações internacionais e da política internacional para a compensação do que acontece no mundo» (Torres, 2011: 95), afirma. Torres resume a sua conceção, referindo que ideologia do serviço público, baseada na própria máquina que o sustenta, deve ser substituída pela ideologia do «serviço público como serviço prestado à comunidade, no todo e nas partes, pelo custo estritamente necessário e sem substituir ou concorrer com serviços similares já disponíveis à mesma comunidade» (Torres, 2011: 83).

Já para Lopes, a continuidade, a mutabilidade, a igualdade e a neutralidade devem ser os princípios estruturais do serviço público de televisão: a) O princípio de continuidade é visto como um dos principais fundamentos do serviço público de televisão. É obrigatório que se garanta a produção e difusão dos programas previstos, para que o telespetador não seja prejudicado por possíveis erros da empresa. (Lopes, 1999: 41); b) O princípio da mutabilidade «orienta o serviço público para uma constante adaptação ao progresso social. Isso obriga-o a inovações permanentes a fim de recriar formas (gastas) de fazer televisão» (Lopes, 1999: 85-86); c) O princípio da igualdade proporciona aos seus utilizadores o direito à não-discriminação. Assim, espera-se da informação televisiva, a promoção dos valores das maiorias e das minorias, das realidades urbanas, das realidades periféricas, das posições oficiais e das posições *vox populi* (Lopes, 1999: 86), ou seja, com vista a satisfazer o interesse geral, não cedendo a interesses particulares (Lopes, 1999: 44). «Num serviço público de televisão, o princípio da igualdade alarga a possibilidade de receção da mensagem audiovisual a todos os cidadãos que partilhem a nacionalidade do órgão público» (Lopes, 1999: 43); d) O princípio da neutralidade impõe o dever da imparcialidade, proíbe a discriminação, e fomenta a objetividade. Segundo a autora, «aconselha-se o serviço público de televisão a desenvolver a sua atividade sem exclusões culturais ou sociais» e a ser «independente e parcial» (Lopes, 1999: 87).

A autora defende ainda que a estação pública de televisão deve ser uma janela aberta contra a exclusão, contribuindo para a integração social e cultural, a fim de se garantir a coesão nacional (Lopes, 1999: 62-63); apresentar uma informação de qualidade, pluralista na escolha das fontes, equilibrada na cobertura territorial, diversificada nos temas, inovadora nas formas de expressão e de conteúdo, identificada com os valores culturais da sociedade, que promova o exercício real da liberdade de expressão de todos, sem o controlo censório de nenhum poder político ou económico (Lopes, 1999: 66-67 e 83); promover o rigor naquilo que se transmite, afastar a informação da noção de mercadoria e aproximar o telespetador do cidadão (Lopes, 1999: 83); estruturar a sua programação em função do interesse público (Lopes, 1999: 98); contribuir para criar cidadãos bem informados, capazes de perspetivar criticamente as questões que (in)diretamente lhes dizem respeito (Lopes, 1999: 92). Contudo, a autora entende que estas características são um enorme desafio para o serviço público de televisão, numa altura «em que a cultura do entretenimento se constitui como denominador comum de qualquer tipo de programa de televisão» (Lopes, 1999: 162).

CAPÍTULO 2. PERSPETIVAS TEÓRICAS DO DIRETO EM TELEVISÃO

O jornalismo consiste em dar a conhecer aos cidadãos, informações relevantes política, social e culturalmente. Em televisão, o direto é o meio mais imediato utilizado para informar. Tendo em conta o objetivo do exercício investigativo, perceber o valor do direto e sua importância, este capítulo resulta da revisão de literatura realizada sobre a investigação que tem vindo a ser realizada a nível nacional e internacional sobre o direto em televisão.

Começa-se por apresentar as especificidades do jornalismo de televisão, percebendo qual a essência de um noticiário, a importância da informação audiovisual, bem como os critérios de noticiabilidade e o valor da informação em televisão. Num segundo momento, procede-se à definição do direto em televisão, expondo a sua importância, as suas características e o seu valor informativo. No terceiro ponto, definem-se os tipos de direto transmitidos em televisão.

No quarto ponto, apresenta-se a história do direto em televisão, dando a conhecer os acontecimentos mais importantes transmitidos em direto na televisão portuguesa e a nível internacional. Por último, apresentamos as possibilidades e limites do direto em televisão, procurando compreender os efeitos que têm na informação que é transmitida e efeito que tem nos telespetadores. Explica-se ainda o papel do jornalista na transmissão em direto e, tendo em conta a profissão e o papel enquanto construtor social da realidade.

2.1. ESPECIFICIDADES DO JORNALISMO DE TELEVISÃO

Desde os finais do século XIX, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que o cidadão depende dos meios de comunicação para estar informado. Primeiro com os jornais e depois através da rádio, a forma de ver e compreender a sociedade foi-se alterando. A partir dos anos 60 do século XX, os programas informativos, emitidos através dos meios audiovisuais, configuraram uma parte importante da existência dos seres humanos e moldaram, de certa forma, a nossa

educação sentimental, a nossa formação cultural e a nossa percepção do mundo (Pastoriza, 2003: 13). Tão certo é que, continuam a fazê-lo, influenciando as nossas decisões e a noção que temos do que acontece em nosso redor. A informação televisiva²² é, então, como assevera Concha Mateos, «uma via mediada da pessoa com o real, uma forma indireta de experiência do que acontece no mundo» (Mateus, 2013: 62).

Para Pastoriza, «a televisão converteu-se na referência dominante para a maioria dos habitantes do planeta que, fizeram do visionamento dos noticiários, um ritual repetitivo» (Pastoriza, 2003: 14). Ritual que, por muitos anos foi representado por famílias a contemplar o pequeno ecrã, tem agora menos força de união. Com os avanços tecnológicos que nos são constantemente apresentados podemos, nos dias de hoje, ver um noticiário quando e onde quisermos. Não precisamos de estar sentados, a determinada hora, à espera que uma sequência de notícias invada a nossa televisão e o nosso pensamento. Contudo, é relevante referir que aquilo que vemos nos noticiários é resultado de um processo de escolha da informação, denominado *gatekeeping* - por parte dos profissionais de jornalismo. A estação constitui assim, uma ponte entre os acontecimentos e as pessoas.

A televisão, enquanto meio, interpreta os acontecimentos e transforma-os em notícias. Para Mariano Herreros «a televisão constrói uma realidade informativa a partir dos factos que ocorreram na sociedade» (Herreros, 2004: 15). Contudo, afirma, é uma versão, uma perspetiva, entre muitas outras possíveis, com maior ou menor garantia de fidelidade, segundo a atitude de cada canal. Neste sentido, enquanto provedor da realidade, o noticiário converteu-se num valor objetivo para a estação televisiva que, vê neste produto audiovisual, não só um discurso de qualidade, mas uma estratégia programática para captar espetadores (Luzón & Ferrer, 2008: 148-149). Porém, o noticiário não foi, e continua a não ser, apenas entendido como um produto informativo. Ignacio Ramonet (2001: 66) e Francisco Rodríguez Pastoriza (2003: 87) sustentam que o noticiário está pensado mais para distrair do que para informar. Já Bienvenido León refere em *Informativos para la televisión del espectáculo* que «alguns autores defendem a ideia de que se produziu uma mudança nos critérios de interesse informativo tradicionais, para se inclinar para “o dramático, mórbido, entretido e espetacular”» (León, 2010: 21).

²² A este respeito, ver também *Jornalismo Televisivo. Princípios e Métodos* (1998) de Jean-Jacques Jespers.

O noticiário «mudou o próprio conceito de informação, sobretudo depois da aparição do direto e da informação em tempo real» (Ramonet, 2001: 202). Ramonet (2001: 202) e Pastoriza (2003: 78) entendem ainda que informar converteu-se em apresentar a história em desenvolvimento, em fazer os espetadores assistirem ao acontecimento. Porém, a televisão, enquanto meio, não se destaca apenas por poder transmitir os acontecimentos em tempo real. A informação que é emitida pela televisão, através dos diferentes géneros jornalísticos, comporta elementos tão distintos como imagem, som, texto escrito, gráficos, tabelas, fotografias, entre outras. O jornalismo televisivo apresenta assim, a vantagem de poder oferecer informação audiovisual. Daniel Dayan e Elihu Katz em *La historia en directo. La retransmisión televisiva de los acontecimientos* definem que:

(...) a função interpretativa da televisão consiste em garantir: (1) ao nível das imagens, que os traços significativos do acontecimento, as suas mensagens visuais, destaquem como corresponde, e (2) ao nível da narração, que esses traços, uma vez observados, sejam corretamente interpretados (...) (Dayan & Katz, 1995: 76-77).

Por sua vez, Pastoriza define a informação audiovisual como a combinação do «abstrato da linguagem natural humana com o concreto das imagens e dos sons, com o qual o icónico e o abstrato, o percetivo e o conceptual se complementam e interrelacionam» (Pastoriza, 2003: 19). O autor ressalva ainda que, a imagem informativa, deve obedecer a critérios de verdade, autenticidade e vinculação à realidade originária (Pastoriza, 2003: 24).

Autores como Virginia Luzón e Iliana Ferrer (2008: 150) e Pastoriza (2003: 28) corroboram que na atualidade informativa as imagens são a base e o sustento da informação em televisão. Pastoriza entende que «a imagem em movimento é o principal recurso visual do discurso informativo dos telejornais» (Pastoriza, 2003: 81), porque «impõe uma nova forma de entender o mundo» (Pastoriza, 2003: 21). Assim, «a imagem é, também, uma representação da realidade que se utiliza para transferir o espetador ao lugar do acontecimento» (Luzón & Ferrer, 2008: 150).

Apesar da elevada carga representativa imposta à imagem em televisão, aquilo que é visível não é o único elemento que compõe a informação audiovisual. Desta também faz parte o que é audível e legível. O facto é que, neste tipo de informação, imagem, som e até mesmo texto devem complementar-se entre si para que aquilo que é transmitido seja uma mensagem coerente e consistente. Assim, como defende Pastoriza, «a imagem não pode substituir a palavra: esta tem que integrar-se naquela para formar

uma mensagem com significado» (Pastoriza, 2003: 22). Se visualizarmos uma imagem sem locução e sem referências textuais torna-se praticamente impossível determinar a mensagem que o emissor nos quer transmitir. O provável é que cada recetor atribua distintos significados à mensagem. Cada indivíduo interpreta o que vê conforme a percepção que tem do acontecimento. Neste sentido, Pastoriza afirma que «ver não é compreender. Não se compreende mais do que com a razão, e a imagem precisa de um acompanhamento [mensagem] fundamentado para a sua compreensão» (Pastoriza, 2003: 23).

Processo que se aplica também aos diretos em televisão, conforme explica Esther Cervera Barriga em *El directo informativo en televisión. El relato de una noticia en tiempo real*, não é suficiente mostrar as imagens relativas a um acontecimento, «o trabalho do meio de comunicação e de quem nele trabalha é explicar, contextualizar e valorizar essa sequência audiovisual» (Barriga, 2014: 41).

Tendo em conta esta linha de pensamento, Pastoriza (2003: 22) e Oliva e Sitjà (1992: 17) entendem, portanto, que o tópico «uma imagem vale mais que mil palavras», fica sem valor porque toda a imagem deve ir acompanhada de uma referência linguística para estar contextualizada. Pastoriza conclui que, «a informação audiovisual continuará a ser durante muito tempo a de maior impacto na sociedade, tanto pelo seu alcance como pelas características de apresentar a realidade em toda a sua riqueza visual e auditiva» (Pastoriza, 2003: 19).

Independentemente da força que damos a cada elemento da informação audiovisual, esta só é possível tendo em conta uma escolha de determinados acontecimentos que, de certa forma, se justifica que sejam noticiáveis. Para Gaye Tuchman «selecionar implica reconhecer que um caso é um acontecimento e não uma casual sucessão de coisas» (Tuchman, 1978: 45). Justifica-se assim a importância, segundo Mauro Wolf de se estabelecer «um conjunto de critérios, de relevância que definem a *noticiabilidade* (*newsworthiness*) de cada acontecimento, isto é, a sua “aptidão” para ser transformado em notícia» (Wolf, 1987: 168). Nas palavras de Wolf,

a *noticiabilidade* é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho dos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional (Wolf, 1987: 168).

Ao definir a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, o autor afirma que os valores-notícia são uma componente da noticiabilidade. «Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?» (Wolf, 1987: 173) Na seleção dos acontecimentos (e ao longo do processo de produção noticioso), esses critérios funcionam «em pacotes» e, são as «diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores-notícia» que orientam a escolha dos factos a transformar em notícias (Wolf, 1987: 173). Assim, «os valores-notícia são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo» (Wolf, 1987: 174). O autor é ainda mais elucidativo ao indicar que «a organização de uma redação em setores temáticos específicos, o tipo de correspondentes e especialistas que ela possui, são indicações, a nível do órgão de informação, dos critérios de noticiabilidade que nele vigoram» (Wolf, 1987: 177).

Para Wolf, os valores-notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas englobadas nas seguintes categorias: características substantivas das notícias/ao seu conteúdo; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao meio de comunicação; ao público; e à concorrência.

A primeira categoria de considerações está relacionada com o «acontecimento a transformar em notícia». Parafraseando o autor, estes critérios substantivos articulam-se em dois fatores: a *importância* e o *interesse* da notícia.

A importância é determinada por quatro variáveis: 1) *Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável*, quer no que respeita às instituições governamentais, quer aos outros organismos e hierarquias sociais; 2) *Impacte sobre a nação e sobre o interesse nacional*. Associado a este fator, está igualmente o valor-notícia *proximidade*, quer como vizinhança geográfica, quer como afinidade cultural; 3) *Quantidade de pessoas que o acontecimento (de facto ou potencialmente) envolve*; 4) *Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação*;

O interesse da história está estreitamente ligado às imagens que os jornalistas têm do público e também ao valor-notícia que Golding e Elliot [1979] definem como “capacidade de entretenimento”. São interessantes as notícias que procuram dar uma

interpretação de um acontecimento baseada no aspeto do “interesse humano”, do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção (Wolf, 1987: 178-182).

A segunda categoria de valores-notícia refere-se à disponibilidade de materiais e às características específicas do produto informativo. Para esta definição, o autor recorre a outros autores como Peter Golding e Philip Elliott (1979) para complementar o seu raciocínio.

No que se refere à disponibilidade, trata-se de saber “quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais; se já está estruturado de modo a ser facilmente coberto; se requer grande dispêndio de meios para o cobrir” (Golding & Elliott, 1979: 144). Quanto aos critérios relativos ao produto, explicam-se em termos de “consonância com os procedimentos produtivos, de congruência com as possibilidades técnicas e organizativas, com as restrições de realização e com os limites próprios de cada meio de comunicação” (Golding & Elliott, 1979: 144 *apud* Wolf, 1987: 182-186).

Os critérios relativos ao produto também englobam o critério da *brevidade* (referido por Golding e Elliott [1979]), pois com a imensa quantidade de material noticiável disponível, é fulcral que as notícias sejam curtas para que o produto informativo seja variado e mais representativo dos acontecimentos importantes do dia. O autor refere também outro critério de relevância, explicado pelo dito «*bad news is good news*». Outros valores-notícia relativos ao produto são a *atualidade* e a *qualidade* da história. Por fim, o último valor-notícia relativo ao produto é o *equilíbrio*, ou seja, o resultado de uma composição equilibrada no que diz respeito às categorias temáticas representativas do noticiário no seu conjunto (Wolf, 1987: 182-186).

A terceira categoria de Wolf concerne aos critérios relativos ao meio de comunicação. Em primeiro lugar refere-se à possibilidade de determinado acontecimento fornecer «“*bom*” *material visual*», ou seja, imagens que «ilustrem os aspetos salientes do acontecimento noticiado» (Wolf, 1987: 186-188). Um segundo critério é a *frequência* de um acontecimento. «Na informação radiotelevisiva, este critério privilegia os acontecimentos pontuais, únicos, concluídos num breve lapso de tempo, visto serem mais adequados aos ritmos produtivos da organização do trabalho» (Wolf, 1987: 186-188). Por último o autor apresenta o valor-notícia do *formato* que «diz respeito ao número de serviços filmados que podem ser apresentados numa edição do noticiário, à sua duração, ao comprimento das peças, etc.» (Wolf, 1987: 186-188).

A quarta categoria engloba os critérios relativos ao público, que se referem ao papel que a imagem que os jornalistas têm do público desempenha.

No que diz respeito à especificação do critério em questão, Golding e Elliott (1979) inscrevem nele os critérios da “estrutura narrativa”, da capacidade de atração do material filmado que acompanha a notícia, do entretenimento e da importância da notícia. Existe, depois, o aspeto da “proteção”, ou seja, a não noticiabilidade dos factos ou pormenores de acontecimentos cuja cobertura informativa (se presume) que provocaria traumas ou ansiedade no público ou feriria a sua sensibilidade ou os seus gostos (Wolf, 1987: 188-190).

A quinta e última categoria diz respeito aos critérios relativos à concorrência, ou seja, às relações entre os *mass media* existentes no mercado informativo (Wolf, 1987: 190-193). No final da exposição de valores-notícia, o autor resume o seu ponto de vista relativo à noticiabilidade dos acontecimentos:

Cada notícia requer, por conseguinte, uma avaliação – embora automática e inconsciente – da disponibilidade e credibilidade das fontes, da importância ou do interesse do acontecimento e da sua atualidade, para além de uma avaliação dos critérios relativos ao produto, ao meio de comunicação e ao formato (Wolf, 1987: 190-193).

2.2. DEFINIR O DIRETO EM TELEVISÃO

A televisão proporciona, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, vários tipos de programas desde entretenimento, à cultura, à informação, etc. No que diz respeito à informação, existem várias formas de noticiar um acontecimento. Do ponto de vista de Jorge Nuno Oliveira em *Manual de Jornalismo de Televisão*, «os principais géneros jornalísticos televisivos são: peça de telejornal, reportagem de telejornal, documentário ou grande reportagem, entrevista, debate e apresentação» (Oliveira, 2007: 9). Porém, esta leitura do que são géneros jornalísticos não é consensual, sendo que outros autores consideram outros géneros para além destes.

Tal como constatado na investigação de Harold Stanley e Richard Niemi (1990), os cidadãos recorrem à televisão em primeiro lugar quando se querem informar²³. Este meio de comunicação é, para muitos, sinónimo de credibilidade. Nesse sentido, as estações de televisão tentam sempre encontrar novas formas de manter uma reputação de confiança. Através do exercício investigativo proposto, pretende-se perceber se o direto é um dos instrumentos utilizados para esse efeito. Assim, expomos diferentes definições de direto em televisão, apresentadas na literatura académica, referindo qual a sua importância e valor informativo, bem como as suas características.

²³ Stanley, H., & Niemi, R. (1990), *Vital Statistics on American Politics* (2ª ed.), Congressional Quarterly, Washington DC.

A informação em direto é uma das principais tendências dos programas informativos de televisão, segundo Pastoriza (2003: 89). Para o autor, a frequente utilização e ênfase do direto introduz no espetador a sensação de que assiste aos acontecimentos. Neste sentido, Herreros propõe uma definição mais completa daquilo que um direto representa:

O direto é a transmissão imediata de um acontecimento. O telespetador segue a emissão de um programa no mesmo instante no qual se produz o acontecimento. Cria-se uma narrativa original e específica na que coincidem os quatro tempos no mesmo momento: tempo do acontecimento, tempo da elaboração da narrativa, tempo da difusão ou distribuição e tempo de receção e leitura (Herreros, 2003: 296).

O direto é, assim, visto como o tempo real dos acontecimentos. Estes expõem-se enquanto acontecem, sem se saber que rumo irão tomar. O telespetador vê e vive o desenvolvimento dos acontecimentos tal como ocorrem (Herreros, 2004: 28). Mas, no direto, o espetador não vê apenas aquilo que a câmara lhe mostra, ouve também a narração do repórter que contextualiza e explica o que está a acontecer – ou aconteceu. Tendo isso em consideração, Herreros salienta a importância do relato em direto que é transmitido no mesmo momento em que se produz o acontecimento tal como se concebe na realidade, na sua instantaneidade e desde o lugar onde acontece (Herreros, 2003: 294). «O relato em direto é um presente contínuo (permanente) e ininterrompido» (Herreros, 2003: 294). Para o autor, as principais características do relato em direto são: «a imediatez e a imprevisibilidade» (Herreros, 2003: 294). A imediatez significa a carência de manipulações durante o desenvolvimento dos acontecimentos, contudo, não impede a manipulação que existe desde que, um realizador seleciona umas realidades e não outras, ou as enquadra segundo um ponto de vista pessoal (Herreros, 2003: 294). Herreros entende ainda que a imediatez pode «carregar o relato de emoção» porque o desenlace dos acontecimentos e a sua imprevisibilidade deixam o espetador e o realizador sem saber qual será o final (Herreros, 2003: 294). Contudo, Concha Mateos esclarece que, «o direto em si, como recurso expressivo, tem de fornecer informação e ajudar a esclarecer as condições dos factos que são objeto de informação» (Mateos, 2013: 69).

O direto em televisão, em particular nos noticiários, dá-se com um repórter ou correspondente, no local dos acontecimentos, que por norma é longe da estação de televisão, a relatar e enumerar os factos que dispõe sobre o que está a acontecer ou já

aconteceu. Isto porque, por mais que um direto seja definido como a transmissão em tempo real dos factos, assistimos a muitos diretos, nos blocos informativos, que apenas fornecem informação daquilo que já aconteceu, como forma de contextualizar e mostrar o local dos acontecimentos. Durante o noticiário, o pivô em estúdio faz a apresentação do acontecimento e entra em contacto com o repórter em direto, ou seja, tudo isto ocorre ao vivo e em tempo real. Dayan e Katz afirmam que esta classe de conexão, em tempo real, com um sítio remoto, um sítio que tem uma importância primordial para algum valor central da sociedade, tem um valor excepcional atribuído, tanto por parte das emissoras como das audiências (Dayan & Katz, 1995: 15). Já Ramonet entende que o importante da conexão em direto é o efeito de realidade, pois quem relata está no lugar dos acontecimentos, e tal funciona como uma garantia de autenticidade, um testemunho verdadeiro (Ramonet, 2001: 199-200). Nesta linha de pensamento, Concha Mateos enfatiza que «o direto televisivo foi assumido como um valor acrescentado, uma vantagem competitiva de um meio, a televisão, que se confirmou como preferida nas pautas de consumo mediático da população em todas as estatísticas do mundo capitalista» (Mateos, 2013: 63).

O direto permite viver os acontecimentos ao vivo, no momento em que o próprio repórter está no local a descrever os factos. O direto cria na audiência sentimentos como expectativa, emoção, curiosidade. Por isso, este tipo de informação audiovisual em tempo real ganha claro relevo em relação a outros géneros informativos. Herreros (2003: 304) explica que, tendo em conta a importância do acontecimento, a difusão em direto adquire prioridade sobre o resto dos programas, o que pode levar à alteração do horário da emissão ou até mesmo à interrupção desta, quando surgem notícias de máximo interesse para a audiência.

Somos testemunhas de que, nos noticiários, são realizadas cada vez mais, ligações em direto desde o local do evento. Contudo, a dita importância do acontecimento mencionada por Herreros é, nos dias de hoje, posta em causa. Seja em acontecimentos políticos, sociais, de lazer ou desportivos, nem sempre estamos a assistir ao evento em tempo real, quer isto dizer que, assistimos ao antes ou ao depois do acontecimento, em modo de antecipação ou rescaldo.

2.3. HISTÓRIA DO DIRETO EM TELEVISÃO

É a imagem de uma notícia em forma de memória informativa coletiva que, sem poder evitá-lo, permanece fixada na nossa retina. São os diretos do tempo de informação em televisão que fazem parte da nossa história (Barriga, 2014: 113).

Conhecer o direto no tempo é a melhor forma de compreender a importância que as transmissões em direto têm tido ao longo da história da televisão. Pretende-se assim, dar a conhecer a história do direto, percebendo quais os acontecimentos mais relevantes emitidos em direto na televisão. Marcos históricos que ao serem transmitidos em direto, pela televisão, permitem que milhões de pessoas, em todo o mundo, possam assistir e testemunhar àquilo que, de outra forma seria impossível – tendo em conta as distâncias geográficas, permissões de presença ou até mesmo questões sociais e económicas.

Começando pelo princípio da história da televisão, Jaime Barroso García conta em *Realización de los géneros televisivos* que durante o ano de «1926, John Logie Baird obtém as primeiras imagens de televisão de 30 linhas de definição e em 1935 cria-se o primeiro serviço regular de televisão com imagem de 180 linhas, montado pela Oficina Postal Alemanha em Berlim» (García, 2002: 111). É em 1936, que os Jogos Olímpicos de Berlim dão lugar ao primeiro desenvolvimento de câmaras eletrónicas para imagem de 180 linhas. A 26 de agosto desse mesmo ano, «acontece a primeira emissão de televisão em direto, na Grã-Bretanha, desde o *Alexander Palace*» (García, 2002: 111). Em novembro é inaugurado o serviço regular de televisão com câmaras eletrónicas para imagem de 405 linhas. É no mês de maio de 1937 que «acontece a primeira emissão, em direto, a partir do exterior, na coroação de Jorge VI» (García, 2002: 111-112). García comenta ainda que os primeiros anos da televisão são, fundamentalmente, anos de espetáculos em direto, porque tecnologicamente não havia outra opção (García, 2002: 112). «O eixo fundamental da programação estava nas produções em direto desde o estúdio (dramáticos, variedades, infantis, noticiários, etc.) e com carácter mais excepcional -todavia experimental- as transmissões de grandes acontecimentos» (García, 2002: 112). Tal como mostramos no capítulo 1, o mesmo ocorreu em Portugal

O noticiário nasceu como género televisivo nos Estados Unidos, conta Ramonet. «Foi em junho de 1941 quando se produziram as primeiras emissões regulares de televisão a partir do mítico edifício do Empire State Building em Manhattan» (Ramonet, 2001: 86). O primeiro noticiário foi emitido em 1943 em Shenectady e a partir de 1947 apareceram os programas diários de informação na grelha da programação habitual da

televisão (Ramonet, 2001: 86). Em 1957, a empresa Ampex lança no mercado o primeiro magnetoscópio (vídeo), que permitia a gravação magnética de imagens e a sua difusão diferida (Ramonet, 2001: 87). Assim, segundo Ramonet (2001: 87), a televisão soube «tirar proveito do principal mito que encarava: o da emissão em direto». A partir daí, multiplicou o número de acontecimentos (principalmente desportivos e políticos) transmitidos em direto.

Nos Estados Unidos, uma rede de retransmissores hertzianos tornou possível, desde 1951, a transmissão direta de imagens desde uma ponta a outra do país, de Nova Iorque a São Francisco. Em 1952, a política incorporou-se na era da televisão (Ramonet, 2001: 87).

Dayan e Katz (1995: 34) afirmam que a coroação de Isabel -da família real britânica- em 1952 foi o primeiro grande acontecimento de televisão. No entender de Ramonet:

A maravilha da instantaneidade fascinou os primeiros telespetadores e concedeu aos acontecimentos mostrados no telejornal a força de uma evidência única nos meios de comunicação de massas. A transmissão em direto aumentava também a credibilidade das notícias e fazia da televisão (graças ao telejornal) o espelho da realidade, o fiel reflexo do mundo (Ramonet, 2001: 88).

Em Portugal, a história do direto em televisão começou com a visita da rainha Elizabeth II. Num momento histórico, conforme a investigação de Anabela Sousa Lopes no capítulo *Domesticating Portuguese Television* (2014), todos os passos da rainha foram rigorosamente documentados e gravados pelos repórteres, sobre o olhar de cerca de um milhão de telespetadores:

(..) a de 14 de fevereiro de 1957, Portugal teve o seu primeiro desafio antes do começo das emissões regulares a 7 de março. A rainha Elizabeth II dos Reino Unido visitou Portugal durante 4 dias, fornecendo à emissora portuguesa, a Radiotelevisão Portuguesa (RTP), o seu primeiro grande evento. A existência da infraestrutura técnica básica e o interesse popular e entusiasmo do público foram dois fatores que empurraram a RTP para esta aventura. Para os portugueses, não poderia haver melhor incentivo para começar a ver o novo meio. A visita real ofereceu uma espécie de conto de fadas que poderia ser fornecido a toda a nação através da televisão (Lopes, 2014: 145).

Como conta a autora, gradualmente, a televisão começou a fazer parte das casas dos portugueses, enquanto certos programas – como a telenovela *Gabriela* – [e acontecimentos] permaneciam na memória coletiva do país (Lopes, 2014: 145).

Em 1964, o satélite *Syncom III* assegurou a transmissão dos Jogos Olímpicos de Tóquio, «em direto para a costa oeste dos Estados Unidos e a posterior retransmissão para todo o Mundo»²⁴. «Em 1965 põe-se em funcionamento o *Early Bird*, o primeiro

²⁴ Teves, 2007 [CD-ROM]: Década 50 – Televisão: uma história com muitos protagonistas, p.15.

satélite geoestacionário, com possibilidade de transmitir ininterruptamente» (Pastoriza, 2003: 116). Em 1967, estabelece-se a conexão entre vários satélites, o que permite uma maior cobertura, e conseqüentemente o intercâmbio de imagens, notícias e programas entre diferentes estações de televisão de vários países, as transmissões em direto de grandes acontecimentos, as conexões em direto a partir de zonas afastadas do ponto de emissão, entre outras (Pastoriza, 2003: 116-117).

Estes avanços tecnológicos permitiram também levar a política aos lares das famílias ocidentais. Assim, «os debates políticos entre candidatos à presidência dos Estados Unidos provocam enorme expectativa entre grandes audiências e chegam a influenciar os resultados eleitorais. O debate entre Richard Nixon e John Kennedy [1960] tornou-se o paradigma histórico de referência deste género» (Pastoriza, 2003: 117). Além disso, acontecimentos como a guerra do Vietname, a revolução de maio de 1968 em França e a invasão da Checoslováquia pela União Soviética, provocaram, segundo Pastoriza, um inédito interesse nos cidadãos por poderem contemplar em imagens animadas, como estes ocorriam na realidade. «Em 27 de julho de 1969, é transmitida em direto a chegada do homem à lua» (Pastoriza, 2003: 117).

Dayan e Katz (1995) acrescentam outros diretos que além de fazerem parte da história, também tiveram um papel importante na história do direto: funerais do presidente Kennedy e de Lord Louis Mountbatten, o casamento real do Príncipe Carlos e de Diana, as viagens do Papa João Paulo II e a de Anwar Al Sadat, as sessões do Watergate, as mudanças revolucionárias de 1989 na Europa de Leste.

Barriga refere outros acontecimentos históricos que foram transmitidos em direto, permitindo aos cidadãos do mundo assistir à história a acontecer, a partir dos seus lares. A jornalista designa como «imagem indelével», a da queda do Muro de Berlim, bem como «o que a sua eliminação supôs para a ampliação das liberdades e das fronteiras para os cidadãos da Alemanha de Leste» (Barriga, 2014: 113). «O adeus a um dos pontífices mais queridos, como foi João Paulo II, foi uma notícia da qual esteve pendente meio mundo, fosse crente ou não e a da eleição do novo responsável da Igreja católica», afirma Esther Barriga (2014: 113). Conflitos bélicos como a Guerra do Golfo, do Afeganistão e do Iraque foram também sequências em direto, impossíveis de esquecer, confessa a jornalista. Igualmente inesquecível é a forma como faleceu José Couso, operador da televisão espanhola *Telecinco*, no Iraque, enquanto transmitia a contenda em direto, depois de ter sido convertido no objetivo das tropas aliadas

(Barriga, 2014: 113). A autora relembra também as «imagens sangrentas», transmitidas em direto durante os atentados do 11 de setembro de 2001. Depois deste, a «matança do 11 de março [2004]» resultando em imagens devastadoras dos «comboios da morte». A cobertura em direto das televisões foi intensa não só durante esse «fatídico dia», mas especialmente nos posteriores à tragédia (Barriga, 2014: 113). A autora destaca ainda, a surpresa que o anúncio do abandono da atividade armada por parte da ETA causou.

Relembra-se ainda o salto do austríaco Felix Baumgartner foi um evento que ficou para a história, pelo feito em si, e por ter a maioria das televisões a transmiti-lo em direto, com milhões de pessoas a assistir. Como recorda Barriga, a «proeza do primeiro homem a romper a barreira do som foi também pura adrenalina em direto para os informadores [jornalistas] amantes do tempo real. (...) Foram nove minutos de máxima tensão informativa, afortunadamente com um final feliz» (Barriga, 2004: 114).

Por último, a autora refere a tensão informativa e expetativa que a situação da Infanta Dona Cristina perante a justiça despertou na maioria das televisões, não só em Espanha. Barriga destaca «a imagem da sua chegada e saída aos juzgados de Palma da Maiorca para prestar declaração como imputada pelo caso *Noos*» (Barriga, 2014: 114).

No que diz respeito à história da televisão em Portugal, é ainda importante referir que com a chegada dos novos canais de televisão - primeiro a SIC em 1992 e depois a TVI em 1993-, «a dissolução do monopólio da RTP foi a mudança mais significativa para o sector da radiodifusão televisiva desde a introdução do meio» (Lopes, 2014: 146). Com a introdução da televisão por cabo em 1994, «as audiências portuguesas tornaram-se mais fragmentadas. Necessariamente, a variedade de canais temáticos na “televisão paga” mais a oferta de programas muito semelhantes pelos quatro canais generalistas de televisão (RTP1, RTP2, SIC e TVI) foi responsável por esta mudança» (Lopes, 2014: 146).

2.4. DIFERENTES TIPOS DE DIRETO

Como tentamos mostrar, o direto em televisão tem sido definido como o tempo real dos factos, transmitidos no exato momento em que acontecem. Porém, a televisão nem sempre nos transmite um direto tão real ou tão claro como se supõe que deveria ser. Apresentamos em seguida os tipos de direto que têm sido definidos na literatura académica neste domínio.

Um relato em direto, como definimos no ponto 2.2 deste capítulo, é aquele que é transmitido no mesmo momento em que se produz o acontecimento, tal e como ocorre na realidade, desde o lugar onde acontece. Segundo Herreros, um falso direto, como os profissionais do jornalismo em televisão o denominam, consiste «em simular o tratamento em direto quando a informação está previamente gravada» (Herreros, 2004: 33). O autor explica claramente a forma mais usual de dar a um falso direto o efeito de relato em direto:

O apresentador do noticiário anuncia a conexão com um correspondente, que aparece no ecrã, cumprimenta de maneira genérica e inicia o relato. O salto da imagem do apresentador ao correspondente dá a sensação de tratamento em direto, mas o que se faz é dar entrada a um vídeo (Herreros, 2004: 33).

Já Barriga apresenta uma explicação mais completa do que é um falso direto: são testemunhos (informações) relatados por repórteres de forma presencial, a partir do local do acontecimento, mas que foram previamente gravados: «às vezes é possível que o espetador, alheio à metodologia jornalística, possa inclusive ignorar e confiar em que esse relato informativo se realiza em tempo real» (Barriga, 2014: 13).

No relato misto há uma parte transmitida em direto e, outros elementos audiovisuais previamente gravados, que são mostrados durante o relato em direto (Herreros, 2003: 296) ou durante a transmissão, havendo uma quebra do relato em direto para introduzir esses elementos em diferido. Como explica Barriga, «uma reportagem, previamente gravada e editada, pode fazer parte de uma ligação em direto, ao ser introduzida por um repórter, correspondente ou enviado especial que cobre uma informação» (Barriga, 2014: 32).

Tendo feito uma clara distinção sobre as variantes do relato, é importante perceber que géneros de diretos se podem realizar, isto porque, um direto não é apenas sinónimo de um repórter no lugar dos acontecimentos a descrever o que está a acontecer. Esther Barriga, indica que as ligações em direto nos noticiários podem ser de vários tipos, segundo os agentes que intervenham: crónicas personalizadas através de um redator, enviado especial ou correspondente; entrevistas individualizadas; comparências ou conferências de imprensa; reportagens narradas em tempo real; e até mesmo a emissão de imagens em direto que têm a ver com uma informação pontual de relevância (Barriga, 2014: 19).

Concha Mateos em *El directo ético y el directo patético en los informativos de televisión* (2013) mostra-nos como é possível analisar a fundo o direto nos noticiários.

Ao ter realizado uma análise aprofundada ao direto nos noticiários de quatro estações de televisão espanholas (TVE1, Antena 3, Telecinco e Cuatro), acreditamos que a sua tabela²⁵ de classificação de diretos é uma base fundamental para a nossa investigação. Além de bastante completa, oferece parâmetros caracterizadores do direto que permitem perceber se os diretos são informativos ou não informativos (ilustrativos).

O objetivo da autora é compreender o modo como «as notícias televisivas promovem a relação dos espetadores com o real» (Mateos, 2013: 62). Assim, as interrogações que orientam a sua investigação são as seguintes: «Que classe de relação com o mundo real propõem as notícias de televisão aos espetadores quando utilizam o direto? É uma relação ética?» (Mateos, 2013: 62). Este trabalho adquire assim um duplo perfil, teórico e empírico, feito através da observação de casos para organizar uma classificação de diretos. Foi feita uma análise quantitativa de peças informativas com ligações em direto para se poderem identificar estruturas e traços constantes que ajudaram a definir os tipos de direto. Foi também criada uma escala que mostra o grau de fidelidade de cada ligação em direto com a coincidência dos três tempos - acontecimento, narração e leitura (Mateos, 2013: 66-67). Mateos define então os parâmetros caracterizadores do direto que se evidenciam na sua investigação. O primeiro é o objeto da notícia: está a acontecer ou está concluído? Dentro deste deve definir-se a ação que está a acontecer, o lugar em que está a acontecer e as fontes do que está a acontecer. O segundo, o tratamento da notícia: faz-se em direto ou está editado previamente? (Mateos, 2013: 66-67). Posto isto, a autora passa para a categorização do direto que vai dar lugar à tabela de classificação.

Mateos explica que a categorização se refere à «gama de opções de resposta à pergunta: O que é que está a acontecer agora que estamos a emitir em direto?» (Mateos, 2013: 71). Assim, segundo a primeira variável, a natureza da ação do objeto do direto, podemos encontrar-nos com duas situações muito claras: ou está a acontecer algo ou não está a acontecer nada neste momento (Mateos, 2013: 71). Identificou²⁶ então, segundo esta variável, três naturezas do objetivo informativo: 1) Direto ativo: ocorre uma ação; 2) Direto enunciativo: ocorre a enunciação informativa; 3) Direto artificial: ocorre uma representação, ação provocada ou artificiosa pelo informador.

²⁵ Anexo 2: Tabela de análise de Concha Mateos (Mateos, 2013: 78).

²⁶ Classificação das cinco variáveis que se segue é referente à *Tabela taxonómica* (Mateos, 2013: 78).

Como segunda variável podemos definir o tempo da ação: 1) Direto contínuo: passado que foi e continua a ser; 2) Direto rememorativo: passado que foi; 3) Direto profético: futuro, será.

Na terceira variável podemos definir o direto segundo o cenário: 1) Direto ilustrativo: um lugar é cenário dos acontecimentos e as suas circunstâncias presentes fornecem informação; 2) Direto perpétuo: um cenário invariável, pode ter valor informativo identificativo; 3) Direto imaginado (direto à porta de): imagina-se o lugar próximo, não se pode aceder, é privado ou de passagem restrita, mas estamos o mais perto possível; 4) Direto arbitrário: os factos podiam contar-se a partir de outros espaços, não acontecem num espaço específico; 5) Direto contrário: não estamos no lugar do relato e não é indiferente o lugar porque o espaço do acontecimento é outro específico.

Na quarta variável podemos definir o direto segundo a função narrativa: 1) Direto total: toda a informação é oferecida em direto; 2) Direto principal: é dada informação em direto e gravada; 3) Direto apresentação: o direto dá lugar à informação.

Por fim, na quinta variável, podemos definir o direto através da voz que está em direto: 1) Direto primário: vamos ao lugar onde estão as fontes e damos-lhes voz; 2) Direto editorial: fala o jornalista, o pivô, o meio de comunicação.

Em conclusão, Mateos observa que o uso do direto nos espaços informativos «nem sempre pressupõe um fornecimento quantificável em termos de qualidade informativa» (Mateos, 2003: 75). Isto porque, a ideia que o direto consiste em informar, por si só provoca um engano informativo, porque dá a aparência de relevância quando na verdade, pode resultar num vazio de conteúdo. Contudo, o direto pode contribuir para desvendar aspetos relevantes dos factos que são objeto de informação e, graças a isso, aumentar os valores de transparência informativa (Mateos, 2003: 75).

A investigadora indica ainda que, por vezes, a elevada quantidade de diretos muitos não informativos nas televisões, dá a entender que o canal de televisão quer exhibir os seus recursos. Isto para atrair audiência, ainda que, o que esteja a mostrar não seja rico em informação. Mateos afirma mesmo que é preciso perceber, através da ferramenta que criou - a tabela de classificações do direto -, se a exibição de capital informativo corresponde efetivamente ao capital de informação para a audiência (Mateos, 2003: 76). Deixa então em aberto, a questão: «A audiência é cada vez mais informada dos

acontecimentos ou é mais informada do poder informativo de quem informa?» (2003, 76). Esta interrogação remete-nos para as possibilidades e limites do direto.

2.5. POSSIBILIDADES E LIMITES DO DIRETO

A televisão, enquanto meio de comunicação que tem o poder de chegar a um público muito heterogéneo e alargado, tem também o dever de fornecer informação que consiga ser entendida por todos. Veem televisão pessoas de todas as idades, de todas as classes sociais, com diferentes crenças religiosas, de diferente formação intelectual e também de distintas ideologias, por isso a mensagem que é transmitida tem de ser compreensível e não discriminatória. Neste sentido, a imediatez da mensagem informativa, através do direto, supõe um incremento da credibilidade do meio televisivo em relação aos espetadores, que procuram estar informados e poder contemplar e ouvir o que realmente é notícia nesse instante (Barriga, 2014: 14).

O direto em televisão apresenta uma «funcionalidade informativa na qual a espontaneidade, vitalidade e rapidez predominam sobre outros componentes» (Herrerros, 2003: 303). Assim, como salienta Herreros, o relato televisivo em direto introduz elementos para uma estética do visual em que a emoção humana não depende da beleza das imagens, senão do conteúdo e tratamento que oferecem. Neste sentido, quantos mais testemunhos, informações e imagens diferentes argumentem o relato noticioso, permitirá que o telespetador disponha de mais instrumentos para assimilar e interpretar a informação que recebe (Herrerros, 2003: 303).

Todos estes elementos do relato em direto vão proporcionar ao telespetador a sensação de estar na presença do acontecimento. Como refere Herreros, «produz-se uma corrente emocional, senão de protagonista vivencial do facto, de participante direto, às vezes, inclusive, com as mesmas reações que o protagonista vivencia perante um acontecimento imprevisto (...)» (Herrerros, 2003: 294). Além do imprevisto que pode acontecer durante os diretos, existem por si só, acontecimentos imprevisíveis, como incêndios, catástrofes naturais, falecimentos de personalidades, etc. que estão sujeitos à disponibilidade técnica e humana da estação de televisão para que possa estar presente o quanto antes no local para os reportar em direto. Segundo Herreros, estes são «o maior desafio à rapidez, imediatez e capacidade narrativa da televisão» (Herrerros, 2003: 298). Pelo impacto que têm na sociedade, estes acontecimentos podem gerar uma carga

emocional bastante forte no telespetador. Por outro lado, existem também acontecimentos previsíveis, dos quais a televisão tem conhecimento de quando e onde vão acontecer, o que os torna mais prováveis de serem transmitidos em direto, contudo, tendo em conta o seu interesse informativo. A estação em si, por vezes também organiza eventos como debates, entrevistas, celebrações, etc. que são transmitidos ou apresentados em direto. Contudo, qualquer um destes acontecimentos ao ser transmitido em direto, faz com que o telespetador se converta na «testemunha visual e sonora do facto enquanto está a acontecer, o que proporciona ao relato um interesse inusitado de novidade e de simultaneidade» (Herrerros, 2003: 294).

Por outro lado, autores como Oliva e Sitjà (1992: 25), Ramonet (2001: 129) e Herrerros (2004: 27) também entendem que o direto só oferece a aparência dos factos, ocultando o fundo, a casualidade e as consequências. Isto porque, a imediatez do relato em direto choca com a necessidade de dispor de tempo para analisar, refletir, verificar e até mesmo compreender o que está a acontecer perante os olhos do repórter.

Junto a esta possível falta de análise e reflexão em relação aos factos, contra o rigor informativo está também a espetacularização dos acontecimentos. Segundo Herrerros, «agora não se procura tanto que o espetador esteja ciente, mas que se entretenha, que se divirta, e, em consequência, tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo» (Herrerros, 2004: 18). Com isto, o telespetador sente-se entusiasmado, emocionado e comovido por assistir ao espetáculo da realidade e àquilo que é criado pela televisão (Herrerros, 2004: 18). Assim, Herrerros sustenta que «as transmissões em direto nem sempre se realizam por razão do interesse informativo transcendente, mas como entretenimento» por interesses como o do negócio segundo a sua capacidade de atrair a audiência (Herrerros, 2004: 29). León prossegue esta visão, acentuando a crítica: a «comercialização faz com que os meios só se sirvam a si mesmos, procurando altos índices de audiência com os que maximiza os seus resultados económicos» (León, 2010: 22). O autor afirma ainda que, desta forma, os meios de comunicação deixam de cumprir uma das suas funções tradicionais: ajudar os cidadãos a entender e atuar. Assim, consequentemente passam a procurar «histórias que interessem ao público, em vez de histórias de interesse público» (Franklin, 1997:4 *apud* León, 2010: 22). Contudo, León salienta que esta situação só é ultrapassável se «as televisões mantiverem critérios jornalísticos sólidos, cimentados no respeito ao espetador, por cima da adoração ao

novo toção de ouro dos índices de audiência» (León, 2010: 26). Herreros é ainda mais crítico:

Não se devia esquecer nunca que por cima do conceito de audiência está o de cidadão, o de um ser que vive numa democracia e que requer que o tratem com todo o respeito e dignidade que merece, que se fomente o cumprimento dos direitos humanos e que se promovam os valores constitucionais (Herreros, 2004: 181).

Relembra ainda que a informação é um direito de todos os cidadãos. A existência dos meios de comunicação está justificada enquanto mediadores para fazer circular a informação desde as fontes até aos cidadãos. Processo que tem de se efetuar com todas as garantias de veracidade e rigor (Herreros, 2004: 194). Neste sentido, as estações de televisão são um meio, utilizado pelos profissionais do jornalismo, para exercer essa tarefa de compromisso com a sociedade, ou seja, o serviço à audiência, através da informação. Conforme Herreros, da atividade do jornalista deriva uma construção social da realidade, e por isso tem dentro das suas funções uma responsabilidade sobre a construção da opinião pública (Herreros, 2004: 207). Uma responsabilidade social do jornalista, bem assente no princípio terceiro dos «Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo» (1983):

No jornalismo a informação é entendida como bem social e não como mercadoria, o que implica que o jornalista compartilhe a responsabilidade pela informação transmitida e, por conseguinte, responda não só perante os que controlam os meios de informação mas também perante o público em geral e seus diversos interesses sociais. A responsabilidade social do jornalista exige que este atue, em quaisquer circunstâncias, em conformidade com a sua consciência individual.

Tendo em conta esta linha de pensamento, Oliva e Sitjà afirmam que «o jornalista de televisão tem de ser um bom jornalista no sentido mais clássico. Deve ter um grande respeito pelos factos e pela verdade até ao ponto de que esta convicção se reflita no que escreve» (Oliva & Sitjà, 1992: 20). No momento de informar em direto, tendo em conta a veracidade dos factos, o uso de fontes diretas da notícia será a chave da credibilidade e do rigor jornalístico. Assim, é fundamental fornecer diferentes pontos de vista da notícia e contrastar e verificar que essa notícia está certa (Barriga, 2014: 78).

O jornalismo tradicional, como recorda Herreros, «sustentou-se num conjunto de valores e numa ideologia plasmados nos diversos códigos deontológicos e sobretudo num comportamento similar perante os factos que implicam um certo conflito ético» (Herreros, 2004: 193). Contudo segundo o autor, o aumento da competitividade entre os meios e em particular entre os canais de televisão, conduziu a situações nas quais tais

princípios se marginam em prol do benefício da empresa e do êxito pessoal (Herreros, 2004: 193).

Se estes princípios da profissão são quebrados, significa que o jornalista não está a fazer o seu trabalho corretamente. Sendo que o trabalho jornalístico, através dos meios de comunicação é a melhor forma de informar os cidadãos, a ética enquanto princípio de conduta pessoal, deve prevalecer sobre qualquer pressão comercial ou ideologia pessoal. Como refere Herreros, «uma ética da convicção do que se deve fazer e daquilo que se deve evitar, assente nos princípios estabelecidos pela própria profissão (...)», e «uma ética da responsabilidade pela repercussão que a informação tem na sociedade» (Herreros, 2004: 195). A ética da convicção e a ética da responsabilidade, tal como as salientou Max Weber, não têm de ser necessariamente contraditórias. Podem ser complementares, refletindo as atitudes que os jornalistas e os meios devem ter. Por um lado, a convicção moral de servir a sociedade com respeito e rigor, e, por outro, assumir o papel tão importante que têm na sociedade atual (Herreros, 2004: 195).

CAPÍTULO 3. EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA RTP

Uma experiência curricular num ambiente profissional real é essencial para pôr em prática aquilo que se aprendeu a nível teórico, bem como para testar em ambiente real os exercícios que nos foram propostos ao longo do mestrado. Efetivamente não há prática que resulte sem uma componente teórica prévia, bem como a teoria não existe por si só se não houver prática para a comprovar. Posto isto, a opção mais coerente para terminar o mestrado só fazia sentido se a investigação fosse aplicada no e ao local onde se constrói a informação televisiva: na redação, no local dos acontecimentos, na régie, nas salas de edição, nos estúdios virtuais, no arquivo, etc. Acima de tudo, lidando e interagindo com os profissionais do jornalismo, assim como confrontando-os com as decisões tomadas na hora de dar a notícia, a informação de última hora, a reportagem e, mais relevante para esta investigação, fazer diretos.

Para que tudo isto fosse possível, e tendo em conta que queríamos investigar a prática da emissão de diretos em televisão, fez todo o sentido optar-se pela decisão de realizar um estágio curricular no operador de serviço público de televisão, a RTP. O estágio curricular do qual resultou a experiência profissional em jornalismo televisivo e a colocação em prática deste exercício investigativo decorreu durante três meses, de 2 de fevereiro a 29 de abril de 2016, com um total de 469 horas de trabalho. A experiência aconteceu em dois locais. Na maior parte do tempo, o estágio realizou-se na sede da RTP em Lisboa, situada na Avenida Marechal Gomes da Costa. No entanto, tendo em conta a temática da investigação - que vamos desenvolver no capítulo seguinte - foi realizada uma semana de observação à produção do Jornal da Tarde no Centro de Produção Norte, em Vila Nova de Gaia, situado no Monte da Virgem, denominada de RTP Porto.

Pelo propósito deste relatório de estágio, iremos retratar a dimensão organizacional da RTP, destacando o funcionamento da redação da Direção de Informação da Televisão, pela importância que lhe é conferida na produção informativa televisiva da estação. Este capítulo expõe na sua grande maioria, a natureza do trabalho acompanhado e as funções concretas desempenhadas, bem como a forma como foi aplicada a teoria aprendida durante o mestrado. Toda a experiência foi delineada estrategicamente de modo a conseguir desenvolver a investigação a que nos

propusemos, analisando todas as componentes e etapas do jornalismo televisivo, com maior enfoque na produção e realização de diretos. Optámos ainda por apresentar a rotina da redação no primeiro momento deste capítulo para enquadrar a experiência na RTP.

3.1. DIMENSÃO ORGANIZACIONAL DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS DA RTP

Em relação à organização da RTP²⁷, no que diz respeito aos conteúdos, existe atualmente uma dupla divisão. Por um lado, pela Direção de Informação da Televisão (Diretor Paulo Dentinho), Direção de Informação da Rádio (Diretor João Paulo Baltazar) e Direção de Desenvolvimento de Conteúdos (Diretora Maria Alice Milheiro). Por outro, estão as Direções de Programas de cada canal de televisão e de rádio: RTP1, RTP3 e RTP Internacional (Daniel Deusdado); RTP2 (Teresa Paixão); RTP África (José Arantes); RTP Memória (Gonçalo Madail); RTP Madeira e RDP Madeira (Miguel Cunha); RTP Açores e RDP Açores (Vítor Alves); Antena 1, RDP África, RDP Internacional (Rui Pêgo); Antena 2 (João Almeida); e Antena 3 (Nuno Reis).

Além dos canais já referidos, a RTP emite também os canais de rádio: RDP Madeira – Antena 1, RDP Madeira – Antena 3, RDP Açores - Antena 1; bem como os seguintes canais de rádio disponíveis *online*: Antena 1 - Lusitânia, Antena 1 – Memória, Antena 1 – Vida, Antena 1 – Fado e Antena 2 – Ópera.

No que concerne à distribuição da RTP pelo país, e pelo mundo, a empresa tem um grande apoio em vários pontos do globo. Além da sede de Lisboa, a RTP conta com o Centro de Produção Norte, em Vila Nova de Gaia, Porto. Já a RTP Madeira e a RTP Açores são Centros de Produção Regionais das respetivas regiões autónomas. De modo a ter uma produção noticiosa diversificada, a RTP tem ainda delegações em pontos estratégicos do país, para facilitar o acompanhamento de acontecimentos a nível regional. Estas estão instaladas em Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Évora e Faro. As delegações RTP África são também essenciais: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A RTP conta ainda com correspondentes no Rio de Janeiro, em Washington, Madrid e Moscovo, Bruxelas e Paris (até à data da

²⁷ Informação retirada do organograma disponível no site da RTP, também consultável em anexo 4.

entrega desta dissertação, estava aberto um concurso para as delegações de Bruxelas e Paris).

3.2. DIREÇÃO DE INFORMAÇÃO DA TELEVISÃO

Para a realização deste relatório de estágio, concretizei a experiência curricular na Direção de Informação da Televisão. Nesse sentido, é importante dar conta da organização da mesma, bem como da redação que a sustenta, até porque, os noticiários não são feitos apenas por aqueles que aparecem na televisão.

A Direção de Informação da Televisão é responsável pela produção informativa dos canais televisivos da RTP. À data da realização deste estágio, o cargo de Diretor de Informação cabe ao jornalista Paulo Dentinho. Este conta com três Diretores Adjuntos, dos quais dois Diretores-Adjuntos de Informação: Vítor Gonçalves e António José Teixeira; e um Diretor Adjunto de Produção: Manuel da Costa e uma subdiretora - Ana Pitas. Da Direção fazem ainda parte 4 subdiretores de informação: Alexandre Brito (Multimédia), Hugo Gilberto (Desporto e RTP Porto), Adília Godinho (Coordenadora do Telejornal) e Joana Garcia (RTP 3). A jornalista Natália Oliveira está também integrada como Coordenadora de Informação da Televisão.

Porém, a Direção de Informação da Televisão não é composta apenas pelos seus dirigentes. São muitos os profissionais que contribuem diariamente para que as notícias nos cheguem a casa todos os dias, à mesma hora, sem aparentes falhas – pelo menos visíveis ao telespetador. Assim, a redação de Informação da Televisão da RTP de Lisboa é o pilar da construção e produção informativa, no qual todos os colaboradores comunicam e trabalham entre si e onde todos são fundamentais para a emissão dos noticiários. Esta redação tem uma divisão própria, caracterizada por equipas de editorias e de programas. As equipas de editorias são as seguintes: Política, Sociedade, Economia, Cultura, Desporto e Internacional. Cada editoria tem um editor com uma equipa de jornalistas a seu cargo. Cada uma destas equipas, divididas por editorias, é responsável pela produção de peças jornalísticas para os noticiários diários da RTP1, RTP2 e RTP3. Os editores de cada editoria fazem a gestão da marcação de serviços dos jornalistas da sua equipa, garantindo assim que serão cobertos todos os acontecimentos importantes de serem noticiados em televisão. Estes serviços podem ser marcados com antecedência, tendo em conta a informação que tiver sido disponibilizada em agenda

(digital disponível no programa ENPS onde estão colocados os eventos importantes de cada dia), ou, como acontece muitas vezes, são acontecimentos de última hora e o jornalista designado sai imediatamente para o local, acompanhado por um repórter de imagem. Da Direção de Informação da Televisão fazem também parte as equipas próprias dos programas: Bom dia Portugal, Portugal em Direto, programas da RTP África (África Global e Repórter África), Linha da Frente, Sexta às 9h, Pela Sua Saúde, Documentários, entre outros. Apesar de cada jornalista fazer parte da equipa de um programa em concreto, por vezes acontece que o seu trabalho jornalístico aparece nos noticiários diários dos canais da RTP e não apenas no horário do programa específico. Cada uma destas equipas conta também com um coordenador de programa (ou dois, como é o caso da RTP África).

Além destas equipas, a redação agrega também os apresentadores dos noticiários e programas, e os coordenadores dos restantes noticiários. Estes coordenadores de informação gerem os espaços informativos da RTP3, bem como o Telejornal. É importante referir que o Jornal da Tarde é sempre coordenado pela RTP do Porto – informação que iremos desenvolver quando for relatada a semana de observação na redação da RTP do Porto no ponto 3.6 deste capítulo. Esta organização por editorias e equipas de programas foi adaptada pela RTP há cerca de 15 anos, resultado da adaptação existente nas estações privadas²⁸.

Neste sentido, tendo em conta estes jornalistas, editores, coordenadores e apresentadores (pivôs) – no fundo, todos jornalistas de profissão, com respetiva carteira profissional – estes profissionais são quem, mais diretamente, faz parte da produção de notícias nos espaços informativos televisivos. Da redação fazem parte 106 jornalistas, dos quais 66 são mulheres (62,26%) e 40 são homens (37,74%).

No que diz respeito à escolaridade destes profissionais, todos têm, obrigatoriamente, no mínimo, um curso profissional ou universitário na área das Ciências da Comunicação, do Jornalismo ou outro equiparado. Porém, dá-se o caso de haver jornalistas licenciados em outras áreas como Direito ou Economia que posteriormente desenvolveram competências na área da comunicação social²⁹.

²⁸ A informação referente à constituição da redação foi-nos fornecida pela Coordenadora de Informação da Televisão Natália Oliveira, a 30 de março de 2016.

²⁹ A informação referente aos níveis de escolaridade da redação foi-nos fornecida pela Coordenadora de Informação da Televisão Natália Oliveira, a 30 de março de 2016.

A redação de Informação da Televisão é também composta por outros colaboradores com carteira profissional de jornalista, essenciais para a realização diária dos espaços informativos da RTP1, RTP2, RTP3 e RTP África, que são também transmitidos na RTP Internacional – em simultâneo ou posteriormente, nomeadamente: 34 Repórteres de Imagem (RI) - incluindo um Responsável pelos RI de toda a RTP e dois coordenadores de RI; 20 Editores de Imagem – um deles com o cargo de Responsável; e dez profissionais de Agenda – contando com um responsável. Com alguma regularidade, os jornalistas recorrem aos profissionais do Arquivo para resgatar peças jornalísticas passadas, seja pelo conteúdo informativo ou apenas para reutilizar imagens – quando não há tempo ou recursos (Repórteres de Imagem) para fazer novas imagens sobre o tema a retratar.

Para a realização dos noticiários são ainda fundamentais outros técnicos, que fazem parte da equipa de Produção: Editores Gráficos, Realizadores (alguns também com carteira profissional de jornalista), Assistentes de Realização, Câmaras de Estúdio, Operadores de Mistura, Operadores de Som, Produtores, Inseridores de Caracteres, Operadores de Teleponto, Multiplay, Iluminação, Operadores de Câmara, Responsável Operacional e Técnicos de Gestão de Média – integrados no AGS (Aquisição e Gestão de Sistemas).

A RTP conta ainda com o site (*www.rtp.pt*) que contém reportagens que já passaram nos noticiários dos canais, bem como outras notícias e reportagens escritas. Existe uma equipa de 14 jornalistas do *online* (nome dado à equipa) que produz material informativo exclusivamente para o site, tendo como responsável o subdiretor Alexandre Brito. Alguns jornalistas da RTP escreverem artigos de opinião para alimentar o site. Além disso, em casos particulares (aconteceu por exemplo na altura do atentado de Bruxelas), os correspondentes podem fazer reportagens para o site e/ou também para a rádio.

3.3. ROTINA DO JORNALISMO TELEVISIVO

Explicada a organização da produção de conteúdos e as várias categorias profissionais que constituem a Direção de Informação da Televisão, é relevante referir o papel de cada profissional na produção noticiosa deste meio informativo. «A imprensa pode não ser bem-sucedida na maior parte do tempo, em dizer às pessoas o que pensar,

mas é espantosamente bem-sucedida em dizer aos seus leitores, sobre o que pensar» (Cohen, 1963: 13). É acima de tudo, importante, informar as pessoas e fazê-las refletir sobre os acontecimentos e problemas do quotidiano, seja no país ou no mundo, de forma a perceberem as mudanças que as vão beneficiar ou prejudicar, para assim poderem tomar decisões acertadas nas suas vidas. Assim, o trabalho dos jornalistas passa por criar uma agenda informativa temática, sobre o mais importante a reportar ao público, tendo em conta a atualidade. Para que tal seja possível, os profissionais que trabalham em televisão, sejam coordenadores, editores ou jornalistas, têm uma cultura profissional e uma rotina de trabalho pré-definida, própria da profissão, que é posta em ação em todos os dias. Falamos da análise – por vezes profunda – daquilo que foi notícia até então em outros meios de comunicação, bem como em anteriores noticiários da estação.

Para que a rotina de trabalho dos profissionais ocorra sem percalços, a redação utiliza o programa *ENPS – The Nacional News Producion System*. Este *software* é «usado por jornalistas em mais de 800 redações em mais de 60 países»³⁰. É através deste programa que os profissionais têm acesso a notícias e comunicados de agências noticiosas, com as quais têm protocolo, no caso da RTP, com a *Reuters*, *Lusa* e *Associated Press*. Assim estão informados ao segundo sobre o que se passa no mundo. O programa tem muitas outras funções e informações. Por exemplo: escrevem-se as notícias e reportagens que são gravadas em cada linha criada para o efeito, em determinado bloco informativo, para serem usadas na emissão dos noticiários; o alinhamento de todos os jornais contém todas as notícias que vão passar na televisão, os convidados que vão intervir, os tempos de reportagem e até os intervalos; na *Agenda* (do *ENPS*) registam-se e depois verificam-se todos os serviços marcados para os jornalistas.

A *Agenda* é construída, numa primeira fase pelos profissionais da Agenda (que fazem parte da redação) e numa segunda fase pelos editores ou coordenadores. A agenda (equipa) é uma parte muito importante da redação. Ali é filtrada toda a informação que é enviada para a redação, seja por pessoas individuais que dizem ter assuntos para reportagem, ou através de instituições públicas ou privadas como os sindicatos, o governo, os partidos, as agências de comunicação, empresas, entre outros. Estes profissionais marcam na *Agenda* (*ENPS*) os acontecimentos que são considerados

³⁰ Industry-leading technology. *AP ENPS*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: http://www.enps.com/pages/technical_overview/releases.

importantes em cada dia, que depois são filtrados pelos editores e coordenadores que podem optar por marcar equipas de reportagem (jornalistas e repórteres de imagem) para cobrir esses acontecimentos ou ignorá-los (seja por que não merecem reportagem, por falta de equipas, ou por outras razões). Ou seja, decidem o que é relevante para ser digno de reportagem, conforme a atualidade e «relevância social de um acontecimento e as consequências que este comporta para a coletividade» (Gradim, 2000). Os profissionais da agenda e até mesmo os editores e coordenadores, têm o papel de filtrar a informação, executando diariamente aquilo a que Soemaker e Vos denominam de *Gatekeeping*, tendo em conta a linha editorial do canal, os valores-notícia e outros critérios que considerem relevantes.

O *Gatekeeping* é o processo de descarte e escolha de incontáveis pedaços de informação para o número limitado de mensagens que alcançam as pessoas todos os dias, e é o centro do papel dos média na vida pública moderna. As pessoas dependem dos mediadores para transformarem informações sobre milhões de eventos em um subconjunto gerenciável de mensagens de média. À primeira vista, reduzir tantas potenciais mensagens em tão poucas parece ser impossível, mas é um processo demorado e há muito estabelecido que o faz acontecer dia após dia. Este processo determina não só que informação é selecionada, mas também como será o conteúdo e natureza de mensagens como as notícias (Shoemaker & Vos, 2009: 1).

Os autores acrescentam ainda que «os gatekeepers determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, uma visão particular do mundo» (Shoemaker & Vos, 2009: 3). «No entanto, talvez o aspeto mais importante do *gatekeeping* é que as questões e os eventos que não são abrangidos estão ausentes da visão do mundo da maioria dos membros da audiência» (Shoemaker & Vos, 2009: 4). As pessoas não se inteiram dos acontecimentos que não são noticiados pelos média, a menos que os tenham vivenciado ou alguém lhes tenha falado sobre eles.

Como já referido, para que o processo de *gatekeeping* seja adequadamente complementado, é preciso aplicar o critério de noticiabilidade ou dos “valores-notícia”, que vão avaliar a noticiabilidade de cada acontecimento, analisando se as suas características o tornam ou não merecedor de ser transformado em notícia. Sem este processo e esta avaliação em grande medida resultantes do jornalismo que nasceu na época industrial, a concretização do produto jornalístico final seria mais aleatória e morosa.

Voltando à rotina jornalística da redação da RTP, é importante lembrar que os acontecimentos que estão marcados na *Agenda* não são os únicos a ter em conta. Quando os jornalistas entram ao serviço, começa a rotina profissional com a procura de

notícias em outros meios e em noticiários anteriores. Tendo em conta o exemplo do editor (seja de sociedade, desporto, economia, etc.), este começa o dia com uma procura exaustiva daquilo que é notícia e que merece ser reportado, para começar a marcar serviços - adicionais àqueles que já estão na *Agenda* – para a sua equipa de jornalistas. Este ritual passa por navegar pelos jornais *online*, folhear jornais e revistas em papel e consultar os *takes* das agências noticiosas (*Lusa*, *Reuters* e *AP*), ver algum noticiário anterior e, acima de tudo, estar sempre atento às televisões que mostram aquilo que os outros canais generalistas portugueses estão a noticiar, bem como à chegada (virtual) de novos *takes* das agências. Além de toda esta atenção, é preciso perceber se existem acontecimentos inesperados e de última hora, que podem chegar à redação por contactos dos próprios profissionais (que ligam a dar dicas) ou podem ser conhecidos através de outros meios, agências ou até mesmo através das redes sociais. Tendo em conta a definição da função de editor no jornalismo impresso feita por Anabela Gradim, podemos fazer uma adaptação àquilo que são as obrigações do editor de redações de televisão: «Os editores ou chefes de secção têm por tarefa coordenar os trabalhos dos redatores da sua área, editar as peças jornalísticas por eles produzidas» (Gradim, 2000: 43-44) e definir os trabalhos atribuídos a cada jornalista para cada noticiário.

Tal implica uma apreciação valorativa dos trabalhos que vão chegando à redação, e experiência suficiente para ajudar a definir ângulos de abordagem e rever peças jornalísticas. Ao longo do dia, reúnem várias vezes com os jornalistas para saber do andamento dos trabalhos, e com a chefia de redação, a quem informam da existência de trabalhos que poderão vir a integrar [os noticiários] (Gradim, 2000: 43-44).

A redação da RTP de Lisboa é responsável pela produção do principal noticiário da estação, o *Telejornal*. Como elucida Correia, a função do noticiário «é a de, periódica e sistematicamente, transformar uma infinidade de acontecimentos que ocorrem num certo lapso de tempo numa notícia ou num conjunto de notícias, isto é, num produto jornalístico organizado e entendível para um determinado público» (Correia, 1997: 134-135). Neste sentido, todos os dias, de segunda a sexta, às 13 horas, é realizada uma reunião com todos os editores, coordenadores e elementos da direção, onde se debate quais os acontecimentos que devem constar no *Telejornal*. Na reunião de sexta-feira, definem-se os acontecimentos a cobrir durante o fim-de-semana. Para esta reunião, todos os participantes levam ideias de reportagem previamente estudadas.

Já o *Jornal da Tarde* – segundo noticiário mais importante da RTP - é preparado na RTP do Porto e não carece de reunião diária. O coordenador do *Jornal da Tarde* daquele

dia - com a ajuda do pivô (do dia) - é responsável pela tomada de decisões em relação àquilo que merece ou não ser noticiado.

No que diz respeito ao jornalista – ou repórter quando sai da redação para fazer reportagem ou recolher material noticioso, acompanhado do repórter de imagem -, este mantém também uma rotina de procura de informação, mais específica do que a do editor. Esta pesquisa é fundamental para que o jornalista se mantenha constantemente informado. Contudo, a primeira tarefa do dia de um jornalista é verificar na *Agenda (ENPS)* se tem saídas para reportagem marcadas.

O jornalista tem o papel de informar, ou seja, «colher informações ou notícias, inteirar-se de; dar conhecimento, noticiar, avisar, esclarecer»³¹. Quando um jornalista tem um serviço marcado, ou propõe uma reportagem que é aceite, tem de procurar informação, o que implica fazer trabalho de pesquisa – em outros meios de comunicação, nas agências, através de *press releases*, etc. Contactar peritos ou especialistas no assunto, obter informação de fontes e envolvidos no caso ou tema, são também partes essenciais desse trabalho. O jornalista deve «ir além da busca de dois ou mais lados da notícia, ou seja, é preciso investigar, apurar e ter convicção acerca dos factos relatados» (Barbeiro e Lima, 2013: 21). É fundamental que o jornalista se prepare previamente antes de ir para o terreno e que pergunte ao editor se este pretende alguma abordagem concreta ao acontecimento, ou qual o ângulo a seguir. Pode também acontecer que o editor dê plena liberdade ao jornalista para abordar a notícia da forma que este achar melhor e mais apelativa para o público, tendo em conta alguns valores-notícia como a «capacidade de entretenimento» (Golding & Elliott, 1979), e a possibilidade de o acontecimento fornecer «bom material visual» (Wolf, 1987). Quando a saída em reportagem é marcada em cima da hora, por vezes por protestos, assaltos, acidentes, ou outros, se houver informação da agência *Lusa*, ou proveniente de terceiros, o jornalista imprime-a e lê-a pelo caminho, até chegar ao local do acontecimento.

Quando o jornalista sai em reportagem ou para direto vai acompanhado do repórter de imagem que grava, ou exhibe em direto, tudo aquilo que é importante a ser mostrado, tendo em conta os valores-notícia adotados pela estação. Por norma, sabe-se o que se vai fazer, mas algumas vezes, tem-se um tema e quando se chega ao destino constrói-se a reportagem em conjunto com o repórter de imagem. Uma das tarefas relevantes deste trabalho são as entrevistas, feitas pelo jornalista, com o objetivo de fazer emergir

³¹ Dicionário universal da Língua Portuguesa.

informações, reações e emoções, que depois são divulgadas. As perguntas devem ser previamente estudadas, no entanto, muitas vezes aproveita-se uma resposta para colocar uma nova pergunta ao entrevistado, que ajude a obter a informação que é importante ser divulgada ou que vá suscitar emoção nos telespetadores. Contudo, há muitas situações em que as entrevistas não fornecem dados informativos e outras em que a ação registada em direto é mais importante do que qualquer entrevista. Não menos relevante é o registo de imagens, dessas pessoas e suas expressões, tanto como dos locais em que as coisas aconteceram e os demais envolvidos.

Quando a equipa volta à redação, o jornalista leva o cartão com as imagens para o departamento de AGS (Aquisição e Gestão de Sistemas) – local onde estão instalados os servidores de vídeo da RTP - para que estas sejam colocadas no servidor a que os jornalistas têm acesso, para posterior acesso ao trabalho realizado durante a saída em reportagem. Antes de o jornalista escrever a peça jornalística, começa por visionar (no programa *Quantel*) as imagens recolhidas, para ir escolhendo as *bocas* (na RTP dá-se a designação de *boca* ao excerto de vídeo no qual o entrevistado dá o seu testemunho) das entrevistas, que vai utilizar na peça. É a partir das *bocas* que se constrói o que falta da peça, com recurso a *offs* (informação enunciada pelo jornalista, gravada na redação) e em algumas ocasiões *vivos*³² do próprio jornalista a dar informações. Nas peças nunca se deve repetir informação. Em televisão, o tempo é escasso e é imperativo sintetizar, sem nunca cortar informação importante. O recurso a frases curtas, concisas e com palavras de fácil compreensão favorece a objetividade do texto e resulta num texto entendido por todos.

Não há dúvida que para se ser um bom jornalista é preciso escrever muito bem, mas também muito claramente, de maneira a que todos os públicos compreendam o conteúdo da notícia. A abordagem inicial da peça deve ser apelativa para, desde logo, captar a atenção de quem está a ver televisão. O arranque de uma peça deve ser pujante e tem de agarrar e prender a pessoa ao ecrã. Tem que se humanizar as pessoas, porque escreve-se sobre pessoas para pessoas. É imperativo aplicar a máxima: uma frase, uma ideia, uma informação. Tem que se escrever para falar, para se ser ouvido e entendido. Jorge Nuno Oliveira expõe uma perspetiva muito elucidativa em relação às palavras em televisão:

³² Um vivo é um excerto de vídeo no qual um jornalista, frente à câmara, relata informação importante a introduzir na reportagem.

A escrita de televisão deve ser, também, **forte** [negrito do autor]. O jornalista, ao escrever para os ouvidos dos seus espetadores, deve saber que “palavras, leva-as o vento”. A única maneira de as segurar, de as fixar na atenção e na memória de quem nos ouve, é escrever com força. Escolher palavras fortes, palavras que transmitam ideias e sensações pujantes, sólidas (Oliveira, 2007: 24).

Não se deve deixar espaço para dúvidas, deve-se dar respostas e não deixar perguntas em aberto. O corpo da notícia deve responder a seis perguntas chave que, no jornalismo impresso, estão associadas ao lead: «o quê (o que aconteceu, está ou vai acontecer); quem (os agentes da ação); quando (dia da semana e do mês, horas); onde (o local do acontecimento); como (as circunstâncias); porquê (os motivos e as razões)»³³. Anabela Gradim refere no *Manual de Jornalismo* impresso, as funções do *lead* que são equiparáveis ao intuito apelativo que uma peça jornalística que pretende ter:

Um lead bem construído dispensa o leitor apressado de se deter no resto da peça, porque a informação básica mais importante já foi dada; mas se retiver o carácter apelativo é, simultaneamente, o melhor anúncio publicitário que tal peça pode ter – e o leitor quererá lê-la até ao fim. Neste sentido, todo o jornalista sabe da importância que tem a construção de um bom lead, e como, obedecendo às regras, é possível investir tempo e cuidado em qualidade e originalidade (Gradim, 2000: 58).

É importante evitar os gerúndios e palavras como «seus e suas» que possam baralhar o telespetador ou desviar a sua atenção da televisão, enquanto pensam no significado do que foi dito.

No exercício da escrita jornalística, acima de tudo, «o jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público»³⁴.

O documento no qual a peça é guardada deve incluir um breve *lead*, que a resuma, num máximo de 4/5 linhas. Este vai ser lido pelo pivô para introduzir a peça durante o noticiário. Como Gradim explica, acerca do jornalismo impresso, «os leads têm duas funções a cumprir: informar imediatamente o leitor das características mais importantes do facto que se noticia; e serem atraentes apelando à leitura do resto do texto» (Gradim, 2000: 57), o que se aplica ao jornalismo televisivo, sendo o *lead* uma forma de atrair os telespetadores para a reportagem que vai ser apresentada logo a seguir à leitura do mesmo, tendo assim o poder de atrair ou não o público para continuar a ver o noticiário.

³³ Livro de Estilo do Público, Edição de fevereiro de 1998.

³⁴ Código Deontológico do Jornalista (Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas - 4 de maio de 93). *Comissão da Carteira Profissional de Jornalista*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: <http://www.ccpj.pt/legisdata/LgCodigoDeontologico.htm>.

Devem também estar criados os *oráculos*³⁵, com os nomes dos entrevistados, e frases chave sobre da reportagem.

Terminada a tarefa de escrever o texto, é tempo do jornalista ir até às cabines de edição de imagem. A fase de edição de imagem, ou seja, de montagem da peça, normalmente é realizada por um editor de imagem. Quando a urgência da peça o exige, é o próprio jornalista que monta a peça – normalmente apenas os jornalistas de desporto o fazem. Os componentes principais de uma reportagem em vídeo são: a voz, as imagens (podem ter ainda fotografias), o som ambiente, música de fundo e por vezes efeitos sonoros. Antes de começar a edição do vídeo, o jornalista (com uma cópia do texto da peça na mão) dá voz à peça (o áudio é gravado diretamente no programa de edição). A voz não pode ser rígida e tem de ser aproximada a um diálogo, uma conversa por telefone. «O jornalista tem de ser um **bom comunicador** [negrito do autor]» (Oliveira, 2007: 52). Tem de se fazer perceber e entender, tem de saber comunicar, ser fluente e claro. O poder da voz é muito importante para captar a atenção dos telespetadores.

Ao iniciar a edição do vídeo, os primeiros elementos a serem colocadas na linha de montagem são os *offs* e as *bocas*. De acordo com estes, a peça vai sendo pintada com as imagens recolhidas pelo repórter de imagem, e algumas vezes sonorizada com uma música apelativa para dar dinâmica e acrescentar valor à peça. Quando o vídeo está concluído, este é registado no servidor, para posteriormente ser utilizado nos jornais. Se o vídeo tiver *bocas* em língua estrangeira, tem de ser enviado para a legendagem e depois de legendado será gravado.

É de frisar que a reportagem televisiva não é obra apenas do jornalista, mas do trabalho de vários profissionais que a tornam possível. O editor tem a função de escolher o acontecimento ou tema e designá-lo ao jornalista que vai para o terreno com o repórter de imagem. No seu regresso o jornalista conta com o apoio do técnico que coloca as imagens no servidor. Pode ainda precisar de imagens de reportagens disponíveis em arquivo e por isso recorre aos arquivistas para o auxiliar. O editor de imagem monta a reportagem juntando as imagens, os *offs* e até mesmo efeitos musicais. Em certas reportagens pode também ser preciso o apoio de um colorista para o melhoramento da imagem. A peça pode ainda precisar de efeitos de grafismo – como

³⁵ Em televisão, os *oráculos* são as legendas ou frases curtas que aparecem na parte inferior ou superior do ecrã e que contém informação relevante acerca do assunto que está a ser tratado, ou que apresentam o nome e a profissão dos intervenientes do acontecimento.

tabelas ou gráficos – realizadas pelos editores gráficos ou até de legendagem. Neste sentido, é certo dizer que em televisão as reportagens são fruto de um trabalho de equipa que só é possível através de uma boa coordenação, camaradagem e dedicação.

3.4. ACOMPANHAR JORNALISTAS E REDIGIR REPORTAGENS

Durante o estágio na RTP, esta rotina jornalística esteve presente em grande parte do meu quotidiano semanal. Na RTP de Lisboa, fiz parte da editoria de Sociedade, tendo a editora e jornalista Rita Ramos como tutora. A orientadora oficial era a jornalista Natália Oliveira a quem recorri para burocracias do estágio, bem como para me auxiliar em termos da investigação a realizar. Apesar de na RTP não ser permitido aos estagiários curriculares fazer reportagens para os noticiários – porque todas as reportagens são assinadas e só quem tem carteira profissional é que o pode fazer -, aqueles acompanham os jornalistas em reportagem. Ao voltar à redação, enquanto estagiária, fazia o visionamento das imagens que o repórter de imagem tinha recolhido e escrevia a reportagem. Depois disso, mostrava a reportagem à tutora que corrigia o texto e opinava sobre o que tinha feito corretamente ou o que podia ser melhorado. Realizei um total de oito reportagens televisivas escritas. Por três vezes, consultei o editor de imagem para construir a reportagem televisiva, com a minha própria voz em *off*. Das oito reportagens (que podem ser lidas no anexo 3), duas são de Sociedade, uma de Política, uma de Desporto, uma de Cultura e três para o programa Portugal em Direto.

A primeira reportagem que acompanhei foi sobre os preparativos que estavam a ser feitos para o Carnaval de Torres Vedras de 2016. Antes de sair em reportagem (nesta e nas demais vezes) pesquisava informação sobre o tema – em *takes* da Lusa, em jornais e na internet - e imprimia o mais importante para me inteirar do assunto e também me preparar para escolher o ângulo que queria para depois escrever o texto. De salientar que este tempo é sempre muito curto, o que dificulta uma investigação e conhecimento suficientemente aprofundado sobre os temas. Como referem Oliva e Sitjà, «a principal característica da televisão é a imediatez, que choca, porém, com a necessidade de dispor de um tempo determinado para completar a informação televisiva» (1992: 25).

Já a caminho do local, perguntava sempre aos jornalistas qual o ângulo que iam privilegiar e tirava algumas dúvidas que surgissem em relação ao tema e ao trabalho de jornalista. Já no terreno verifiquei que este é um trabalho de equipa entre o jornalista e o

repórter de imagem. O jornalista indica qual o ângulo que pretende abordar para facilitar o trabalho do repórter de imagem. Constatei ainda que, por vezes, o jornalista refere planos concretos que gostaria que fossem filmados, porque já tem mais ou menos a peça planeada, de modo a obter uma melhor ilustração do que vai ser dito ou daquilo que considera importante relatar.

Ao mostrar a reportagem escrita à mentora recebi conselhos muito importantes: devemos humanizar e personalizar a peça para conseguir mostrar que o jornalista esteve lá e que está a dar a versão do acontecimento/história. No momento da visualização das imagens para escolher as filmagens que queremos utilizar, deve-se colocar o código do tempo (começo e fim) das *bocas* para se saber a duração e para que na altura de montar a peça seja mais fácil encontrar o excerto a introduzir. O ideal é que o jornalista (e nós) corte logo as *bocas* e monte no programa de edição de imagem (*Quantel*) para depois o editor de imagem as passar diretamente para a peça.

A segunda reportagem que acompanhei serviu para denunciar o avançado estado de degradação do Paço Real de Caxias. Neste caso tivemos de respeitar a decisão de uma fonte (o porta-voz do Exército) não querer gravar as suas declarações, no entanto, deu-nos informações em *off* que poderíamos utilizar na reportagem. Neste sentido, a jornalista gravou um *vivo* a reportar as informações dadas à RTP, nomeando o Ministério da Defesa Nacional. Tivemos ainda de lidar com a questão de as fontes quererem que as coisas sejam ditas (pelo jornalista) como lhes parece melhor. Neste caso é importante fazer entender as fontes de qual é o trabalho do jornalista e que este não pode estar à mercê dos seus informadores, escrevendo apenas aquilo que considera importante e não aquilo que os outros querem que seja dito. Para além destes constrangimentos, na sua atividade quotidiana, os jornalistas são confrontados, com outros dois tipos de imperativos: «um que provém dos objetivos comerciais que comandam os destinos da empresa, outro enraizado nos objetivos informativos que dão corpo aos princípios e inspiram a atividade da profissão» (Correia, 1997: 263). Tendo em conta a sua teoria, o grau de autonomia dos jornalistas «está, em boa parte, relacionado com a sua maior ou menor identificação (por convicção, por conveniência, por comodismo, por sobrevivência...) com as orientações superiores e com os valores-notícia e os critérios jornalísticos dominantes» (Correia, 1997: 261). Correia é bastante claro na sua visão sobre a autonomia jornalística tendo em conta o contexto empresarial em que o profissional se integra e que não podia ser mais atual:

O jornalista exerce a profissão no contexto de uma empresa da qual é o funcionário e a cujos objetivos comerciais está, necessariamente, subordinado. Integra-se numa *dinâmica empresarial*, levada ao extremo no atual clima de concorrência deixada à exclusiva regulação de um mercado dominado pelos mais fortes, dinâmica essa que entra em choque com uma *dinâmica jornalística* que procura encarar a informação não como um mero negócio de compra e venda, mas como um bem social e um serviço que se prestam à comunidade (Correia, 1997: 262).

No momento da correção da peça sobre a reportagem que fez lançar esta questão, a tutora disse-me que tinha de reduzir o tempo das *bocas*, porque senão tornavam-se aborrecidas e também porque as peças televisivas têm de ser curtas.

É importante referir que a peça deve ser escrita de acordo com as imagens que foram gravadas durante a ida ao local do acontecimento. Por isso, antes de se escrever a peça devem-se visionar todas as imagens. Não convém escrever sobre algo que não se pode mostrar porque isso obrigaria a usar outras imagens que pudessem confundir o telespetador. Por norma, aprendi que escrevemos sobre aquilo que vamos mostrar, para que a imagem ilustre o que é dito em *off*. A reportagem televisiva deve resultar numa narrativa que articula imagem e áudio. Contudo, por vezes acontece que se pretende dar uma notícia para a qual não há imagens, porque não se saiu em reportagem por falta de tempo ou meios para isso, ou porque a notícia em si requer rapidez na execução para que seja noticiada o mais brevemente possível. Nesse sentido, os jornalistas são obrigados a recorrer a imagens de arquivo - por vezes às mesmas, constantemente, para retratar o mesmo assunto -, que podem ter pouco a ver com aquilo que está a ser noticiado e que é atual, podendo «prejudicar e desvirtuar seriamente o conteúdo e o sentido da informação» (Correia, 1997: 150). Esta soberania da imagem sobre o texto leva recorrentemente a que este fique refém daquela. O texto, sendo necessariamente informativo, deveria ser uma legenda construtiva da imagem. Isto é o que realmente não acontece no jornalismo televisivo atual.

O primeiro direto que acompanhei falava da prevenção que a PSP estava a fazer em relação ao Carnaval. Como aludia a esta época festiva, optou-se por fazer o direto frente ao monumento ao Carnaval em Torres Vedras. Depois, a jornalista gravou ainda um falso direto (para o programa Portugal em Direto), basicamente igual ao direto, com as mesmas questões. Na preparação, a jornalista combinou com o entrevistado sobre aquilo que iam falar, acordando algumas perguntas. Esta forma de combinar questões é uma opção precavida que alguns jornalistas tomam, outros preferem - ou não têm outra

opção - fazer tudo de improviso, ficando um direto mais espontâneo, que pode também resultar em respostas de sim/não (indesejadas).

A segunda vez que saí para acompanhar diretos foi bastante atribulada isto porque os noticiários da RTP estiveram em atualização permanente a partir do Carnaval de Torres Vedras. No total foram realizados sete diretos – para a RTP1 e RTP3 -, seis foram combinados com antecedência e bem planeados, o último foi de imprevisto. Ao terminar o sexto direto, o repórter de imagem recebe informação de que têm de entrar em direto novamente para a RTP3. Não tinham nada planeado, já era tarde e as ruas já tinham menos pessoas. Contudo, foi exigido pelo coordenador do noticiário do canal, e o direto teve de ser feito de improviso e de forma espontânea. Muitos destes diretos foram meramente ilustrativos, porque não aportavam informações novas relevantes, apenas mostravam testemunhos dos foliões que estavam em festa. Era simplesmente continuar a mostrar o Carnaval, no lugar dos acontecimentos. Daniel J. Boorstin em *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America* apresenta uma visão crítica acerca dos acontecimentos organizados pelos construtores de notícias modernos. Nas palavras do autor, as notícias que eles fazem acontecer e os eventos que criam não são, de certa forma, completamente autênticos (Boorstin, 1992: 11). Denomina assim, este género de eventos como «pseudo-acontecimentos». Para o autor, um «pseudo-acontecimento» é uma ocorrência que possui as seguintes características: 1) Não é espontâneo, mas acontece porque alguém o planeou, o originou ou o incitou. Por norma não é um descarrilamento de comboio ou um terramoto, mas uma entrevista; 2) É principalmente originado (nem sempre de forma exclusiva) para o propósito imediato de ser reportado ou reproduzido. Portanto, a sua ocorrência é organizada para a conveniência do meio que a reporta ou reproduz; 3) A sua relação com a realidade subjacente da situação é ambígua; 4) Normalmente tem a intenção de ser uma profecia auto-realizável (Boorstin, 1992: 11-12).

Na base da decisão da transmissão dos diretos a partir do Carnaval de Torres Vedras, estiveram critérios como o da rentabilização de meios e a diversidade de conteúdos nos vários noticiários. Já que o jornalista e o repórter de imagem estavam no local para fazer diretos para determinado noticiário, os coordenadores dos noticiários das outras horas aproveitaram a oportunidade e também pediram direto.

Todos os diretos foram feitos por satélite. Esteve sempre presente uma carrinha de satélite para que não houvesse nenhuma falha, isto porque nestas alturas há maior

probabilidade da rede falhar nos meios mais usados em direto, como é o caso do *teradek* (sistema de direto que funciona através de *pens 4G* com cartões de dados). Ao usar o carro de exteriores, não pudemos sair das imediações para apanhar o sinal. Para as ocasiões em que o jornalista sabe que vai fazer vários diretos - tendo em conta o acompanhamento realizado - tirei algumas conclusões essenciais para a realização destes: Preparar-nos para lidar com o imprevisto; Gerir a possibilidade de termos de alargar ou apressar o tempo de direto; Saber lidar com as pessoas que não são entrevistadas, que se metem com o jornalista e se colocam à frente da câmara; Preparar o que se vai dizer no direto e aquilo que se vai perguntar; Organizar quem vamos entrevistar, evitando assim que se abordem pessoas que depois não querem falar; Se possível ter alguém da organização do evento para nos informar; Estar preparado para possíveis problemas técnicos que levem a atrasar o direto, tanto da parte dos profissionais que estão no local do direto bem como da régie (ou da coordenação do programa). Deparámo-nos aqui com escolhas formais e não tanto com uma preocupação com o conteúdo informativo dos diretos. Este é em grande medida secundarizado.

A 15 de fevereiro fui ao estádio da luz, com um jornalista de desporto, acompanhar a conferência de imprensa do Sport Lisboa e Benfica, por causa do jogo do dia seguinte com o FC Zenit São Petersburgo para a *Champions League*. No que diz respeito à preparação dos meios de direto (em todas as emissões de direto), é preciso preparar a câmara, o *Teradek* (dispositivo que permite a transmissão do direto) e o *N-1* do jornalista (chamada telefónica realizada pela régie para o telemóvel do jornalista que permite que o jornalista oiça, através do auricular, a emissão do noticiário, as perguntas do pivô bem como aquilo que o coordenador lhe possa dizer, menos a sua própria voz). Neste caso, a sala de conferência de imprensa já estava preparada para serem feitos diretos (foi construída assim de raiz). O trabalho dos jornalistas estava dependente da chegada dos envolvidos no direto, ou seja, dos elementos do Benfica. Este é um exemplo de que nem sempre é possível controlar o tempo de quando se entra “no ar”. A coordenação do programa tem de gerir bem esta questão. Durante este direto, o jornalista vai tentando pedir a palavra para colocar questões, e vai contextualizando o que está a ser pronunciado pelos elementos da equipa, com resumos do que é dito e ideias chave. Para se preparar, o jornalista anotou um conjunto de informações para dizer durante o tempo em que a tradutora estava a traduzir para russo.

Dois dias depois, a 17 de fevereiro, fui assistir a uma conferência de imprensa completamente diferente. Foi a conferência de Paulo Campos, que tinha sido demitido da Presidência do INEM. Nesse dia, percebi que por vezes o trabalho do jornalista não corre tão bem pela falta de atenção de outros colegas – que se esquecem de fazer a sua parte no trabalho - e também pela falta de material disponível para reportagem. Atrasámo-nos na saída da RTP porque os responsáveis não tinham conhecimento de que íamos fazer direto e não tínhamos meios para o realizar. Como não há *Teradeks* suficientes, decidiram que nos iam enviar por estafeta um *Teradek* (para o local da conferência), que foram buscar a outro local de reportagem. Quando chegámos ao local, deparámo-nos com o problema da sala ser muito pequena para uma conferência de imprensa. Tivemos de nos ajustar ao espaço que existia, e conforme os outros meios de comunicação iam chegando tivemos de nos adaptar para que coubessem todos. Neste caso, Paulo Campos preferiu começar por dar um *briefing* daquilo que ia falar e depois aceitava ser filmado. Esta decisão gerou problemas na realização do direto, que já estava definido para uma hora em concreto. Quando a jornalista avisou que já podia fazê-lo, o noticiário já era o seguinte e o coordenador (que era outro) já não quis. A *posteriori* foi feita uma reportagem sobre o assunto.

No dia seguinte, a 18 de fevereiro acompanhei o trigésimo aniversário do primeiro transplante de coração em Portugal, que aconteceu no Hospital de Santa Cruz em Carnaxide e onde o Ministro da Saúde esteve presente. Nesta saída, para otimizar recursos, foi também connosco uma jornalista da Antena 1. Aqui deparámo-nos novamente com problemas de organização. O espaço para a conferência era num sexto andar, pequeno e sem condições para a imprensa. Aprendi que temos de lidar com a falta de tempo e que devemos gerir muito bem quem queremos entrevistar e fazê-lo o mais brevemente possível, com o risco de não conseguirmos questionar quem queremos. Em relação ao feedback que a mentora Rita Ramos me deu, reforçou a ideia de que tenho que humanizar a peça, porque falei de um bebé e de um homem que estavam presentes, mas não disse os seus nomes e devo fazê-lo para tornar a peça mais humana e mais real. Quando usamos vídeo de arquivo (como foi o meu caso, que fui buscar uma *boca* do cirurgião no final do primeiro transplante há 30 anos) fica bem usar logo de seguida a *boca* da mesma pessoa no presente (se for o caso) para mostrar a diferença temporal. Gera um impacto e um efeito diferente e mais atrativo.

No mesmo dia fiz, uma reportagem sobre os Jogos Olímpicos da Juventude de Inverno, a partir de um *take* da *Reuters*. Depois fui editar a peça com o editor de imagem. Como as imagens que tínhamos eram imagens de agência, foi complicado fazer a gestão daquilo que tinha mesmo de dizer e aquilo que havia para mostrar – que era muito pouco e nada ilustrativo. Foi difícil haver concordância entre *off* e imagens, na maior parte do tempo tivemos de ilustrar com imagens gerais. Depois de a mentora ver o vídeo da peça, disse-me que eu tinha de evitar frases muito extensas, cortar frases que não diziam nada e não escrever palavras desnecessárias e ainda que tinha de evitar o pronome relativo “que”, porque o repetia muitas vezes. A escrita deve ser simples e direta.

No último dia de fevereiro, a 29, acompanhei a chegada de mais refugiados ao aeroporto de Lisboa. O objetivo era que a jornalista fizesse direto, mas não correu exatamente como planeado. À chegada, fomos informados pelo SEF que ninguém ia fazer declarações e que não podíamos fazer *zoom* na cara dos refugiados nem dos funcionários do SEF. Ao não haver declarações, condicionou e empobreceu o direto. Como a coordenação do noticiário queria mesmo um direto, a jornalista apenas referiu que eles já tinham aterrado, de quantos refugiados estavam à espera, etc. Depois, a jornalista disse-me que a coordenação só queria saber se algum refugiado tinha desistido.

No mesmo dia acompanhei a antestreia do filme «O Amor é Lindo... Porque Sim!», no Cinema São Jorge. Nesta noite, apercebi-me da tensão na tentativa de entrevistar os atores e ainda da falta de respeito de alguns colegas de outros meios de comunicação pela ordem de entrevista definida pelo assessor de imprensa. Aprendi que nestes eventos temos de estar atentos, ser rápidos e eficazes. Foi ainda clara a obsessão dos meios pelos membros do Governo, pois o Ministro da Cultura disse que estaria presente, mas depois de uma longa espera não apareceu e fomos embora. Os jornalistas aproveitam qualquer evento para fazer questões que querem ver respondidas pelos responsáveis governativos acerca das ações dos Ministérios (ainda que não estejam relacionadas com esse evento).

No Dia Internacional da Mulher acompanhei a inauguração da exposição «Aqui morreu uma mulher», onde estiveram presentes elementos do governo, entre eles, o Primeiro-Ministro, António Costa e a Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem. Foram-me dados conselhos de reportagem muito importantes: estar atenta e ouvir tudo o que se passa à nossa volta enquanto estamos em reportagem para apanhar pequenos

detalhes que podem ser importantes; quando estamos a visualizar os vídeos do que foi filmado devemos ouvir também o som e vozes ambiente porque pode ter coisas importantes e podemos utilizá-lo na peça; devemos ainda personalizar a reportagem, por exemplo, em vez de dizer no Chiado dizer no coração de Lisboa.

A 16 de março acompanhei uma saída para fazer uma reportagem sobre um estudo sobre a fecundidade. Uns dias depois, acompanhei a mesma jornalista numa saída às Festas de Constância. Foi feito um direto e recolhido material para reportagem para o programa Portugal em Direto. Depois de fazer a reportagem escrita fui também editar a peça por sugestão da mentora. É de referir, que com o passar do tempo, fui aprimorando as habilidades de escrita jornalística televisiva. A maior dificuldade sempre foi o tempo de execução da reportagem, porque demorava mais do que um dia a visualizar imagens e a escrever uma reportagem televisiva. A melhor construção frásica e as melhores ideias nem sempre surgiam de imediato, além disso, o meu perfeccionismo não me deixava entregar uma reportagem que não estivesse tão bem como eu sabia que podia fazer. Na urgência que o jornalismo televisivo exige, isso torna-se um entrave. A verdade é que apesar do tempo demorado, o produto final era elogiado.

Por três vezes acompanhei a edição de peças jornalísticas de outros colegas para perceber como ocorre o processo de sonorização e montagem das mesmas. Além disso, por duas vezes, ajudei também uma jornalista na pesquisa de informação para as suas reportagens, devido à urgência destas entrarem no noticiário o mais rapidamente possível. Na primeira vez, procurei dados sobre o número total de incêndios em Portugal, em 2015. No segundo momento, a ajuda foi mais complexa. A 22 de março aconteceu um duplo atentado em Bruxelas, um no aeroporto de Zaventem e o outro na estação de metro de Maelbeek. A editora de Sociedade queria uma reportagem com histórias de sobreviventes portugueses dos atentados. Neste sentido, ajudei a jornalista a procurá-los. Pesquisei na internet e nas redes sociais contactos de pessoas que vivessem em Bruxelas e donos de restaurantes e cafés portugueses da zona para os contactar e perceber se alguém conhecia algum sobrevivente luso. Como a hora da emissão do telejornal estava a aproximar-se a pressão foi muito grande para atingirmos este objetivo.

Pude constatar durante os meses de estágio que na última hora que antecede o Jornal da Tarde e o Telejornal existe uma enorme pressão e agitação na redação. Muitos jornalistas chegam de reportagem muito próximo da hora do início destes noticiários,

por isso é preciso rapidez na produção das reportagens. Além de terem de visualizar as imagens e escrever a peça (trabalho individual) têm ainda de montar a peça a tempo, e é aqui que os problemas começam. No corredor da zona de edição de imagem começam a juntar-se jornalistas nervosos pela urgência de ter a peça concluída. Começa um conflito por quem tem prioridade (quem tem a peça em primeiro lugar no alinhamento) na montagem da peça. Os editores de imagem só têm descanso quando todas as peças estão editadas, e a verdade é que há reportagens que só ficam concluídas a meio do noticiário.

3.5. PRODUÇÃO DE NOTICIÁRIOS NA RÉGIE E INVESTIGAÇÃO

Acompanhar jornalistas ao local do acontecimento não era suficiente para eu entender e analisar a emissão de diretos. Tendo oportunidade para tal, achei fulcral assistir à realização de diretos do ponto de vista da régie, tendo em conta o trabalho do coordenador de noticiário ou programa, do pivô, do realizador, do operador de som, do insersor de caracteres, e todos os outros profissionais.

A 16 de fevereiro, assisti pela primeira vez à realização de diretos, para o programa Portugal em Direto na régie. O programa é transmitido das 18 às 19 horas na RTP1 e é coordenado pelo jornalista Fernando Miravent. Os dois diretos emitidos no programa foram sobre: o caso da mãe que levou as crianças para a praia de Caxias para se suicidar, a criança de 19 meses faleceu e a de 4 anos continuava desaparecida; e o mau tempo no Mondego, realizado no Comando Operacional da Proteção Civil, em Coimbra. Deve preparar-se um direto com o mínimo de antecedência de cinco minutos, por vezes mais, dependendo dos meios de direto utilizados. Quer isto dizer que, pelo menos cinco minutos antes da hora do direto entrar no ar, a câmara já deve estar a emitir em direto (o coordenador vê através de um monitor à parte o que está a acontecer no local), o *N-I* já deve estar conectado e o jornalista já deve estar frente à câmara à espera de ouvir que vai entrar no ar. No caso deste programa, os dois diretos já estavam preparados desde antes do programa começar.

Na régie, os profissionais têm a informação do tempo que falta para as peças terminarem, assim, o coordenador avisa o jornalista de quanto tempo falta para entrar em direto, para o jornalista estar pronto. O coordenador vai fornecendo várias indicações de tempo, até aos dez segundos e depois o jornalista tem de ouvir o pivô que

lhe passa a palavra. O coordenador dá ainda a indicação de quanto tempo o jornalista tem para o fazer. Se tem tempo limitado, o coordenador do programa avisa-o de quanto tempo tem para acabar o direto ou avisa-o de que tem de acabar rapidamente ou no momento. Por vezes, o jornalista tem o tempo que quiser para fazer o direto, mas o mais comum é ter o tempo limitado. Nos noticiários o tempo é contado ao segundo e todo o tempo é precioso. No caso deste dia, a jornalista do segundo direto tinha quatro minutos para o fazer, mas nem sequer chegou aos três minutos. Ao questionar o coordenador sobre qual o critério para fazer diretos no programa, este respondeu que os diretos são muito vistos e normalmente têm mais audiência. O coordenador afirmou ainda que «os diretos são mais vivos, mais interessantes e são privilegiados», ou seja, se houver hipótese de se fazer um direto sobre determinado acontecimento (tendo em conta os meios disponíveis e o tema em particular), é preferível ao invés de se fazer reportagem.

Nessa noite, assisti ainda à produção do Telejornal a partir da régie. O jornal foi emitido das 19h às 19h30 porque logo de seguida iria ser transmitido pela RTP1 o jogo do Benfica-Zenit. A coordenação ficou a cargo da jornalista Adília Godinho. O ambiente nesta régie foi completamente distinto do programa que assisti anteriormente. Os profissionais que integram a régie estavam muito agitados e apressados, o pouco tempo de jornal e a contagem ao segundo dos tempos disponíveis eram stressantes. O único direto foi longo e passou por dois jornalistas que deram pontos de vista distintos: um no relvado do Estádio da Luz (com o jornalista sozinho) e o outro fora do estúdio com o jornalista a entrevistar adeptos. Estes diretos têm de ser bem coordenados porque envolvem mais meios e mais jornalistas. A passagem de pivô para jornalista e de jornalista para jornalista, do ponto de vista da régie ocorre muito depressa. Na régie, o realizador vai “pintando”³⁶ o jornalista que está em direto, ao colocar no ar imagens das outras câmaras e alternando para que não seja aborrecido, mas sim dinâmico.

A 25 de fevereiro acompanhei o jornal das 14h da RTP3 na régie. A coordenadora Isabel Magalhães foi muito esclarecedora em relação a algumas dúvidas que lhe coloquei sobre a emissão de diretos. A jornalista referiu que fazer direto ou não é uma decisão editorial, sendo o editor o responsável pela marcação dos mesmos. Já a parte técnica do direto é realizada pela produção. Contudo, a última decisão de pôr ou não o

³⁶ A expressão “pintar” diz respeito ao uso de imagens de outras câmaras (em direto), ou previamente gravadas (em diferido) para ilustrar o que o jornalista está a dizer ou para que não se veja apenas o jornalista durante todo o tempo em que este fala, pois pode desviar atenção do espetador por causa da monotonia.

direto no ar é sempre do coordenador. Além disso, muitas vezes é o jornalista no terreno que dá indicação de que é preciso fazer o direto devido à importância da situação em concreto. Isabel Magalhães referiu ainda que hoje em dia é mais simples e leve fazer direto devido à evolução tecnológica e porque agora os meios utilizados são mais fáceis de transportar. Os diretos que recorrem a carros de satélite são mais caros e os diretos realizados no estrangeiro ainda mais. Em certos locais, como é o caso da Assembleia da República, o repórter de imagem usa a fibra que está colocada no edifício permanentemente. Questionada acerca da constante repetição de diretos nos vários noticiários da RTP3, que nada têm a acrescentar em relação ao direto anterior, a coordenadora referiu que os jornalistas vão fazendo diretos mesmo que não haja novidades, para irem pontuando a informação. Isto porque, a coordenação parte do princípio de que o público não sabe o que é novo porque não está a ver os noticiários de hora a hora.

No dia seguinte e a 7 de março voltei a acompanhar a emissão do Portugal em Direto na régie e no estúdio. Aprendi que quando se faz um falso direto, este tem de ter pelo menos mais quatro segundos no princípio e no final, no qual o jornalista não fale e finja que ouve o que o pivô diz, isto para dar a ilusão de que é um direto e o pivô não correr o risco de falar ao mesmo tempo que o jornalista.

O último dia em que assisti a diretos em noticiários a partir da régie (noticiários das 16h e 17h da RTP3) foi a 11 de março, um dos dias das cerimónias de tomada de posse de Marcelo Rebelo de Sousa, que coincidiu com o dia da megamanifestação de suinicultores. A coordenadora Isabel Magalhães teve de fazer a gestão de dois eventos importantes, a acontecer em simultâneo, e a serem transmitidos em direto no mesmo espaço informativo. Foi importante ir atualizando a informação dos dois lados e não perder o mais importante de cada um. Quando se queria mostrar apenas um local, os próprios jornalistas do evento – porque cada acontecimento tinha mais do que um jornalista com um ponto de vista diferente - passavam o direto para outro colega e assim sucessivamente, aquilo que a coordenadora chamou de «fazer ping pong». Além disso, durante o noticiário, a emissão estava constantemente a passar do Porto – cerimónia de Marcelo Rebelo de Sousa - para Lisboa, para a manifestação dos suinicultores. Para que esta passagem fosse possível, o jornalista que estava a falar em direto passava a emissão para o pivô, para este depois fazer a transição de uma cidade/acontecimento para a outra/outro. Muitas vezes eram feitos pontos de situação do acontecimento, mesmo que

não houvesse nada de novo para dizer, isto porque ambos noticiários foram preenchidos apenas com diretos destes dois acontecimentos.

Fora da régie, na redação, ao ter uma televisão na secretária, estava sempre atenta aos diretos que iam sendo transmitidos. Repetidos de hora a hora, alguns diretos sobre o mesmo acontecimento apenas aportavam pequenas atualizações, outros não acrescentavam nada de novo e apenas repetiam a informação do direto anterior. Foi-me dito por uma jornalista que esta é uma forma de mostrar ao público se há ou não novidades e de lhes dar a entender que o canal está atualizado.

O tempo passado na RTP foi de grande utilidade para a investigação que estava a realizar sobre os diretos: pesquisei informação sobre a audiência; procurei bibliografia e recorri ao centro de documentação para pedir emprestados livros sobre o tema; construí e preenchi a grelha de análise aos diretos do Jornal da Tarde (da qual falarei no próximo capítulo); discuti a investigação com outros jornalistas que me deram ajudas e esclarecimentos importantes; e realizei ainda, em Lisboa, três entrevistas para a investigação – entrevistei a jornalista e coordenadora Natália Oliveira (sobre a redação), a Rita Ramos, jornalista e editora de Sociedade e ainda a jornalista Rita Marrafa de Carvalho.

3.6. OBSERVAÇÃO AO JORNAL DA TARDE NA RTP PORTO: 18 A 24 DE ABRIL

Como já referido anteriormente, era fundamental analisar o contexto de produção do Jornal da Tarde no Porto. Nesse sentido, estabeleceu-se o período de uma semana – de 18 a 24 de abril -, para me deslocar àquela cidade para realizar a observação direta à produção do Jornal da Tarde, no Centro de Produção Norte, em Vila Nova de Gaia. O enfoque foi a realização de diretos para este noticiário, tendo em conta as decisões editoriais na escolha de que acontecimentos transmitir em direto e porquê. Durante esta experiência acompanhei a Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde em todas as tarefas inerentes à produção deste noticiário. Quando estava em causa a emissão de diretos esclareci todas as dúvidas relativas às razões editoriais para a execução dos mesmos. A jornalista e coordenadora ajudou-me ainda a perceber outras opções tomadas na altura da produção do Jornal da Tarde.

No caso da produção do Jornal da Tarde, que é realizado no Porto, não é feita nenhuma reunião diária, o jornal é feito «boca-à-boca». O alinhamento e as novas notícias vão surgindo gradualmente. Quinze minutos antes das 13 horas – hora do Jornal da Tarde – a coordenadora vai para a régie ultimar os preparativos para o noticiário e tomar decisões acerca de alguns diretos. O alinhamento nunca está completamente fechado, as alterações e preocupações só terminam no fim do noticiário.

Questionei a razão da diferença da posição em estúdio que o pivô adota ao apresentar os noticiários, sendo que, pude verificar que estas são estudadas criteriosamente com a máxima antecedência possível. Neste sentido, a coordenadora prepara com o realizador os efeitos gráficos que vão ser utilizados durante o noticiário. No momento da apresentação das notícias, são apresentadas de pé, pelo pivô, aquelas que têm mais importância e também porque nessa posição dá para colocar um bloco de imagens ao lado do pivô, tornando a notícia mais apelativa para quem vê o Jornal da Tarde. Foi-me ainda dito que, se um acontecimento se der durante o Jornal da Tarde é seguro que se faz direto. No entanto, pude verificar que isso nem sempre ocorre porque certos acontecimentos não comportam suficientes valores-notícia para serem transmitidos em direto. No caso das manifestações na hora do jornal, o coordenador manda sempre um jornalista para fazer direto no local, no entanto, se a manifestação for fraca (em termos de afluência), o direto não se justifica e o jornalista faz reportagem sobre o evento.

No dia 18 de abril, o único direto transmitido foi feito no Tribunal de Cascais, sobre o julgamento do casal suspeito de ter mantido os filhos em cativeiro durante vários anos, na cave da sua casa na Amoreira. A coordenadora deu indicação à jornalista que tinha de fazer um resumo do que se tinha passado até ao momento. O direto foi antecedido por um *off*³⁷. O julgamento ainda não tinha terminado, por isso não havia nada de novo para acrescentar. Para este dia estava também planeado um direto para as cerimónias do Dia do Combatente, mas segundo o que a coordenadora referiu neste dia, como naquele momento em que iam entrar em direto «não havia nada interessante para mostrar», não se fez transmissão, porque não se justificava. Sempre que há intenção de fazer direto a coordenadora abre uma linha para o direto no alinhamento e sempre que este não se realiza passa para baixo da linha negra – reportagens e diretos que não foram

³⁷ *Off* - pequena peça jornalística na qual apenas se ouve a voz do jornalista em *off*, que resume o acontecimento. Estas pequenas peças são feitas quando há urgência em dar a notícia e não há tempo para fazer uma reportagem.

transmitidos. A coordenadora tinha ainda pensado outro direto sobre uma ação de sensibilização que os produtores de leite estavam a fazer junto dos consumidores na Praça da Ribeira, no Porto, mas não se realizou porque eram «apenas 16 pessoas» e não se justificava. Neste sentido foi apenas feito um *off* e selecionada uma *boca* de um dos produtores.

No segundo dia de observação, realizaram um direto e transmitiram dois falsos diretos. O direto foi sobre a Comissão de Inquérito ao Banif que ainda estava a decorrer. Não havia nada de novo, por isso foi feito o ponto de situação. O primeiro falso direto foi em Vilar Formoso, numa gasolinera, por causa de o gasóleo profissional poder ficar mais barato. Optou-se pela realização de um falso direto por falta de tempo e porque só havia um repórter de imagem disponível, que tinha de ir fazer outras reportagens em outros locais. O segundo foi sobre as eleições primárias para a presidência dos Estados Unidos da América. Do estrangeiro, regra geral, tende a optar-se pelo falso direto por causa da questão das diferenças horárias e porque fica muito menos dispendioso, porque é só enviar para a RTP como qualquer outra reportagem e não requer meios de direto que fora de Portugal são caros. Estava ainda pensado um direto sobre uma manifestação de suinicultores, marcada para as 14 horas, mas na altura do direto a manifestação ainda não tinha um «número significativo» de apoiantes ou «movimentações» que merecessem ser mostradas, porque ainda se estavam a começar a concentrar no local, por isso não se fez. Na execução do noticiário, é de destacar a preciosa gestão de tempo que tem de ser feita para sair para intervalo na hora pedida pela continuidade³⁸, bem como para o fecho do noticiário. Os minutos e segundos são muito importantes porque o bloco publicitário já está pré-definido e não pode ser alterado, por isso a equipa da Continuidade está sempre em contacto com a coordenadora para que tudo ocorra como esperado. Contudo, apesar da movimentação da ordem de peças ou exclusão de outras, nem sempre é fácil cumprir com os tempos.

No dia 20 estava planeado um direto sobre o Presidente da República que se encontrava de visita à base naval do Alfeite. A jornalista do local passou a informação à coordenadora de que Marcelo Rebelo de Sousa só ia falar no fim da visita e por isso, tendo em conta que este direto estava planeado para uma determinada hora e não podia ser alterado devido ao enquadramento noticioso, a jornalista ia fazer um direto «com o que houvesse para dizer». Devido à imprevisibilidade que caracteriza o novo Presidente,

³⁸ Centro de operações que recebe todos os sinais das emissões dos vários canais da RTP e depois os envia para as casas dos portugueses e para o estrangeiro.

este falou quinze minutos antes do início do Jornal da Tarde e o direto não se realizou por essa razão. Estava também previsto um falso direto sobre as eleições primárias para a presidência dos Estados Unidos da América que não foi transmitido porque não chegou a tempo. Foi realizado apenas um direto sobre a Flèche Wallone, a prova de ciclismo belga.

No quarto dia, antes da hora do noticiário, acompanhei uma jornalista em reportagem à Livraria Lello, que estava em obras. A fachada encontrava-se coberta por uma tela branca que estava a ser pintada ao vivo por *grafitters* conceituados. O jornal desse dia não começou da melhor maneira. Provavelmente passou despercebido para muitos telespetadores, mas a verdade é que houve uma falha no início do noticiário, porque a peça de abertura não estava pronta a tempo, por uma questão de segundos. Como a coordenadora pensava que a reportagem ia estar pronta não fez nenhuma alteração e, como não estava, a peça que foi para o ar foi a segunda, com a introdução da primeira. Esta era relacionada com a primeira, por isso, no fim da peça, o apresentador fez uma contextualização ao que já tinha sido mostrado e introduziu novamente a primeira peça. Para «contextualizar» as peças anteriores, foi realizado um direto desde a Assembleia da República, porque o Conselho de Ministros preparava-se para aprovar o Plano Nacional de Reformas. A jornalista no local estava à espera que o plano fosse apresentado à comunicação social. Na altura do direto, disse o que sabia até ao momento. No local não se encontrava ninguém, nem ocorria nada naquele momento, porque o Conselho estava reunido num local de acesso proibido a jornalistas. Durante o noticiário, os meios de direto estiveram a postos caso a reunião terminasse para obterem declarações imediatas. O segundo direto aconteceu a partir do Tribunal de Alcobaça onde estavam naquele momento a ser ouvidos os suinicultores detidos numa manifestação. Antes do direto, a coordenadora falou através do N-1 com a jornalista para perceber o que havia para dizer e deu-lhe indicações sobre o que devia dizer e em quanto tempo. A jornalista fez o direto a partir do exterior do tribunal.

No dia seguinte, estavam preparados três diretos, mas dois deles acabaram por não acontecer. O direto a partir de Chaves era sobre as buscas ao homem que tinha caído ao rio Tâmega. O jornalista estava no local, com os meios de direto ligados, e na régie estávamos a ver o que estava a acontecer, no entanto, a coordenadora optou por não fazer o direto porque foi na altura em que o corpo tinha sido encontrado e estava a ser retirado do rio. Segundo a coordenadora, «tendo em conta a linha editorial» da RTP e

por questões éticas, não fazia sentido mostrar o corpo a ser extraído da água, porque esta era informação que podia ser dada em *off* sem ferir suscetibilidades e sem cair no sensacionalismo. Ao tomar esta decisão, a coordenadora cumpriu as normas e os procedimentos éticos referidos no Código Deontológico do Jornalista, nomeadamente a alínea 2 «O jornalista deve combater a censura e o sensacionalismo (...)» e a 8 «O jornalista deve respeitar a privacidade dos cidadãos (...). O jornalista obriga-se, antes de recolher declarações e imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas».

No pequeno ecrã ao lado do computador da coordenadora podíamos também ver em direto o que estava a acontecer na Feira Ovibeja, onde se encontrava o Primeiro-ministro, António Costa. A coordenadora optou por avisar o jornalista de que não valia a pena continuar à espera que algo acontecesse porque sabiam que António Costa não ia falar, por isso, como ela referiu, «não valia a pena fazer direto para encher chouriços». O único direto que se realizou foi no Centro Humanitário de Évora da Cruz Vermelha, onde Marcelo Rebelo de Sousa almoçou com refugiados. No local, a jornalista falou com o assessor do Presidente da República sobre aquilo que este ia dizer. O assessor informou a jornalista que quando fosse para ela parar de fazer perguntas que lhe «arregalava os olhos», ou seja, uma tentativa de controlar o trabalho da jornalista, impondo-lhe tempo. Nestes diretos, nos quais a coordenadora está dependente da altura em que o Presidente vai falar para entrar em direto, é muito difícil fazer a gestão da emissão, tendo em conta que outras peças continuam a passar no noticiário e não se pode (ou deve) parar a meio. No pequeno ecrã, a coordenadora pôde ver que o Presidente tinha começado o discurso e quando a reportagem que estava no ar estava quase a acabar avisou a jornalista de que iam entrar em direto imediatamente. Como a jornalista já estava com o microfone frente ao Presidente há algum tempo porque este já estava a falar, não fez contextualização inicial e a sua função era tentar fazer questões para que ele dissesse novamente aquilo que tinha dito antes de a RTP entrar em direto. Quando Marcelo Rebelo de Sousa terminou, a jornalista fez um resumo do que foi dito, introduziu outras pequenas informações e terminou o direto.

No penúltimo dia de observação, a 23 de abril, realizou-se apenas um direto sobre os Dias da Música, que estava a ocorrer no CCB (Centro Cultural de Belém). A jornalista fez direto com o elemento de uma das bandas que iam atuar no festival. Este foi realizado à porta de uma das salas porque a jornalista não tinha autorização para o

fazer no interior. A justificação para a realização deste direto foi que durante a manhã não tinha acontecido nada, por isso não havia material para peça, assim fez-se direto para desta forma dar a conhecer o evento. Neste dia continuava a visita de Marcelo Rebelo de Sousa ao Alentejo e por isso estava planeado outro direto que acabou não por se realizar, por causa de falha de rede do *Teradek*. Para colmatar este problema, a jornalista fez um falso direto que foi enviado para a RTP por satélite, contudo, este não entrou no Jornal da Tarde porque não chegou a tempo.

No domingo dia 24, último dia de observação, estavam previstos dois diretos, mas apenas se concretizou um, sobre a Flèche Wallone, a prova de ciclismo realizada na Bélgica. À semelhança do direto de dia 20, a RTP estava a receber o sinal com as imagens da prova através da *Eurovisão* e dois jornalistas comentavam o que estava a acontecer, ou seja, os jornalistas não estavam no local do acontecimento, mas sim na régie (neste caso em Lisboa porque estava também a ser transmitida para a RTP2 em direto). O meio de direto (*Teradek*) estava também acionado para o discurso de António Guterres que estava presente no encontro da Esquerda Europeia, no Porto. No entanto, como ainda ia demorar algum tempo a discursar, não foi feito direto. Importante referir que quando o coordenador considera que determinada reportagem ou direto é importante vai adiando a sua exibição no alinhamento do Jornal da Tarde até que esteja pronto(a). Todavia, como se pôde verificar, se uma reportagem não for relevante ou se um direto não fizer sentido – tendo em conta os critérios da coordenadora – estes não são emitidos no noticiário. No caso das reportagens, estas podem passar para o mesmo noticiário do dia seguinte ou ser permitido que sejam exibidas em outro noticiário da estação, dependendo da importância destes e dos critérios de cada noticiário.

Durante esta semana de observação foram realizadas duas entrevistas relacionadas com a investigação. Uma à jornalista e coordenadora Susana Santos e outra ao Pivô e Editor Chefe da redação da RTP do Porto, Hélder Silva.

A “bagagem” teórica e prática que trouxe da universidade foi muito importante em todo este processo. Nas aulas, os professores proporcionam a base teórica que nos permite analisar e ganhar distância crítica perante o trabalho/atividade que estamos a realizar. Os exercícios académicos foram fundamentais porque me fizeram lidar com prazos de entrega e ensinam-me a gerir o tempo. Mais do que isso, relevo a importância dos resultados desses projetos e as críticas que recebi sobre a minha prestação. Desde cedo fui habituada a ter que lidar com a pressão, com a crítica e a aprender com os

erros. O mestrado é um passaporte para o futuro, que nos ajuda a progredir e crescer como cidadãos e profissionais, aumentando a nossa carga intelectual. O estágio curricular é então o completar de informação e de prática que nos enriquece e nos deixa mais preparados para começar efetivamente a trabalhar como jornalistas televisivos. Isto porque, para que vejamos as notícias na televisão tal e como estas são transmitidas, é realizado um vasto processo de produção informativa no qual estão envolvidos vários profissionais de diferentes áreas.

CAPÍTULO 4. O VALOR DO DIRETO: ESTUDO EMPÍRICO DO JORNAL DA TARDE DA RTP

Dos capítulos anteriores podemos retirar alguns aspetos importantes referentes à RTP e ao papel dos diretos na estação televisiva. A RTP, enquanto operador de serviço público de rádio e televisão de Portugal, tem a obrigação de chegar a um vasto e heterogéneo público e deve contribuir para o desenvolvimento social, cultural e económico do país. Por isso, ao longo dos 59 anos da sua existência, tem apostado na diversificação de canais generalistas e temáticos. Nem todas estas iniciativas tiveram sucesso, e alguns canais e programas foram reformulados várias vezes até ao produto final que podemos ver hoje nos aparelhos e dispositivos de nossas casas. Pelo que nos mostra a história da RTP, até mesmo pela constante mudança de designação da empresa e recorrentes novos contratos de concessão de serviço público, este é um processo contínuo que não terminará aqui.

Em televisão, o direto é o meio mais imediato para informar sobre um acontecimento. O jornalismo televisivo tem a vantagem de poder oferecer informação audiovisual, tendo o direto, neste sentido, um papel crucial, porque mostra a história em desenvolvimento, permitindo aos telespetadores assistirem ao acontecimento em tempo real. Enquanto profissional, o papel do jornalista na transmissão em direto e através das reportagens, é o de construtor social da realidade. Tem assim, uma responsabilidade acrescida na interpretação dos acontecimentos ao transformá-los em informação. Sem esquecer que, como já referimos, as notícias que vemos nos noticiários são o resultado de um processo de *gatekeeping* e *newsmaking* por parte dos profissionais da estação pública de televisão, que decidem aquilo que deve ou não ser noticiado, tendo em conta

os valores-notícia que a Direção de Informação da Televisão da RTP dá relevância na escolha da linha editorial que orienta os espaços informativos.

Em novembro de 1957, chegou a Portugal o primeiro carro de exteriores, naquela época o único meio de diretos ao dispor dos profissionais. A 19 de novembro foi realizado um ensaio de exterior, em direto, sobre um treino noturno da equipa de futebol do Sporting, junto ao estádio José de Alvalade. Assim, ocorria o primeiro direto televisivo em Portugal. No mesmo local, a 9 de fevereiro de 1958, fez-se a primeira reportagem em direto do exterior difundida pela RTP. Os diretos por satélite são utilizados após o departamento da Eurovisão (da estação televisiva) marcar espaço de satélite com a *Eurovisão*³⁹ (operada pela EBU⁴⁰), possuidora de uma rede de transmissão por satélite e equipamento de receção⁴¹. A RTP aluga anualmente um satélite com 9 MHz de largura de banda à *Eurovisão*, mas se toda a banda estiver a ser utilizada, é preciso pagar por mais espaço de satélite alternativo. Com a evolução tecnológica, os carros de exteriores- ou carros de satélite como também são denominados – deixaram de ser os únicos meios de direto disponíveis. Atualmente, existe também a possibilidade de se fazerem diretos por fibra, normalmente fixa em locais de diretos constantes, como é o caso da Assembleia da República, ou com custo extra em locais onde seja necessário para uso pontual ou apenas para determinado acontecimento. Além desta opção, outra muito utilizada é o direto por *teradek*. O *teradek* (nome associado à empresa que o produz) é um dispositivo eletrónico que se acopla à câmara de filmar e que agrega seis *pens* 4G de vários operadores, utilizando a transmissão por dados móveis. O sinal tem menos qualidade e está sujeito a falhas, dependendo do estado da meteorologia, da quantidade de utilizadores que acede à internet móvel naquele local e à própria rede que se consegue captar em determinado sítio. Outra hipótese, menos frequente, de emissão de diretos nos noticiários é o uso de sinal de emissão cedido (com ou sem custos associados) e enviado por outras televisões ou organizações para a central de *AGS* da RTP e que é transmitido em simultâneo no canal – usado normalmente em casos de sinal de direto enviado a partir do estrangeiro.

³⁹ «A *Eurovisão* é o principal distribuidor da indústria de média e produtor de alta qualidade de desporto e notícias ao vivo, bem como entretenimento, cultura e conteúdos de música». Informação disponível no site da Eurovisão: <https://www.eurovision.net/about/ebu.php>.

⁴⁰ «A *EBU* é a aliança de organizações de média de serviço público mais importante do mundo, com membros em 56 países na Europa e além. A missão da EBU é defender os interesses do serviço público de média e promover o seu indispensável contributo para a sociedade moderna». Informação disponível no site da Eurovisão: <https://www.eurovision.net/about/ebu.php>.

⁴¹ A EBU aluga em permanência, um ou mais transponders nos satélites para fazer as transmissões e poder depois alugar às organizações de serviço público.

De forma a realizar a investigação proposta, de forma profunda, acompanhei diretos ao local dos acontecimentos, a prévia preparação dos mesmos, a transmissão de diretos através dos carros de satélite e assisti à produção de diretos através da régie. Aproveitei ainda para tirar máximo proveito da experiência dos profissionais envolvidos na realização dos diretos, aos quais realizei entrevistas. Neste sentido, a experiência na redação da RTP e fora desta, em reportagem, foi fundamental em termos de observação das rotinas produtivas da estação, relativamente aos diretos e às reportagens.

4.1. ESTUDO EMPÍRICO

Optou-se por realizar esta investigação na RTP enquanto estação de serviço público de televisão pela implicação da obrigação de responsabilidade social⁴² que esta empresa tem perante os portugueses. De acordo com o ponto primeiro da cláusula 4º Princípios de Atuação, presente no último Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e Televisão celebrado a 6 de março de 2015:

A concessionário garante, nos termos do n.º2 do artigo 50.º da Lei da Televisão, e do n.º2 do artigo 48.º da Lei da Rádio, que a prestação do serviço público ocorre na estrita observância dos princípios da universalidade e da coesão nacional, da diversificação, da qualidade, da diferenciação e da indivisibilidade da programação, do pluralismo e do rigor, da isenção e da independência da informação, bem como do princípio da inovação.

A alínea e) da cláusula 5º reforça ainda, como um dos objetivos do serviço público, «produzir uma informação independente, rigorosa, pluralista e aprofundada que constitua uma referência de credibilidade e confiança para os diferentes públicos». A concessionária tem ainda, como uma das obrigações específicas, «proporcionar uma informação isenta, rigorosa, contextualizada, plural e aberta ao contraditório que garanta a cobertura noticiosa dos principais acontecimentos nacionais e internacionais» [alínea c) do ponto segundo da cláusula 6º].

Foi ainda escolhido o canal RTP1 por ser um canal generalista de sinal aberto e porque tem mais audiência do que os restantes canais da estação. Em relação à escolha do noticiário que seria analisado, optou-se pelo Jornal da Tarde, devido a, após pesquisa prévia, se verificar que já existiam investigações académicas sobre o Telejornal e porque havia uma ausência de investigação em relação ao Jornal da Tarde. Além disso, após análise a alguns Telejornais, deparámo-nos com a inexistência de diretos em muitas

⁴² Relativamente à informação enquanto campo de responsabilidade social, ver *A TV do Real - A Televisão e o Espaço Público* (2008) de Felisbela Lopes.

emissões, e assim sendo, ao quisermos investigar diretos, não faria sentido analisar um noticiário que não tem diretos em grande parte das suas transmissões. No Jornal da Tarde a presença de diretos é constante, quase surge como obrigatória. Isto porque, é durante o dia que mais acontecimentos estão a ocorrer e que podem ser suscetíveis de serem transmitidos em direto, enquanto no horário do Telejornal não há tanta frequência de acontecimentos a decorrer, como será explicado na investigação. No site da RTP pode ler-se a sinopse do Jornal da Tarde, o segundo noticiário com mais audiência da RTP1:

Todos os dias, às 13 horas, a sua hora de almoço é completada com a atualização das notícias que marcam a atualidade nacional e mundial, desde a política, a economia, a sociedade e sem esquecer o desporto. Reportagens no local, entrevistas em direto e sempre a isenção e o respeito pela verdade que marcam a informação na RTP. Estela Machado, Hélder Silva e Carlos Daniel apresentam um jornal televisivo visto por milhões de telespetadores, quer em Portugal, quer no estrangeiro pela RTP África e RTP Internacional. Com o "Jornal da Tarde", esteja bem informado sobre o que acontece no país e no mundo, logo a partir das 13 horas!

No interior da redação, os dois coordenadores são os principais responsáveis pela construção do alinhamento do Jornal da Tarde. No entanto, a coordenadora Susana Santos afirma que aprecia a colaboração de todos: «o realizador é importante para mim, dou algumas ideias, vou alinhando, mas depois conto também com os editores da RTP seja no Porto seja em Lisboa, conto com a opinião do pivô e gosto sempre de falar com a Direção de Informação» (Ent. SS). Acerca da montagem do alinhamento do Jornal da Tarde, o pivô Hélder Silva revela que:

Normalmente o jornal é alinhado por blocos de notícias que tem que ver com uma segmentação editorial (...). Há um bloco de desporto, há um bloco de sociedade, há um bloco de política. A hierarquização das notícias, há de corresponder ao preenchimento dos valores-notícia que determinada notícia tem ou não. (Ent. HS)

Este noticiário, segundo Hélder Silva, é produzido durante as «primeiras horas da manhã» e tem «pouco tempo de preparação», o que faz com que «seja um jornal menos refletido», apesar de procurarem, todos os dias, que seja «um jornal refletido o quanto basta para que cheguemos ao espetador com factos apurados, a notícia sem mácula (...)» (Ent. HS). Do ponto de vista de Rita Ramos, a editora de sociedade, este jornal tem mais diretos do que o Telejornal, «porque a agenda está mais preenchida à hora do Jornal da Tarde, portanto há mais acontecimentos em desenvolvimento, é um jornal mais imediato» (Ent. RR).

O intuito deste estudo sobre a importância dos diretos é perceber o género e o propósito da informação transmitida pela RTP enquanto operador de serviço público de televisão. Isto porque, por mais que um direto seja teoricamente definido como a transmissão em tempo real dos factos, é perceptível que assistimos a vários diretos, nos blocos informativos, que revertem essa lógica, porque apenas fornecem informação daquilo que já aconteceu, como forma de contextualizar/mostrar o local dos acontecimentos, ou fazer um resumo do que já ocorreu, ou ainda uma previsão de um evento que vai acontecer mais tarde, em determinado local. Pastoriza (2003), Ramonet, (2001) e Herreros (2004) sustentam que o noticiário e, nomeadamente o uso do direto, está pensado mais para distrair e entreter do que para informar, dando lugar à espetacularização dos acontecimentos que se sobrepõem à sua função informativa. Queremos perceber se isto se constata ou não nos diretos transmitidos no Jornal da Tarde.

O que procuramos através da análise ao Jornal da Tarde da RTP1 é: perceber se os diretos são informativos ou ilustrativos do local do acontecimento; verificar se os diretos aportam ou não informação complementar àquilo que já foi dito anteriormente através de notícia, reportagem ou *off*; compreender se os diretos são usados para informar ou para entreter, recorrendo à espetacularização dos acontecimentos; constatar se a estação pública de televisão recorre ou não aos diretos para transmitir aos telespetadores a ideia de que tem meios/possibilidades financeiras para estar onde é importante; e perceber que temas são privilegiados para direto e qual a importância que estes têm no noticiário.

Para chegar às conclusões pretendidas, iremos confrontar os resultados da análise de conteúdo e a observação realizada, com as declarações dadas em entrevista por profissionais da RTP que lidam diariamente com a feitura de diretos no Jornal da Tarde.

4.1.1. METODOLOGIA E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Para compreender esta realidade mediática, delineámos uma estratégia metodológica que cruza técnicas de investigação de natureza documental e não documental. Em relação às primeiras, recorrer-se-á à análise crítica da literatura existente sobre jornalismo televisivo com particular incidência no direto; e uma análise de conteúdo temática, que terá como modelo os trabalhos realizados por Brandão (2002)

e Mateos (2013). Para esta análise de conteúdo, foi efetuada: uma constante observação do objeto de investigação, nomeadamente o Jornal da Tarde e os diretos nele emitidos; uma avaliação do conteúdo presente neste noticiário durante o tempo de análise; e uma recolha dos dados utilizando uma grelha de análise dos diretos emitidos no Jornal da Tarde, na qual foi feita uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo expresso no noticiário.

Do ponto de vista das técnicas de investigação não documental, foram realizadas quatro entrevistas semi-diretivas: à Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde; ao Hélder Silva, pivô e editor da redação do Porto; à Rita Ramos, editora de sociedade; e à jornalista Rita Marrafa de Carvalho. Estas entrevistas foram efetuadas no sentido de os auscultar relativamente ao valor e funções do direto em televisão, às escolhas de realização de diretos nos noticiários e no que diz respeito aos métodos e técnicas de direto utilizadas em televisão. Foi ainda utilizada a observação-participação com técnica de recolha de informação, só possível devido ao estágio realizado na redação da RTP.

Após concretizar cada etapa investigativa, realizaremos a interpretação dos resultados, que consiste na confrontação, que cruzará as conclusões retiradas do enquadramento teórico, do resultado da análise de conteúdo e da observação, bem como das respostas dadas pelos entrevistados.

4.1.2. UNIVERSO ESTUDADO

O noticiário da hora de almoço da RTP1, o Jornal da Tarde, tem uma duração média entre 60 e 65 minutos e está dividido em duas partes, por um intervalo, sendo a primeira parte muito mais extensa (duração média de 50 e poucos minutos) que a segunda (duração média de pouco mais de 10 minutos). A análise foi realizada ao Jornais da Tarde, emitidos entre dia 1 de fevereiro e dia 30 de abril⁴³. Contabilizámos um total de 90 dias, ou seja, 90 noticiários, sendo que o Jornal da Tarde só é emitido uma vez por dia, todos os dias do ano. Apesar de ter sido feita a verificação e contabilização de todos os elementos destes noticiários, o foco desta investigação foi a amostra que implicou a análise de 228 diretos que totalizaram 12 horas 27 minutos e 9 segundos.

⁴³ A opção por estes três meses da análise ficou a dever-se à disponibilidade da RTP me receber enquanto estagiária.

4.1.3. PERGUNTAS DE PARTIDA QUE ORIENTAM O EXERCÍCIO INVESTIGATIVO

Este exercício investigativo pretende responder a uma questão central: Qual é o valor noticioso do direto na televisão pública portuguesa? Interrogação esta que se pode subdividir num conjunto de outras como: Qual é a função do direto? Qual o critério para que seja efetuado o direto? Quais as temáticas apresentadas em direto? Em que medida a imediatez do relato em tempo real influencia a informação transmitida no direto? Em que sentido o direto é privilegiado em comparação com outros modos de dar a notícia? Qual a influência do nível de audiências na escolha por informar em direto?

4.1.4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DE DIRETOS NO JORNAL DA TARDE

Para encontrar respostas para as questões de investigação formuladas, criou-se uma grelha que colmatasse todos os pontos essenciais a examinar nos diretos emitidos no noticiário Jornal da Tarde da RTP1. A partir dessa grelha, o trabalho estaria ligeiramente mais facilitado, porque se tornaria uma análise sistemática que seguiria uma ordem de observação com sequência lógica, da qual não restassem dúvidas sobre o objeto em análise, depois de feito o visionamento. Apresentamos no quadro nº1 a explicação dos elementos da grelha (pela ordem apresentada) construída para a análise dos diretos do Jornal da Tarde:

Data: Data da emissão do Jornal da Tarde.
Total de Notícias: Quantidade total de notícias emitidas no Jornal da Tarde.
Descrição: Nome dado ao direto, no alinhamento.
Localização Temporal: Hora e minutos em que está localizado o direto no Jornal da Tarde
Parte: 1ª e 2ª parte. Em que parte aparece o direto, se antes ou depois do intervalo.
Ordem no Alinhamento: Qual é a ordem no alinhamento em que aparece o direto. Seguimento da ordem mesmo na segunda parte.
Duração: Duração do direto, incluindo a introdução do pivô. O tempo do direto inclui o tempo da introdução do pivô.
Tipo de Direto: Direto ou Falso Direto.
Tema: Tema da notícia: Estado: Presidência da República Estado: Assembleia da

República Estado: Governo Partidos Políticos Autarquias Política Internacional Assuntos Militares e Policiais Sindicatos/Associações Profissionais Greves e Protestos Problemas Sociais Tribunais Acidentes e Catástrofes Trânsito Festividades/Solenidades Artes e Cultura Emigração Desporto Ambiente Economia Educação Obras Públicas Saúde e Ciência Tecnologia Religião Autopromoção Solidariedade Missões espaciais Terrorismo e Guerras Outros.
Território: Direto feito em território nacional ou internacional.
Natureza da Ação: O que é que está a acontecer enquanto está a ser emitido o direto? Direto Ativo: Ocorre a ação Direto Enunciativo: Ocorre a enunciação informativa Direto Artificial: Ocorre uma representação, ação provocada ou artificiosa pelo informador.
Tempo da Ação: Qual o tempo do acontecimento? Direto contínuo: Passado que foi e continua a ser Direto rememorativo: Passado que foi Direto profético: Futuro, será.
Cenário: Qual o cenário do direto? Direto pleno: O lugar é o cenário do acontecimento no momento em que está a ocorrer Direto ilustrativo: Um lugar é cenário dos acontecimentos e as suas circunstâncias presentes fornecem informação Direto perpétuo: Um cenário invariável, pode ter valor informativo identificativo. É o lugar dos acontecimentos, mas a ação morreu e nada ali aporta informação Direto imaginado (direto à porta de): Imagina-se o lugar próximo, não se pode aceder, é privado ou de passagem restrita, mas estamos o mais perto possível Direto arbitrário: Os factos podiam contar-se a partir de outros espaços, não acontecem num espaço específico Direto contrário: Não estamos no lugar do relato e não é indiferente o lugar porque o espaço do acontecimento é outro específico.
Função Narrativa: Como é transmitida a informação? Direto total: Toda a informação é oferecida em direto Direto principal: É dada informação em direto e gravada Direto apresentação: O direto dá lugar à informação.
Complemento Direto: Qual o complemento introduzido durante o direto? Não tem Boca(s): Falam os testemunhos Peça(s): Reportagem relacionada com o tema Boca e Peça
Voz em Direto: Direto primário: O jornalista vai ao lugar onde estão as fontes e dá-lhes voz Direto editorial: fala o jornalista, o pivô, o meio de comunicação.
Pontos de Direto: Quantidade de locais dos acontecimentos dos quais estão a fazer

direto.
Observações: Outras informações importantes

Quadro 1 | Legenda dos elementos da grelha de análise

Para a elaboração desta grelha tivemos como fonte inspiradora os trabalhos realizados pela investigadora espanhola Concha Mateos em *El directo ético y el directo patético en los informativos de televisión* e a pesquisa de Nuno Brandão em *O Espectáculo das Notícias – a televisão generalista e a abertura dos Telejornais*. Mateos faz uso de uma tabela⁴⁴ de classificação bastante completa, que oferece parâmetros caracterizadores do direto que permitem perceber se este é informativo ou não informativo/ilustrativo. Para que fique claro, os parâmetros caracterizadores criados pela autora e que utilizámos na nossa grelha são os seguintes: Natureza da Ação; Tempo da Ação; Cenário; Função Narrativa; Voz em Direto. Durante a análise apercebemo-nos de que, em relação ao cenário do direto, faltava um cenário que descrevesse melhor algumas situações de direto que não encaixavam nas opções propostas pela autora, nesse sentido, acrescentámos o “direto pleno”, definindo-o como: O lugar é o cenário do acontecimento no momento em que está a ocorrer.

Baseámo-nos ainda na definição das categorias temáticas⁴⁵ apresentadas por Brandão. Explicação do que engloba cada categoria:

Estado: Presidência da República - atividades em que o Presidente da República é a figura predominante, desenvolvidas dentro e fora do país.
Estado: Assembleia da República - assuntos que se desenvolvem na Assembleia da República e cujo assunto predominante seja desenvolvido pelo Presidente da Assembleia da República e/ou por governantes portugueses.
Estado: Governo – acontecimentos nos quais estejam presentes os diversos membros do Governo, incluindo o Primeiro-Ministro, e que ocorram fora da Assembleia da República. Incluem-se inaugurações; conferências de imprensa dadas pelo Governo; visitas de Estado; reuniões ao nível da Comunidade Europeia, ou seja, todas as atividades governamentais (dentro e fora do País).
Partidos Políticos – atividades de partidos políticos portugueses, como por exemplo:

⁴⁴ A tabela usada pela autora está disponível no anexo 2. A explicação destes elementos caracterizadores é apresentada em: Mateos, C. (2013). *El directo ético y el directo patético en los informativos de televisión. Comunicación y Medios*, 0 (28), pp. 71 - 75. doi:10.5354/0719-1529.2013.29700.

⁴⁵ A categorização temática consta em: Brandão, N.G. (2002). *O Espectáculo das Notícias – a televisão generalista e a abertura dos Telejornais* (pp. 113-120). Lisboa: Notícias, pp. 113-120.

<p>congressos partidários; conferências de imprensa; jornadas parlamentares; reuniões das comissões políticas, entre outros.</p>
<p>Autarquias – atividades e ocorrências relacionadas com órgãos de poder político local, bem como as tomadas de posição dos diferentes autarcas face aos diversos problemas que afetam os municípios portugueses.</p>
<p>Política Internacional – todas as atividades e assuntos políticos que ocorrem em outros países.</p>
<p>Assuntos Militares e Policiais – as forças militares, a Polícia Judiciária, a GNR e a PSP, as suas detenções, os seus elementos e as atividades, excluindo os assuntos em que predomine o Ministério da Defesa. Incluem-se ainda os assuntos quando estão em campo forças policiais portuguesas para controlarem a ordem pública. Esta categoria engloba também assuntos militares e policiais estrangeiros.</p>
<p>Sindicatos/Associações Profissionais - atividade dos diferentes sindicatos e das associações profissionais (em que se incluem as ordens dos Médicos e dos Advogados), as respetivas eleições e congressos e ainda reuniões que mantêm com outras entidades socioprofissionais, ou com elementos do Estado ou de Partidos Políticos.</p>
<p>Greves e Protestos – atos de promoção, desenvolvimento ou cessação de greves, de todos os setores de atividade, bem como protestos que possam acontecer, originados por uma só pessoa ou por grupos organizados.</p>
<p>Problemas Sociais – o lado negativo da vida social: o desemprego, as discriminações sexuais, sociais e raciais, a fome, a pobreza, a insegurança, as violações, agressões e ações violentas nas discotecas, os assaltos, a droga, os sequestros, os bairros degradados, o alcoolismo, entre outros.</p>
<p>Tribunais – assuntos relacionados com o funcionamento dos tribunais, audiências, discussões na barra do tribunal, julgamentos, sentenças, etc.</p>
<p>Acidentes e Catástrofes - acontecimentos relacionados com acidentes e suas consequências, como por exemplo: rodoviários, aéreos e ferroviários, naufrágios, incêndios, desabamentos de terra, cheias, calamidades, inundações, mau tempo e ao falecimento de pessoas por estes motivos em diversas atividades profissionais.</p>
<p>Trânsito – factos relacionados com tráfego e problemas de circulação por congestionamento.</p>
<p>Festividades/Solenidades - festas calendarizadas e dias comemorativos, e tudo o que esteja relacionado com estes acontecimentos, tais como; as festas religiosas, o Natal e</p>

passagem de ano, o Carnaval, o Dia Mundial da Paz, Dia Mundial do livro, etc.
Artes e Cultura - assuntos relacionados com as artes plásticas e literárias e da importância da língua portuguesa, tais como: cinema, teatro, pintura, arquitetura, <i>design</i> , escultura, dança, fotografia, exposições, feira do livro, espólio de escritores, debates e lançamento de obras literárias e de temáticas diversas; bem como lançamento de discos, espetáculos, consagração de carreiras; factos históricos e culturais, homenagens e vestígios de tempos passados; e acontecimentos culturais.
Emigração – acontecimentos relacionados com os emigrantes, a sua chegada ao nosso país em tempo de férias e festividades, o seu modo de vida, etc.
Desporto - todos os acontecimentos de índole desportiva, tais como: jogos, declarações de desportistas, reuniões de dirigentes desportivos, eleições para a direção de clubes desportivos, resultados desportivos, participação em provas nacionais e internacionais, etc.
Ambiente - todos os acontecimentos que digam respeito à preservação do ambiente, aos atentados ao seu equilíbrio e às posições oficiais das diferentes associações representativas do setor.
Economia - assuntos que digam respeito aos diferentes organismos económicos, como por exemplo; Banco de Portugal, empresas da banca e seguros, bolsa de valores, indicadores económicos, turismo, comércio, sondagens, analistas financeiros, etc.
Educação - factos que digam respeito a encontros científicos, criação de grupos de debate, exames, análise de situação do ensino por entidades socioprofissionais ligadas ao ensino, atividades académicas, etc.
Obras Públicas - todos os acontecimentos que digam respeito a projetos de construção e obras, que podem ir desde hospitais a monumentos, entre outros
Saúde e Ciência - assuntos que contribuam para o avanço científico desenvolvido nesta área, tais como: novos medicamentos e vacinas para ultrapassar doenças consideradas graves; encontros e seminários promovidos por profissionais de saúde, opiniões das associações representativas de classe; relatórios sobre a saúde pública; estado dos hospitais; doenças detetadas, etc.
Tecnologia - todos os acontecimentos que contribuem para o avanço tecnológico, tais como: fusões e aquisições no mercado interno e externo; evolução no consumo de novas tecnologias; encontros e seminários promovidos por profissionais de telecomunicações e associações representativas de classe; descobertas tecnológicas; lançamento de novos

produtos inovadores; etc.
Religião – assuntos religiosos e tomadas de posição e/ou opinião das diferentes personalidades ligadas à religião.
Autopromoção – promoção das atividades da RTP, seja a nível de informação ou de entretenimento, como por exemplo: lançamentos de novos programas, novas iniciativas e projetos, etc.
Solidariedade – todos os acontecimentos que impliquem solidariedade para ajudar os mais necessitados na luta contra a fome e pela paz, como por exemplo: as missões humanitárias, a oferta de fundos a desalojados, a adoção de crianças vítimas destas situações, ajudas aos sem-abrigo, apoios a pessoas carenciadas, etc.
Missões espaciais – assuntos relacionados com missões espaciais, tais como: viagens ao espaço, organizações de missões e lançamento de novos satélites no espaço, etc.
Terrorismo e guerras – acontecimentos relacionados com terrorismo e guerras, tais como: atos de terrorismo, atentados, execuções de prisioneiros, destruição de património por parte de terroristas, situações de guerra, mortes, entre outras.
Outros – engloba todos os acontecimentos que não se enquadrem em nenhuma das categorias anteriores.

Quadro 2 | Categorias temáticas

Definida e clarificada a classificação de todos os elementos da grelha, procederemos à quantificação e análise dos diretos emitidos no Jornal da Tarde da RTP1. Tendo em conta a classificação daquilo que a literatura considera o direto, realizada no capítulo 2, é importante esclarecer que para esta análise contabilizámos apenas os diretos cujo acontecimento ocorre fora do estúdio do noticiário. Deste modo não são considerados, por exemplo, como diretos os comentários de convidados em estúdio. Em relação à contabilização de diretos, é também importante referir que consideramos como um só direto as transmissões que tenham um ou mais pontos de direto sobre o mesmo assunto, sendo que existe uma passagem feita de jornalista para jornalista até que o último feche a emissão ou seja terminado pelo pivô. Quer isto dizer que são considerados como pontos de direto o local no qual esteja o repórter acompanhado do repórter de imagem ou apenas o repórter de imagem a transmitir, através da câmara, o que está a ocorrer.

Durante os três meses de análise de 90 noticiários, contabilizámos 2797 peças jornalísticas, das quais 228 eram diretos, o que significa 8,15% de diretos no noticiário.

Dos 90 noticiários, apenas dois não emitiram qualquer direto, o de dia 4 de março e o de dia 9 de abril. A constante presença de diretos no Jornal da Tarde mostra o quanto estes são considerados pelo canal como meios informativos fundamentais. Nas palavras da coordenadora do noticiário, esta utilização constante deve-se ao interesse de «dar a perspectiva de um jornal muito atual, que está a ser feito em cima dos acontecimentos que estão a decorrer, dar um cunho de muita atualidade» (Ent. SS). Do ponto de vista da editora de sociedade, esta presença sistemática tem a ver com «facilidade tecnológica, o custo que baixou muito e essa necessidade de dar atualidade (...) uma televisão que não o faça hoje em dia é ultrapassada pelas outras, porque todas as televisões fazem isso» (Ent. RR). Felisbela Lopes aproxima-se desta leitura, afirmando que hoje em dia a emissão em tempo real «constitui-se como a essência dos noticiários televisivos. Ser o primeiro a dar a última notícia torna-se uma prioridade para os editores de qualquer telejornal. O direto proporciona-lhes aqui grandes trunfos» (Lopes, 1999: 81-82). Já Pierre Bourdieu, em *Sobre a Televisão*, associa esta necessidade de atualidade televisiva ao resultado nos níveis de audiência, ao referir que «a concorrência entre os jornais, a concorrência entre os jornais e a televisão e a concorrência entre as televisões assume a forma de uma concorrência temporal pelo *scoop*, pelo primeiro lugar na linha de chegada» (Bourdieu, 2005: 23-24).

Os noticiários que emitiram mais diretos foram dois, nos quais foram emitidos seis diretos, em cada um: dia 9 de fevereiro, primeiro domingo de carnaval, em que três diretos são sobre a celebração do carnaval em várias localidades; e dia 16 de março, com dois diretos sobre a última homenagem a Nicolau Breyner, na Basílica da Estrela, falecido a 14 de março. Durante este tempo, houve uma média de 2,53 diretos por Jornal da Tarde.

Em relação à posição dos diretos no alinhamento, verificámos que 202 diretos foram emitidos na primeira parte do noticiário, 26 foram emitidos na segunda parte, ou seja, depois do intervalo, validando que os diretos não são uma opção secundária no alinhamento e são tidos em conta na altura de dar uma notícia primeiro que os demais canais concorrentes. Neste espaço temporal, nenhum direto foi abertura de noticiário, mas 23 diretos foram segunda opção e 22 foram terceira opção. As primeiras notícias do noticiário são consideradas as mais importantes do dia, nesse sentido, podemos verificar que os diretos são uma opção válida para dar a conhecer um acontecimento destaque. Durante o tempo de estágio, na observação realizada à produção de diretos através da

régie, apercebi-me que por vezes os coordenadores dos noticiários - entre os quais também a coordenadora do Jornal da Tarde - querem o direto àquela determinada hora e minuto e os jornalistas têm de os fazer mesmo que não haja nada de novo para dizer, como pude ouvir na resposta que os jornalistas no local davam aos coordenadores sobre o que eles tinham para dizer no direto. Dentro destes diretos, o que teve maior duração foi o direto número 158⁴⁶, com 14 minutos e 34 segundos, no dia 3 de março sobre o 36º Congresso do PSD em Espinho. Este teve dois pontos de direto e os jornalistas lançaram *bocas* e peças durante a sua emissão.

Pelo contrário, o direto mais curto foi o número 88 com 49 segundos, realizado no noticiário de dia 10 de março. Para este direto, a RTP não tinha jornalistas no local, foi usado o sinal transmitido pela EBU. Neste apenas se ouve o Presidente do BCE, por breves segundos, sem tradução, com o pivô a contextualizar por cima da fala do Presidente. A média de duração de diretos durante estes três meses foi de três minutos e 17 segundos. Em média, uma peça jornalística tem a duração de um minuto e meio, e como constatámos, o direto tem uma duração superior. Susana Santos explica: «se vais para reportagem fazes uma entrevista de dez minutos e podes conseguir com poder de síntese cortar aquilo a 30 segundos, tu em direto é impossível estares a dizer a um entrevistado para responder em 30 segundos» (Ent. SS). Além disso, Hélder Silva acrescenta: «as seis perguntas a que o jornalismo tem que responder, têm que ser respondidas ao longo do direto (...) como o direto é feito de improviso, gastam-se mais palavras, gasta-se mais tempo» (Ent. HS).

Dos 228 diretos, 184 (80,7%) eram ao vivo⁴⁷, estavam a acontecer naquele exato momento, enquanto 44 (19,3%) eram falsos diretos, gravação que dá a ilusão que se está em direto quando na verdade o que o espetador está a ver não é em tempo real. Estes números mostram a preferência pelos diretos na altura do acontecimento.

No que diz respeito às categorias temáticas⁴⁸, com 14,91%, o desporto é o tema mais retratado em diretos. Em segundo lugar, com 13,16% os acidentes e catástrofes, e política internacional também com 13,16%. Segue-se 8,33% tribunais; 6,14% greves e protestos; 6,14% assuntos militares e policiais, etc. É de referir a baixa ou nula importância dada a temas com relevância social e política, como por exemplo: ambiente, saúde e ciência, educação, artes e cultura. A opção maioritária por este tipo de

⁴⁶ Ver em anexo 5: Grelha de análise aos diretos emitidos no Jornal da Tarde.

⁴⁷ Ver em anexo 6: Peças jornalísticas e diretos no Jornal da Tarde.

⁴⁸ Ver em anexo 7: Categoria temática.

temáticas poderá ter a ver com aquilo que Fernando Correia considera ser «um dos aspetos mais criticados dos noticiários é a insistência com que se incluem e destacam as chamadas *notícias negativas* – desastres, crimes, catástrofes, atentados, epidemias, etc.» (Correia, 1997: 147). Bourdieu associa este elevado recurso a notícias «sensacionais», à «concorrência pelas quotas de mercado» (Bourdieu, 2005: 54). Para o autor, as «notícias desportivas» e as «catástrofes naturais», «acidentes» e «incêndios», são assuntos que podem «suscitar um interesse de simples curiosidade» e que não exigem «qualquer competência específica prévia, nomeadamente política» (Bourdieu, 2005: 54). Sobre a investigação realizada em 2003 para determinar quais as categorias temáticas dominantes nos telejornais da RTP1, da SIC e da TVI, Nuno Goulart Brandão afirma que face aos resultados apurados (entre os quais se apresentam os acidentes e catástrofes como terceira principal temática dos telejornais dos canais generalistas):

verifica-se como é decisivo chegar-se a uma informação que aposte em temáticas de enorme relevância e de interesse público, permitindo a diminuição da hierarquização de certos critérios jornalísticos que apenas procuram o “assunto choque” e cheios de “carga negativa”. Os telejornais devem ir além do aparente e do interessante, ou seja, devem oferecer sobretudo o que é importante para os cidadãos e, de acordo, com estratégias formativas dentro dos seus objetivos informativos (Brandão, 2010: 140).

Para compreender a importância dada a cada categoria temática⁴⁹, contabilizámos também o tempo total de diretos dedicados a cada tema. Com mais tempo dispensado em direto temos a categoria desporto com 2h 13m 52s. Em segundo os acidentes e catástrofes 1h 32m 57s, seguidos de: partidos políticos 1h 12m 10s; política internacional 1h 2m 57s; tribunais 55m 41s; greves e protestos 48m 7s; etc. Não foi dedicado qualquer tempo de direto às seguintes categorias temáticas: emigração, educação, tecnologia e missões espaciais. Através destes resultados, conseguimos perceber novamente que o desporto é o tema privilegiado para direto, pois durante os três meses em análise este foi o tópico com maior número de diretos e com maior tempo dedicado. Susana Santos, a coordenadora do Jornal da Tarde, é esclarecedora em relação à importância desta temática no Jornal da Tarde, «há um tema que normalmente não dá para fugir que é o desporto, que fica ali sempre um pouco antes do intervalo» (Ent. SS). A elevada quantidade de diretos desportivos esteve durante este período em grande parte relacionada com: jogos de futebol, nomeadamente da Primeira Liga, Liga dos Campeões e jogos de preparação para o Campeonato Europeu; provas de ciclismo

⁴⁹ Ver em anexo 8: Tempo dedicado a cada categoria temática.

francesas Paris-Nice e Paris-Roubaix, e a prova belga Flèche Wallone; e o Estoril Open, o torneio profissional de ténis masculino realizado em Portugal.

Esta elevada quantidade de diretos desportivos está também associada a dois valores-notícia referidos por Golding e Elliott (1979), o da «disponibilidade», referente ao quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, estando estruturado de modo a ser facilmente coberto, e o da «estrutura narrativa» relacionado com a capacidade de atração do que é filmado e do entretenimento que a notícia pode gerar. Esta relevância do desporto no direto foi também detetada por Brandão (2002). Na sua investigação sobre os telejornais, o desporto surge como a quarta temática mais presente nas aberturas dos telejornais dos três canais portugueses em estudo. Resultados que segundo o investigador corroboram a crescente vertente da «espetacularização» das notícias, «em busca de conquistar audiências» (Brandão, 2002: 129). Em televisão, uma transmissão de um jogo de futebol é sinal de grandes resultados de audiência e, por essa razão, as estações televisivas disputam entre si os direitos das transmissões. Quando as outras televisões não conseguem – ou até mesmo a que consegue - apostam nas previsões dos jogos. Se um jogo acontece à noite, os canais começam logo com antevisões em direto, no Jornal da Tarde, muitas vezes com vários pontos de direto, nos estádios vazios, nas entradas de hotéis onde se encontram as equipas, ou até mesmo nas ruas a falar com os adeptos sobre uma previsão daquilo que pode ser o jogo, os quais, na maioria das vezes, não aportam qualquer informação nem ilustram nada sobre o evento. A coordenadora revela: «nesses diretos na verdade não se está a passar nada, o jogo só vai ser um bocadinho mais tarde, mas estar no estádio é também uma forma de chamar à atenção e dar algum destaque àquele jogo que vai ser importante do fim da tarde» (Ent. SS). Nestes casos, o direto serve para fazer uma «previsão», indica. Susana Santos admite:

Se me perguntares se eu acho que é relevante que estejamos no relvado para dizer que a relva está em bom estado eu digo-te que não acho que seja importante, agora, já que estamos lá, já que nos abriram as portas (...) vamos aproveitar aquele palco que é um bom cenário, é o cenário do assunto que vai ser mais importante ao final do dia e, já que temos aquelas reportagens preparadas pelo menos apresentamo-las do sítio que vai ser o palco do acontecimento, em vez de estar a ser lançada só pelo pivô do jornal (Ent. SS).

Quer isto dizer que estes diretos são usados simplesmente para dizer que a estação está lá e que está a acompanhar todos os minutos. Isto resulta num aumento da audiência, porque os adeptos, adoradores do espetáculo, querem acompanhar todos os minutos do percurso das suas equipas até à hora do jogo.

O segundo tema com destaque pela quantidade de diretos e de tempo emitido no Jornal da Tarde foi “acidentes e as catástrofes”. Os assuntos noticiados estavam relacionados com: cheias, derrocadas e nevões derivados do mau tempo, incêndios, morte de uma criança e vários dias de buscas de outra na praia de Caxias, depois de uma mãe levar as filhas para o mar na tentativa de acabar com a sua vida, queda de uma menina de cinco anos do primeiro andar de um prédio no Parque das Nações, queda de avião na Rússia, acidente rodoviário em Espanha com alunos Erasmus, acidente rodoviário de emigrantes portugueses em França, e morte de pescadores em naufrágio. Esta temática está ligada ao fator «interesse» e aos valores-notícia que Golding e Elliott (1979) definem como «capacidade de entretenimento», ligado ao «interesse humano» do ponto de vista insólito e do curioso, que captam a atenção dos telespetadores e, ao acima referido, da «estrutura narrativa». Wolf refere também o critério de relevância aclarado pela expressão «*bad news is good news*» que ilustra claramente que o que de mal acontece é aquilo que as pessoas querem ver e é aquilo que tem maior destaque nos noticiários pois tem como resultado a conquista de maiores níveis de audiência. Consequentemente, este critério está relacionado com outro, indicado pelo autor, referente à «possibilidade de determinado acontecimento fornecer “bom material visual”, ou seja, imagens que “ilustrem os aspetos salientes do acontecimento noticiado”» (Wolf, 1987: 182-186). Na investigação de Brandão, a categoria acidentes e catástrofes foi a dominante na abertura dos telejornais, o que significa que a importância dada a esta temática prossegue e que a ânsia por espetáculo derivado de notícias de «choque» e assuntos negativos pouco se alterou desde a investigação do autor. Já Vicente Romano observa que este recurso a notícias negativas é usado como forma de entretenimento:

Em relação com a comunicação audiovisual, o entretenimento é o contacto com o que não se tem e, portanto, com o desejado (...) e também, está claro, com as coisas desagradáveis e negativas. Se olharmos de perto, as desgraças e catástrofes, a fome e guerras, sofrimentos e mortes, acontecem sempre aos outros e em outros lugares, a outros grupos sociais e em outros países ou continentes, aos marginados de todo o tipo, etc. (Romano, 1998: 298).

Tomamos ainda nota do destaque dado à política internacional, normalmente uma temática pouco desenvolvida pelos meios de comunicação portugueses devido à falta de recursos financeiros no estrangeiro. Este relevo deveu-se, na sua grande maioria às eleições presidenciais norte americanas, às eleições legislativas espanholas e impasse

político vivido no país, à possível saída do Reino Unido na União Europeia, à situação vivida no Brasil resultado da ligação de Lula da Silva ao caso Lava Jato e afastamento de Dilma Rousseff da Presidência do Brasil, e visita de Obama a Cuba.

Ao analisar o território⁵⁰ onde os diretos ocorreram, chegámos à conclusão que 70,61% são realizados em Portugal e 29,39% no estrangeiro. Deste modo podemos observar que os diretos nacionais têm maior relevo no Jornal da Tarde, o que está plasmado na importância determinada pela variável «impacte sobre a nação e sobre o interesse nacional» (Wolf, 1987: 178-182), associado ao valor-notícia proximidade. Em relação ao recurso de diretos ou falsos diretos por território⁵¹, podemos concluir que em território nacional, dos 161 diretos emitidos, 152 eram em direto e nove eram falsos diretos. Em território internacional, dos 67 diretos, 30 eram em direto e 37 eram falsos diretos. Quer isto dizer que em Portugal, as emissões em tempo real são tidas como primeira opção na hora de mostrar o acontecimento através de direto e os falsos diretos são utilizados como último recurso. Susana Santos afirma que os custos da realização dos diretos não são postos em causa, o que sustenta esta opção. Segundo a coordenadora, já foi muito mais caro fazer diretos, «agora com recurso às *teradeks*, é muito mais fácil, é muito mais barato e é muito mais ágil e em qualquer sítio se marca um direto» (Ent. SS). Já do ponto de vista da jornalista Rita Marrafa de Carvalho, existem dois motivos que levam a optar por falso direto em vez de direto:

(...) pode ser por uma questão técnica, de não termos possibilidade de fazer direto àquela hora e gravamos um falso direto, pode ser por uma questão de presença do acontecimento, ou seja, naquela altura vamos ter um entrevistado, de aí a dez minutos já não temos. Gravamos o falso direto com o entrevistado (Ent. RMC).

No estrangeiro, o uso dos dois tipos de direto é praticamente equivalente. Porém, o uso de falsos diretos é ligeiramente superior, podendo ter a ver com o custo da emissão em direto, no estrangeiro, ser superior ao falso direto, pois o falso direto é enviado pela internet, da mesma forma que se envia uma notícia ou uma reportagem. Ao questionarmos a coordenadora do Jornal da Tarde e o Pivô/Editor da redação do Porto sobre a razão de optarem por fazer falsos diretos ao invés de diretos, no estrangeiro, ambos responderam que tem a ver com os custos. Se o direto for feito com o *teradek*, este opera em «roaming e o custo é mais elevado» do que um direto «em território nacional» (Ent. HS). Se o direto não for feito com *teradek*, há a necessidade de alugar

⁵⁰ Ver em anexo 9: Território.

⁵¹ Ver em anexo 10: Tipo de Direto por território.

tempo de satélite a uma agência internacional, como a EBU, que é pago «a peso de ouro» (Ent.SS). Neste sentido, «quando é um direto internacional, o coordenador ele próprio sabe os custos associados, por isso vai ser um bocadinho mais rigoroso na escolha do direto, mas se ele for essencial nós não podemos olhar a custos» (Ent. SS).

Utilizando agora os parâmetros caracterizadores formulados por Concha Mateos, analisamos a quantidade de diretos segundo os seguintes critérios: natureza da ação, tempo da ação, cenário, função narrativa e voz em direto. Contabilizando os diretos pela natureza da ação⁵², deparamo-nos com 48,68% de diretos ativos, 47,37% de diretos enunciativos, que dão a conhecer o que aconteceu, e 3,95% de diretos artificiais, representados ou provocados pelo informador. Tal significa que em apenas cerca de metade dos diretos (48,68%) ocorre efetivamente a ação, que está a ser emitida em tempo real. A título de exemplo, daquilo que é um direto enunciativo, relembramos a observação feita à produção de diretos no Jornal da Tarde no Porto. No dia 18 de abril, o único direto transmitido foi feito a partir do Tribunal de Cascais, sobre o julgamento do casal suspeito de ter mantido os filhos em cativeiro. A coordenadora do noticiário deu indicação à jornalista que tinha de fazer um resumo do que se tinha passado até ao momento. O julgamento ainda não tinha terminado, por isso não havia nada de novo para acrescentar. Assim, a jornalista fez apenas uma declaração da informação que sabia.

Quanto ao tempo da ação⁵³, 65,35% são diretos contínuos, que retratam algo que aconteceu e ainda não terminou, 18,42% são diretos proféticos, que enunciam o que vai acontecer sobre determinado tema e 16,23% são diretos rememorativos, ou seja, diretos que relatam o que já aconteceu. Mais uma vez, uma grande percentagem, 34,65% dos diretos não falam sobre o tempo real dos acontecimentos, pelo contrário relatam o que aconteceu ou vai acontecer, contradizendo aquilo que deve ser um direto. Para Rita Ramos, a transmissão de diretos rememorativos, é uma forma de fazer o «ponto da situação daquilo que se passou de manhã» (Ent. RR). Questionado sobre a razão da execução destes diretos, Helder Silva indica que «tem a ver com uma lógica de dar sequência a um valor-notícia que se chama continuidade». O canal dá a notícia e depois há necessidade de dizer aos telespetadores que determinado acontecimento já terminou e qual foi o resultado (Ent. HS).

⁵² Ver em anexo 11: Natureza da ação.

⁵³ Ver em anexo 12: Tempo da ação.

Ao emitirem-se diretos sobre assuntos que ainda vão acontecer, num futuro próximo, ainda que nessa mesma noite, é um claro exemplo do uso do direto para mostrar que a RTP está presente no local, por antecipação, e que vai acompanhar todos os passos até que este aconteça. Isto mostra que a empresa tem recursos e que os está a utilizar até mesmo antes desse facto ocorrer. Praticamente metade (20) dos 42 diretos proféticos contabilizados são sobre previsões relacionadas com desporto, nomeadamente de jogos de futebol ou futsal, o que nos remete à situação colocada anteriormente. Para estes diretos ou falsos diretos, por vezes com mais do que um ponto de direto, estão a ser utilizados recursos desnecessários, que poderiam ser usados para reportar outros acontecimentos que estivessem mesmo a ocorrer em tempo real.

Em relação ao cenário⁵⁴: 36,40% são diretos plenos; 25,88% são diretos imaginados; 13,16% são diretos perpétuos; 9,65% são diretos ilustrativos; 8,77% são diretos contrários; e 6,14% são diretos arbitrários. Percebemos que apenas 36,40% dos diretos se situam no cenário do acontecimento no exato momento em que está a ocorrer. Por várias razões, justificadas ou não, 25,88% dos diretos são perto do local dos acontecimentos, mas este não pode ser acedido, por ser privado ou de passagem restrita, não permitindo uma correta ilustração do acontecimento. A coordenadora do Jornal da Tarde indicou que só realizam estes diretos à porta de, em vez de no local do acontecimento, «se não for autorizado». Susana Santos deu ainda um exemplo: imaginando que «houve uma explosão, um incêndio brutal e os bombeiros não nos deixam chegar junto do fogo, aí é uma limitação externa à nossa atividade» (Ent. SS). A jornalista Rita Marrafa de Carvalho explica que «muitas vezes é inacessível chegar ao local onde as coisas de facto aconteceram». Segundo ela, esta inacessibilidade deve-se a três incapacidades: «incapacidade geográfica, incapacidade das autoridades e depois a incapacidade de pontualidade [do jornalista chegar a tempo]» (Ent. RMC).

Em 13,16% dos casos, deparamo-nos com diretos perpétuos, ou seja, o cenário pode ter valor informativo identificativo, mas a ação morreu e nada ali aporta informação. Pelo contrário, 9,6% dos diretos são ilustrativos, o que significa que apesar de o acontecimento já ter terminado, o lugar foi o cenário dos acontecimentos e as circunstâncias que estão a ser mostradas fornecem informação. Em 8,77% das emissões, os diretos são contrários, o que significa que o local onde está a ser realizado o relato nada tem a ver com o local onde ocorreu o acontecimento, contrariando novamente o

⁵⁴ Ver em anexo 13: Cenário.

sentido do direto. No dia 6 de março, a RTP1 emitiu, no Jornal da Tarde um direto sobre a chegada de refugiados a Portugal. O pivô apresenta o direto, dizendo que vão então saber «o que está preparado para acolher estas 68 pessoas na próxima madrugada» (fala de Carlos Daniel durante o noticiário). Porém, o que se esperava ver com este direto era, efetivamente, o que está preparado, em algum local em concreto do país, como por exemplo um alojamento, para essa recolocação, mas o que se vê no direto é uma paisagem de Lisboa. Este é um direto contrário, porque o local do assunto é outro, aquela varanda onde o jornalista e o entrevistado se encontram não significa nada. Não dizemos local do acontecimento porque este é um direto profético, que fala de um evento que ainda está para ocorrer. Explicaremos outro destes casos de direto contrário mais à frente, o do falso direto nº 109, que trata sobre política internacional e é realizado com vista para uma praia brasileira. Em 6,14% dos diretos, os factos relatados não acontecem num espaço específico e podiam contar-se a partir de outros espaços.

No que respeita à função narrativa⁵⁵, registámos: 81,14% de diretos totais, onde toda a informação é referida apenas em direto; 18,42% de diretos principais, em que é dada informação em direto e informação previamente editada; e 0,44% de diretos apresentação, nos quais o que é relatado em direto não acrescenta valor informativo, sendo que o repórter introduz a informação que é depois apresentada através de peças ou *bocas*.

Por último, no que diz respeito à voz em direto⁵⁶, 62,72% são diretos editoriais nos quais toda a informação é dada pelo repórter ou pelo pivô e 37,28% são diretos primários, ou seja, o jornalista vai ao lugar onde estão as fontes e dá-lhes voz. Os diretos têm valor acrescentado quando os repórteres ouvem as fontes diretamente no local, porque ilustram melhor aquilo que está a acontecer. Não há testemunho mais real do que das pessoas que vivem os acontecimentos. Isso resulta numa maior sensação de realidade em relação ao que está a ser ocorrer. Tal como refere Barriga:

As fontes diretas da notícia são as que nos dão a chave da credibilidade e o rigor jornalístico no momento de informar o direto. É preciso procurar diferentes pontos de vista da notícia para, além do mais, contrastar e verificar que essa notícia é certa (Barriga, 2014: 78).

Prosseguindo a análise aos diretos, era importante perceber se os diretos eram constituídos apenas pela emissão em tempo real, narrada pelo repórter no local ou se

⁵⁵ Ver em anexo 14: Função narrativa.

⁵⁶ Ver em anexo 15: Voz em direto.

estes tinham algum complemento⁵⁷ que ilustrasse o direto. Assim, detetou-se que 81,58% dos diretos não têm complemento, o que demonstra, conforme opção dos coordenadores, que são suficientemente esclarecedores e não necessitam de nenhum recurso para lhes fornecer valor informativo. Porém, 18,42% dos diretos necessitou de outros recursos jornalísticos para ilustrar o assunto relatado: 8,33% dos diretos têm apenas *boca(s)* como complemento; 7,02% dos diretos têm apenas peça(s) a complementar; e 3,07% incluem *boca(s)* e peça(s) para ilustrar o mesmo direto. Reparámos também na presença de grafismo ilustrativo sobre equipas de futebol em sete diretos e em dois falsos diretos. Segundo Susana Santos, estes complementos são a «solução para se dar alguma dinâmica ao direto, para não ser só um direto à porta» (Ent. SS). Hélder Silva tem outra explicação:

(...) em vez de picar aquilo que eles estão a dizer no momento, porque aquilo que eles estão a dizer naquele momento pode não ter nenhuma relevância, e aquilo que nós já seleccionámos pode ser muito relevante. A lógica de o repórter estar no terreno e lançar ele próprio as bocas ou reportagens relativas ao acontecimento tem muito que ver com a capacidade que nós tivemos antecipadamente de editar aquilo que é mais importante e para dar ao espetador aquilo que é mais importante e mais relevante para a sua vida (Ent. HS).

O direto é assim usado para mostrar que a televisão está lá, mas o que vai mostrar pode não ser o que está a acontecer em tempo real, mas sim aquilo que já aconteceu e que a estação televisiva considera relevante. A falta de tempo para a construção da reportagem leva a que se seleccionem pedaços de falas para depois lançar em direto. A necessidade de ser o primeiro a dar a notícia leva a que se recorram a estes diretos com complemento, porque o acontecimento em tempo real já nada tem de interesse. Mencionando o caso dos diretos que são uma previsão dos jogos de futebol, o pivô Hélder Silva revela aquilo que os seus colegas também afirmam, que o direto é muitas vezes utilizado para mostrar ao espetador que a estação está lá, no local do acontecimento:

(...) tem a ver com o facto de o espetador perceber que nós temos alguém que está em permanência a monitorizar aquele acontecimento. Ele próprio [o jornalista] de lá pode lançar duas ou três reportagens relativas àquele acontecimento isso transmite ao espetador a ideia de que ok, esta pessoa está ali, já está a acompanhar e o acontecimento ainda nem sequer começou, portanto eu aqui vou ter tudo o que preciso de saber com isso (Ent. HS).

⁵⁷ Ver em anexo 16: Complemento do direto.

Além desta avaliação, procurámos também perceber a quantidade de pontos de direto⁵⁸ utilizados para cada assunto emitido ao vivo. Neste sentido, apurámos que: 92,4% dos diretos apenas tem um ponto de direto; 4,82% dos diretos tem dois pontos de direto; e 2,63% dos diretos tem três pontos de direto. Este recurso a vários pontos de direto para ilustrar um determinado acontecimento é normalmente utilizado para mostrar a dimensão de certo assunto e para que o telespetador possa estar a par do que está a acontecer através de vários pontos do acontecimento, tendo assim acesso a várias perspetivas e relatos do mesmo. Estes pontos de direto só são possíveis quando há meios disponíveis para tal e quando a importância do acontecimento o justifica (tendo em conta os valores-notícia que são tidos em conta pela RTP).

Para percebermos se os diretos e falsos diretos são a única forma de dar a conhecer determinado assunto, analisámos a existência de *bocas*, *offs*, e peças antes dos diretos ou falsos diretos. Assim, detetámos: um direto antecedido por boca sobre o tema; 46 diretos antecidos por um *off* sobre o tema; três falsos diretos antecidos por um *off* sobre o tema; dois diretos antecidos por peça e boca sobre o tema; 57 diretos antecidos por peça sobre o tema; 19 falsos diretos antecidos por peça sobre o tema.

Com estes dados podemos perceber que, por vezes, os coordenadores utilizam outros recursos para além do direto, para dar a conhecer um acontecimento ao telespetador. O uso de *offs*, peças ou *bocas* antes do direto, serve, segundo Hélder Silva, para «contextualizar o espetador em relação ao direto, ou seja, dar um contexto e fazê-lo perceber porque é vamos fazer direto daquilo», e depois, o direto, serve para «complementar» a informação que acabou de ser dada ao telespetador (Ent. HS). Na opinião de Rita Ramos, este recurso, que serve para «enquadrar» o direto, pode por vezes deixar o repórter sem nada para acrescentar:

Eu diria que às vezes é um bocadinho ingrato, por exemplo se for pôr uma peça de enquadramento no caso de justiça, que está em tribunal e que depois vai em direto ter com o jornalista, é extremamente ingrato, porque normalmente essas peças já resumem tudo e o jornalista fica ali naquela (...) posição de eles entraram ou não entraram é a única coisa que pode acrescentar, porque ainda não há nenhuma decisão conhecida e muitas vezes os advogados não falam à entrada, portanto [dizem] acabaram de entrar, estamos a aguardar reações no final (Ent. RR).

Durante a análise realizada aos diretos do Jornal da Tarde deparámo-nos com alguns diretos que se destacam, particularmente, por não se adequarem à norma ou por

⁵⁸ Ver em anexo 17: Pontos de direto.

não se enquadrarem propriamente naquilo que é considerado um direto. Expomos assim os seguintes casos:

- Direto número 58, realizado no dia 26 de fevereiro: foi emitido um falso direto auto informativo, em 2º lugar na emissão, antecedido por uma peça sobre Orlando Figueira, o procurador que ficou em prisão preventiva, suspeito de receber luvas para arquivar processos relacionados com o vice-presidente de Angola. O falso direto acrescentava alguma informação, mas era acima de tudo uma promoção⁵⁹ do programa Sexta às 9, que na edição dessa noite iria investigar o caso deste procurador. Este é um exemplo daquilo que não deve ser um direto ou até mesmo um falso direto tendo em conta a sua definição, pois durante esta emissão a jornalista não está no local do acontecimento, pois está na redação. Além disso, este é um direto artificial, ocorre uma representação artificiosa pelo informador, não está nada a acontecer naquele momento, relacionado com o assunto, ou seja, este direto não tem razão para ter sido executado. Percebemos com este, que o direto passou também a ser utilizado como uma forma de autopromoção do canal, o que vai contra a natureza do direto.

- Direto número 85, realizado no dia 9 de março: Este direto peca pela falta da imagem em tempo real e carência de valor informativo. O direto começa mostrando a repórter frente ao Palácio de Belém, que começa a falar daquilo que já aconteceu, ou seja, do Presidente da República ter estado naquela varanda com os convidados⁶⁰. Conforme a repórter vai enunciando o que aconteceu, começam a ser mostradas imagens sobre esse momento, que obviamente não são em direto porque a própria jornalista o referiu. Este é um direto confuso e contraditório porque ao serem mostradas as imagens do que já aconteceu, não é colocada qualquer indicação no ecrã de que as imagens são anteriores. Depois da jornalista terminar de falar sobre o convívio de Marcelo Rebelo de Sousa à varanda, a imagem volta à repórter que curiosamente, enumera a ementa do almoço dado pelo Presidente da República, nomeadamente: «creme de espargo com pinhões torrados, para ser mais completa, e segue-se um robalo a vapor com aromáticos e couve flor». Dados sem valor informativo, sendo apenas uma curiosidade emitida em tempo real, para satisfazer a vontade dos mais curiosos, já que a televisão não pode emitir o direto dentro da sala de jantar do Palácio de Belém.

-Direto número 109, realizado no dia 17 de março: Este falso direto, que aparece em 3º lugar na ordem do alinhamento do Jornal da Tarde foi dos diretos mais peculiares que

⁵⁹ Ver em anexo 18: Imagem do falso direto autopromocional (26-02-2016).

⁶⁰ Ver em anexo 19: Imagens em direto e gravadas no Palácio de Belém (09-03-2016).

analisámos. O falso direto sobre política internacional teve lugar no Brasil aquando do regresso de Lula da Silva ao poder, num momento em que este é investigado no processo Lava Jato e já tendo sido pedida a sua prisão. O invulgar deste falso direto⁶¹ é que é gravado numa praia do Brasil, aparentemente, e que nada tem a ver com política. Nas imagens podem ver-se pessoas na praia a jogar à bola, o que distorce completamente o sentido ilustrativo e representativo da imagem em tempo real, ou neste caso em diferido. Para tentar colmatar esta falha de imagens, o repórter é posteriormente colocado numa caixa mais pequena, do lado esquerdo do ecrã, e começam a ser mostradas imagens também gravadas sobre os protestos dos brasileiros que pedem a renúncia da Presidente Dilma Rousseff. Questionados sobre o porquê deste direto, Susana Santos e Hélder Silva explicaram-nos que tinha acabado de acontecer uma mudança de correspondente no Brasil. Segundo Hélder Silva, o atual correspondente, o jornalista Luís Baila, «chegou e não teve tempo de desfazer a mala, porque eclodiu a crise no Brasil», e a existência de «matéria noticiável que justificava o envio de reportagens e direto» fez com que muitas vezes ele não se pudesse deslocar para os locais onde as coisas estavam a acontecer. Por isso, como admite a coordenadora, esta foi uma forma de mostrar ao espetador que estavam no Brasil:

Nós podemos dizer ao telespetador que já temos lá o correspondente, ainda não está no local completamente certo, mas já vai a caminho. Era melhor ter com uma paisagem em que nós olhamos para a praia e percebemos que é Brasil. Achámos que era mais importante ter [falso direto], nem que fosse com praia, do que não ter nada (Ent. SS).

-Direto número 140, realizado no dia 26 de março: mostra a tradição do bife da Páscoa em que 500 homens comem 500 quilos de carne⁶² em Santa Marta de Portuzelo. A jornalista entrevista um participante e pergunta-lhe quantos bifos é que já comeu e se estavam bons. Pergunta ainda a outro há quantos anos é que participa na tradição e como é que funcionava, afirmando que já tinha ouvido dizer que havia uma regra de que as mulheres não entravam, e o entrevistado diz que as mulheres são só para servir às mesas. A questão que se coloca é qual é o valor informativo deste direto. Mais uma vez este é claramente um direto espetáculo que mostra nada mais do que 500 homens a comer, num evento no qual as mulheres não podem participar e são apenas empregadas deles. A visão de Brandão sobre aquilo que pode ser curioso reforça novamente o ponto de vista da obtenção de audiência, através da espetacularização da notícia:

⁶¹ Ver em anexo 20: Imagem do falso direto sobre política na praia (17-03-2016).

⁶² Ver em anexo 21: Imagem do direto sobre a tradição do bife da páscoa (26-03-2016).

Nos atuais «telejornais» a recolha de imagens determina a informação, e a forma sobrepõe-se ao conteúdo. Logo, o telespetador, com base nos conceitos expressos e no predomínio das imagens, limita-se a registá-las, quase sem contextualização e assentes numa dimensão de curiosidades e de uma informação banalizada, cheia de diversão, espetacularidade, emoção e dramatização à luz dos seus resultados de audiências (Brandão, 2010: 15).

-Direto número 145, realizado no dia 28 de março: este falso direto trata do resgate feito a nove jovens que ficaram encurralados pelas águas em Pincho, Viana do Castelo. A jornalista diz no falso direto tudo o que aconteceu fazendo apenas com que o jovem confirme ou repita o que ela disse. O jovem⁶³ não acrescenta nada ao que já foi dito, é só uma forma de mostrar que o acontecimento foi real e mostrar uma das pessoas que o viveu. A própria jornalista acaba por desvalorizar o acontecimento ao dizer para o jovem que tinha sido uma aventura. Começou e acabou a dizer que não passou de um susto. Este é mais um exemplo de direto, realizado pela sua «capacidade de entretenimento», pelo insólito do acontecimento, que acaba como se de uma comédia se tratasse.

-Direto número 202, realizado no dia 19 de abril: este falso direto sobre os descontos nos combustíveis, nas fronteiras, é antecedido por uma reportagem, bastante completa, que ouve os vários intervenientes, políticos e profissionais do setor, sobre as novas medidas do governo para descontos no combustível profissional, para as empresas transportadores de mercadorias. Este é um falso direto artificiado, realizado numa gasolinheira de Vilar Formoso⁶⁴, onde não está nada a acontecer e que não aporta qualquer informação que não tivesse sido já referida na reportagem anterior. Neste são apenas ouvidos camionistas - que só fazem o que os patrões lhes mandam - sobre onde abastecem e se acham que algo pode mudar com esta medida. O pivô, ao introduzir o direto, revela pelas suas palavras, que não há qualquer componente informativa neste direto e que não passa de opiniões: «A questão que agora se pode colocar Jorge [repórter], boa tarde, é como é que a novidade foi recebida aí nas zonas de fronteira?» (fala do pivô). Ao que o repórter responde (em falso direto): «Aqui no parque TIR desta que é a principal fronteira terrestre entre Portugal e a Espanha as informações são quase todas as mesmas...», ou seja, nada de novo a acrescentar.

⁶³ Ver em anexo 22: Imagem do falso direto sobre os jovens resgatados (28-03-2016).

⁶⁴ Ver em anexo 23: Imagem do falso direto sobre os combustíveis (19-04-2016).

4.1.5. A PERCEÇÃO QUE OS JORNALISTAS DA RTP TÊM DOS DIRETOS

Terminado o preenchimento da grelha de análise de diretos e explanação de resultados, era fundamental inquirir alguns profissionais da RTP sobre a temática do direto e, confrontá-los com algumas conclusões retiradas desta análise. Neste sentido, foram realizadas quatro entrevistas⁶⁵ a profissionais da RTP ligados à produção de diretos no Jornal da Tarde. Entrevistámos a Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde (no Porto), no dia 22 de abril de 2016. Nos diretos, a sua função é «explicar ao jornalista a estratégia do direto» e informá-lo do tempo que dispõe para aquele direto, e dar «algumas informações que o jornalista que está no terreno não sabe». No mesmo dia entrevistámos Hélder Silva, pivô e editor da redação do Porto, para quem o seu papel enquanto pivô é «combinar o direto com o repórter que está no terreno» e no final fazer um «apanhado. (...) Se houver necessidade de sublinhar uma ideia que ficou daquele direto eu faço-o». No dia 26 de abril de 2016 entrevistámos a jornalista Rita Marrafa de Carvalho, que trabalha na redação de Lisboa, por indicação da editora de sociedade. O papel do jornalista é o de «traduzir a realidade, de enquadrar, de sintetizar, de seduzir o espetador com a informação que tem para passar e que ela seja passada com honestidade, de forma fidedigna, simples e acima de tudo de uma forma que seja inteligível» (Ent. RMC). E acrescenta:

(...) o jornalista tem que colmatar as falhas que o direto tem, seja o dos cheiros, o dos sons o de aquilo que a imagem não pode ou não consegue mostrar e é esse papel de sedução que eu dizia, de levar o espetador para dentro do acontecimento, fazê-lo sentir parte de aquilo que está a acontecer, ser de tal modo descritivo e intensamente dinâmico que haja uma espécie de efeito novelístico e que a pessoa se enleie naquele novelo e se prenda ao que se conta. Na verdade, é um contador de histórias, mas com parâmetros e exigências que lhe dificultam o trabalho, obviamente (Ent. RMC).

Por último, entrevistámos a Rita Ramos, editora de sociedade da RTP Lisboa, no dia 18 de maio de 2016, na RTP Lisboa. «A minha participação tem que ser por antecipação, que é na marcação e na decisão. Se de facto há razão para direto e no acompanhamento, antes da saída em reportagem do jornalista, se tiver dúvidas», indica a editora. Tentámos ainda entrevistar o Diretor de Informação Televisão, Paulo Dentinho, que recusou dar a entrevista, dizendo que não lhe interessava falar sobre os

⁶⁵ Ver guião das entrevistas em anexo 24. Ver entrevistas em anexo 25.

diretos e que o que faziam a esse respeito era apenas definir uma linha editorial, e não se preocupavam com «andar atrás dos diretos»⁶⁶.

Para além das respostas que cruzámos com os resultados da análise para obter esclarecimentos acerca do uso do direto, obtivemos ainda outras elucidações que ajudam a compreender o propósito e o valor do direto no Jornal da Tarde.

A coordenadora e o pivô do Jornal da Tarde negaram a existência de diretivas que obriguem a que todas as edições do Jornal da Tarde apresentem diretos. Contudo, a constante presença de diretos no Jornal da Tarde mostra o quanto são fundamentais e é quase como se fossem obrigatórios. Em relação às razões institucionalmente definidas para se optar pelos diretos, Hélder Silva indica que:

Não há uma definição institucional, tem a ver com o momento do acontecimento, tem a ver com o facto de algo que está a acontecer à hora do jornal, que preenche os valores-notícia que são aqueles que nós damos mais relevância no que diz respeito à nossa linha editorial (Ent. HS).

Segundo o pivô, também não existe critério de escolha de temas, definidos pela Direção de Informação, para fazer direto, «há uma linha editorial» indica. Susana Santos completa:

(...) a atualidade é que marca o direto. Nenhum tema é proibido (...) Depois há o bom senso. Hoje, por exemplo, estava a decorrer a procura de um corpo, na altura em que nós poderíamos fazer direto, o corpo estava a ser retirado das águas, caiu ao rio em Chaves, estava a ser retirado. O bom senso manda-me que eu não vá em direto quando estamos a ver o corpo a ser retirado. Posso ir antes ou posso ir depois, isso depois, é uma opção minha. Naquela altura, eticamente não me parecia correto (Ent. SS).

Já a disposição dos diretos, obedece «à ordem do alinhamento e, portanto, tem a ver com os valores-notícia» (Ent. HS). Sobre a preferência ou não do direto para dar a conhecer um acontecimento, Hélder Silva esclarece que «se a notícia estiver a acontecer naquele momento, nós privilegiamos o direto, se a notícia não estiver a acontecer, não faz sentido fazer direto, faz sentido fazer uma notícia, uma reportagem sobre aquilo, mas não direto» (Ent. HS). Contudo, Susana Santos esclarece que «há notícias que vivem muito mais se forem em direto, pela espetacularidade da imagem» e por vezes privilegiam os diretos porque não têm «tempo de estar a trabalhar a informação» (Ent. SS). Porém, este tempo necessário para trabalhar a informação é essencial no jornalismo, porque «o direto só oferece a aparência dos factos e oculta o fundo, a casualidade, as consequências. Para conseguir isto é preciso a análise e reflexão num

⁶⁶ Resposta dada por Paulo Dentinho após o nosso pedido de entrevista.

tempo adequado e distanciado» (Herrerros, 2004: 27). Tal como também refere Romano, «a verdade necessita de tempo, o mesmo que o discernimento. Por isso, as mensagens reduzidas a tópicos, sejam em palavras ou em imagens, reforçam as defesas biológicas contra o excesso de mensagens em prejuízo da análise da realidade» (Romano, 1998: 103). O autor reforça ainda que «a reflexão desaparece porque não sobra tempo para ponderar o estado das coisas e contextualizar a informação» (Romano, 1998: 111). Brandão é ainda mais crítico em relação à falta de contextualização dos acontecimentos:

(...) não é pelo simples facto de se apontar uma câmara de televisão para um acontecimento que ele se transforma automaticamente em informação (...). Esquecemo-nos de que a imagem necessita de enquadramento, tratamento, reflexão, de modo a ser perceptível, e não que apenas tenha como objetivo atingir o maior número de telespetadores (Brandão, 2010: 20).

Neste sentido, para o autor, «os conteúdos assentes no acessório, no banal, no insólito e no espetacular, com obsessão pelo direto» podem «condicionar o processo informativo, sacrificando parte da “verdade informativa”, ou mesmo, redução do tempo necessário para a devida compreensão e rigor do jornalista face aos acontecimentos em curso» (Brandão, 2010: 31).

Hélder Silva denota ainda a relevância do direto pois «transporta o espetador para o local do acontecimento», sendo uma «mais valia no alinhamento do jornal, se de facto o acontecimento estiver a acontecer (...). Agora, se não estiver a acontecer, não se podem forçar diretos só porque se vai forçar diretos» (Ent. HS). No entanto, Hélder Silva admite que em certos momentos do ano, naquilo a que chama a «silly season», «época de verão em que há menos notícias em que as instituições estão fechadas», realizam-se «diretos produzidos», pois «há muitas vezes necessidade de pontuar o jornal com um direto, por exemplo de uma praia, o primeiro dia de verão (...)». Rita Ramos tem outra perceção acerca da importância que é dada ao direto. A editora de sociedade afirma que a facilidade com que se fazem diretos, banaliza-os «um pouco»:

(...) hoje em dia, basta querer dar um carácter de imediatez, estar lá no local e fazer o direto. É muito mais frequente, ter cinco diretos num Jornal da Tarde, num dia normalíssimo. Basta ter esses equipamentos ligados, os acontecimentos estão a desenrolar-se e vai-se transmitindo em direto. Nesse sentido, o direto pode ser importante, mas deixou de ter esse carácter quase de luxo que nos víamos há cinco, seis, sete anos (...) quando surgiram estes equipamentos que facilitam [o direto] (Ent. RR).

Neste exercício investigativo e após revisão literária, que não indica o direto como género jornalístico, era fundamental perceber se os profissionais que lidam com as

notícias consideram ou não o direto como um género jornalístico televisivo. Hélder Silva, Susana Santos e Rita Ramos afirmam que sim. Rita Ramos indica que «hoje em dia o direto é imprescindível, o saber fazer diretos, o saber relatar em direto, o jornalista tem de estar preparado para isso» (Ent. RR). Porém, a jornalista Rita Marrafa de Carvalho não partilha desta visão do direto enquanto possível género jornalístico:

(...) eu acho que o género jornalístico tem que ser transversal a todos os meios de comunicação social, televisão, rádio e jornais, imprensa escrita, e o direto aqui não se integra de facto na imprensa escrita, por isso quando nós temos crónica, reportagens, notícia pura e dura, entrevista, tudo isto é possível nas três formas de expressão comunicacional social, o direto não. O direto é uma idiossincrasia muito própria da informação em tempo real que é próprio da rádio e da televisão e como tal, parece-me que é isso mesmo que é uma especificidade própria do meio e não tanto um género jornalístico (Ent. RMC).

Durante o visionamento e análise de diretos, deparámo-nos com diretos que são realizados mesmo que não haja nada de novo para dizer, o que contradiz a função do direto, que deve ser informativo. Susana Santos explica que, neste caso recorrem ao «direto para ver se há ali alguma informação que possa surgir entretanto e que não tenha sido dada na reportagem e até possa ser desenvolvida no direto». Contudo, confessa que às vezes chega «à conclusão que não se justificava e que não se passava nada», mas é que «um bocadinho mostrar também que nós temos meios e que às vezes os canalizamos para um só assunto para que aquele assunto seja ali bem debatido e bem analisado» (Ent. SS). A coordenadora acrescenta ainda que:

(...) pelo menos dá a entender, a quem está em casa que nós estamos lá, e se estamos lá podemos ir lá a qualquer momento, por isso é uma informação que pode ser ali desenvolvida. Se nós não fizemos direto o telespetador também não sabe que nós estamos lá, por isso acha que nós fizemos a reportagem e que não queremos saber mais do assunto (...). Fazendo o direto, vamos dizer: nós estamos aqui, mal haja uma decisão nós vimos aqui contar, porque temos aqui toda a tenda montada para poder contar a história (Ent. SS).

Durante a observação à produção do Jornal da Tarde, deparámo-nos com uma situação que demonstra o que a coordenadora quer dizer com «mostrar que estamos aqui». No dia 21 de abril, foi realizado um direto desde a Assembleia da República, porque o Conselho de Ministros preparava-se para aprovar o Plano Nacional de Reformas. A jornalista no local estava à espera que o plano fosse apresentado à comunicação social. Quando fez o direto, a jornalista enunciou o que sabia até àquele momento. No local não se encontrava ninguém, nem sequer um representante do

Conselho, a sala estava vazia e não ocorria ali nada naquele momento. Isto porque, o Conselho estava reunido num local de acesso proibido aos jornalistas. Durante o noticiário, os meios de direto estiveram preparados, pois logo que a reunião terminasse e os representantes fossem falar à comunicação social, a RTP estava lá para obter declarações imediatas, em direto.

Rita Marrafa de Carvalho é da mesma opinião e declara que pode também acontecer «por uma questão não jornalística, mas de audiência, quase de comprovação, legitimação perante o público, que estamos lá, estivemos lá e não falhamos. Não deixa de ser pernicioso obviamente» (Ent. RMC). Esta afirmação é mais uma demonstração do propósito mercantil da televisão, que Bourdieu retrata: «são os níveis de audiência o que toda a gente tem hoje na cabeça. Há atualmente uma “mentalidade de níveis de audiência” nas salas de redação, nas editorias, etc. É em termos de sucesso comercial que em toda a parte se pensa» (Bourdieu, 2005: 22). Hélder Silva alude: «eu sou adepto de uma máxima que atribuí a quem de direito, que é do Emídio Rangel, que já não está entre nós, que é, “não há serviço público sem público” e, portanto, nós só fazemos serviço público se houver público para ver» (Ent. HS).

Para perceber efetivamente o que a RTP pretende oferecer aos telespetadores com o direto, quisemos perceber o ponto de vista dos profissionais que executam os diretos. A coordenadora do noticiário entende que se apresenta a informação do momento, enquanto a editora de sociedade afirma que se pretende oferecer a «immediatez» e o telespetador «sentir-se quase como protagonista muitas vezes» (Ent. RR). «O direto é uma mais-valia enquanto género jornalístico», indica Hélder Silva. Contudo, a imediatez do relato em direto, tem influência na informação que é transmitida, nomeadamente na análise dos factos, pois o jornalismo «obriga a fazer uma reflexão» antes de dar uma notícia, e com o relato em tempo real «essa reflexão não é feita» (Ent. SS). Apesar de, como refere Hélder Silva, o repórter ter sempre uma margem de tempo para perceber o que está a acontecer, antes de chegar ao local do acontecimento, durante o relato em direto o jornalista não pode contrastar fontes nem averiguar que está a acontecer, limita-se a dizer o que vê e aquilo que os entrevistados lhe contam.

Quando questionámos os profissionais da RTP sobre se as histórias que se procuram para fazer diretos são de interesse público ou de interesse do público, as opiniões divergem entre os quatro entrevistados. A coordenadora do Jornal da Tarde e a

editora de sociedade são da mesma opinião de que se procuram histórias de interesse público. Para Rita Ramos é claro:

(...) temos uma série de obrigações de serviço público, de respeito pela nossa carteira profissional (...) e quando nós muitas vezes argumentamos assim: vou fazer este direito porque é do interesse do público, mas há situações em que é puro *voyeurismo*, o público pode achar muito interessante ver um caixão a descer num cemitério, mas tem interesse público zero. Tem interesse do público, porque há pessoas que são voyeuristas e gostam de ver, mas eu não vou mostrar só porque o público tem interesse e porque poderia dar mais audiência (...). Há momentos em que temos que respeitar a intimidade das pessoas, tem que haver alguma reserva. Tem que haver sobretudo bom senso, porque nós estamos a dar informação, não estamos ali só para expor as outras pessoas em direto, porque temos essa possibilidade. Às vezes o nosso maior poder é o poder de não mostrar simplesmente, porque não deve ser mostrado, porque a pessoa tem o direito a dizer: não, este é um momento meu, íntimo e eu não quero (Ent. RR).

Na opinião de Hélder Silva, procuram-se as duas histórias «de interesse público e de interesse do público. Eu acho que não há uma sem outra» (Ent. HS). Já Rita Marrafa de Carvalho afirma que se procuram notícias de interesse do público:

Não tenhamos dúvidas nem nos enganemos, quer dizer, só fazemos serviço público se tivermos público, se não só fazemos um serviço. Por isso são histórias de interesse do público, sim. Obviamente se for aliado ao interesse público ainda melhor, mas a partir do momento em que é o interesse do público parece-me que à partida também é interesse público (Ent. RMC).

Do ponto de vista de Brandão, nos atuais noticiários, estamos «em presença de factos seleccionados pelo “interesse do público”, menosprezando o “interesse público” dos acontecimentos», isto porque a «a informação televisiva tende a dirigir-se ao grande público, assente numa visão da “informação-choque” sobreposta à informação geradora de valores “cívicos” para os cidadãos» (Brandão, 2010: 15). Já Lopes tem uma visão menos crítica em relação à emissão de notícias de interesse do público: «elas são apreciadas e a televisão, incluindo uma estação pública, deve noticiá-las, tendo o cuidado de não tornar o “interesse humano” o valor-notícia preponderante do seu trabalho» (Lopes, 1999: 93-94). A autora explica ainda, o seu entendimento sobre o que são notícias de interesse do público e de interesse público, e o esforço mental que a perceção destas representa para os telespetadores:

São do “interesse do público” os acontecimentos que comovem, que suscitam curiosidade, que envolvem psicologicamente as pessoas. (...) De uma forma geral, as notícias de interesse humano admitem poucas oscilações, não exigindo ao telespetador um grande esforço interpretativo. (...) Contudo, a realidade também é preenchida por outros acontecimentos, os de “interesse público”, cuja compreensão está dependente da capacidade de contextualizar a informação por parte do destinatário. A política, a cultura,

a economia, a educação e a saúde são normalmente temas de “interesse público” cujos factos se compreendem melhor interpretando as respetivas consequências. Em relação a esses acontecimentos não se espera uma reação psicológica do telespetador, mas exige-se dele um esforço intelectual para compreender aquilo que se passa. É neste tipo de assuntos que a contextualização se revela fulcral (Lopes, 1999: 93-94).

Ao longo da revisão de literatura feita no capítulo 2, vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, mas que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Ao serem questionados sobre esta afirmação, a maioria dos entrevistados não revela, pelo menos diretamente, que exista esta tendência de informação espetacular no Jornal da Tarde, contudo, após o desenvolvimento das respostas, através de exemplos ou enumerações de certas situações, apercebemo-nos de que não é bem assim e de que há sinais de recurso a imagens fortes e situações geradoras de emoções. Susana Santos afirma que para ela a «informação não é espetáculo» e que «não se revê nessas informações». Para a coordenadora, o direto «é uma forma de dar a informação. Não é para fazer espetáculo», reforça. Contudo, dá-nos o seguinte exemplo, que consideramos contraditório:

(...) naquela altura dos lesados do BES que eles tinham manifestações super duras, eu sei que ali dois minutos de direto era mais movimentado e mais ruidoso e mais dramático e arrebatador do que se calhar a reportagem, em que nós já pensamos, já pesamos aquilo várias vezes e conseguimos ser emocionalmente mais racionais. Em direto tudo é possível, claro que se eles estão a deitar a baixo barreiras e a protestar, a quebrar a barreira policial, eu sei que, em termos de imagem, é um bom boneco e eu vou ficar ali mais um minuto ou dois, porque em reportagem deu, acabou e já seguiu. Em direto não, eu tenho ali aquela imagem que é uma imagem forte, que mostra o desespero das pessoas e eu sei que é uma informação que todos nós lá em casa pensamos: aconteceu àquele, mas podia-me ter acontecido a mim, eu podia ter lá as minhas poupanças e neste momento estar ali no meio daquela gente a protestar também. Eu posso ficar ali mais um minuto ou dois, agora, para mim, não é pela audiência, ali é a informação, a informação está a acontecer, eu não quero deixar de a mostrar ao público (Ent. SS).

Conforme o ponto de vista crítico de Bourdieu, os jornalistas «operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado», sendo o princípio dessa seleção a «procura do sensacional, do espetacular» (Bourdieu, 2005: 12). O autor não tem dúvidas que «a televisão apela à dramatização, no duplo sentido da palavra: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera a sua importância, a sua gravidade e o seu carácter dramático, trágico» (Bourdieu, 2005: 12).

Tendo em conta os parâmetros apresentados pela coordenadora do Jornal da Tarde, quando um acontecimento não é atrativo suficiente, os diretos que estavam programados são cancelados. Susana Santos explicou-nos, durante a observação da produção do

noticiário que, no caso das manifestações na hora do jornal, manda sempre um jornalista para fazer direto no local, no entanto, se a manifestação for fraca (em termos de afluência), o direto não se justifica e o jornalista faz reportagem sobre o evento. Damos assim dois exemplos de situações que aconteceram durante o tempo de observação ao Jornal da Tarde. No dia 18 de abril, a coordenadora tinha pensado em realizar um direto sobre uma ação de sensibilização que os produtores de leite estavam a fazer junto dos consumidores na Praça da Ribeira, no Porto, mas este não se executou porque eram «apenas 16 pessoas» e «não se justificava». Neste sentido foi apenas feito um *off* e selecionada uma *boca* de um dos produtores. No dia 19 de abril, estava pensado um direto sobre uma manifestação de suinicultores, marcada para as 14 horas, mas na altura do direto a manifestação ainda não tinha um «número significativo» de apoiantes ou «movimentações» que merecessem ser mostradas, porque ainda se estavam a começar a concentrar no local, por isso não se fez direto.

Hélder Silva, ao responder a outra questão, reforça o poder da imagem em direto:

(...) justifica-se fazer direto de um determinado local se a imagem em movimento do acontecimento for muito relevante e muito pertinente. Esse é mais um dos valores-notícia, já falámos aqui do momento do acontecimento, da atualidade, mas a força da imagem... Deixe-me dar-lhe o exemplo do direto que nós hoje não fizemos no jornal. Nós hoje não fizemos um direto no jornal de uma derrocada no Gerês que ocupou grande parte da via, aquilo parecia um terramoto, a força daquela imagem era brutal e, portanto, nós não fizemos por falta de meios, se tivéssemos meios tínhamos feito. (...) Muitas vezes o direto justifica-se também por isso e também porque aquelas imagens em direto eram brutais. Se me pergunta assim: capta mais a atenção do espetador? Capta, ótimo. O acontecimento justifica? Justifica, porque de facto uma derrocada que ocupa grande parte da via, ou naquele caso até acho que cortou a via ao trânsito mesmo (Ent. HS).

Para Brandão, as «notícias negativas», como é o caso do exemplo dado pelo pivô, assumem-se «com um estatuto especial de valor-notícia, valorizado como sendo diferente, chocante, que foge à rotina, garantindo um aumento de audiências» (Brandão, 2002: 87). Pela perspetiva crítica de Mariano Cebrián Herreros em *La información en televisión. Obsesión mercantil y política*, o conteúdo negativo contribui para a «nova conceção televisiva»:

Se tradicionalmente houve uma propensão do jornalismo a insistir na dimensão negativa dos factos, na atualidade a televisão entrou numa espiral de maiores truculências e provocações das “más notícias” para reavivar dia após dia o interesse da audiência saturada de imagens, tornando bom o que a escola investigadora de Glasgow concretizou no princípio *news are only the bad news* (notícias são apenas as más notícias) (Herreros, 2004: 19).

O autor acrescenta ainda que «às vezes a realidade é um espetáculo por si só, mas são as seleções, enfoques e tratamentos que aumentam a espetacularidade» (Herreros, 2004: 21).

Sem minimizar o valor informativo do direto, Rita Marrafa de Carvalho destaca a importância de captar a atenção do espetador de forma atrativa:

A televisão hoje em dia segue um ritmo de hábito e rotina totalmente diferente, as pessoas ligam a televisão para estar ligada e continuam a fazer tudo aquilo que fazem normalmente com uma televisão ligada. Por isso, a necessidade de captar a atenção do espetador é grande e mais difícil, por isso a ideia que o embrulho tem de ser bonito, vistoso, sedutor, cativante, para que a informação esteja lá dentro quando o espetador abre o embrulho. Ou seja, a forma, é um desafio, tem que ser apelativa, daí a sensação de espetáculo, tem que ser sedutora, para que haja um *sparkle*, uma centelha de interesse, para se ficar a ouvir aquilo que realmente *matters*... O que interessa, que é a informação (Ent. RMC).

Por último, negando de forma convicta o recurso ao espetacular, Rita Ramos é defensora de um serviço público livre de manipulações, sem instrumentalização dos jornalistas por parte das fontes:

É muito importante as pessoas [jornalistas] terem calma e saberem que não estão ali a fazer *infotainment*. (...) O jornalista não pode ser um agente provocador, tem que ter a noção, de que hoje em dia as pessoas são muito conscientes do poder da televisão, já há manifestações que são convocadas para a hora dos principais noticiários. Eu lembro-me de manifestações em que as pessoas, faziam um Jornal da Tarde, iam almoçar e perguntavam quando é que é o próximo noticiário. Eu acho isso horrível, porque os próprios manifestantes já estão a tentar manipular, estão a tentar usar os jornalistas (...). Tem que haver uma proximidade com as fontes, mas não pode haver uma promiscuidade no sentido de se condicionarem os acontecimentos, à oportunidade, ao momento que nos dá jeito porque é giro, entrar em direto e ter os manifestantes a gritar, então vamos lá, olha vamos entrar em direto em dois minutos, isso não se faz! Há essa tendência, porque claro, depois as pessoas gostam também de ver no ar ação, mas não é isso que nós fazemos, portanto tem que haver aqui algum equilíbrio e o jornalismo espetáculo não tem lugar no serviço público (...) tira-nos a credibilidade que é a nossa grande vantagem, a médio prazo. É as pessoas saberem, que quando veem a RTP, não estão a ver palhaçada, estão a ver o que esta a acontecer, não estão ali para ver um espetáculo, estão para ver informação (...) (Ent. RR).

Tendo em conta aquilo que foi exposto, é incontornável a perceção de que estamos perante uma crescente espetacularização das notícias, o que, no que respeita ao campo da informação é consideravelmente grave, tendo em conta que a RTP é uma televisão de serviço público que se deveria pautar pelos princípios nacionais e internacionais a esse respeito, referidos anteriormente. Tal como assevera Brandão, a «informação televisiva de serviço público» deve gerar, acima de tudo «o debate e a autenticidade, em vez de promover os efeitos espetaculares e dramáticos, como forma de manter a atenção e o

interesse dos seus telespetadores, como se de um canal privado se tratasse» (Brandão, 2010: 36). Lopes, a propósito da sua investigação sobre o Telejornal da RTP1, argumenta que os coordenadores dos noticiários, «conscientes de que os telespetadores se orientam por uma lógica de antena e de que, à hora do telejornal, existe um público que se prepara para um “prime-time” dominado pela diversão»

são, por vezes, tentados a seleccionar os factos através do “interesse do público”, menosprezando o “interesse público” dos acontecimentos. Subvertem-se, então, as regras do trabalho jornalístico para promover a informação-espetáculo, esbatendo-se fronteiras que se pretendem distintas entre espaços de entretenimento e informação – uma tendência progressivamente generalizada depois do aparecimento das estações privadas, mas que se quer afastada dos canais de serviço público de TV (Lopes, F, 1999: 73).

Do ponto de vista de Correia, o recurso à espetacularização da informação nos noticiários partiu da RTP, aquando da abertura da televisão à iniciativa privada:

(...) foi com a decisão de abrir a TV aos privados, e posteriormente, com o clima de competição instaurado, nomeadamente entre a RTP e a SIC, que o telejornal se transformou no terreno por excelência da informação-espetáculo, da superficialidade e do sensacionalismo. Aliás, a honra de ter introduzido na informação televisiva portuguesa, de uma forma clara e assumida, a notícia sensacionalista, cabe ao telejornal da RTP, quando, ainda antes da SIC e da TVI começarem a emitir, surgiu a ideia de, numa jogada de antecipação, transformar a RTP numa “pré-privada” (Correia, 1997: 155-156).

Exposto este exercício investigativo, recorremos a Brandão que, nas suas palavras resume perfeitamente aquilo que é importante, atualmente, para termos uma informação televisiva de serviço público diversificada, pluralista rigorosa, e de qualidade:

(...) hoje urge um jornalismo televisivo virado para o interesse público, que não se limite a olhar para a superfície, mas, pelo contrário, que aprofunde os problemas e identifique as causas, na relação que tem com o mercado, sobretudo com os cidadãos, e que prime pela qualidade, em consonância com os diferentes grupos que compõem a vida social (Brandão, 2002: 81).

CONCLUSÃO

A realização deste relatório de estágio foi sem dúvida um desafio que resultou num crescimento e numa maturidade académica que nunca pensei atingir. O empenho que um trabalho desta envergadura implica exige do estudante muito mais do que aquele dos exercícios que são pedidos para as unidades curriculares do Mestrado. O trabalho e o esforço dedicado a este relatório e o resultado final são reflexo de longos meses de aprendizagem no âmbito profissional e académico que considero cruciais para a formação intelectual e humana de qualquer estudante do ensino superior.

Os três meses de estágio deram-me a oportunidade de aprofundar e pôr em prática as técnicas de jornalismo televisivo aprendidas durante as aulas. Mais importante ainda foi, através do acompanhamento realizado aos locais de reportagem com os jornalistas, perceber a rotina de recolha da informação junto das fontes. O resultado final é um processo criterioso de transformação dos acontecimentos em notícias que depende do profissionalismo dos jornalistas e da perceção que estes têm dos factos. Na sua própria forma de redigir e relatar, cada jornalista coloca nas reportagens e diretos, o seu toque pessoal. Nenhum profissional escreve igual ao outro e as peças jornalísticas são prova disso. Para se ser um bom jornalista é preciso saber fazer e fazer bem.

O resultado enriquecedor desta experiência de estágio e de observação deve-se, na sua grande parte, ao acompanhamento que tive por parte da Rita Ramos, a editora de sociedade e minha tutora de estágio, que corrigia as reportagens televisivas que eu fazia para treinar, dando-me depois conselhos sobre aquilo que eu poderia melhorar. Não teria também sido possível sem a disponibilidade da Susana Santos, coordenadora do Jornal da Tarde, para me receber no Porto e permitir que eu a acompanhasse sistematicamente, durante o tempo que passei na redação, a observar, com detalhe, o trabalho que ela desempenhava na produção do Jornal da Tarde e, mais concretamente, na marcação, preparação e transmissão de diretos neste noticiário. Sem a sua abertura para me responder a todas questões que eram colocadas, a observação não teria o mesmo significado. Para a perceção daquilo que uma transmissão de um direto em tempo real representa, nomeadamente os seus prós e contras, foi crucial observar, *in situ*, as várias fases implicadas na realização de diretos: preparação por parte dos jornalistas e a transmissão destes no local dos acontecimentos - através dos vários meios de direto -,

realizados com o apoio dos repórteres de imagem; e coordenação da emissão de diretos (em vários noticiários) através da régie. Sem este acompanhamento não tinha sido possível perceber o que implica transmitir informação em tempo real.

Porém, apesar do incontestável benefício que a experiência de estágio proporcionou, há alguns aspetos menos positivos que devem ser referidos. A impossibilidade de realizar uma experiência em contexto real de reportagem, sozinha, foi um pouco dececionante, mas compreensível. Aos estagiários curriculares da RTP não lhes é permitido fazer reportagens para os noticiários porque todas as peças jornalísticas são assinadas e só quem tem carteira profissional é que o pode fazer. Achamos que seria mais vantajoso para os estagiários – principalmente após aprendizagem académica na área - poderem viver e passar pela experiência de ter de lidar com os tempos de feitura dos noticiários, em que as notícias têm que estar prontas a determinada hora sob pena de não serem emitidas. Contudo, esta situação é compreensível, pois é uma prática ilegal. Poder acompanhar os jornalistas e escrever reportagens, que depois são corrigidas por parte dos profissionais é igualmente importante. Outra situação menos compreensível foi a tentativa de edição de algumas dessas reportagens. Quando ia tentar editá-las, com o editor de imagem, era perceptível a falta de boa vontade de alguns editores para fazerem um trabalho que, para eles, não iria ser reconhecido, porque era apenas para um estagiário levar para casa, para o seu currículo.

Da RTP levo tudo o que aprendi e levo a certeza da importância da comunicação social na vida dos cidadãos e das cidadãs. Sem os média, não teríamos conhecimento nem de metade do que se passa no país e no mundo. Desta experiência levo também o valor das relações interpessoais, porque é importante comunicar, trocar experiências, partilhar ensinamentos e histórias e, acima de tudo, aprender. Fazer parte da equipa de redação da RTP fez-me entender, ainda mais, a importância de sermos profissionais multifacetados, humildes, atentos e críticos com o nosso próprio trabalho.

No que diz respeito ao exercício investigativo, resultado do cruzamento daquilo que foi apreendido e observado durante esta experiência de estágio com a revisão de literatura, a análise de conteúdo e as perceções dos profissionais obtidas através das entrevistas, apresentamos em seguida as principais conclusões a que chegámos.

Tendo em conta que dos 90 noticiários analisados, apenas dois não transmitiram qualquer direto ou falso direto, deparamo-nos com uma presença sistemática de diretos no Jornal da Tarde. A concorrência entre as televisões nacionais obriga a que, nenhuma

estação se possa dar ao luxo de não transmitir um acontecimento em tempo real, quando as outras estão dispostas a fazê-lo, em prejuízo de baixar o nível de audiências. O telespetador gosta de ver o desenrolar dos acontecimentos ao vivo, pela carga emotiva e espetacular que o direto pode transmitir, derivada da curiosidade humana de poder ocorrer alguma situação inesperada a qualquer momento. Ver em tempo real dá ao público a ilusão de que está no local a acompanhar o que ocorre, minuto a minuto. A imediatez do direto aporta assim, uma vantagem competitiva para o meio televisivo que a este recorre, na hora de mostrar um acontecimento, primeiro que as demais televisões.

Além deste benefício, o uso do direto acarreta outro significado positivo para a RTP, que fica claro com as declarações dadas em entrevista. Se pensarmos que, atualmente, se podem fazer diretos praticamente de qualquer ponto do país, após cinco minutos de espera para ligar o equipamento (*teradek*), o acompanhamento em permanência, feito pelos jornalistas, pode ser transmitido aos telespetadores a qualquer momento. A RTP recorre assim aos diretos para mostrar que está no local do acontecimento até que este termine, e que, se existir alguma novidade entra em direto prontamente. Neste sentido, alguns diretos transmitidos na RTP são usados tanto para dar um detalhe novo sobre o acontecimento como para dizer que não há nada de novo para acrescentar. Significando assim, que a RTP está no local, isto para que os telespetadores saibam que podem contar com a RTP para estarem atualizados, não precisando de mudar de canal para saber tudo sobre aquele acontecimento. Este tipo de recurso mostra também que nem todos os diretos têm valor noticioso, sendo usados como forma de entretenimento e captação de audiências.

Outra das conclusões que obtivemos através do exercício investigativo é o elevado uso de diretos com histórias de interesse do público em detrimento de outros temas de interesse público. Durante a análise de conteúdo, observámos quais as duas temáticas mais retratadas em diretos e com maior tempo de emissão: o desporto e os acidentes e catástrofes - as denominadas notícias negativas. Tendo em conta que o primeiro direto da RTP foi exatamente sobre desporto - um treino do Sporting -, estas conclusões corroboram de certa forma o peso que os diretos sobre esta temática têm nos noticiários do canal. A relevância dada ao desporto é regular desde 1958.

A elevada emissão de diretos sobre estes assuntos têm um significado de entretenimento, através do desporto e de espetacularização dos acontecimentos através dos acidentes e catástrofes. Este recurso está associado à obtenção de audiência por ser

aquilo que os telespetadores gostam de ver. Mariano Herreros assegura que esta realidade tende a piorar, prejudicando o valor noticioso transmitido nas peças jornalísticas televisivas:

O interesse comercial pela atração e concentração da audiência seguirá sendo o eixo dos canais generalistas. A acelerada competitividade tenderá a deteriorar mais ainda os conteúdos e os gostos da audiência. Aumentar-se-á o que desperte maior interesse, independentemente da importância real dos factos ou da sua transcendência social (Herreros, 2004:187).

Porém, a informação transmitida nos noticiários televisivos deve contribuir para o desenvolvimento social, cultural e económico do país em vez de promover os efeitos espetaculares de determinados acontecimentos. A obrigação de responsabilidade social na produção de informação «pluralista», «contextualizada» e «aprofundada», que consista numa «referência de credibilidade e confiança» para os portugueses - conforme referencia a legislação nacional e internacional -, não pode ser posta em causa em resultado destas fórmulas informativas usadas para a obtenção de audiência.

Em suma, o direto, considerado pela literatura como a transmissão dos acontecimentos em tempo real, não deve ser a emissão do que já ocorreu ou do que ocorrerá, num local que não é o dos factos. Como podemos constatar, o direto não é usado no sentido linear da sua função informativa e representativa do real. Estamos perante uma fase noticiosa em que não há limites para realizar diretos e em que a imediatez é sinónimo de atualidade.

Posto isto, tendo em conta a abundância de conteúdos negativos transmitidos através dos diretos, acreditamos estar, como refere criticamente Mariano Cebrián Herreros, perante uma «nova conceção televisiva»:

Se tradicionalmente houve uma propensão do jornalismo a insistir na dimensão negativa dos factos, na atualidade a televisão entrou numa espiral de maiores truculências e provocações das “más notícias” para reavivar dia após dia o interesse da audiência saturada de imagens, tornando bom o que a escola investigadora de Glasgow concretizou no princípio *news are only the bad news* (notícias são apenas as más notícias) (Herreros, 2004: 19).

Para contrariar esta tendência, verificada na televisão de serviço público, é preciso garantir que a informação transmitida nos diretos e nas restantes peças jornalísticas seja diversificada, pluralista, rigorosa, e, principalmente, de qualidade.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para incentivar reflexões mais aprofundadas sobre o direto em televisão em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agee, W. K. e Traquina, N. (2005). *O Quarto Poder Frustrado: Os Meios de Comunicação Social no Portugal Pós-Revolucionário*. Lisboa: Vega
- Andringa, D. (2014). *Os Funcionários da Verdade, Profissionalismo e responsabilidade social dos jornalistas do serviço público de televisão*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Barbeiro, H e Lima, P. (2013). *Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias*. Rio de Janeiro: Campus.
- Barriga, E. C. (2014). *El directo informativo en televisión. El relato de una noticia en tiempo real*. Madrid: CEU.
- Boorstin, D. J. (1992). *The Image: A Guido to Pseudo-Events in America*. New York: Vintage Books.
- Bourdieu, P. (2005). *Sobre a televisão* (3ª reimp.). (M. S. Pereira, Trad.) Oeiras: Celta.
- Brandão, N.G. (2002). *O Espectáculo das Notícias: a televisão generalista e a abertura dos Telejornais*. Lisboa: Notícias.
- Brandão, N.G. (2010). *As notícias nos telejornais: Que serviço público para o século XXI?*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Cádima, F.R. (1995). *Salazar, o Regime e a Televisão*. In M. M. (org.), *Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação Política* (21 e 22). Lisboa: Cosmos.
- Cádima, F. R. (1996). *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*. Lisboa: Presença.
- Canavilhas, J. (2001). *Televisão. O domínio da informação-espectáculo*. Consultado a 29 de novembro de 2015, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf>.
- Cardoso N., & Gurgel M. (23 de outubro de 2014) *Telejornal: a escola da informação que é espelho de um país*. *Notícias TV*. Obtido em 18 de outubro de 2016, de: http://www.noticiastv.pt/exclusivo/interior/telejornal_a_escola_da_informacao_que_e_espelho_de_um_pais__4627280.html.
- Carvalho, A. A. (2009). *A RTP e o Serviço Público de Televisão*. Coimbra: Almedina.
- Código Deontológico do Jornalista. *Público*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/29-codigo-d.html.

- Código Deontológico do Jornalista (Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas - 4 de Maio de 93). *Comissão da Carteira Profissional de Jornalista*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: <http://www.ccpj.pt/legisdata/LgCodigoDeontologico.htm>.
- Coelho, P. (2005). *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Lisboa: Horizonte.
- Cohen, B. (1963). *The press and foreign policy*. Princeton, Nova Jérсия: Princeton University Press.
- Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão. *Rádio e Televisão de Portugal*. Obtido em 18 de maio de 2016, de: <http://media.rtp.pt/institucional/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>.
- Correia F. (1997). Os Jornalistas e as Notícias: A Autonomia Jornalística em Questão (2ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Dayan, D., & Katz, E. (1995). *La historia en directo. La retransmisión televisiva de los acontecimientos*. (E. O. Aya, Trad.) Barcelona: Gustavo Gili.
- European Broadcasting Union. *Eurovision*. Obtido em 20 de setembro de 2016, de: <https://www.eurovision.net/about/ebu.php>.
- García, J. B. (2002). *Realización de los géneros televisivos* (Ciencias de la información. Comunicación audiovisual). Madrid: Síntesis.
- Golding, P. & Elliott, P (1979). *Making the News*. Londres: Longman.
- Gomes, A. (2012). *Nos bastidores dos telejornais. RTP1, SIC e TVI*. Lisboa: Tinta da China.
- Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Obtido em: 20 de junho de 2016, de: <http://bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.html>.
- Herreros, M. C. (2003). *Información Televisiva, Mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Síntesis.
- Herreros, M. C. (2004). *La información en televisión. Obsesión mercantil y política* (Estudios de Televisión, 21). Barcelona: Gedisa.
- Industry-leading technology. *AP ENPS*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: http://www.enps.com/pages/technical_overview/releases.
- Jespers, J. (1998). *Jornalismo Televisivo. Princípios e Métodos*. Coimbra: Minerva.
- León, B. (2010). Introducción: Información y espectáculo en un nuevo ecosistema informativo. In B. L. (coord.), *Informativos para la televisión del espectáculo* (Colección Periodística, 40, pp. 17-29). Zamora: Comunicación Social.

- Livro de Estilo do Público – Edição de Fevereiro de 1998. *Público*. Obtido em 20 de junho de 2016, de: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/12-regras-c.html
- Lopes, A. S. (2014). Domesticating Portuguese Television. In J. H. D. (ed.), *The Media In Europe's Small Nations*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars.
- Lopes, F. (1999). *O Telejornal e o Serviço Público*. Coimbra: Minerva.
- Lopes, F. (2008). A TV do real. A televisão e o espaço público. Coimbra: Minerva.
- Luzón, V., & Ferrer, I. (2008). Abordar el análisis del discurso: ¿hay telebasura informativa? In B. L. (coord.), *Transformar la televisión. Otra televisión es posible* (Colección Periodística, 24, pp. 148-154). Sevilla: Comunicación Social.
- Mateos, C. (2013). El directo ético y el directo patético en los informativos de televisión. *Comunicación y Medios,0* (28), pp. 61 - 79. doi:10.5354/0719-1529.2013.29700.
- Mesquita, M. (16 de março de 2001). A turbodeontologia. *Público*. Obtido em 1 de Novembro de 2015, de: <http://www.publico.pt/media/jornal/a-turbodeontologia-155643>.
- Oliva, L., & Sitjà, X. (1992). *Las noticias en televisión*. Barcelona: IORTV.
- Oliveira, J. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Cenjor. Obtido em 20 de junho de 2016, de: <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=73220&img=458>.
- Pastoriza, F. R. (2003). *La mirada en el cristal. La información en televisión*. Madrid: Fragua.
- Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo – 1983*. (20 de novembro de 1983). Obtido em 4 de dezembro de 2015, de Sindicato dos Jornalistas: <http://www.jornalistas.eu/?n=7998>
- Ramonet, I. (2001). *La tiranía de la comunicación*. (A. Albiñana, Trad.) Madrid: Debate.
- Romano V. (1998). *El tiempo y el espacio en la comunicación: La razón pervertida*. Hondarribia: Hiru.
- RTP, História. *Rádio e Televisão de Portugal*. Obtido em 18 de maio de 2016, de: <http://media.rtp.pt/institucional/rtp/historia/>.
- RTP, Jornal da Tarde - Sobre o Programa. *Rádio e Televisão de Portugal*. Obtido em 20 de setembro de 2016, de: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p31391>.

- RTP, Missão. *Rádio e Televisão de Portugal*. Obtido em 18 de maio de 2016, de:
<http://media.rtp.pt/institucional/rtp/missao/>.
- RTP, Organograma. *Rádio e Televisão de Portugal*. Obtido em 18 de maio de 2016, de:
<http://media.rtp.pt/institucional/rtp/organograma-2/>.
- Santos, S.C. (2013). *Da rádio estatal ao modelo integrado: Compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Shoemaker P. J. & Vos T. P. (2009). *Gatekeeping Theory*. New York: Routledge.
- Teixeira, C. (31 de março de 2004). RTP estreia hoje novas instalações com o Telejornal. *Público*. Obtido em 25 de julho de 2016, de:
<https://www.publico.pt/media/noticia/rtp-estrelia- hoje-novas-instalacoes-com-o-telejornal-1189887>.
- Teves, V. H. (2007). *RTP 50 Anos - História da Televisão em Portugal*. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal.
- Torres, E. C. (2011). *A Televisão e o Serviço Público*. Lisboa: FFMS.
- Tuchman, G. (1978). *Making news: A study in the construction of reality*. Nova Iorque: Free Press.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença.

ANEXOS

ANEXO 1. DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO



RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL SA

DECLARAÇÃO

Por ter sido pedido e para os devidos efeitos, declara-se que **Ana Filipa da Silva Ribeiro**, realizou um estágio/formação não remunerado nesta Empresa no período de 02 de fevereiro de 2016 a 29 de abril de 2016 com o total de 469 horas de estágio.

Lisboa, 29 de abril de 2016

Maria Helena Pereira
Diretora de Recursos Humanos

Capital Social € 1.422.370,340 - NIPC 500 225 685 / MHI, CRC Lisboa

M0201IMP - 1300

www.rtp.pt

Av. Marechal Gomes da Costa, nº 37
1849-030 Lisboa
Portugal

Tel.: (+351) 217 947 000
Fax: (+351) 217 947 570

R. Conceição Fernandes, nº 755
4434-510 Vila Nova de Gaia
Portugal

Tel.: (+351) 227 156 000
Fax: (+351) 227 156 072

R. Castelo Branco
9500-761 Póvoa do Varzim
Portugal

Tel.: (+351) 296 201 100
Fax: (+351) 296 201 120

Caminho de S.º António, nº 145
9824-500 Funchal
Portugal

Tel.: (+351) 291 709 100
Fax: (+351) 291 741 859

ANEXO 2. TABELA DE ANÁLISE DE CONCHA MATEOS

Parámetro	Categoría	Descripción
Naturaleza de la acción	Directo activo	Ocurre la acción.
	Directo enunciativo	Ocurre la enunciación.
	Directo artificial	Ocurre una representación.
Tiempo de la acción	Directo continuo	Pasado que fue y sigue siendo.
	Directo rememorativo	Pasado que ha sido.
	Directo profético	Futuro, será.
Escenario del directo	Directo ilustrativo	Un lugar es escenario de hechos y sus circunstancias presentes portan información.
	Directo perpetuo	Un escenario invariable, puede tener valor informativo identificativo.
	Directo imaginado (Directo a las puertas)	Se imagina el lugar próximo, no se puede acceder, es privado o de paso restringido, pero estamos lo más cerca posible.
	Directo arbitrario	Los hechos podrían contarse desde otros espacios, no ocurren en espacio específico.
	Directo contrario	No estamos en el lugar del relato y no es indiferente el lugar porque el espacio de los hechos sí es otro específico.
Rol narrativo	Directo total	Toda la información se ofrece en directo.
	Directo principal	Se da información en directo y grabada.
	Directo presentación	El directo simplemente da paso a la información, segunda presentación.
Voz en directo	Directo primario	El lugar permite el acceso a fuentes primarias, ha ido a su espacio, les deja la voz.
	Directo editorial	Habla el periodista, el medio.

ANEXO 3. REPORTAGENS REALIZADAS

Reportagens depositadas em CD no final do documento.

ANEXO 3.1. PRIMEIRO TRANSPLANTE CARDÍACO EM PORTUGAL

ANEXO 3.2. CARNAVAL DE TORRES VEDRAS

ANEXO 3.3. EXPOSIÇÃO “AQUI MORREU UMA MULHER”

ANEXO 3.4. FECUNDIDADE

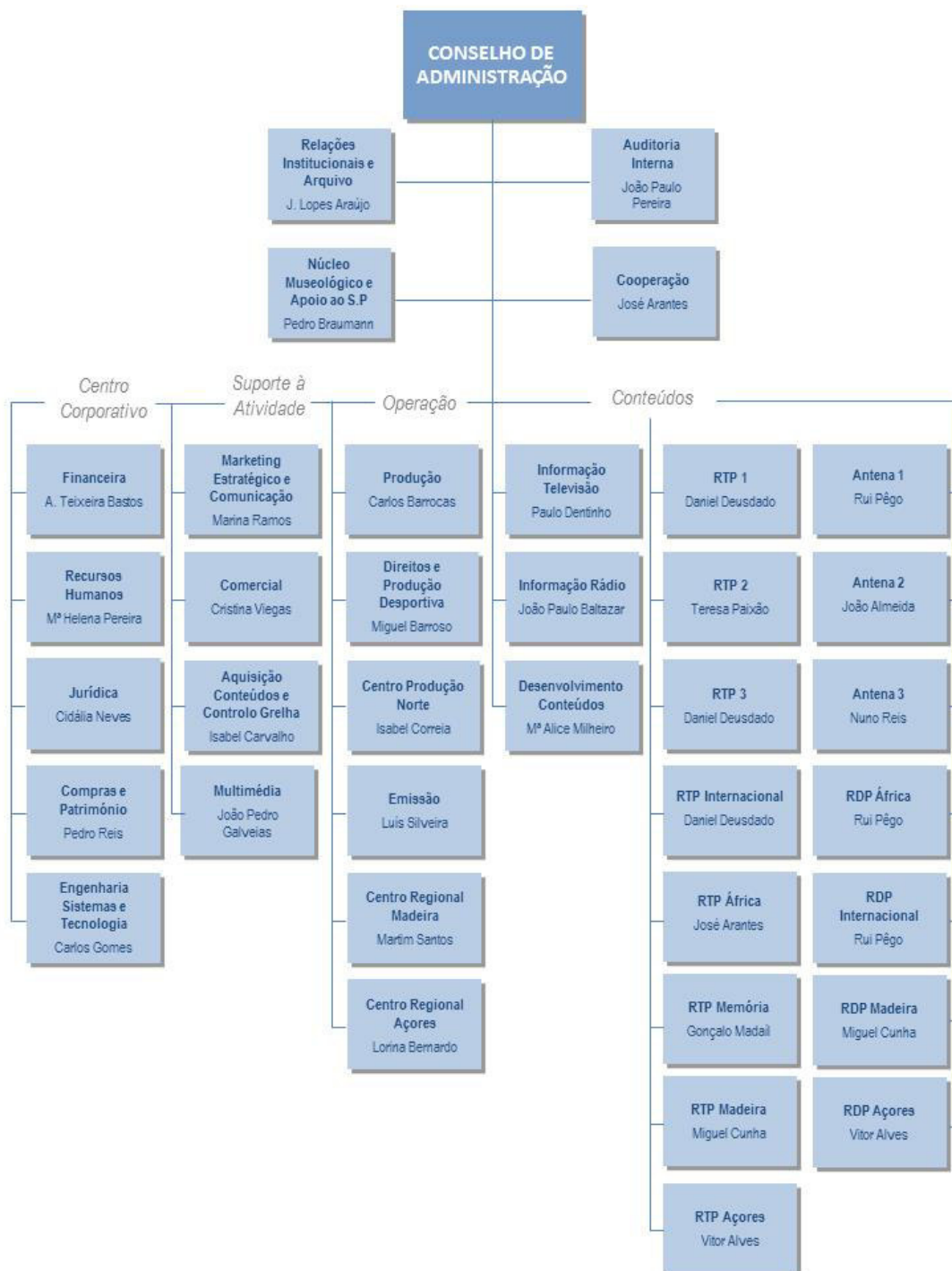
ANEXO 3.5. FESTAS DE CONSTÂNCIA

ANEXO 3.6. JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE INVERNO DE 2016

ANEXO 3.7. FILME “O AMOR É LINDO PORQUE SIM”

ANEXO 3.8. PAÇO REAL DE CAXIAS

ANEXO 4. ORGANOGRAMA DA RTP



ANEXO 5. GRELHA DE ANÁLISE AOS DIRETOS EMITIDOS NO JORNAL DA TARDE

	Data	Total de Notícias	Descrição	Localização Temporal	Parte	Ordem no Alinhamento	Duração	Tipo de Direto	Tema	Território	Natureza da Ação	Tempo da Ação	Cenário	Função Narrativa	Complemento Direto	Voz em Direto	Pontos de Direto	Observações
Dirto 1	01-02-2016	34	FALSO DIRETO REI OUVEM PARTIDOS	13:34	1ª	14º	02:20	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dirto 2	02-02-2016	31	FALSO DIRETO EUA	13:29	1ª	14º	01:48	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dirto 3	02-02-2016	31	FALSO DIRETO CONVERSAS DO REI	13:34	1ª	16º	02:29	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	
Dirto 4	03-02-2016	35	DIRETO PARLAMENTO	13:07	1ª	5º	03:36	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dirto 5	03-02-2016	35	DIRETO PARLAMENTO 1	13:36	1ª	18º	02:49	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dirto 6	04-02-2016	27	DIRETO LISBOA	13:08	1ª	4º	05:27	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	
Dirto 7	04-02-2016	27	DIRETO NOVO BANCO	13:17	1ª	7º	03:40	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dirto 8	04-02-2016	27	DIRETO PALÁCIO JUSTIÇA	13:23	1ª	10º	04:10	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Apresentação	Peça(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dirto 9	05-02-2016	30	DIRETO BRUXELAS	13:03	1ª	3º	02:35	Direto	Estado: Governo	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dirto 10	05-02-2016	30	DIRETO BERLIM	13:05	1ª	4º	04:12	Direto	Estado: Governo	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Direto anterior relacionado

Dir eto 11	05- 02- 20 16	30	DIRETO BRAGA	13:18	1ª	8º	07:01	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 12	05- 02- 20 16	30	DIRETO PALÁCIO JUSTIÇA	13:27	1ª	10º	01:13	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 13	06- 02- 20 16	27	DIRETO BRAGANÇA	13:04	1ª	3º	04:46	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 14	06- 02- 20 16	27	DIRETO PALÁCIO DA JUSTIÇA	13:31	1ª	13º	03:42	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 15	07- 02- 20 16	32	DIRETO PALÁCIO JUSTIÇA	13:09	1ª	6º	03:20	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 16	07- 02- 20 16	32	DIRETO TRIBUNAL BRAGA	13:13	1ª	8º	03:20	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 17	07- 02- 20 16	32	DIRETO CARNAVAL ESTARREJA	14:04	2ª	29º	02:53	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 18	08- 02- 20 16	36	DIRETO PALÁCIO JUSTIÇA	13:06	1ª	5º	02:46	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 19	08- 02- 20 16	36	DIRETO TORRES VEDRAS	13:18	1ª	10º	03:35	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Direto sobre a operação de carnaval da GNR
Dir eto 20	09- 02- 20 16	35	DIRETO GAIA	13:07	1ª	6º	02:21	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 21	09- 02- 20 16	35	FALSO DIRETO MÁRCIA	13:19	1ª	11º	01:38	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 22	09- 02- 20 16	35	DIRETO LESBOS	13:24	1ª	13º	03:58	Direto	Solidariedade	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes

Dir eto 23	09-02-2016	35	DIRECTO TORRES VEDRAS	13:38	1ª	22°	03:05	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 24	09-02-2016	35	DIRECTO OVAR	14:02	2ª	33°	02:28	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 25	09-02-2016	35	DIRECTO LOULÉ	14:04	2ª	34°	02:46	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 26	10-02-2016	35	DIRECTO AR	13:05	1ª	3°	02:36	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça e boca sobre o tema antes
Dir eto 27	10-02-2016	35	DIRECTO LESBOS	13:37	1ª	17°	02:30	Direto	Problemas Sociais	Internacional	Direto Artificial	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Direto dos montes de coletes salva vidas
Dir eto 28	11-02-2016	30	FDIR EUROGRUPO	13:10	1ª	5°	02:37	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 29	11-02-2016	30	DIRETO GP PS	13:30	1ª	15°	02:44	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 30	11-02-2016	30	FDIR LESBOS	13:39	1ª	19°	03:21	Falso Direto	Solidariedade	Internacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 31	12-02-2016	26	DIRETO ESTELA	13:09	1ª	5°	04:22	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	(Imposto Combustíveis-OEstado) OFF sobre o tema antes
Dir eto 32	12-02-2016	26	DIRETO RELVADO LUZ + DIRETO ESTÁGIO BENFICA + DIRETO HOTEL FC PORTO	13:37	1ª	17°	10:36	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Editorial	3	OFF sobre o tema antes + Grafismo equipas

Dir eto 33	12- 02- 20 16	26	DIR PLANETÁRIO	14:03	2ª	24º	03:01	Direto	Outros	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 34	13- 02- 20 16	24	DIRETO ÁGUEDA	13:02	1ª	2º	02:07	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 35	13- 02- 20 16	24	DIRETO RIBEIRA	13:06	1ª	4º	02:43	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 36	13- 02- 20 16	24	DIRETO REUNIÃO ANTRAM	13:19	1ª	11º	02:05	Direto	Sindicatos/Assoc iações Profissionais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 37	14- 02- 20 16	21	DIRETO COIMBRA + DIRETO PROTEÇÃO CIVIL + DIRETO ÁGUEDA	13:04	1ª	4º	06:45	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	3	Peça sobre o tema antes
Dir eto 38	14- 02- 20 16	21	FDIR VALONGO	13:11	1ª	5º	01:39	Falso Direto	Trânsito	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 39	15- 02- 20 16	33	DIRETO PONTE DE LIMA	13:03	1ª	3º	03:22	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 40	15- 02- 20 16	33	DIRETO MONTEMOR O VELHO	13:08	1ª	5º	03:37	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 41	15- 02- 20 16	33	FALSO MADRID	13:40	1ª	21º	02:59	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	
Dir eto 42	16- 02- 20 16	27	DIRETO PRAIA OEIRAS	13:08	1ª	4º	03:40	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 43	16- 02- 20 16	27	DIRETO MONTEMOR	13:14	1ª	6º	03:39	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 44	16- 02- 20 16	27	DIRETO RELVADO LUZ 2	13:25	1ª	11º	08:23	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes +

																		Grafismo equipas
Dir eto 45	16-02-2016	27	DIRETO EUROPARQUE	13:39	1ª	14º	03:57	Direto	Autarquias	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 46	17-02-2016	36	DIRETO CAXIAS	13:03	1ª	3º	03:04	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 47	18-02-2016	32	FDIRETO AEM	13:19	1ª	8º	02:28	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 48	19-02-2016	31	DIRETO PARQUES NAÇÕES	13:01	1ª	2º	02:13	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 49	19-02-2016	31	DIRETO PJ	13:03	1ª	3º	03:07	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Não tem	Direto Editorial	1	Direto anterior relacionado
Dir eto 50	19-02-2016	31	FALSO DIRETO	13:24	1ª	14º	01:48	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 51	20-02-2016	24	DIRETO TIC	13:17	1ª	9º	01:44	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 52	21-02-2016	26	DIRETO PRAIA CAXIAS	13:02	1ª	2º	03:12	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 53	22-02-2016	38	DIRECTO AR	13:05	1ª	3º	02:12	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 54	23-02-2016	33	DIRECTO PJ LISBOA	13:01	1ª	2º	03:29	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 55	23-02-2016	33	DIRECTO AR	13:10	1ª	5º	06:19	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 56	24-02-2016	31	DIRECTO CAMPOS JUSTIÇA	13:11	1ª	6º	02:26	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes

Dir eto 57	25- 02- 20 16	34	DIRETO CAMPUS JUSTIÇA	13:08	1ª	7º	03:41	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 58	26- 02- 20 16	34	FDIR SANDRA FELGUEIRAS	13:01	1ª	2º	01:24	Falso Direto	Autopromoção	Nacional	Direto Artificial	Direto Profético	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes/ Informaçã o e promoção do Sexta às 9 sobre investigaç ão procurado r
Dir eto 59	26- 02- 20 16	34	DIRETO CONGRESSO CGTP	13:10	1ª	6º	03:31	Direto	Sindicatos/Assoc iações Profissionais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 60	26- 02- 20 16	34	DIRETO SERRA DA ESTRELA	13:19	1ª	10º	03:06	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 61	26- 02- 20 16	34	FALSO DIRECTO MONTEMURO	13:59	2ª	30º	01:47	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 62	27- 02- 20 16	32	DIRETO MARÃO + DIRETO SABUGUEIRO + DIRETO CINFÃES	13:06	1ª	6º	06:30	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	3	OFF sobre o tema antes/ 2º e 3º Diretos Editoriais
Dir eto 63	27- 02- 20 16	32	FDIR LOUSÃ NEVE	13:12	1ª	7º	01:48	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 64	27- 02- 20 16	32	DIRETO CGTP	13:16	1ª	10º	02:03	Direto	Sindicatos/Assoc iações Profissionais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 65	27- 02- 20 16	32	FALSO DIRETO ALGARVE	13:58	2ª	28º	02:14	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 66	28- 02- 20 16	31	DIRETO SERRA ESTRELA	13:02	1ª	2º	03:41	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes

Dir eto 67	28- 02- 20 16	31	DIRETO LOUSÁ NEVE	13:06	1ª	4º	03:37	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 68	29- 02- 20 16	34	DIRETO CACHÃO	13:05	1ª	3º	03:12	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 69	01- 03- 20 16	37	DIRECTO CAXINAS	13:05	1ª	3º	02:48	Direto	Ambiente	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 70	01- 03- 20 16	37	FALSO DIRECTO MÁRCIA	13:26	1ª	14º	02:18	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 71	02- 03- 20 16	31	FALSO DIRECTO MÁRCIA	13:35	1ª	17º	01:49	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 72	03- 03- 20 16	36	DIRECTO RÉGUA + DIRECTO CHAVES	13:02	1ª	2º	03:22	Direto	Saúde e Ciência	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	2	Peça sobre o tema antes
Dir eto 73	03- 03- 20 16	36	DIRECTO S. JULIÃO DA BARRA	13:06	1ª	4º	02:24	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 74	03- 03- 20 16	36	DIRECTO S. JULIÃO 2	13:11	1ª	6º	01:44	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 75	03- 03- 20 16	36	DIRECTO MATOSINHOS	13:24	1ª	13º	02:23	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 76	05- 03- 20 16	29	DIRECTO BRAGANÇA	13:01	1ª	2º	03:34	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 77	05- 03- 20 16	29	DIRETO ALVALADE RELVADO + DIRETO ESTÁGIO SPORTING + DIRETO ESTÁGIO BENFICA	13:14	1ª	10º	08:55	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	3	OFF sobre o tema antes + Grafismo equipas

Dir eto 78	06-03-2016	34	DIRECTO LISBOA	13:08	1ª	6º	02:55	Direto	Solidariedade	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 79	06-03-2016	34	DIRETO CICLISMO PARIS NICE	13:39	1ª	28º	01:56	Direto	Desporto	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Direto com comentário durante a prova de ciclismo
Dir eto 80	07-03-2016	33	DIRETO PALÁCIO QUELUZ	14:00	2ª	30º	02:23	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 81	08-03-2016	37	FDIR BRUXELAS	13:03	1ª	2º	02:43	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 82	08-03-2016	37	FDIR BENFICA RÚSSIA	13:41	1ª	26º	02:14	Falso Direto	Desporto	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 83	09-03-2016	31	DIRETO PALÁCIO BELÉM	13:00	1ª	2º	06:50	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	3	Boca sobre o tema antes
Dir eto 84	09-03-2016	31	DIRETO EXTERIOR BELÉM	13:07	1ª	3º	02:51	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Direto sobre o tema antes
Dir eto 85	09-03-2016	31	DIRETO PALÁCIO BELÉM 2	13:16	1ª	6º	01:43	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Recorrem a imagens gravadas previamente sobre aquilo que já aconteceu e o repórter está a reportar agora
Dir eto 86	09-03-2016	31	DIRETO S. PETERSBURGO	13:37	1ª	18º	06:21	Direto	Desporto	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes + Grafismo equipas
Dir eto 87	10-03-2016	31	FALSO DIRETO ISTAMBUL	13:37	1ª	19º	05:08	Falso Direto	Desporto	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Gráfico com equipas

Dir eto 88	10-03-2016	31	PICA SINAL EBU	13:44	1ª	23º	00:49	Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	No direito apenas se houve o Presidente do BCE por breves segundos (sem tradução sequer, jornalista fala por cima)
Dir eto 89	10-03-2016	31	DIRETO TRIBUNAL AVEIRO	14:02	1ª	28º	01:24	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 90	11-03-2016	37	DIRETO CASA ROSEIRAL	13:03	1ª	3º	04:47	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 91	12-03-2016	23	DIRETO CONGRESSO	13:03	1ª	3º	11:05	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Primário	2	OFF sobre o tema antes
Dir eto 92	12-03-2016	23	DIRETO BELÉM + EXTERIOR BELÉM	13:17	1ª	5º	04:15	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	2	Peça sobre o tema antes
Dir eto 93	12-03-2016	23	DIRETO CONGRESSO 2	13:31	1ª	12º	08:56	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 94	13-03-2016	24	DIRETO CONGRESSO	13:00	1ª	2º	10:46	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 95	13-03-2016	24	DIRETO PARIS NICE	13:35	1ª	20º	02:48	Direto	Desporto	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Direto com comentário durante a prova de ciclismo
Dir eto 96	13-03-2016	24	DIRETO CONGRESSO 1	13:53	2ª	23º	04:01	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	c/ 1 comentador
Dir eto 97	14-03-2016	35	DIRETO MATOSINHOS 1	13:04	1ª	3º	03:41	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça e boca sobre o tema antes

Dir eto 98	14- 03- 20 16	35	DIRECTO MOTO	13:08	1ª	4º	04:01	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Direto sobre o tema antes
Dir eto 99	14- 03- 20 16	35	DIRECTO MATOSINHOS 2	13:59	2ª	30º	01:59	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 100	15- 03- 20 16	27	DIRECTO BASÍLICA ESTRELA	13:20	1ª	7º	02:27	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Falecimen to Nicolau Breyner
Dir eto 101	15- 03- 20 16	27	DIRECTO TIC	13:31	1ª	12º	01:37	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 102	15- 03- 20 16	27	FALSO DIRECTO NB ACADEMIA	14:00	2ª	25º	02:24	Falso Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 103	16- 03- 20 16	38	DIRECTO AR	13:00	1ª	2º	03:57	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 104	16- 03- 20 16	38	DIRECTO BASÍLICA DA ESTRELA	13:13	1ª	8º	04:51	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 105	16- 03- 20 16	38	FALSO DIRECTO BRUXELAS	13:21	1ª	10º	02:28	Falso Direto	Assuntos Militares e Policiais	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 106	16- 03- 20 16	38	FALSO DIRECTO MÁRCIA	13:26	1ª	12º	02:07	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 107	16- 03- 20 16	38	DIRECTO BASÍLICA	14:00	2ª	32º	03:21	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 108	16- 03- 20 16	38	DIRECTO VISEU	14:05	2ª	36º	02:35	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes

Dir eto 109	17- 03- 20 16	29	FALSO DIRECTO BRASIL	13:06	1ª	3º	02:34	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	*Falso Direto gravado na praia! (+pintado) Fala sobre Lula da Silva nomeado ministro + manifesta ção demissão Dilma
Dir eto 110	17- 03- 20 16	29	PICA SINAL TV GOVERNO BRASIL	13:40	1ª	20º	03:35	Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Comenta a pivô e ouve-se brevemen te o jornalista brasileiro da televisão que está a emprestar o sinal
Dir eto 111	17- 03- 20 16	29	DIRECTO PALÁCIO DO PLANALTO	14:09	2ª	29º	01:26	Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Sinal emprestad o por canal brasileiro
Dir eto 112	18- 03- 20 16	31	FALSO DIRECTO BRASÍLIA	13:11	1ª	6º	01:44	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	*Problem as técnicos falso direto - não terminou
Dir eto 113	18- 03- 20 16	31	DIRETO CONVOCADO S	13:59	2ª	27º	03:12	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 114	19- 03- 20 16	28	FDIR MOSCOVO	13:05	1ª	3º	02:12	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 115	19- 03- 20 16	28	DIRETO FUTSAL SPORTINGXB ENFICA	13:46	1ª	23º	01:54	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	

Dir eto 116	20- 03- 20 16	28	FDIR SÃO PAULO	13:11	1ª	6º	01:43	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 117	20- 03- 20 16	28	DIRETO COSTA AÇORES	13:35	1ª	19º	02:09	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 118	21- 03- 20 16	33	FALSO DIRETO BARCELONA	13:16	1ª	8º	03:37	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 119	21- 03- 20 16	33	DIRETO CUBA	13:21	1ª	10º	04:19	Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 120	22- 03- 20 16	28	DIRETO CUBA	13:16	1ª	8º	02:24	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Na visita de Barack Obama a Cuba, este vai falar sobre os atentados em Bruxelas
Dir eto 121	22- 03- 20 16	28	PICA CONFERÊNCI A IMPRENSA	13:18	1ª	9º	01:56	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	*Com tradutora
Dir eto 122	22- 03- 20 16	28	DIRETO BRUXELAS 2	13:34	1ª	12º	03:46	Direto	Terrorismo e Guerras	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 123	22- 03- 20 16	28	DIRETO AEROPORTO LISBOA	13:41	1ª	14º	03:30	Direto	Outros	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes / Alerta mala perdida + Voos cancelado s Bruxelas
Dir eto 124	23- 03- 20 16	27	DIRETO BRUXELAS	13:09	1ª	5º	05:30	Direto	Terrorismo e Guerras	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	2	Trabalho policia belga por causa dos atentados + homenage ns e rescaldo

Dir eto 125	23- 03- 20 16	27	DIRETO AEROPORTO	13:23	1ª	10º	02:19	Direto	Terrorismo e Guerras	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes/ Alteraçõe s voos em Lisboa por causa atentados Bélgica
Dir eto 126	23- 03- 20 16	27	DIRETO SELEÇÃO	13:26	1ª	11º	02:44	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Contrário	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Fala do Portugal- Bélgica e está à porta do Estádio do Restelo
Dir eto 127	23- 03- 20 16	27	FALSO GNR FRONTEIRAS	13:30	1ª	13º	01:39	Falso Direto	Terrorismo e Guerras	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Reforço policial fronteiras
Dir eto 128	23- 03- 20 16	27	FALSO DIRETO CUBA	13:50	1ª	19º	01:47	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 129	24- 03- 20 16	35	DIRETO BRUXELAS	13:06	1ª	4º	04:09	Direto	Terrorismo e Guerras	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 130	24- 03- 20 16	35	FALSO SÉRGIO BOLSA	13:10	1ª	5º	02:29	Falso Direto	Terrorismo e Guerras	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Homenag ens às vítimas
Dir eto 131	24- 03- 20 16	35	PICA NE BRUXELAS	13:32	1ª	18º	00:56	Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Homenag ens às vítimas/ minuto silêncio
Dir eto 132	25- 03- 20 16	26	DIRETO CINFÃES	13:05	1ª	4º	03:42	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Artificial	Direto Rememorativo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Foram à freguesia de 4 das vítimas do acidente ouvir habitantes
Dir eto 133	25- 03- 20 16	26	DIRETO BRUXELAS	13:17	1ª	8º	04:16	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Aconteci mento a 1km do local do direto / buscas terrorismo

Dir eto 134	25- 03- 20 16	26	DIRETO MESQUITA LISBOA	13:26	1ª	11º	02:36	Direto	Religião	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Cerimóni a de várias comunida des religiosas contra terrorismo
Dir eto 135	25- 03- 20 16	26	DIRETO LEIRIA	13:34	1ª	16º	06:04	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	2	Interior do estádio e exterior
Dir eto 136	25- 03- 20 16	26	DIRETO HOTEL SELEÇÃO	13:40	1ª	17º	03:14	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Direto à porta do hotel da seleção
Dir eto 137	26- 03- 20 16	30	DIRETO FRANÇA	13:03	1ª	3º	03:01	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 138	26- 03- 20 16	30	FALSO DIRETO BRUXELAS	13:19	1ª	9º	02:34	Falso Direto	Terrorismo e Guerras	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 139	26- 03- 20 16	30	DIRETO CASCAIS	13:35	1ª	18º	03:24	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 140	26- 03- 20 16	30	DIRETO STA. MARTA	14:00	2ª	27º	03:21	Direto	Outros	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Tradição + de 500 homens comem o bife da Páscoa
Dir eto 141	27- 03- 20 16	29	DIRETO MOULINS	13:21	1ª	15º	01:50	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 142	27- 03- 20 16	29	DIRETO RESENDE	13:29	1ª	19º	02:36	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 143	28- 03- 20 16	33	DIRECTO BRUXELAS	13:10	1ª	6º	04:16	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 144	28- 03- 20 16	33	DIRECTO MOULINS	13:15	1ª	8º	01:55	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes

Dir eto 145	28- 03- 20 16	33	FALSO DIRECTO VIANA	13:37	1ª	20º	02:47	Falso Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes / Resgate jovens isolados chuva forte
Dir eto 146	29- 03- 20 16	30	DIRECTO MOULINS	13:10	1ª	5º	02:36	Direto	Acidentes e Catástrofes	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 147	29- 03- 20 16	30	DIRETO LEIRIA RELVADO	13:30	1ª	16º	05:54	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	2	OFF sobre o tema antes + Grafismo equipas
Dir eto 148	29- 03- 20 16	30	DIRETO HOTEL SELEÇÃO	13:36	1ª	17º	05:47	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Direto sobre o tema antes
Dir eto 149	29- 03- 20 16	30	FALSO DIRECTO BRASIL	13:57	2ª	25º	01:37	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes/ Direto no trânsito
Dir eto 150	30- 03- 20 16	36	DIRECTO AMEIXOEIRA	13:02	1ª	2º	03:12	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 151	31- 03- 20 16	33	DIRECTO BRAGA	13:12	1ª	6º	03:29	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 152	31- 03- 20 16	33	DIRETO JAMOR	13:44	1ª	25º	04:03	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 153	31- 03- 20 16	33	DIRECTO JAMOR 2	14:09	2ª	33º	01:14	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 154	01- 04- 20 16	34	DIRECTO PORTO	13:01	1ª	2º	03:06	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes/ Morte estudante

Dir eto 155	02- 04- 20 16	27	DIRECTO CONGRESSO PSD	13:03	1ª	2º	12:18	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Editorial	2	Peça sobre o tema antes
Dir eto 156	02- 04- 20 16	27	DIRECTO BELÉM	13:17	1ª	4º	02:35	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 157	03- 04- 20 16	24	DIRECTO MONTE MOR	13:02	1ª	2º	04:24	Direto	Trânsito	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 158	03- 04- 20 16	24	DIRECTO ESPINHO	13:10	1ª	4º	14:34	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Primário	2	
Dir eto 159	03- 04- 20 16	24	DIRECTO CONGRESSO 2	13:59	2ª	20º	03:54	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 160	03- 04- 20 16	24	DIRECTO PENAFIEL	14:04	2ª	22º	02:11	Direto	Festividades/Sol enidades	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes / Dia nacional motociclis ta
Dir eto 161	04- 04- 20 16	36	FALSO MADRID	13:03	1ª	3º	02:51	Falso Direto	Economia	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes / Panamá Papers
Dir eto 162	04- 04- 20 16	36	DIRETO INCÊNDIO	13:14	1ª	8º	02:00	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 163	04- 04- 20 16	36	DIRETO PALÁCIO JUSTIÇA	13:19	1ª	11º	03:23	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 164	04- 04- 20 16	36	DIRETO TRIBUNAL SANTARÉM	13:24	1ª	13º	02:36	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 165	04- 04- 20 16	36	DIRETO AUTO ESTRADA	13:29	1ª	15º	04:08	Direto	Trânsito	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes

Dir eto 166	05- 04- 20 16	36	DIRETO PJ	13:00	1ª	2º	02:35	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 167	05- 04- 20 16	36	FDIR MUNIQUE RELVADO	13:30	1ª	18º	03:17	Falso Direto	Desporto	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes / Grafismo equipas
Dir eto 168	05- 04- 20 16	36	FDIR HOTEL BENFICA	13:33	1ª	19º	02:02	Falso Direto	Desporto	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Falso Direto sobre tema antes
Dir eto 169	06- 04- 20 16	30	DIRETO TIC PORTO	13:01	1ª	2º	02:24	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 170	06- 04- 20 16	30	DIRETO POLICIA JUDICIÁRIA	13:07	1ª	4º	03:45	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 171	07- 04- 20 16	31	DIRETO ALMOÇO	13:02	1ª	2º	03:20	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 172	07- 04- 20 16	31	FALSO ANGOLA FMI	13:05	1ª	3º	01:53	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Direto na rua no meio de casas
Dir eto 173	07- 04- 20 16	31	DIRETO TRIBUNAL	13:13	1ª	7º	03:19	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 174	07- 04- 20 16	31	FDIRETO MADRID	13:40	1ª	20º	02:38	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 175	08- 04- 20 16	26	DIRETO BUSCAS TAP	13:12	1ª	6º	02:57	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 176	08- 04- 20 16	26	DIRETO PARLAMENT O	13:15	1ª	7º	02:52	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 177	08- 04- 20 16	26	DIRETO PARLAMENT O 2	13:29	1ª	12º	01:30	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	

Dir eto 178	08-04-2016	26	DIRETO PALÁCIO AJUDA	14:10	2ª	26°	01:27	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 179	10-04-2016	31	DIRETO ALMOÇO BE	13:06	1ª	4°	03:03	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 180	10-04-2016	31	PICA CICLISMO	13:35	1ª	23°	01:32	Direto	Desporto	Internacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 181	10-04-2016	31	PICA JERÓNIMO SOUSA	13:39	1ª	25°	01:24	Direto	Partidos Políticos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 182	11-04-2016	40	DIRECTO ATENAS	13:15	1ª	12°	05:24	Direto	Estado: Governo	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 183	12-04-2016	36	DIRECTO FINANÇAS ALVALADE	13:02	1ª	2°	02:34	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 184	12-04-2016	36	DIRECTO PALÁCIO JUSTIÇA	13:08	1ª	5°	02:04	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 185	12-04-2016	36	DIRECTO FAMALICÃO	13:11	1ª	7°	04:06	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 186	12-04-2016	36	FALSO DIRECTO BRASIL	13:46	1ª	26°	01:29	Falso Direto	Política Internacional	Internacional	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 187	13-04-2016	31	DIRETO RELVADO LUZ	13:16	1ª	8°	07:48	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Principal	Boca(s) + Peça(s)	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes + Grafismo equipas
Dir eto 188	13-04-2016	31	DIRETO ROSSIO	13:23	1ª	9°	02:00	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Forum falar com os adeptos do Bayern ao Rossio
Dir eto 189	13-04-2016	31	DIRECTO REBOLEIRA	13:40	1ª	17°	01:44	Direto	Obras Públicas	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes

Dir eto 190	13-04-2016	31	DIRECTO MANIF OGMA	14:09	2ª	31º	01:37	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 191	14-04-2016	34	FALSO DIRETO BRAGA	13:48	1ª	27º	02:45	Falso Direto	Desporto	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Contrário	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	Direto numa rua da Ucrânia
Dir eto 192	15-04-2016	34	DIRECTO AR	13:04	1ª	3º	01:35	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 193	16-04-2016	29	DIRECTO ÍLHAVO	13:02	1ª	2º	02:02	Direto	Acidentes e Catástrofes	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 194	16-04-2016	29	DIRECTO LESBOS	13:12	1ª	5º	04:54	Direto	Religião	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	2	Peça sobre o tema antes (2 Pontos: jornalista + pica imagem aeroporto, onde o Papa está)
Dir eto 195	16-04-2016	29	PICA LESBOS DIRECTO	13:31	1ª	14º	01:33	Direto	Religião	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Papa (avião onde vai o Papa a levantar vo com informaçã o atualizada , leva 12 refugiado s
Dir eto 196	16-04-2016	29	FALSO DIRECTO BRASÍLIA	13:38	1ª	17º	01:30	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 197	17-04-2016	29	FALSO DIRECTO BRASÍLIA	13:10	1ª	6º	01:58	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 198	17-04-2016	29	DIRETO ELEIÇÕES FC PORTO	13:38	1ª	21º	04:17	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	

Dir eto 199	17- 04- 20 16	29	DIRETO CASA DA MÚSICA	14:06	2ª	29º	02:20	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 200	18- 04- 20 16	36	DIRETO TRIBUNAL CASCAIS	13:23	1ª	14º	02:41	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 201	19- 04- 20 16	32	DIRETO COMISSÃO BANIF	13:06	1ª	3º	01:56	Direto	Estado: Assembleia da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 202	19- 04- 20 16	32	FALSO VILAR FORMOSO	13:11	1ª	5º	02:24	Falso Direto	Economia	Nacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes/ Ouvem opinião sobre possíveis mudanças no preço dos combustív eis
Dir eto 203	19- 04- 20 16	32	FALSO DIRETO EUA	13:43	1ª	20º	01:40	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 204	20- 04- 20 16	41	PICA CICLISMO	13:50	1ª	34º	01:39	Direto	Desporto	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 205	21- 04- 20 16	43	DIRETO CONSELHO MINISTROS	13:05	1ª	3º	03:00	Direto	Estado: Governo	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Perpétuo	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 206	21- 04- 20 16	43	DIRETO TRIBUNAL ALCOBAÇA	13:26	1ª	16º	02:50	Direto	Tribunais	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 207	22- 04- 20 16	34	DIRETO PRESIDENTE	13:35	1ª	18º	03:27	Direto	Estado: Presidência da República	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 208	23- 04- 20 16	30	DIRETO CCB	14:00	2ª	28º	03:04	Direto	Artes e Cultura	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 209	24- 04- 20 16	29	DIRETO CICLISMO	13:40	1ª	23º	02:13	Direto	Desporto	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	

Dir eto 210	25- 04- 20 16	29	DIRECTO ILHA FAROL	13:23	1ª	12°	04:25	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes
Dir eto 211	25- 04- 20 16	29	FALSO DIRECTO MADRID	13:34	1ª	16°	01:40	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Imaginado	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 212	25- 04- 20 16	29	DIRETO ESTORIL OPEN	13:43	1ª	25°	01:28	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 213	26- 04- 20 16	42	DIRETO ESTORIL OPEN	13:48	1ª	35°	03:08	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	1	
Dir eto 214	27- 04- 20 16	33	DIRECTO CABO VERDE	13:02	1ª	2°	02:29	Direto	Assuntos Militares e Policiais	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Contínuo	Direto Contrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 215	27- 04- 20 16	33	FALSO DIRECTO MÁRCIA	13:29	1ª	17°	02:35	Falso Direto	Política Internacional	Internaci onal	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Arbitrário	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 216	27- 04- 20 16	33	DIRETO ESTORIL OPEN	13:50	1ª	27°	01:33	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 217	27- 04- 20 16	33	DIRETO ABRAÇO OLÍMPICO	14:05	2ª	31°	02:32	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	
Dir eto 218	28- 04- 20 16	37	DIRECTO SERRALVES	13:00	1ª	2°	04:01	Direto	Economia	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Rememorativo	Direto Ilustrativo	Direto Principal	Boca(s)	Direto Editorial	1	Off sobre o tema antes / Assemble ia geral BPI
Dir eto 219	28- 04- 20 16	37	DIRETO ESTORIL OPEN	13:50	1ª	31°	01:41	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 220	29- 04- 20 16	33	DIRETO MOTO LISBOA	13:03	1ª	3°	03:57	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Peça sobre o tema antes
Dir eto 221	29- 04- 20 16	33	DIRECTO PORTO	13:10	1ª	5°	06:34	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	2	Peça sobre o tema antes

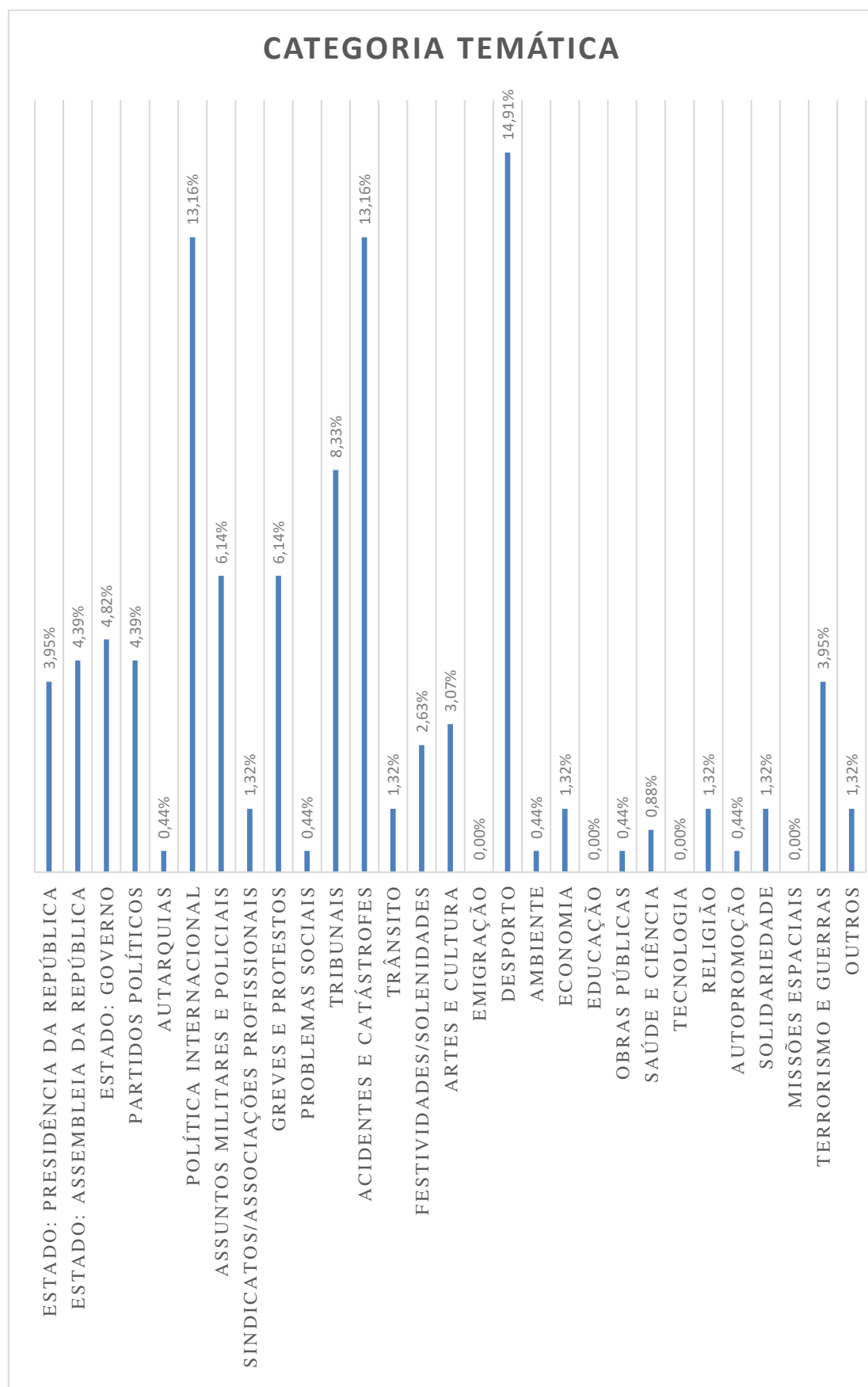
Dir eto 222	29- 04- 20 16	33	DIRECTO TAXISTAS AR	13:50	1ª	27º	02:08	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 223	29- 04- 20 16	33	DIRECTO AR TAXIS 2	14:01	2ª	29º	02:57	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	2	
Dir eto 224	29- 04- 20 16	33	DIRETO ESTORIL OPEN	14:04	2ª	31º	01:14	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	
Dir eto 225	30- 04- 20 16	32	DIRETO DRAGÃO + DIRETO HOTEL FC PORTO + DIRETO HOTEL SPORTING	13:13	1ª	9º	12:09	Direto	Desporto	Nacional	Direto Enunciativo	Direto Profético	Direto Imaginado	Direto Principal	Peça(s)	Direto Editorial	3	Gráfico com equipas
Dir eto 226	30- 04- 20 16	32	DIRETO PARQUE NAÇÕES	13:28	1ª	12º	03:10	Direto	Greves e Protestos	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	Suiculto res dão bifanas de graça em protesto/f esta
Dir eto 227	30- 04- 20 16	32	DIRETO FARMÁCIA	13:33	1ª	16º	02:10	Direto	Saúde e Ciência	Nacional	Direto Artificial	Direto Contínuo	Direto Ilustrativo	Direto Total	Não tem	Direto Primário	1	OFF sobre o tema antes/ Foi perguntar a uma farmacêtu ica quais os problemas que a falta de receita eletrónica poderia causar
Dir eto 228	30- 04- 20 16	32	DIRETO ESTORIL OPEN	13:47	1ª	26º	01:47	Direto	Desporto	Nacional	Direto Ativo	Direto Contínuo	Direto Pleno	Direto Total	Não tem	Direto Editorial	1	

ANEXO 6. PEÇAS JORNALÍSTICAS E DIRETOS NO JORNAL DA TARDE

Data	Total de Notícias	Diretos	Falsos Diretos	Total de Diretos
01-02-2016	34	0	1	1
02-02-2016	31	0	2	2
03-02-2016	35	2	0	2
04-02-2016	27	3	0	3
05-02-2016	30	4	0	4
06-02-2016	27	2	0	2
07-02-2016	32	3	0	3
08-02-2016	36	2	0	2
09-02-2016	35	5	1	6
10-02-2016	35	2	0	2
11-02-2016	30	2	1	3
12-02-2016	26	3	0	3
13-02-2016	24	3	0	3
14-02-2016	21	1	1	2
15-02-2016	33	2	1	3
16-02-2016	27	4	0	4
17-02-2016	36	1	0	1
18-02-2016	32	0	1	1
19-02-2016	31	2	1	3
20-02-2016	24	1	0	1
21-02-2016	26	1	0	1
22-02-2016	38	1	0	1
23-02-2016	33	2	0	2
24-02-2016	31	1	0	1
25-02-2016	34	1	0	1
26-02-2016	34	2	2	4
27-02-2016	32	2	2	4
28-02-2016	31	2	0	2
29-02-2016	34	1	0	1
01-03-2016	37	1	1	2
02-03-2016	31	1	0	1
03-03-2016	36	4	0	4
04-03-2016	0	0	0	0
05-03-2016	29	2	0	2
06-03-2016	34	2	0	2
07-03-2016	33	1	0	1
08-03-2016	37	0	2	2
09-03-2016	31	4	0	4
10-03-2016	31	2	1	3
11-03-2016	37	1	0	1
12-03-2016	23	3	0	3
13-03-2016	24	3	0	3
14-03-2016	35	3	0	3
15-03-2016	27	2	1	3
16-03-2016	38	4	2	6
17-03-2016	29	2	1	3
18-03-2016	31	1	1	2
19-03-2016	28	1	1	2

20-03-2016	28	1	1	2
21-03-2016	33	1	1	2
22-03-2016	28	4	0	4
23-03-2016	27	3	2	5
24-03-2016	35	2	1	3
25-03-2016	26	5	0	5
26-03-2016	30	3	1	4
27-03-2016	29	2	0	2
28-03-2016	33	2	1	3
29-03-2016	30	3	1	4
30-03-2016	36	1	0	1
31-03-2016	33	3	0	3
01-04-2016	34	1	0	1
02-04-2016	27	2	0	2
03-04-2016	24	4	0	4
04-04-2016	36	4	1	5
05-04-2016	36	1	2	3
06-04-2016	30	2	0	2
07-04-2016	31	2	2	4
08-04-2016	26	4	0	4
09-04-2016	0	0	0	0
10-04-2016	31	3	0	3
11-04-2016	40	1	0	1
12-04-2016	36	3	1	4
13-04-2016	31	4	0	4
14-04-2016	34	0	1	1
15-04-2016	34	1	0	1
16-04-2016	29	3	1	4
17-04-2016	29	2	1	3
18-04-2016	36	1	0	1
19-04-2016	32	1	2	3
20-04-2016	41	1	0	1
21-04-2016	43	2	0	2
22-04-2016	34	1	0	1
23-04-2016	30	1	0	1
24-04-2016	29	1	0	1
25-04-2016	29	2	1	3
26-04-2016	42	1	0	1
27-04-2016	33	3	1	4
28-04-2016	37	2	0	2
29-04-2016	33	5	0	5
30-04-2016	32	4	0	4
Total	2797	184	44	228

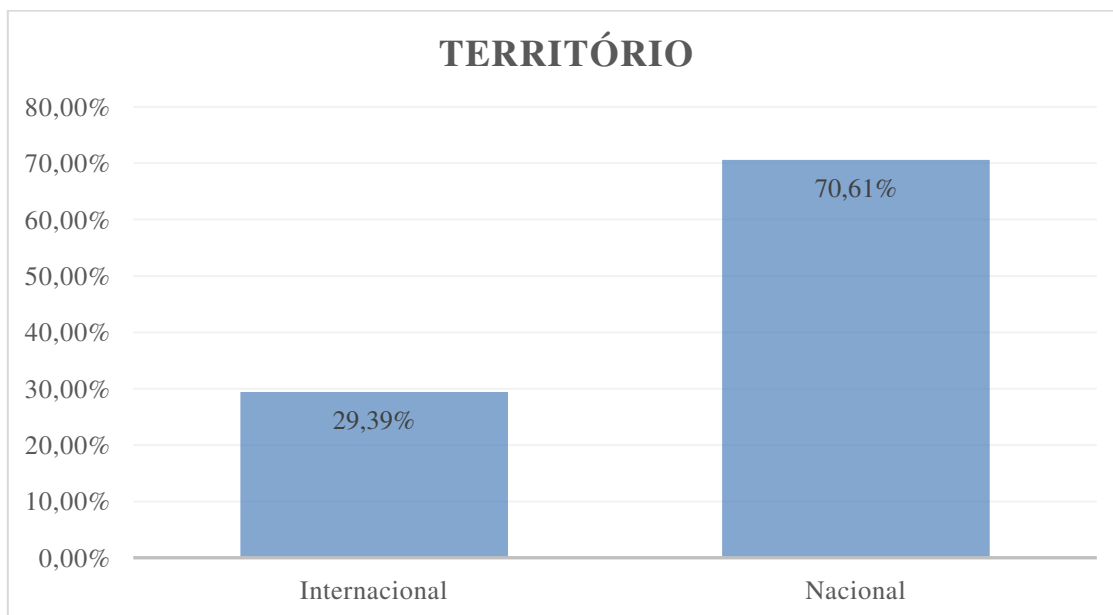
ANEXO 7. CATEGORIA TEMÁTICA



ANEXO 8. TEMPO DEDICADO A CADA CATEGORIA TEMÁTICA

Tema	Quantidade de Diretos	Tempo Total
Estado: Presidência da República	9	00:32:11
Estado: Assembleia da República	10	00:29:22
Estado: Governo	11	00:38:05
Partidos Políticos	10	01:12:10
Autarquias	1	00:03:57
Política Internacional	30	01:02:57
Assuntos Militares e Policiais	14	00:44:10
Sindicatos/Associações Profissionais	3	00:07:39
Greves e Protestos	14	00:48:07
Problemas Sociais	1	00:02:30
Tribunais	19	00:55:41
Acidentes e Catástrofes	30	01:32:57
Trânsito	3	00:10:11
Festividades/Solenidades	6	00:15:59
Artes e Cultura	7	00:21:02
Emigração	0	00:00:00
Desporto	34	02:13:32
Ambiente	1	00:02:48
Economia	3	00:09:16
Educação	0	00:00:00
Obras Públicas	1	00:01:44
Saúde e Ciência	2	00:05:32
Tecnologia	0	00:00:00
Religião	3	00:09:03
Autopromoção	1	00:01:24
Solidariedade	3	00:10:14
Missões espaciais	0	00:00:00
Terrorismo e Guerras	9	00:26:46
Outros	3	00:09:52
Total	228	12:27:09

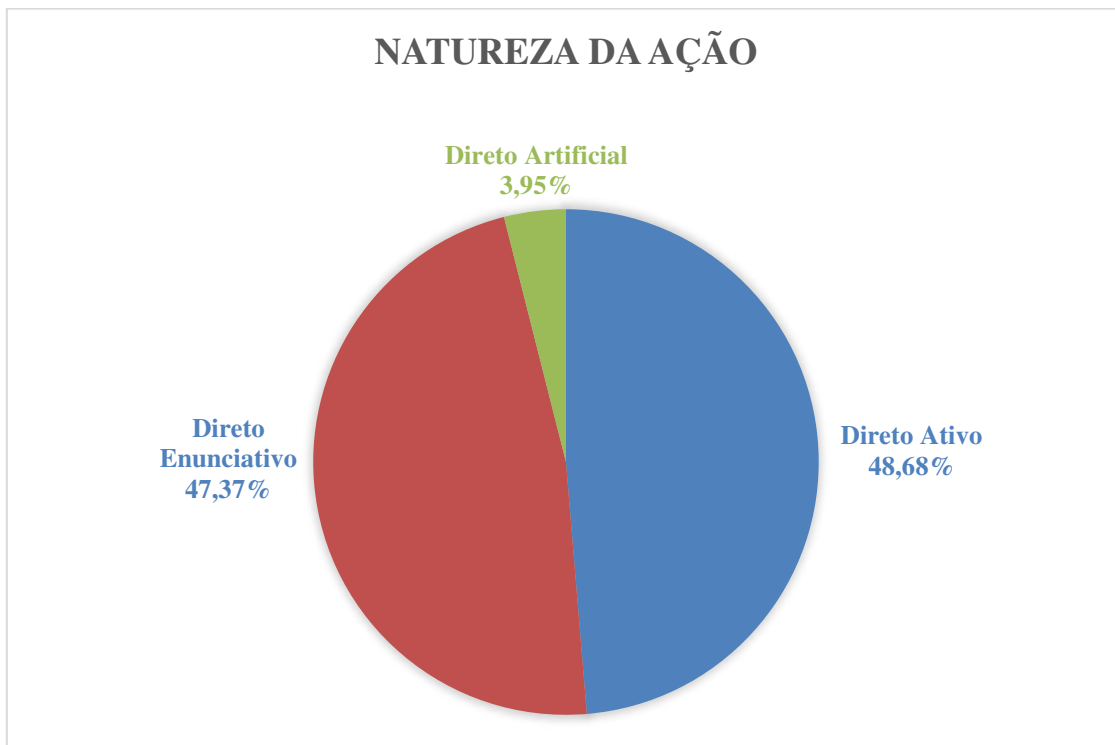
ANEXO 9. TERRITÓRIO



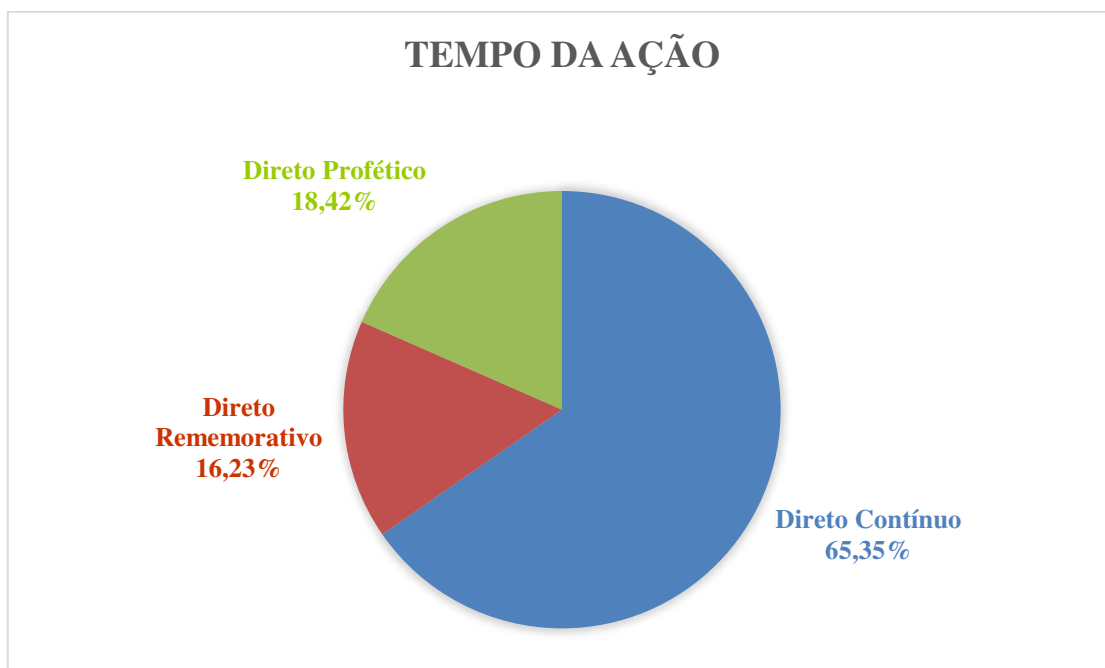
ANEXO 10. TIPO DE DIRETO POR TERRITÓRIO

Tipo de Direto	Internacional	Nacional
Direto	30	152
Falso Direto	37	9
Total	67	161

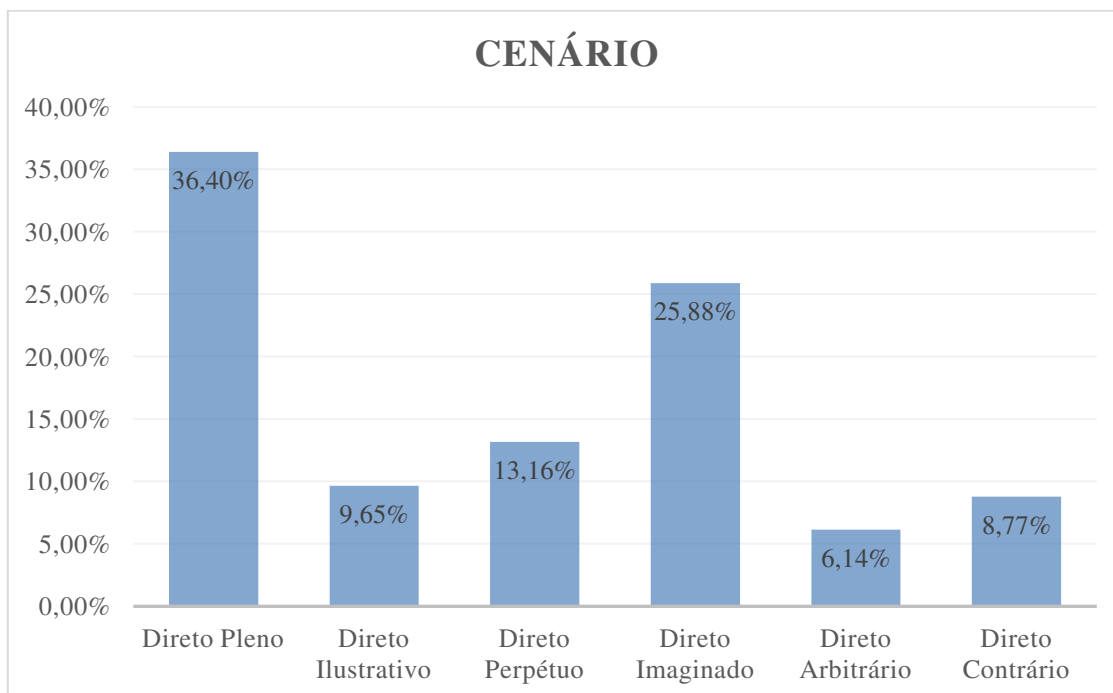
ANEXO 11. NATUREZA DA AÇÃO



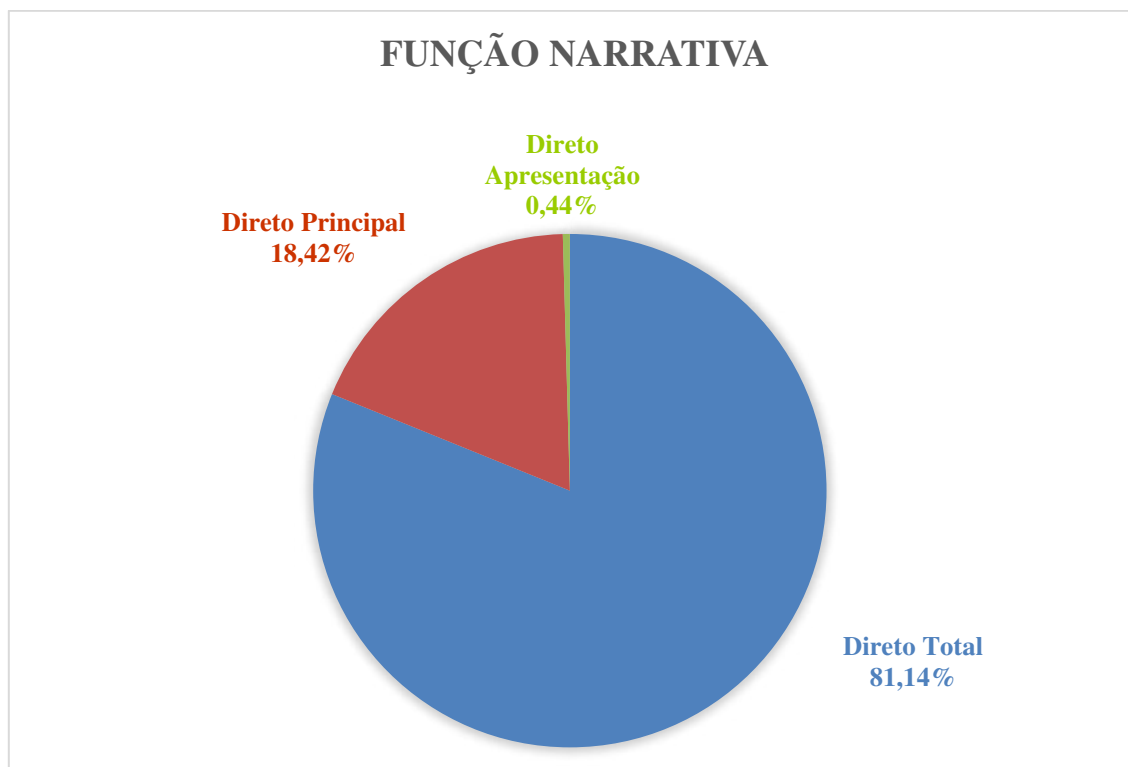
ANEXO 12. TEMPO DA AÇÃO



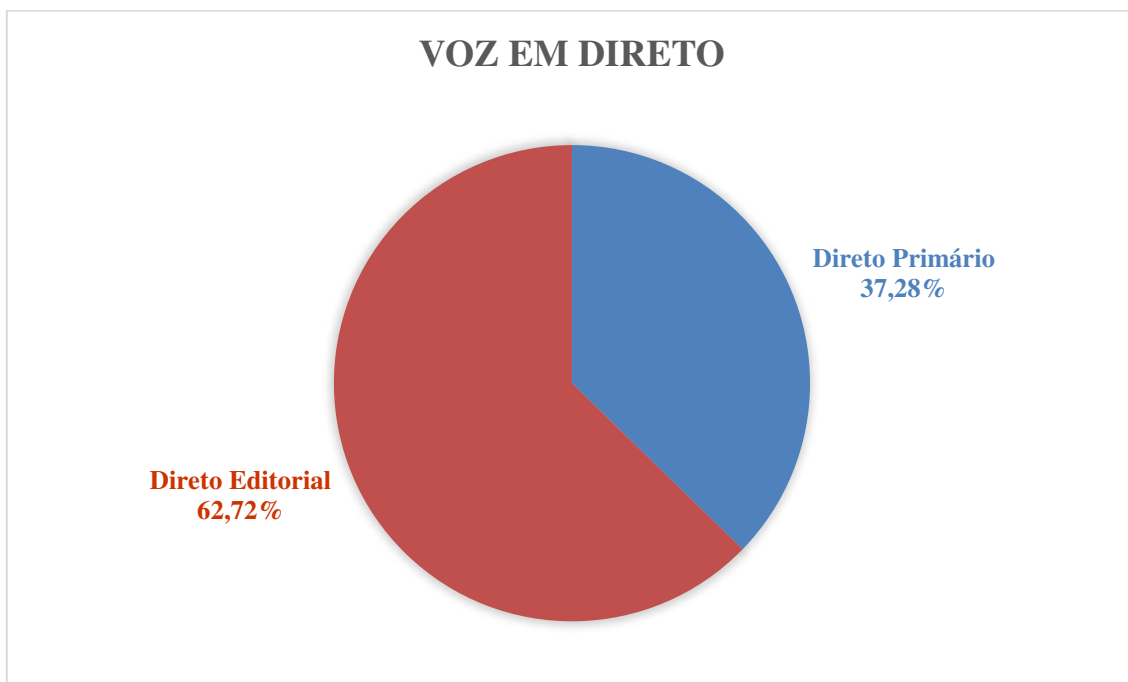
ANEXO 13. CENÁRIO



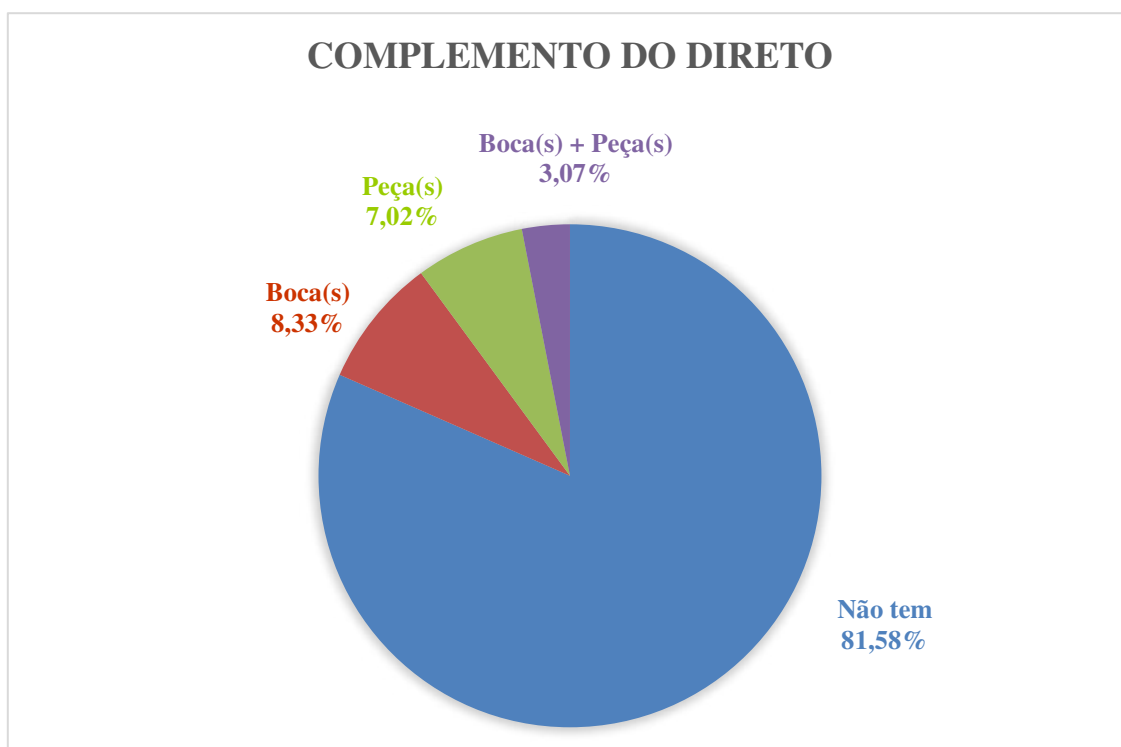
ANEXO 14. FUNÇÃO NARRATIVA



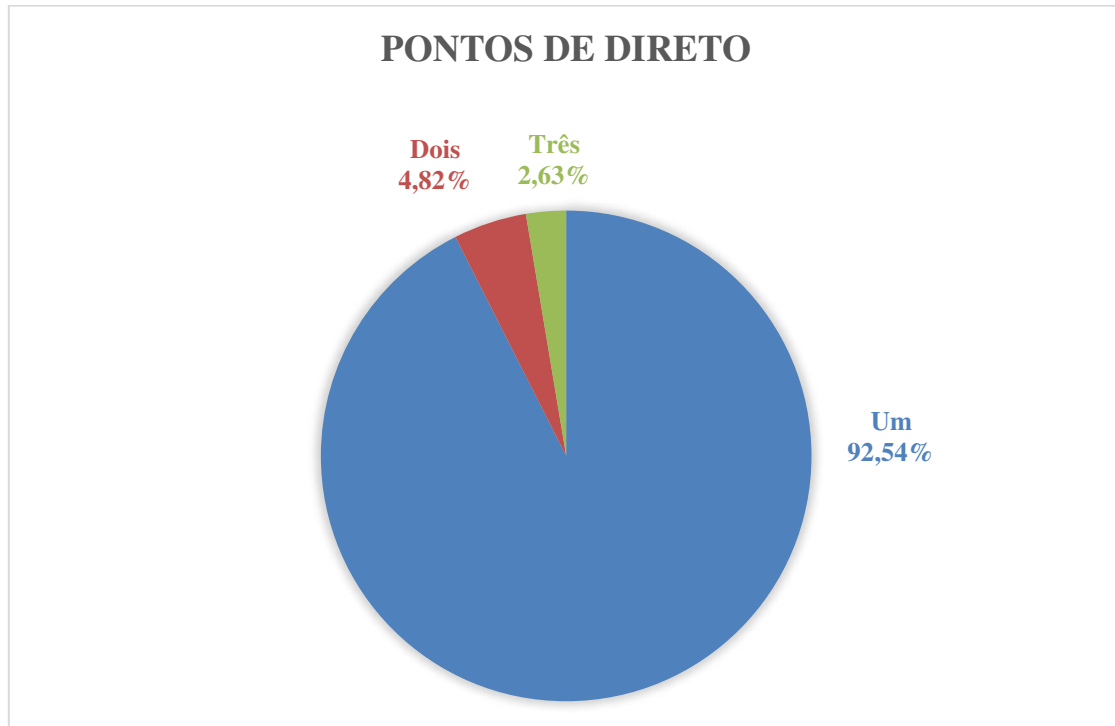
ANEXO 15. VOZ EM DIRETO



ANEXO 16. COMPLEMENTO DO DIRETO



ANEXO 17. PONTOS DE DIRETO



ANEXO 18. IMAGEM DO FALSO DIRETO AUTOPROMOCIONAL (26-02-2016)



ANEXO 19. IMAGENS EM DIRETO E GRAVADAS NO PALÁCIO DE BELÉM (09-03-2016)



ANEXO 20. IMAGEM DO FALSO DIRETO SOBRE POLÍTICA NA PRAIA (17-03-2016)



ANEXO 21. IMAGEM DO DIRETO SOBRE A TRADIÇÃO DO BIFE DA PÁSCOA (26-03-2016)



ANEXO 22. IMAGEM DO FALSO DIRETO SOBRE OS JOVENS RESGATADOS (28-03-2016)



ANEXO 23. IMAGEM DO FALSO DIRETO SOBRE OS COMBUSTÍVEIS (19-04-2016)



ANEXO 24. GUIÃO DAS ENTREVISTAS

1) Produção informativa

- Qual é a estrutura do Jornal da Tarde? Em que ocasiões esta estrutura não se adequa? (Agrupamento de notícias por temas?)
- Como é organizado o alinhamento do Jornal da Tarde? Qual é o sentido da ordem das notícias?
- Qual considera ser o peso dos níveis de audiência no alinhamento do Jornal da Tarde?
- O que se pretende na abertura? E no fim?
- Há alguma diretiva que obrigue a que todas as edições do Jornal da Tarde tenham diretos?
- Quais as principais razões que estão definidas institucionalmente para se optar pelos diretos?
- Quais os critérios de escolha (definidos pela Direção de Informação) dos temas para fazer direto?
- Quais os critérios (definidos pela Direção de Informação) para a ordem dos diretos no alinhamento? (Surge porque o acontecimento está a ocorrer naquele momento, por agregação de temas, pelas audiências?)
- Em que medida a opção pelos diretos está ou não associada a questões financeiras?
- Em que medida o direto é privilegiado ou pelo contrário é utilizado como segunda opção?
- Que importância é dada ao direto, em comparação com outros modos de dar as notícias?
- Tem conhecimento da existência de dados relativos às audiências dos diretos em comparação com as peças? Há alguma oscilação digna de nota?
- A duração do direto (maior) difere da duração das peças. Porquê? Tendo em conta a preocupação com a duração das peças (um minuto e meio), como se justifica esta diferença?
- Quem no interior da redação define o alinhamento?
- Qual o papel dos pivôs neste processo? (São meros apresentadores das opções de outros? Ou são um interveniente ativo?)

2) Percepções dos profissionais sobre o uso do direto

- O que distingue do seu ponto de vista o Jornal da Tarde do Telejornal?
- O que é que do seu ponto de vista diferencia a peça do direto?
- Considera o direto um género jornalístico televisivo?
- Porque optam por colocar peças e bocas dentro do direto?
- Na maioria dos casos, os diretos são antecidos por off's ou peças, qual é o objetivo?
- Se a informação é fornecida através da peça ou off, porque recorrem aos diretos?
- Durante a análise que fiz aos diretos, pude verificar que alguns diretos são realizados mesmo que não haja nada de novo para dizer (alguns jornalistas dizem-no em direto). Porque é que se recorre a este tipo de diretos?
- Outros diretos são realizados já muito depois do final do acontecimento, qual a justificação para estes serem feitos, sendo que o acontecimento já terminou?
- E em outros casos, em que os diretos falam de acontecimentos que ainda vão acontecer?
- Quais pensa serem as razões para se optar por fazer diretos ou falsos diretos? (Questões horárias?)
- Para o internacional observei que na maior parte das vezes são feitos falsos diretos. Porquê?
- No que diz respeito ao local do direto, nem sempre é possível realizar o direto no próprio local do acontecimento, e pude ver que muitas vezes o que é noticiável não tem sítio concreto para ser informado em direto, como é feita esta gestão?
- Porque são tomadas as decisões de se realizarem diretos mesmo que o local não forneça qualquer informação (exemplo direto feito numa praia do Brasil em que fala sobre os protestos e a nomeação de Lula da Silva para Ministro)?
- Qual o papel do diretor de informação no direto?
- Qual o papel do coordenador no direto?
- Qual o papel do editor no direto?
- Qual o papel do jornalista no direto?
- Qual o papel do pivô no direto?

3) Questões ético-deontológicas

- Na sua opinião, qual o interesse que leva à presença constante de diretos no jornal da tarde? [Negócio, capacidade de atrair a audiência ou por outro motivo] (O que justifica?)
- Do seu ponto de vista o que é que se pretende oferecer aos telespetadores com o direto? [Entreter/ informar/ ocupar tempo no Jornal da Tarde]
- Vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, senão que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação?
- Do seu ponto de vista que histórias se procuram para fazer diretos? [interesse do público ou interesse público]
- Qual a influência que o nível de audiências tem na hora de optar por realizar um direto?
- Considera possível compatibilizar a obtenção de audiências com o respeito pelas questões ético-deontológicas (não expor sofrimento humano; respeitar a privacidade, serenidade e liberdade dos envolvidos; proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor) pelas quais se deve pautar o trabalho jornalístico? Quem fica regra geral a perder?
- Do seu ponto de vista, qual a influência da imediatez do relato em direto, no tempo necessário para a análise dos factos?

ANEXO 25. ENTREVISTAS AOS PROFISSIONAIS DA RTP

ANEXO 25.1. ENTREVISTA A HÉLDER SILVA

ANEXO 25.2. ENTREVISTA A SUSANA SANTOS

ANEXO 25.3. ENTREVISTA A RITA MARRAFA CARVALHO

ANEXO 25.4. ENTREVISTA A RITA RAMOS

ANEXO 25.1. ENTREVISTA A HÉLDER SILVA

Pivô e Editor da Redação da RTP Porto (22 de abril de 2016, na RTP Porto)

1) Produção informativa

- **Qual é a estrutura do Jornal da Tarde? Em que ocasiões esta estrutura não se adequa? (Agrupamento de notícias por temas?)**

Normalmente o jornal é alinhado por notícias, por blocos de notícias que tem que ver com uma segmentação editorial se quisermos assim. Há um bloco de desporto, há um bloco de sociedade, há um bloco de política. A hierarquização das notícias, há de corresponder ao preenchimento dos valores-notícia que determinada notícia tem ou não. Ou seja, o critério de nós abrirmos com determinada notícia e não abrirmos com outra, tem a ver com o cruzamento dos vários valores-notícia, por tanto, desse ponto de vista a estrutura do jornal é isso. Por norma adequa-se sempre, nós temos é que procurar com que se adequa, com que faça.

-Mas por exemplo assim alguma edição especial, que só fale de um assunto...

Isso depende, em acontecimentos de última hora já aconteceu. Recentemente aconteceu termos de abrir uma emissão especial ao meio dia. Fizemos uma edição especial dos atentados de Bruxelas, e, portanto, quando foram os atentados em Bruxelas houve necessidade de abrirmos uma edição especial ao meio dia, levarmos a emissão até à hora do JT e depois começar o jornal com o resto da informação se quisermos, ainda que, à uma da tarde tivéssemos grande parte da atualidade desse dia tivessem sido os atentados em Bruxelas.

- **Qual considera ser o peso dos níveis de audiência no alinhamento do Jornal da Tarde?**

Eu sou adepto de uma máxima que atribui a quem de direito, que é do Emídio Rangel, que já não está entre nós, que é, “Não há serviço público sem público” e, portanto, nós só fazemos serviço público se houver público para ver. Se esse é o principal critério para o alinhamento de um jornal, não não é, claramente não é. Particularmente num canal de serviço público e portanto, eu acho que tem de ter relevância, mas uma relevância Q.B. e portanto, quando nós alinhamos o jornal, ou quando nós estruturamos o jornal podemos ter isso em linha de conta, em algumas circunstâncias devemos ter isso em linha de conta. Estou a lembrar-me por exemplo quando fazemos as promos do jornal, ou seja, a lógica

de uma promo é, para além de partir o jornal em blocos é também de, se me permite a expressão, vender o momento a seguir que nós vamos ter no jornal. Portanto, desse ponto de vista eu acho que as promos por exemplo são um exemplo de que nós devemos atender àquilo que é um produto mais atrativo junto do espetador, no sentido de o prender ao nosso jornal, portanto desse ponto de vista sim. Agora, se devem ser as audiências a presidir ao alinhamento do jornal, não, claramente não, se não abríamos com crimes e afins e não é essa a nossa linha editorial e ainda bem.

▪ **O que se pretende na abertura? E no fim?**

O que se pretende na abertura é que se consigamos abrir com aquela que é a notícia do dia e muitas vezes é com muito esforço que o fazemos, porque o JT é feito muito em cima do joelho, muito em cima da hora, todo ele produzido praticamente durante aquelas primeiras horas da manhã e nem sempre conseguimos. E o que se pretende é que o fim do jornal seja algo mais *light*, mais leve, para que o espetador não leve sistematicamente com as notícias que são muitas vezes catalogadas de boas e más notícias. Para mim não há boas e más notícias, para mim há notícias. Porque uma notícia pode ser boa para uma determinada pessoa, pode ser má para outra que a ouve. Se nós dissermos ao espetador “Hoje tenho más notícias para si no que diz respeito ao tempo, vai chover durante o fim de semana”, essa notícia pode ser ótima para um agricultor que está à espera de chuva para regar o seu cultivo, portanto não há boas nem más notícias, há notícias, ponto. Deve ser uma notícia mais leve, que alivie o espetador daquela carga das notícias mais duras e pesadas que teve ao longo do jornal.

▪ **Há alguma diretiva que obrigue a que todas as edições do Jornal da Tarde tenham diretos?**

Não, nenhuma.

▪ **Quais as principais razões que estão definidas institucionalmente para se optar pelos diretos?**

Não há uma definição institucional, tem a ver com o momento do acontecimento, tem a ver com o facto de algo que está a acontecer à hora do jornal, que preenche os valores-notícia que são aqueles que nós damos mais relevância no que diz respeito à nossa linha editorial. Se o momento desse acontecimento preencher esses valores-notícia, se o momento desse acontecimento for à hora do jornal, faz todo o sentido que nós façamos direto no jornal a esse propósito e, portanto, tem a ver com o momento do acontecimento, tem a ver com a atualidade, tem a ver com inúmeros valores-notícia que teria que expor

aqui um a um, mas que não vale a pena, agora, tem a ver com isso, particularmente com o momento do acontecimento.

▪ **Quais os critérios de escolha (definidos pela Direção de Informação) dos temas para fazer direto?**

Não há um critério de escolha, há uma linha editorial, ou seja, nós somos claramente diferenciadores no que diz respeito, por exemplo ao Correio da Manhã TV. Nós não fazemos diretos, estou a lembrar-me, por exemplo de crimes de sangue, um homicídio, não vai de encontro à nossa linha editorial, o nosso caminho não é por aí e, portanto, se o nosso caminho não é por aí, essa orientação editorial que nós temos da Direção de Informação faz com que, no momento de decidir se fazemos direto de um crime de sangue, tínhamos isso em linha de conta, e, portanto, não faz sentido fazer direto de algo que não tipifica a nossa linha editorial, porque não é a nossa linha editorial e, portanto, tem a ver com isso.

▪ **Quais os critérios (definidos pela Direção de Informação) para a ordem dos diretos no alinhamento? (Surge porque o acontecimento está a ocorrer naquele momento, por agregação de temas, pelas audiências?)**

A ordem dos diretos obedece à ordem do alinhamento e, portanto, tem a ver com os valores-notícia, ou seja, se nós definirmos que o assunto do dia é este e o momento do acontecimento relacionado com aquele assunto do dia está a acontecer, então o momento desse direto há de ser imediatamente a seguir, portanto, tem a ver com isso, não tem a ver com mais do que isso.

- **Mas por vezes foge do agrupamento de notícias...**

Se o momento do acontecimento não for no momento em que nós estamos a dar a notícia, ou se, e também pode acontecer, os meios técnicos falharem no momento em que nós temos que fazer o direto, porque também já aconteceu, e, portanto, nessa circunstância o direto não é nesse momento do alinhamento, é mais à frente no jornal, isso já aconteceu.

▪ **Em que medida a opção pelos diretos está ou não associada a questões financeiras?**

Nesse momento essa questão não se coloca. Em tempos colocou-se, porque efetivamente era muito mais caro fazer diretos, hoje em dia a tecnologia evoluiu de maneira que faz com que nós tenhamos por exemplo, eu presumo que saibas do que eu estou a falar, temos aqui na nossa redação, três *teradeks*. *Teradeks* são uns aparelhos pequeninos que pulam 6 *pens* de *usb* de redes de telemóvel e, portanto, o custo disso é muito baixo. Há uns anos

fazer direto custava muito dinheiro, tinha que se alugar uma janela de 10 minutos de satélite e, portanto, hoje em dia isso não terá grande peso.

▪ **Em que medida o direto é privilegiado ou pelo contrário é utilizado como segunda opção?**

Se a notícia estiver a acontecer naquele momento, nós privilegiamos o direto, se a notícia não estiver a acontecer, não faz sentido fazer direto, faz sentido fazer uma notícia, uma reportagem sobre aquilo, mas não direto.

▪ **Que importância é dada ao direto, em comparação com outros modos de dar as notícias?**

Um direto é sempre relevante, eu acho que o direto transporta o espetador para o local do acontecimento, se for bem feito. O direto tem essa vicissitude vamos dizer assim e desse ponto de vista o direto é sempre uma mais valia no alinhamento do jornal, se de facto o acontecimento, passo a redundância, estiver a acontecer. Por tanto desse ponto de vista é sempre uma mais valia no alinhamento do jornal. Agora, se não estiver a acontecer, não se podem forçar diretos só porque se vai forçar diretos. Há momentos do ano, em que essa questão se pode colocar, que tem a ver, por exemplo, estou a lembrar-me com aquilo a que nós vulgarmente chamamos a *silly season*, que é o momento, a época de verão em que há menos notícias em que as instituições estão fechadas, o parlamento não está a funcionar e, portanto, há muitas vezes necessidade de pontuar o jornal com um direto, por exemplo de uma praia, o primeiro dia de verão, ou o primeiro fim de semana de verão e as praias enchem-se de pessoas, podemos fazer um direto para perceber se as pessoas estão a ter os cuidados necessários com a pele, levar lá por exemplo um dermatologista que possa alertar para os cuidados que são necessários ter, quer dizer, tem a ver com isso. Isso são diretos produzidos e não tem a ver com o momento do acontecimento propriamente dito. Isso também acontece, não nesta fase do ano, mais numa fase em que há menos notícias, digamos assim.

▪ **Tem conhecimento da existência de dados relativos às audiências dos diretos em comparação com as peças? Há alguma oscilação digna de nota?**

Cientificamente não o posso dizer, não posso dizer que um direto valha mais do que uma peça do ponto de vista das audiências, não tenho dados científicos que comprovem isso. É evidente que se o acontecimento, mais uma vez passo a redundância, estiver a acontecer naquele instante, é normal que o espetador procure mais, porque capta mais a atenção do espetador, mas não tenho dados científicos que permitam responder a isso.

- **A duração do direto (maior) difere da duração das peças. Porquê? Tendo em conta a preocupação com a duração das peças (1 minuto e meio), como se justifica esta diferença?**

Tem a ver com o acontecimento estar a acontecer e, portanto, uma peça exige preparação, produção, reflexão e, portanto, quando nós partimos para uma reportagem, nós partimos para uma reportagem sabendo que temos balizado no tempo dois minutos, por exemplo, quando partimos para um direto, se um acontecimento estiver a acontecer, nós não sabemos o que é que vai acontecer porque é em direto e, portanto, é muito mais difícil controlar o tempo de um direto do que controlar o tempo de uma reportagem. Uma reportagem é editada, se ela ficar pronta por exemplo ao meio dia e o jornal só arranca à uma, e vamos por a hipótese que ela fica com três minutos, o coordenador de jornal tem necessidade de gerir os tempos do jornal pode dizer ao jornalista “eu não consigo meter três minutos de reportagem, tens que me cortar isso”, e o jornalista reedita a reportagem, num direto não dá para voltar atrás, e, portanto, está a acontecer, o direto está a acontecer. É normal que o jornal guarde, quando tem diretos, algum espaço, algum tempo, com maior duração, para o direto enquanto género jornalístico. Tem a ver apenas com isso e tem a ver com o facto de aquilo estar a acontecer, portanto, se é algo que está a acontecer, vamos pôr por hipótese o exemplo de um incêndio. Vamos pôr por hipótese que o incêndio está a lavar, fazemos direto do incêndio, nós não sabemos se o incêndio está controlado ou não está, há quantas horas está, ou seja, as seis perguntas a que o jornalismo tem que responder, têm que ser respondidas ao longo do direto, numa reportagem isso é refletido e cada linha, cada frase que é dita, é pensada. Num direto, muito embora ela seja pensada, é de improvisado e fazemos sem rede. Desse ponto de vista, como o direto é feito de improvisado, gastam-se mais palavras, gasta-se mais tempo, enquanto nas reportagens as entrevistas são editadas e nós escolhemos o momento da entrevista que queremos usar, no direto nós não podemos escolher o momento da entrevista, nós entrevistamos alguém em direto, o comandante dos bombeiros que vai dizer o incêndio está controlado ou não está controlado, estão aqui 100 homens ou 200 homens, vamos ter o reforço de um helicóptero ou de meios aéreos, isso não é editável, está a acontecer, ele está a dizer naquela altura, nós não podemos cortá-lo. Desse ponto de vista o direto é normal que tenha mais tempo do que uma reportagem.

- **Quem no interior da redação define o alinhamento?**

O coordenador do jornal. Se olhar para o exemplo de hoje, quem definiu o alinhamento do jornal foi a Susana Santos, é evidente que isto não é uma decisão de uma pessoa só,

isto é uma decisão pensada, refletida, com *inputs* de várias pessoas, desde logo o apresentador, mas também da Direção de Informação, que vai monitorizando o alinhamento ao longo da manhã e pode considerar que faz mais sentido abrimos com aquilo que com isto, ou faz mais sentido que este bloco suba mais em detrimento de outro. Agora, a última palavra, vamos dizer assim, é da Direção de Informação, mas quem define o alinhamento do jornal é a coordenadora de jornal.

▪ **Qual o papel dos pivôs neste processo? (São meros apresentadores das opções de outros? Ou são um interveniente ativo?)**

Contribuir para esse alinhamento, fazer ou escrever os textos pivô, se pensarmos que o pivô é apenas e só pivô, porque há pivôs que não desempenham apenas e só a função de pivô. Se me está a fazer a entrevista a mim, eu não sou só pivô eu sou editor da redação, portanto, o meu contributo é neste caso maior. Se estivesse a fazer a entrevista por exemplo à Sandra Fernandes Pereira, que também apresenta o JT ou ao Carlos Daniel que também apresenta o JT, mas que não têm funções de chefia na estrutura da Informação, o papel é na mesma o de contribuir para o alinhamento do jornal, dando *inputs*, opiniões, reflexões que é necessário fazer, escrever textos pivô, mas não tem um contributo tão decisivo quanto um editor. Portanto é uma diferença, apesar de tudo.

▪ **Qual o papel do pivô no direto?**

É o de combinar o direto com o repórter que está no terreno.

-E no fim eu também vejo que costuma fazer um resumo...

Um apanhado. Depende dos diretos. Se houver necessidade de sublinhar uma ideia que ficou daquele direto eu faço-o, se sentir que ficou tudo dito e não é preciso sublinhar coisa nenhuma, porque o repórter repetiu por exemplo três vezes a mesma coisa, eu não faço questão de sublinhar a quarta. Se ele só disse uma vez uma coisa que me parece que é pertinente sublinhar aí eu posso sublinhar.

2) Perceções dos profissionais sobre o uso do direto

▪ **O que distingue do seu ponto de vista o Jornal da Tarde do Telejornal?**

O pouco tempo de preparação que um tem comparativamente com outro. Isto não faz de um melhor ou pior, faz é com que o TJ seja um jornal mais refletido, porque no fundo já houve uma reflexão para fazer o JT, há uma nova reflexão que é feita pelos coordenadores e editores em Lisboa ao final da manhã início da tarde que faz com que nessa altura construam o alinhamento já com base num alinhamento que foi feito durante a manhã para o JT, e para todos os outros jornais da RTP3. O pouco tempo de preparação do JT

faz com que ele seja um jornal menos refletido, muito embora nós procuremos todos os dias evidentemente que ele seja um jornal refletido o quanto basta para que cheguemos ao espetador com factos apurados, a notícia sem mácula e portanto desse ponto de vista há uma diferença muito grande. Ser coordenador do JT implica tomar decisões muito mais rapidamente do que um coordenador do TJ. Em algumas circunstâncias com alguma necessidade de improviso. Também se pode colocar a questão à coordenadora do TJ, porque se o momento de um determinado acontecimento for as sete e meia da tarde ela vai ter que decidir em cima da hora também e também vai ter que improvisar. Do ponto de vista do conteúdo das reportagens, é um trabalho mais refletido o trabalho do TJ do que é o trabalho do JT.

▪ **O que é que do seu ponto de vista diferencia a peça do direto?**

A reflexão necessária que é preciso fazer, o momento do acontecimento, a reportagem é editada, o direto não é editado, tem a ver com isso tudo.

▪ **Considera o direto um género jornalístico televisivo?**

É evidentemente.

▪ **Porque optam por colocar peças e bocas dentro do direto?**

Vamos pegar num exemplo do dia de hoje, em que nós não fizemos isso, mas estivemos para o fazer. Hoje houve uma reunião do Conselho de Ministros e foi aprovado o Plano Nacional de Reformas e o Programa de Estabilidade, se a conferência de imprensa do Conselho de Ministros fosse ao meio dia e meia e ainda estivesse a decorrer por exemplo à uma hora, à hora do arranque do jornal, o que é que fazia mais sentido, era nós, entre o meio dia e meia e a uma escolher as melhores bocas que o Ministro das Finanças ou o Ministro dos Transportes, as melhores declarações que eles prestaram até àquele momento e a repórter que está no local fazemos direto porque o conselho de Ministros ainda não acabou, ainda está a decorrer e ela lança as bocas, em vez de picar aquilo que eles estão a dizer no momento, porque aquilo que eles estão a dizer naquele momento pode não ter nenhuma relevância e aquilo que nós já seleccionámos pode ser muito relevante. A lógica de o repórter estar no terreno lançar ele próprio as bocas ou reportagens relativas ao acontecimento tem muito a ver com isto, tem muito que ver com a capacidade que nós tivemos antecipadamente de editar aquilo que é mais importante e para dar ao espetador aquilo que é mais importante e mais relevante para a sua vida, tem a ver com isso.

- **E na questão por exemplo que eu já analisei dos jogos de futebol...**

É a mesma coisa, tem a ver com a mesma coisa. O jogo não está a acontecer nesse momento ... O que aí acontece tem a ver com o facto de o espetador perceber que nós temos alguém que está em permanência a monitorizar aquele acontecimento. Ele próprio de lá pode lançar duas ou três reportagens relativas àquele acontecimento isso transmite ao espetador a ideia de que ok, esta pessoa está ali, já está a acompanhar e o acontecimento ainda nem sequer começou, portanto eu aqui vou ter tudo o que preciso de saber com isso, tem um bocado a ver com isso.

- **Na maioria dos casos, os diretos são antecidos por off's ou peças, qual é o objetivo?**

Contextualizar o espetador em relação ao direto, ou seja, dar um contexto e fazê-lo perceber porque é vamos fazer direto daquilo.

-E depois o direto é para complementar...

Complementar aquilo que acabou de lhe ser dado.

- **Durante a análise que fiz aos diretos, pude verificar que alguns diretos são realizados mesmo que não haja nada de novo para dizer (alguns jornalistas dizem-no em direto). Porque é que se recorre a este tipo de diretos?**

No JT isso não acontece.

-Por exemplo no caso da menina que caiu no parque das nações, a jornalista disse mesmo, quando entrou em direto que não havia nada de novo para acrescentar, que estavam à espera de receber mais novidades...

Porque a todo o momento se podia saber novidades e aquele direto justificava-se, o erro aí foi a jornalista ter dito isso, que de facto não faz sentido estar a dizer ao espetador eu não tenho mais nada de novo para lhe dizer, é quase convidá-lo a mudar de canal. O erro foi, quem quer que tenha sido essa jornalista ter dito isso, porque não se começa um direto e não se diz algo dessa natureza. Se estou recordado do caso, os pais tinham sido levados para ser interrogados pela polícia e a todo o momento se saberia se iriam ser presentes a um juiz, se não iam ser presentes a um juiz. Ou seja, nem todos os diretos são bem executados, portanto, pode dar-se o caso de um direto ser mal-executado. E o exemplo que estás a dar é um exemplo de um direto que foi mal-executado.

- **Outros diretos são realizados já muito depois do final do acontecimento, qual a justificação para estes serem feitos, sendo que o acontecimento já terminou?**

Tem a ver com uma lógica de dar sequência a um valor-notícia que se chama continuidade. As notícias têm uma continuidade e o espetador muitas vezes tem a percepção de que, imagine, nós damos-lhe uma notícia, mas aquilo ainda não acabou e

então há necessidade de explicar às pessoas que afinal aquilo já acabou e o resultado foi aquele. Tem muitas vezes a ver com isso e não mais do que isso.

- Também como um resumo se calhar, não?

Exato, e pode ser, pode ser um resumo, um apanhado geral do que aconteceu. Ou então a necessidade de fazer um ponto de situação em relação a algo que aconteceu.

- Ou que vai acontecer...

Ou que vai acontecer. Deixe-me dar-lhe um exemplo concreto: nós tivemos recentemente, ora aqui na A41 ora na A14 aluimentos. O acontecimento já foi, aluiu a estrada, mas nós fizemos direto depois do aluimento. Há uma lógica de continuidade e dar ao espetador, não apenas o resumo, mas também a perceção de como é que isto vai acabar, por onde é que as pessoas podem ir, quais são as alternativas do ponto de vista da rede viária, o que é que está a ser feito para resolver o problema. Pode haver uma série de respostas que é necessário dar e que justificam o direto.

▪ Quais pensa serem as razões para se optar por fazer diretos ou falsos diretos? (Questões horárias?)

Tem a ver com falta de meios em algumas circunstâncias, ou seja, se nós não tivermos meios disponíveis, meios de direto disponíveis, pode optar-se por um falso direto. Eu prefiro sempre o direto ao falso direto, mas efetivamente isso acontece em algumas circunstâncias e, portanto, tem a ver, normalmente com falta de meios.

▪ Para o internacional observei que na maior parte das vezes são feitos falsos diretos. Porquê?

Aí não tem a ver com a falta de meios, aí tem a ver com custos, porque há bocadinho quando falávamos dos custos, se falávamos em contexto nacional, num contexto internacional a situação já é diferente, porque aí, se o direto for feito por exemplo com *teradek*, a *teradek* está a operar em *roaming* e se está a operar em *roaming* o custo é bem mais elevado do que o custo de fazer um direto aqui, aqui em território nacional. Outra circunstância tem a ver com o facto de que se não for feito com *teradek* é preciso alugar um tempo de satélite a uma agência internacional, à APTN, à EVN, à EBU, isso tem um custo e se o direto for feito por exemplo dos Estados Unidos o custo não é uma coisa de sua menos importância, portanto, se o direto não for uma grande mais valia comparativamente com o falso direto, opta-se pelo falso direto.

▪ No que diz respeito ao local do direto, nem sempre é possível realizar o direto no próprio local do acontecimento, e pude ver que muitas vezes o que é noticiável não tem sítio concreto para ser informado em direto, como é feita esta gestão?

Por exemplo, estou a lembrar-me que na sequência dos atentados de Bruxelas, na loucura das malas que aparecem aqui e ali e acolá, apareceu na estação de Campo Grande, em Lisboa, uma mala que a PSP fez explodir. A PSP estabeleceu um perímetro de segurança e os jornalistas não tinham acesso ao local, não iam estar ao lado da mala que ia explodir, portanto, é uma questão lógica. Se se optou por fazer direto daquele local, e eu não sei se se fez no caso em concreto, confesso. É o que nós estamos mais próximo do local e, portanto, vamos mostrar ao espetador o que está a acontecer, mas vamos mostrá-lo pelo local onde nos é permitido chegar. É como um incêndio, os bombeiros não nos deixam passar e ainda bem, para lá de um determinado perímetro de segurança, sob pena de ficarmos, e já aconteceu a alguns jornalistas da RTP, cercados pelo fogo. É preciso ter algumas cautelas, porque isto é um modo de vida, não é um modo de morte.

- **Porque são tomadas as decisões de se realizarem diretos mesmo que o local não forneça qualquer informação (exemplo direto feito numa praia do Brasil em que fala sobre os protestos e a nomeação de Lula da Silva para Ministro)?**

Foi um direto ou um falso direto?

- Foi um falso direto, só que foi feito com vista para a praia...

Eu imagino que esse falso direto de que esteja a falar tenha a ver com uma coisa, é que acabamos de ter uma rotação de correspondente no Brasil. O nosso novo correspondente no Brasil que é o Luís Baila, chegou e não teve tempo de desfazer a mala, porque eclodiu a crise no Brasil e, portanto, nos primeiros dias em que ele chegou, a necessidade que ele tinha de mandar serviço, porque havia matéria noticiável que justificava o envio de reportagens e diretos, faz com que muitas vezes ele não se possa deslocar para os locais onde as coisas estão a acontecer e, portanto, ele pode ter mandado um falso direto de uma praia, para dar ao espetador a ideia de que nós estamos lá efetivamente e que havia assunto para relatar nesse falso direto, não teve foi tempo e só isso é que justifica isso, e eu sei que neste caso em concreto foi isso que justificou.

-Depois tiveram imagens a pintar...

Tem a ver com isso, nós estamos a falar de alguém que durante dois anos foi viver para o Brasil, com uma mala às costas, e que chegou ao Brasil e não teve tempo de desfazer a mala e, portanto, foi, vamos trabalhar. E foi um caso, um episódio.

3) Questões ético-deontológicas

- **Na sua opinião, qual o interesse que leva à presença constante de directos no Jornal da Tarde? [Negócio, capacidade de atrair a audiência ou por outro motivo] (O que justifica?)**

Não, eu não vejo nisso nenhum negócio, nós no JT fazemos direto quando se justifica fazer direto e, portanto, não temos por hábito fazer direto quando não se justifica fazer direto, e mesmo que o fizéssemos eu não vejo nisso nenhum negócio, quer dizer, pode haver diretos mais refletidos outros menos refletidos, pode haver diretos melhor executados, outros pior- executados, mas não vejo nenhum interesse de natureza económica.

- **Do seu ponto de vista o que é que se pretende oferecer aos telespetadores com o direto? [Entreter/ informar/ ocupar tempo no Jornal da Tarde]**

O direto enquanto género jornalístico tem essa característica que falávamos há pouco de transportar muitas vezes, se for bem-executado, o telespetador para o local do acontecimento. Eu costumo dizer aos meus alunos uma coisa, que é: o repórter em direto deve descrever ao espetador tudo aquilo que recebe pelos sentidos, porque os sentidos que não sejam a visão, o espetador não tem em casa. Não tem o olfato, não tem o tato, não tem o campo de visão que o repórter que está no local tem, não tem a audição que o repórter que está no local tem e, portanto, muitas vezes a descrição que está a acontecer transporta o espetador para o local do acontecimento e, portanto, desse ponto de vista, o direto é uma mais-valia enquanto género jornalístico. Não me parece que por causa disso se deva fazer diretos a torto e a direito, porque não faz nenhum sentido, acho que se deve fazer diretos quando se justifica fazer direto. A Ana esteve aqui esta semana e não sei se em algum momento percebeu que nós tivéssemos feito um direto que não fizesse sentido fazer. Pode questionar-se: mas porque é que aqui se fez e ali não se fez. Por exemplo nós hoje devíamos ter feito um direto de um determinado local e não fizemos, de uma derrocada no Gerês, por falta de meios, porque não tínhamos gente para lá mandar no momento em que soubemos que aquilo tinha acontecido.

- **Vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, senão que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação?**

Em concordo que alguns órgãos de comunicação social, algumas televisões têm isso como bula, não me parece que seja essa a regra do JT, não me parece. Não me parece que se aplique ao JT nem ao TJ nem à linha editorial da RTP.

▪ **Do seu ponto de vista que histórias se procuram para fazer diretos? [interesse do público ou interesse público]**

As duas, de interesse público e de interesse do público. Eu acho que não há uma sem outra. Agora, depende do que estivermos a falar, ou seja, nós estamos sempre a falar de uma coisa que são os valores-notícia, e em televisão, há um valor-notícia que nós aqui ainda não falámos, mas que é muito muito relevante, é aquilo que distingue o ambiente televisivo do ambiente radiofónico e do ambiente dos jornais, que é a imagem em movimento. Portanto, justifica-se fazer direto de um determinado local se a imagem em movimento do acontecimento for muito relevante e muito pertinente. Esse é mais um dos valores notícia, já falámos aqui do momento do acontecimento, da atualidade, mas a força da imagem... Deixe-me dar-lhe o exemplo do direto que nós hoje não fizemos no jornal. Nós hoje não fizemos um direto no jornal de uma derrocada no Gerês que ocupou grande parte da via, aquilo parecia um terramoto, a força daquela imagem era brutal e, portanto, nós não fizemos por falta de meios, se tivéssemos meios tínhamos feito. O acontecimento já foi de madrugada, a derrocada foi de madrugada, portanto, o direto seria um sucedâneo do acontecimento, mas estaria o momento em que nós, face ao momento em que soubemos do que tinha acontecido e eram dez da manhã, dez ou dez e meia da manhã, fazer chegar uma equipa de reportagem ao Gerês, não havia outra forma de dar aquilo no JT que não fosse em direto, porque não tinha tempo de ir lá, recolher material, regressar e editar uma reportagem. Muitas vezes o direto justifica-se também por isso e também porque aquelas imagens em direto eram brutais. Se me pergunta assim: capta mais a atenção a atenção do espetador? Capta, ótimo. O acontecimento justifica? Justifica, porque de facto uma derrocada que ocupa grande parte da via, ou naquele caso até acho que cortou a via ao trânsito mesmo. Do meu ponto de vista justifica, não fizemos.

▪ **Considera possível compatibilizar a obtenção de audiências com o respeito pelas questões ético-deontológicas (não expor sofrimento humano; respeitar a privacidade, serenidade e liberdade dos envolvidos; proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor) pelas quais se deve pautar o trabalho jornalístico? Quem fica regra geral a perder?**

Sim, considero. Os espetadores conseguem claramente distinguir o que é uma linha editorial mais sensacionalista do que é uma linha editorial mais séria, e eu considero que

nós conseguimos, ou podemos manter essa linha editorial mais séria, fazer diretos e cumprir todos os outros géneros jornalísticos, fazer entrevistas, fazer reportagens, por aí fora. Não acho que seja inconciliável.

▪ **Do seu ponto de vista, qual a influência da imediatez do relato em direto, no tempo necessário para a análise dos factos?**

Dependo do que estivermos a falar. Se o repórter acabou de chegar ao local e não teve tempo sequer para refletir sobre aquilo que está a acontecer e que tem à sua volta, o risco desse direto ser pior-executado é maior. O que nós pretendemos é que o repórter chegue ao local, tenha tempo de refletir sobre aquilo que está a ver, tenha tempo de observar o acontecimento e tenha tempo de o relatar com alguma reflexão. Ora, nem sempre isso é possível. Vamos pôr por hipótese, há um incêndio na Torre dos Clérigos e nós tomamos conhecimento disto à uma menos dez, a equipa sai para o terreno com meios de direto à uma menos cinco, chega ao local á uma e cinco. É evidente que nós queremos ter o repórter em direto tão rapidamente quando possível para relatar aquilo que está a acontecer e pode dar-se o caso dele chegar ao local e não ter tido tempo de se informar sobre tudo aquilo que estava a acontecer. É evidente que nós vamos tentar sempre dar uma margem para que ele se informe, sob pena de metermos lá um repórter que não sabe nada do que está ali a acontecer. Há uma margem que o repórter tem sempre. O tempo de lá chegar, de fazer cá chegar as imagens, o repórter pode inclusive, pelo caminho, fazendo contactos telefónicos, ir percebendo o que está a acontecer, de forma a que quando chegar ao local já estar minimamente habilitado a relatar o que aconteceu e o que está a acontecer e o que pode vir a acontecer.

- Se chegar lá no momento e não tiver como..

Isso raramente acontece, é muito difícil um repórter chegar a um determinado local e estar imediatamente em direto, quer dizer, mesmo, por exemplo o funcionamento da *teradek* leva um determinado tempo a funcionar, não é algo que é imediato. Não é chegar lá, carregar no botão do *on* e já cá está o sinal, e durante esse período de tempo o repórter tem sempre tempo de se inteirar minimamente do acontecimento.

ANEXO 25.2. ENTREVISTA A SUSANA SANTOS

Coordenadora do Jornal da Tarde da RTP (22 de abril de 2016, na RTP Porto)

1) Produção informativa

- **Qual é a estrutura do Jornal da Tarde? Em que ocasiões esta estrutura não se adequa? (Agrupamento de notícias por temas?)**

Há reportagens, há diretos, há notícias com imagem.

- Como é que ele se agrupa? É por temas?

Há um tema que normalmente não dá para fugir que é o desporto que fica ali sempre um pouco antes do intervalo. Essa estrutura é mais ou menos fixa, tudo o resto movimentase e muda-se conforme a atualidade do dia. E posso abrir com desporto, não tenho problema nenhum em abrir com desporto. Por norma, quando o desporto é mais do mesmo, normal, entra antes do intervalo. Ronda ali entre os 45 minutos do jornal e os 50 que é a hora a que vamos para intervalo. De resto tanto podemos abrir com economia, como podemos abrir com saúde, como podemos abrir com política é conforme o que a atualidade mandar. Antigamente quando eu entrei para aqui, havia blocos, política, economia, sociedade, internacional, desporto, agora as coisas misturam-se muito e tanto se misturam que nós no dia a dia, às vezes o jornalista está a fazer, ainda hoje um caso, a jornalista estava a fazer o relatório da comissão da Teodora Cardoso sobre algumas críticas e alguns ajustes ao Programa de Estabilidade do Governo, ela veio-me perguntar, se aquilo, nós agora temos que meter nos títulos uma âncora, se é sociedade, se é ambiente, se é economia, se é política, ela veio-me perguntar se aquilo era política ou economia, os temas cruzam-se muito, por isso o próprio alinhamento é reflexo disso, é um cruzamento, eu tanto posso abrir com economia e ir para sociedade, como hoje a reunião do Eurogrupo por exemplo, parece ser um tema internacional, ela não entrou no bloco do internacional, ela entrou mais cá em cima à cabeça do jornal, por isso a estrutura varia, não há aquele jornal estanque, temos que abrir obrigatoriamente com política e temos que dar a política ali toda, não, podemos abrir com política e depois ir a sociedade e depois voltar à política mais tarde. As notícias não têm que estar ali todas compartimentadas e divididas com títulos, subtítulos, digo eu, é assim mais ou menos.

- **Como é organizado o alinhamento do Jornal da Tarde? Qual é o sentido da ordem das notícias?**

Conforme a atualidade e a importância delas [notícias].

- **Qual considera ser o peso dos níveis de audiência no alinhamento do Jornal da Tarde?**

Sinceramente nós aqui olhamos para as audiências como mais um instrumento de trabalho, nós não somos escravos das audiências. Não é, não vamos abrir, não vamos fechar ou não vamos dar esta informação porque ela vai dar audiência, até porque eu cada vez tenho mais dúvidas sobre o que é que dá audiência, tenho muitas dúvidas. Eu por curiosidade, muitas vezes pessoal, vou ver as audiências e tento perceber se houve ali alguma notícia que tenha chamado mais espetadores e que a curva por exemplo suba ou tenha ali um pico anormal, mas é uma curiosidade que eu não consigo muitas vezes chegar a conclusões definitivas, e como não consigo chegar a conclusões, quando estou a fazer o alinhamento, não tenho mesmo nada a preocupação da audiência.

- **O que se pretende na abertura? E no fim?**

O final é capaz de ser mais fácil. Tento sempre dar uma informação que fique na memória ou porque seja uma boa imagem, uma imagem que tenha mais de belo, alguma curiosidade ou então opto, às vezes é a opção mais fácil, mas é uma opção que não tem muito cabimento entrar por exemplo numa parte do jornal que é uma exposição ou uma sugestão de teatro ou uma música, um cd, um trabalho musical que tenha sido apresentado recentemente. Gosto mais de acabar assim de uma forma light o jornal, é essa a minha preocupação, às vezes não consigo. Se o jornal só tem uma hora e dez, se eu não posso ultrapassar aquela uma hora e dez de jornal, se eu tiver ainda informação do dia para dar eu opto pela informação do dia e sai do alinhamento uma peça de teatro que até pode entrar amanhã porque ela vai estar em exibição até ao final mês, por isso se não entrar hoje entra amanhã, enquanto que informação do dia é ideal que entre hoje, mas eu gosto mais, mas nem sempre é possível, mas gosto mais de terminar de uma forma light o jornal, uma forma mais ligada às artes, à cultura. O arranque tem que ser obrigatoriamente para mim a informação que seja mais importante para o maior número de pessoas, que nos diga respeito a todos e não só a um grupo em particular, mas às vezes é difícil, é subjetivo perceber qual é essa informação que vá atingir e que seja de interesse do maior número de pessoas. Nestes dias de Programa de Estabilidade é mais fácil, porque o Orçamento de Estado do Governo atinge o bolso de toda a gente, de todos os portugueses, por isso é uma abertura fácil. Quando não há essas notícias ditas marcantes, porque o Primeiro

Ministro falou, porque o Presidente da República deu opinião, às vezes é mais difícil a abertura e aí, aconteceu esta semana, vou por aquilo que é nosso, que é uma informação nossa que foi o jornalista que estava no terreno que só ele a conseguiu encontrar. Esta semana só nós é que estávamos numa entrevista ao Luís Portela em que ele falava dos resultados aos testes da Bial em França, abri, não tive problema nenhum em abrir com essa informação, apesar da informação em si, os resultados das análises serem do dia anterior, mas era a primeira vez que ele falava e como só nós é que tínhamos aquela entrevista, não tive problema nenhum em abrir o jornal, por muito que se calhar entre isso ou uma informação de economia, de programa ou assim, se calhar a informação de economia foi, já nem me lembro com o que é que os colegas das outras televisões abriram, não, abriram com os suicultores, tinha sido uma manifestação no dia anterior, mas essa informação nós estávamos a dá-la desde manhã, desde manhã não, desde a noite anterior em que houve os cortes, houve duas detenções de suicultores e houve também um ferido, mas era uma informação que já estava a ser mais ou menos desenvolvida desde as vinte e três horas da noite anterior. A informação mais recente que eu tinha era aquela do Luís Portela à RTP a falar pela primeira vez das conclusões aos testes da Bial em França. Isto para dizer que as aberturas são mais difíceis que os fechos.

- **Há alguma diretiva que obrigue a que todas as edições do Jornal da Tarde tenham diretos?**

Não. Há muito poucas diretivas na feitura de um jornal.

- **Quais as principais razões que estão definidas institucionalmente para se optar pelos diretos?**

O que eu sei é o que aprendi na escola. Se está a acontecer, se não dá para contar porque há falta de tempo ou porque continua, ou se já contámos em reportagem, mas se aquilo continua a acontecer, o evento ainda decorre, vamos lá.

- **Quais os critérios de escolha (definidos pela Direção de Informação) dos temas para fazer direto?**

Também não há temas para fazer direto, é a atualidade é que marca o direto. Nenhum tema é proibido, ou seja, não é proibido eu fazer um direto de uma conferência de imprensa de futebol, como não é obrigatório fazê-la. Não é proibido fazer um direto de uma manifestação. Não há nenhuma diretiva que proíba o que quer que seja. Depois há o bom senso, hoje por exemplo estava a decorrer a procura de um corpo, na altura em que nós poderíamos fazer direto, o corpo estava a ser retirado das águas, caiu ao rio em Chaves, estava a ser retirado. O bom senso manda-me que eu não vá em direto quando

estamos a ver o corpo a ser retirado. Posso ir antes ou posso ir depois, isso depois é uma opção minha. Naquela altura, eticamente não me parecia correto.

- **Quais os critérios (definidos pela Direção de Informação) para a ordem dos diretos no alinhamento? (Surge porque o acontecimento está a ocorrer naquele momento, por agregação de temas, pelas audiências?)**

Conforme o que esteja a acontecer. Se estiver a ocorrer agora uma manifestação contra o Presidente da República que está a chegar a Évora, não tenho dúvida nenhuma que ela entra ali, está o Presidente a chegar, a manifestação está a decorrer, não vou esperar para daqui a bocado. Está a decorrer, vou lá, faço direto.

- **Em que medida a opção pelos diretos está ou não associada a questões financeiras?**

Curioso essa pergunta porque eu acho que já foi muito mais caro fazer diretos quando tínhamos que marcar tempo de satélite, agora com recurso às *teradeks*, é muito mais fácil, é muito mais barato e é muito mais ágil e em qualquer sítio se marca um direto, por isso os custos neste momento não se põe em causa. Se forem internacionais tem que se pesar porque um direto internacional fica muito caro. Quando é um direto internacional, o coordenador ele próprio sabe os custos associados, por isso vai ser um bocadinho mais rigoroso na escolha do direto, mas se ele for essencial nós não podemos olhar a custos. Quando houve os atentados, os últimos em Paris e Bruxelas, não estávamos sequer a olhar a custos, estávamos a olhar a importância da notícia.

- **Em que medida o direto é privilegiado ou pelo contrário é utilizado como segunda opção?**

Não é privilegiado. Eu acho que a reportagem é privilegiada no jornal e só a seguir é que poderá ser o direto, mas cada notícia é uma notícia. Há notícias que vivem muito mais se forem em direto, pela espetacularidade da imagem, porque não temos tempo de estar a trabalhar a informação.

- **Que importância é dada ao direto, em comparação com outros modos de dar as notícias?**

Eu continuo a dizer que é mais importante a reportagem, num jornal acho que o essencial é, num jornal televisivo, o essencial é uma boa reportagem. Se pudermos contar aquela informação numa boa reportagem é preferível a contar aquela informação em direto.

- **Tem conhecimento da existência de dados relativos às audiências dos diretos em comparação com as peças? Há alguma oscilação digna de nota?**

Não sei, por acaso nunca estive a reparar nisso.

- **A duração do direto (maior) difere da duração das peças. Porquê? Tendo em conta a preocupação com a duração das peças (1 minuto e meio), como se justifica esta diferença?**

Se vais para reportagem fazes uma entrevista de dez minutos e podes conseguir com poder de síntese cortar aquilo a 30 segundos, tu em direto é impossível estares a dizer a um entrevistado para responder em 30 segundos, e por isso nós já sabemos que num direto, mesmo que quando nós pedimos um direto de dois minutos, às vezes pedimos peças, reportagens de um minuto e 30, depois o direto já damos uma margem de até dois minutos, mas sabemos que é muito difícil às vezes os dois minutos, porque se o jornalista tiver, basta ter dois entrevistados, sejam duas perguntas, o entrevistado não tem o nosso poder de síntese, nem o nosso poder de conseguir contar em meia dúzia de palavras. Se nós metermos um microfone à frente de um entrevistado de certeza que ele vai falar mais do que um minuto e meio, por isso nós já sabemos que o direto vai demorar sempre muito mais tempo que uma reportagem.

- **Quem no interior da redação define o alinhamento?**

Eu não sei se sou regra nesta casa, mas eu gosto da colaboração de toda a gente. O realizador é importante para mim, dou algumas ideias, vou alinhando, mas depois conto também com os editores da RTP seja no Porto seja em Lisboa, conto com a opinião do Pivô e gosto sempre de falar com a Direção de Informação.

2) Perceções dos profissionais sobre o uso do direto

- **O que distingue do seu ponto de vista o Jornal da Tarde do Telejornal?**

Como temos um bocadinho mais de tempo do que o Telejornal, porque o Telejornal tem sempre menos de uma hora e nós temos mais do que uma hora, temos um bocadinho mais de informação desportiva do que o Telejornal e eu tenho a sensação que o público a que se refere o Jornal da Tarde está mais também predisposto para ver informação mais dita regional. A do Telejornal está menos, quem chega a casa à hora do Telejornal não viu televisão se calhar ao longo de todo o dia e precisa só de ver informação essencial do dia todo, mais a nível nacional e internacional. O Jornal da Tarde pode englobar mais informação, a única diferença é que eu acho que tem um bocadinho mais de informação regional do que o Telejornal, porque as informações do dia são coincidentes, no Jornal da Tarde e no Telejornal.

▪ **O que é que do seu ponto de vista diferencia a peça do direto?**

A peça pode ser muito mais bem tratada, porque pode ouvir até mais partes do que o direto que às vezes se for em frente à casa do senhor que foi alvo do mau tempo só vai ouvir a vítima do mau tempo, na reportagem pode ouvir a vítima do mau tempo e a entidade por exemplo que vai ajudar a reparar os estragos do mau tempo. A peça tem mais ganhos do que o direto. Agora nem tudo se consegue, é muito pouco tempo, às vezes para meter um jornal de uma hora e dez feito quase todo numa manhã entre as oito da manhã e a uma da tarde é muito difícil, há reportagens que só saímos para elas às 11 meio dia, por isso é impossível depois à uma hora já estar a reportagem, por isso o ideal, para dar a informação, para que ninguém fique sem a informação, é por isso que se recorre ao direto.

▪ **Considera o direto um género jornalístico televisivo?**

Sim. Eu já estou desatualizada em relação aos livros, ao que se dá nas escolas, mas para mim é um género. Eu tenho dito até agora que posso dar privilégio à reportagem, mas o direto é também, como a entrevista, se eu tiver que recorrer a uma entrevista em estúdio, para mim é também mais uma opção, mais uma forma de dar a notícia.

▪ **Porque optam por colocar peças e bocas dentro do direto?**

Porque às vezes é a solução para se dar alguma dinâmica ao direto, para não ser só um direto à porta. Se naquele momento à uma da tarde foi toda a gente almoçar, não está ninguém à porta da casa, mas também não tivemos tempo para montar a reportagem, mas pelo menos conseguimos ouvir alguém relacionado com o assunto e então corta-se a boca, seleciona-se a boca que se quer e o jornalista remete alguma informação para aquela boca.

- Por exemplo os do futebol quando estão a fazer uma previsão sobre o que vai acontecer, está o jornalista no estádio e começa a falar, mostra as equipas e às vezes lança peças..

É para dar algum conteúdo ao direto, porque nesses diretos na verdade não se está a passar nada, o jogo só vai ser um bocadinho mais tarde, mas estar no estádio é também uma forma de chamar à atenção e dar algum destaque àquele jogo que vai ser importante do fim da tarde, mas para não ser só o jornalista ali a papaguear é muito mais enriquecedor para o jornalista e para quem está a ver, haver ali uma informação que seja lançada que já esteja pronta.

- **Na maioria dos casos, os diretos são antecidos por off's ou peças, qual é o objetivo?**

Avisar o telespetador para o que é que vem aí, muitas vezes se não houver imagens, se o acontecimento ainda estiver para começar ou assim não fazemos, o ideal é que tenha alguma informação para não ser o pivô a lançar o jornalista e estarem ali duas caras em ecrã sem qualquer informação papável pelo meio. Até para não ser o jornalista que está em direto a ter que contar tudo e às vezes sem ter imagens, pelo menos ali durante o off já houve uma base de imagem que para quem está às vezes a ver chama mais à atenção uma imagem do que estar o jornalista sem saber o que é que está a falar.

- **Durante a análise que fiz aos diretos, pude verificar que alguns diretos são realizados mesmo que não haja nada de novo para dizer (alguns jornalistas dizem-no em direto). Porque é que se recorre a este tipo de diretos?**

[Dei o exemplo do direto que foi feito sobre a menina que caiu de um prédio no parque das nações e houve uma jornalista que estava a apresentar o direto e começou o direto a dizer que não havia nada para acrescentar, que estávamos à espera de saber mais informações] Nós achamos que se aquilo é informação do dia, achamos que o assunto tem que merecer uma atualização e nesse direto a criança tinha caído, mas tinha que haver explicações para a queda, tinha que haver buscas, tinha que haver investigação e era essa informação que nós ainda não tínhamos que estávamos à espera que a jornalista que ainda estava no local onde se mantinham as autoridades que ela nos soubesse dizer, às vezes não conseguem a informação, mas nós também só chegamos a essa conclusão que não chegou a informação depois do direto ir para o ar. Às vezes nem tudo corre bem, às vezes falha a comunicação entre o pivô, a coordenadora, o jornalista que está no local, o produtor, mas há assuntos que quando são muito importantes e em que nós achamos que a história não fica toda contada numa só reportagem, nós recorremos ao direto para ver se há ali alguma informação que possa surgir entretanto e que ela não tenha sido dada na reportagem e até possa ser desenvolvida no direto. Há alturas em que nós conseguimos anular diretos porque percebemos que não vai mesmo acontecer nada, como hoje quando percebi que o António Costa não ia mesmo falar eu não ia fazer um direto só para o jornalista dizer que o António Costa andava a fazer uma visita à Ovibeja. Nesse caso, como era um assunto muito fresco, as entidades ainda estavam a investigar, eu acho que até queríamos fazer dois diretos, era o direto do parque das nações onde tinha caído a criança e o direto da porta da polícia judiciária onde em princípio os pais estariam a ser ouvidos e aí era um bocadinho mostrar também que nós temos meios e que às vezes os

canalizamos para um só assunto para que aquele assunto seja ali bem debatido e bem analisado. É também para dar um bocadinho força ao assunto, por muito que às vezes aconteça mesmo que o jornalista não tenha muito mais a acrescentar porque também não houve nenhum desenvolvimento interessante.

- A percepção que eu tenho às vezes é que é para fazer um bocadinho para fazer uma atualização e para dizer se há ou não alguma coisa de novo para dizer.

Há assuntos que nós percebemos que não vale a pena estarmos ali a debater mais porque não vai haver nada mais, não vão acrescentar nada mais, mas esses, principalmente assim os de sociedade (...) nós estamos sempre na expectativa que aconteça e como nós não podemos estar, tu já percebeste ali a régie, aquilo é um sufoco, nós não podemos estar sempre em expectativa que aconteça, às vezes é melhor ir lá mesmo e depois às vezes chego à conclusão que não se justificava e que não se passava nada, mas que pode acontecer a qualquer momento e também assim chamamos um bocadinho à alerta de quem está a ver que naquela altura não houve nada, mas daqui a bocadinho até pode sair um funcionário judicial e vir dizer que já há uma sentença, pelo menos dá a entender, a quem está em casa que nós estamos lá, e se estamos lá podemos ir lá a qualquer momento, por isso é uma informação que pode ser ali desenvolvida. Se nós não fizermos direto o telespetador também não sabe que nós estamos lá, por isso acha que nós fizemos a reportagem e que não queremos saber mais do assunto, não estamos lá em direto não vamos lá voltar e não, fazendo o direto, vamos dizer nós estamos aqui, mal haja uma decisão nós vimos aqui contar porque temos aqui toda a tenda montada para poder contar a história.

▪ **Outros diretos são realizados já muito depois do final do acontecimento, qual a justificação para estes serem feitos, sendo que o acontecimento já terminou?**

Para contextualizar, para dizer que aquilo foi recente. Quando há direto, normalmente é porqu o assunto justifica e é mais importante.

▪ **E em outros casos, em que os diretos falam de acontecimentos que ainda vão acontecer?**

Para fazer uma previsão, na bola é muito assim. Se me perguntares se eu acho que é relevante que estejamos no relvado para dizer que a relva está em bom estado eu digo-te que não acho que seja importante, agora, já que estamos lá, já que nos abriram as portas e nem sempre todos os estádios nos abrem as portas para três ou quatro darmos então vamos aproveitar aquele palco que é um bom cenário, é o cenário do assunto que vai ser mais importante ao final do dia e já que temos aquelas reportagens preparadas

pelo menos apresentamo-las do sítio que vai ser o palco do acontecimento, em vez de estar a ser lançada só pelo pivô do jornal.

- **Quais pensa serem as razões para se optar por fazer diretos ou falsos diretos? (Questões horárias?)**

Às vezes são questões técnicas, às vezes não temos um meio mesmo de direto então faz falso direto e envia outras vezes até porque é mais confortável para o jornalista porque ele sabe que cinco minutos depois vai estar mais confusão no local... Nos tribunais, às vezes eles têm que ir para a sala de audiência e a audiência começa às duas da tarde, qual é a diferença de estar em direto às duas ou estar dez minutos antes e assim às duas já pode entrar para a sala. Às vezes é por uma questão meramente técnica, não tem só a ver com questões de jornalismo de ética, de uma outra razão, é uma razão técnica. [lembrei o caso das gasoleiras] Reportagem não dava, não dava tempo físico, se ele gravasse o falso direto, pelo menos com o falso direto era mais previsível ter ali dois ou três entrevistados porque poderia geri-los. À uma da tarde ele podia ir para lá e ter o azar de não ter nenhum camionista naquele momento, por que ele ia entrevistar camionistas que estão sempre de passagem, entram e saem, chegam e partem, se fosse direto ele podia ter o azar de não combinar com nenhum motorista, sendo gravado ele pelo menos conseguiu gerir ali três entrevistados e fez um falso direto com três entrevistados que podia não os ter quando fosse para ir para o ar em direto. Reportagem estava fora de questão porque não dava tempo.

- **Para o internacional observei que na maior parte das vezes são feitos falsos diretos. Porquê?**

Alguns é porque não há mesmo meios para direto, o falso eles mandam pela internet, gravam para a câmara e depois mandam pela internet, os diretos internacionais, os de Bruxelas são mais fáceis de marcar porque há a Eurovisão, mas fora de Bruxelas só se for equipas daqui que levem as *Teradeks* senão é mais difícil marcar posições de internacional, são pagas a peso de ouro.

- **No que diz respeito ao local do direto, nem sempre é possível realizar o direto no próprio local do acontecimento, e pude ver que muitas vezes o que é noticiável não tem sítio concreto para ser informado em direto, como é feita esta gestão?**

Quando não nos autorizam o direto. [dei exemplo de um direto sobre as pescas em que o jornalista entrevistou uma pessoa ao pé do rio] Só não fazemos direto do local se não for autorizado, imagina, houve uma explosão, um incêndio brutal e os bombeiros não nos deixam chegar junto do fogo, aí é uma limitação externa à nossa atividade, aí pode não

ser mesmo do direto, outras vezes pode haver alguma notícia por exemplo de aumento de cotas leiteiras e nós não conseguimos estar mesmo numa vacaria. Imagina que o Governo decidiu aumentar as cotas leiteiras e a Comissão Europeia autorizava, íamos fazer a reportagem, mas ia ser muito, é o Ministro é o Comissário Europeu é uma associação e é tudo muito em Portugal sentado numa mesa reunidos numa reunião, nós depois às vezes fazemos diretos para completar essa informação, mas no local com as pessoas afetadas diretamente pelas medidas que se tomam nos gabinetes e aí o objetivo qual é, é chegar ao público. Esta informação foi trabalhada num gabinete, mas ela dirige-se concretamente ao pescador, ao agricultor, à senhora que trata dos legumes e vai vende-los à feira. Às vezes é um bocadinho complementar a informação.

- **Porque são tomadas as decisões de se realizarem diretos mesmo que o local não forneça qualquer informação (exemplo direto feito numa praia do Brasil em que fala sobre os protestos e a nomeação de Lula da Silva para Ministro)?**

Ele estava no Rio e o que se estava a passar era em Brasília, porque ele tinha acabado de chegar, isso tem sempre uma justificação, o público não sabe. O Luís Baila tinha sido enviado, ele não era o nosso correspondente lá, toda esta confusão no Brasil coincide com a transição do Baila e o Baila chega lá e chega ao Rio e consegue fazer um falso [direto] para mostrar que a RTP já está no Brasil e faz no Rio sendo que ele no dia seguinte, por exemplo ele já voou para Brasília que é onde estavam a decorrer as manifestações e onde se estava a passar tudo da Dilma. Às vezes são questões do acaso. Às vezes é por limitações de mobilidade, mas ao mesmo tempo era uma mais valia nós podermos ter o correspondente que não estava mesmo no local, em Brasília, mas para todos os efeitos estava no Brasil. Nós podemos dizer ao telespetador que nós já temos lá o correspondente, ainda não está no local completamente certo, mas já vai a caminho. Era melhor ter com uma paisagem que nós olhamos para a praia e percebemos que é Brasil, achámos que era mais importante ter, nem que fosse com praia do que não ter nada.

- **Qual o papel do coordenador no direto?**

É quase só dar tempos [ri-se]. Não, tenta explicar ao jornalista a estratégia do direto e diz-lhe mais ou menos o tempo que tem para aquele direto, e vai dando algumas informações que o jornalista que está no terreno não sabe, coitado, já tem tanto com que se preocupar, não tem que saber a informação toda que corre, por isso quem está na coordenação pode estar a interagir e a intercomunicar com o jornalista que está no terreno, pode-lhe ir dando algumas informações úteis para ele fazer a entrevista. Hoje por exemplo a Sandra Machado Soares fez o direto do Presidente, ela sabia quais eram os temas da atualidade e

ela tinha a minha indicação que era para tratar os temas da atualidade e foi o que fez. O papel do coordenador é quase só dar algumas indicações de atualidade, de informação e ir dando algumas indicações de direto. Também me custa às vezes ser muito rígida na questão do tempo, porque quem está no terreno é muito difícil mandar calar um convidado, um entrevistado, por isso eu tenho que compreender muitas vezes isso. Mesmo quando eu digo dois minutos eles já sabem que podem ir até aos três, sou assim mais condescendente, depois corta-se mais qualquer coisa.

3) Questões ético-deontológicas

- **Na sua opinião, qual o interesse que leva à presença constante de diretos no jornal da tarde? [Negócio, capacidade de atrair a audiência ou por outro motivo] (O que justifica?)**

O interesse é dar a perspetiva de um jornal muito atual, que está a ser feito em cima dos acontecimentos que estão a decorrer, dar um cunho de muita atualidade para as pessoas não ligarem a televisão e dizerem assim: Eh isto já vem de ontem, eh já vi isto ontem. Não, eu quero que as pessoas saibam que aquilo está a decorrer, mesmo quando vou às vezes à Assembleia da República, fazemos diretos é para as pessoas saberem que ainda está a decorrer o plenário, por isso, nos já temos uma reportagem mais ou menos feita, mas a discussão sobre o assunto ainda não terminou, o meu objetivo é mostrar que é atual.

- **Do seu ponto de vista o que é que se pretende oferecer aos telespetadores com o direto? [Entreter/ informar/ ocupar tempo no Jornal da Tarde]**

A informação do momento.

- **Vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, senão que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação?**

Para mim a informação não é espetáculo. Eu não me revejo nessas informações.

- **Do seu ponto de vista que histórias se procuram para fazer diretos? [interesse do público ou interesse público]**

O que estiver a acontecer, se for política é política, se for sociedade é sociedade, se for desporto é mostrar o palco do jogo. É mostrar que está sempre a acontecer alguma coisa e que nós estamos lá.

- **-Procura-se histórias de interesse do público ou de interesse público?**

De interesse público.

- **Qual a influência que o nível de audiências tem na hora de optar por realizar um direto?**

É o que eu te digo, eu nunca estive a reparar. Agora até vou ver, porque me chamou à atenção. Para mim o direto é uma linha de alinhamento, não tem mais peso de audiência ou menos, eu nunca sequer pensei nisso. É uma forma de dar a informação. Não é para fazer espetáculo. É assim, se há uma manifestação (...) houve muito naquela altura dos lesados do BES que eles tinham manifestações super duras, eu sei que ali dois minutos de direto era mais movimentado e mais ruidoso e mais dramático e arrebatador do que se calhar a reportagem em que nós já pensamos já pesamos aquilo várias vezes e conseguimos ser emocionalmente mais racionais. Em direto tudo é possível, claro que se eles estão a deitar a baixo barreiras e a protestar, a quebrar a barreira policial, eu sei que aquilo em termos de imagem é um bom boneco e eu vou ficar ali mais um minuto ou dois, porque em reportagem deu e acabou e morreu e já seguiu. Em direto não, eu tenho ali aquela imagem que é uma imagem forte, que mostra o desespero das pessoas e eu sei que é uma informação que todos nós lá em casa pensamos aconteceu àquele, mas podia-me ter acontecido a mim, eu podia ter lá as minhas poupanças e neste momento estar ali no meio daquela gente a protestar também. Eu posso ficar ali mais um minuto ou dois, agora, para mim, não é pela audiência, ali é a informação, a informação está a acontecer, eu não quero deixar de a mostrar ao público. Está a acontecer, vamos mostrar.

- **Considera possível compatibilizar a obtenção de audiências com o respeito pelas questões ético-deontológicas (não expor sofrimento humano; respeitar a privacidade, serenidade e liberdade dos envolvidos; proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor) pelas quais se deve pautar o trabalho jornalístico? Quem fica regra geral a perder?**

Para mim as questões éticas são mais importantes que as audiências, como tal, não estou a pensar nas audiências, estou a pensar mais na questão ética.

- **Do seu ponto de vista, qual a influência da imediatez do relato em direto, no tempo necessário para a análise dos factos?**

Pois, eu não posso analisar os dados, eles estão a acontecer e eu às vezes estou no ar e estou a ser confrontada com os dados. Eu sei que o jornalismo nos obrigava a fazer uma reflexão anterior e no direto essa reflexão muitas vezes não é feita. Quando é uma coisa mais tranquila, um direto porque o Presidente da República está a chegar ou porque o Primeiro Ministro está a chegar é uma coisa mais ou menos fácil. Quando os ânimos

aquecem e mete manifestações e revoltas e assim, era preferível haver essa ponderação anterior, mas também entre estarmos a ponderar muito e estarmos a perder informação que podíamos estar a transmitir, mais vale arriscar um bocadinho e transmiti-la. E se virmos que aquilo foge às normas institucionais, podemos sair a qualquer momento, por isso a solução é fácil, é retirar do ar.

ANEXO 25.3. ENTREVISTA A RITA MARRAFA CARVALHO

Jornalista da RTP (26 de abril de 2016, na RTP Lisboa)

1) Produção informativa

- **Que importância é dada ao direto, em comparação com outros modos de dar as notícias?**

É a importância óbvia do *happening*, do momento, do aqui, do agora, da realidade em tempo real... E por isso mesmo tem sempre primazia, nem que seja pela atualidade que representa, por essa mesma razão tem o peso que tem porque é vida a desenrolar-se naquele preciso momento aos olhos do espetador, que tem aquela sensação ficcional de que está dentro do acontecimento, por isso faz todo o sentido ter uma primazia.

2) Perceções dos profissionais sobre o uso do direto

- **O que distingue do seu ponto de vista o Jornal da Tarde do Telejornal?**

É o *target*, essencialmente o *target* e a possibilidade de aprofundar alguns temas depois, para o Telejornal que a temporalidade, com a qual a temporalidade não se compadece porque o JT começa a trabalhar cedo, mas numa altura em que o mundo ainda está um pouco a meio gás, por isso o *target* de facto é diferente. Maior parte das pessoas que vê o JT com disponibilidade para poder assistir a mais de uma hora de jornal, normalmente não são as mesmas que veem o Telejornal, podem também ser, mas o *target* é diferente, e depois a capacidade e a possibilidade de aprofundar os temas, no jornal de *prime-time* das oito.

- No telejornal há mais profundidade, é isso?

Pode eventualmente existir, há essa possibilidade devido ao tempo, não é? A pessoa pode desenvolver um bocadinho mais um determinado tema para o Telejornal que não teve possibilidade de o fazer para a uma da tarde.

- **O que é que do seu ponto de vista diferencia a peça do direto?**

Completamente diferente, quer no género, quer na estrutura (...), são incomparáveis, porque uma reportagem é trabalhada, exige a presença de um RI, do jornalista, de intervenientes que são entrevistados e depois de um editor de imagem. É uma estrutura jornalística que representa um género, o direto não. O direto é uma ocorrência jornalística que não se integra num género específico, é uma representação filtrada do acontecimento em tempo real, em que o próprio jornalista é o tradutor da realidade, em que usa uma

linguagem diferente daquela que usa em reportagem com uma dinâmica diferente e acima de tudo com a presencialidade que o direto exige da imagem do jornalista, que por si só pode ser constrangedor para quem está em direto, por isso são duas formas distintas de fazer jornalismo.

▪ **Considera o direto um género jornalístico televisivo?**

Não sei, eu tenho algumas dúvidas muito honestamente sobre isso, porque eu acho que o género jornalístico tem que ser transversal a todos os meios de comunicação social, televisão, rádio e jornais, imprensa escrita, e o direto aqui não se integra de facto na imprensa escrita, por isso quando nós temos crónica, reportagens, notícia pura e dura, entrevista, tudo isto é possível nas três formas de expressão comunicacional social, o direto não. O direto é uma idiossincrasia muito própria da informação em tempo real que é próprio da rádio e da televisão e como tal, parece-me que é isso mesmo que é uma especificidade própria do meio e não tanto um género jornalístico.

▪ **O que justifica, do seu ponto de vista, a introdução sistemática de diretos no jornal da Tarde?**

O que é que justifica? Eu confesso que também não sou uma grande conhecedora da dinâmica do JT, porque é feito no Porto, não é? (...) A justificação que eu posso eventualmente encontrar, é que perante o pouco tempo que se tem para se poder fazer a reportagem na redação com editor é tomada a opção de que o jornalista permaneça no local, recolha as imagens, faça as entrevistas e entre em direto para o JT, depois com tempo regressa e consegue fazer a reportagem para o Telejornal, ou seja muitas vezes acho que é só uma questão de falta de tempo.

▪ **Do seu ponto de vista que temas são privilegiados nos diretos? E porquê?**

Há a diferença entre o que deveria de ser e o que é, mas os que são privilegiados nos diretos são acontecimentos de grande relevância ou impacto na vida das pessoas essencialmente, ou que aconteçam ou que estejam precisamente a acontecer na hora exata em que o jornal está no ar, por isso temos aqui dois valores-notícia, o efeito prático na vida social e depois a temporalidade.

▪ **Na maioria dos casos, os diretos são antecidos por *off's* ou peças, qual é o objetivo?**

Enquadramento. Dizer as pessoas que o que vão ver é isto, e permite que a pessoa faça uma moldura daquilo que se vai ver em direto.

- **Durante a análise que fiz aos diretos, pude verificar que alguns diretos são realizados mesmo que não haja nada de novo para dizer. Porque é que se recorre a este tipo de diretos?**

Isso é uma questão editorial, de coordenação, mas ou porque a peça não esta pronta e é necessário ser às vezes um bocadinho redundante entrando em direto, ou por uma questão não jornalística, mas de audiência, quase de comprovação, legitimação perante o público, que estamos lá, estivemos lá e não falhamos. Não deixa de ser pernicioso obviamente.

- **Outros diretos são realizados já muito depois do final do acontecimento, qual a justificação para estes serem feitos, sendo que o acontecimento já terminou?**

Depende, ou questões técnicas, por falhas, ou por questões de relevância que levaram a que aquele direto fosse caindo na escala hierárquica do alinhamento do Telejornal ou porque quando chegamos já de facto as coisas não estão na dinâmica que consideramos que seria proficua para nós, nem que seja para em termos de *mise en scène* funcionar para tentar explicar o que aconteceu e que já não esta a acontecer.

- **E em outros casos, em que os diretos falam de acontecimentos que ainda vão acontecer? (ex: jogos futebol)**

É fazer o *preview*, não é? Porque o jornalista vai ter que lá estar de ali a uma ou duas horas, por isso em vez de estar a fazer uma reportagem é sempre muito mais apelativo ver o jornalista a explicar de uma forma muito mais fluída, dinâmica e até intimista aquilo que se vai passar, do que a pessoa estar a ver em casa uma reportagem. O direto proporciona uma sensação de conversação falsa, porque na verdade é um monólogo, mas permite esta sensação de proximidade com o acontecimento e com jornalista, criando uma empatia com quem está em casa, daí até a própria expressão da televisão leva a isso, tele à distancia e visão de ver, quer dizer, é o ver à distancia, o ver sem ser visto, quase panóptico, mas pronto, e que proporciona ao telespectador sentir-se quase naquele relvado onde o jornalista está a falar.

- **Quais pensa serem as razões para se optar por fazer diretos ou falsos diretos? (Questões horárias?)**

Por motivos completamente distintos, pode ser por uma questão técnica, de não termos possibilidade de fazer direto àquela hora e gravamos um falso direto, pode ser por uma questão de presença do acontecimento, ou seja, naquela altura vamos ter um entrevistado, de aí a dez minutos já não temos, gravamos o falso direto com o entrevistado e julgo que são as únicas razões pelas quais se fazem falsos diretos.

- **Para o internacional observei que na maior parte das vezes são feitos falsos diretos. Porquê?**

Sim. Pode ser também uma questão de agenda do próprio jornalista que ele aquela hora tem que estar a fazer, porque não se pode desdobrar porque é só um, tem que estar a fazer uma conferência de imprensa ou tem que estar a entrevistar alguém e como tal grava um falso direto fazendo uma síntese dos acontecimentos e envia para a redação. Mas isso é sempre assumido, é assumido até uma forma muito subtil que a maior parte das pessoas não percebe em casa, que é quando é direto tem o logo, logo não, o oráculo em cima que diz direto, quando não é não diz. Não escreve falso direto pura e simplesmente omite o direto.

-Às vezes as pessoas não têm essa noção. Claro, não deixa de ser falacioso.

- **No que diz respeito ao local do direto, nem sempre é possível realizar o direto no próprio local do acontecimento, e pude ver que muitas vezes o que é noticiável não tem sítio concreto para ser informado em direto, como é feita esta gestão?**

Depende, quer dizer, muitas vezes é inacessível chegar ao local onde as coisas de facto aconteceram, inacessível em termos geográficos, ou inacessível porque as autoridades assim não o permitem. Não me parece que haja outra justificação a não ser que não tenhamos chegado a tempo e vamos fazer já aqui, porque estamos atrasados e temos que entrar em direto, parece-me serem as únicas três razões para que isso aconteça. Essas três incapacidades, incapacidade geográfica, incapacidade das autoridades e depois a incapacidade de pontualidade.

- **Porque são tomadas as decisões de se realizarem diretos mesmo que o local não forneça qualquer informação?**

Não, muitas vezes é assim o local pode não fornecer informação, mas é o local e isso por si só é rico, isso por si só é pelo menos honesto, não é?

- **Qual o papel do jornalista no direto?**

O papel do jornalista é filtrar, desculpa, o papel do jornalista é o traduzir o simplificar é o trocar por miúdos digamos assim. É o meio que medeia o acontecimento até chegar ao espetador e é ele que tem a responsabilidade de traduzir a realidade, de enquadrar, de sintetizar, de seduzir o espetador com a informação que tem para passar e que ela seja passada com honestidade, de forma fidedigna, simples e acima de tudo de uma forma que seja inteligível, porque senão a missão cai por terra. Se as pessoas não entenderem em casa, não compreenderem em casa aquilo que o jornalista profere então o seu objetivo caiu no insucesso, por isso esse seu papel no direto é fundamental.

-Era um pouco fazer a pessoa sentisse que estava no local...

Transportá-la. Sim é isso, também acho que já referi isso, o jornalista tem que colmatar as falhas que o direto tem, seja o dos cheiros, o dos sons o de aquilo que a imagem não pode ou não consegue mostrar e é esse papel de sedução que eu dizia, de levar o espetador para dentro do acontecimento, fazê-lo sentir parte de aquilo que está a acontecer, ser de tal modo descritivo e intensamente dinâmico que haja uma espécie de efeito novelístico e que a pessoa se enleie naquele novelo e se prenda ao que se conta. Na verdade, é um contador de histórias, mas com parâmetros e exigências que lhe dificultam o trabalho, obviamente.

3) Questões ético-deontológicas

- **Vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, senão que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação?**

Eu percebo o que quer dizer, mas talvez não seja tão assim, o público, em termos televisivos tem especificidades completamente diferentes e eu explico porquê. Quando compramos um jornal vamos dedicar-nos a leitura do jornal, ou seja, há um tempo que é disposto e oferecido à leitura. A televisão hoje em dia segue um ritmo de hábito e rotina totalmente diferente, as pessoas ligam a televisão para estar ligada e continuam a fazer tudo aquilo que fazem normalmente com uma televisão ligada, por isso a necessidade de captar a atenção do espetador é grande e mais difícil, por isso a ideia que o embrulho tem de ser bonito, vistoso, sedutor, cativante, para que a informação esteja lá dentro quando o espetador abre o embrulho, ou seja, a forma, é um desafio, tem que ser apelativa, daí a sensação de espetáculo, tem que ser sedutora, para que haja um *sparkle*, um centelha de interesse para se ficar a ouvir aquilo que realmente *matters*, não é? O que interessa, que é a informação. De algum modo eu entendo essa afirmação, mas não pode ser resumida de forma tão minimalista.

- **Do seu ponto de vista que histórias se procuram para fazer diretos? [interesse do público ou interesse público]**

De interesse do público, eu julgo que sim. Não tenhamos dúvidas nem nos enganemos, quer dizer, só fazemos serviço público se tivermos público, se não só fazemos um serviço. Por isso são histórias de interesse do público, sim. Obviamente se for aliado ao interesse público ainda melhor, mas a partir do momento em que é o interesse do público parece-

me que à partida também é interesse público. Com algumas honrosas e desastrosas exceções, mas sim interesse do público.

- **Considera possível compatibilizar a obtenção de audiências com o respeito pelas questões ético-deontológicas (não expor sofrimento humano; respeitar a privacidade, serenidade e liberdade dos envolvidos; proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor) pelas quais se deve pautar o trabalho jornalístico? Quem fica regra geral a perder?**

Acho, acho possível sim.

- **Do seu ponto de vista, qual a influência da imediatez do relato em direto, no tempo necessário para a análise dos factos?**

Qualquer direto necessita depois de análise, reflexão e desenvolvimento e é isso que normalmente se faz, por exemplo, se fazemos um direto de um tiroteio na Ameixoeira, obviamente que pelo menos no noticiário seguinte ou no dia seguinte temos que ter uma reportagem que ouça os moradores com mais tempo, que faça o contraditório, que mostre com mais morosidade as idiossincrasias do bairro, quem lá vive, quantos incidentes deste género já houve. O direto não possibilita isso (...) e volto a referir, porque o direto é uma especificidade do meio, não é um género jornalístico, é um instrumento jornalístico e nessas circunstâncias coadjuva, pode coadjuvar a reportagem, se não há tempo para reportagem tem que ser o mais completo possível, mas nunca descorando obviamente a possibilidade de fazer uma reportagem a seguir. A não ser que seja um direto quase de pontuar algo que é muito simples de comunicar como por exemplo, as operações da GNR em determinadas circunstâncias, dizer quais são as faixas, quais são as vias mais difíceis, informação simples de quantos incidentes ou acidentes já ocorreram, este tipo de diretos, não necessitam de, porque não há uma reflexão, são sobre o que está a acontecer, ou o evento em si, porque são quase *faits divers*, ocorrem com regularidade, tal como o direto nas praias, são temas que por si só social e jornalisticamente não exigem reflexão, ou não pedem uma análise mais aprofundada do tema.

Como se prepara para um direto? (exemplo do tiroteio da Ameixoeira)

Essencialmente, durante o caminho aquilo que eu vou tentando fazer é contactar algumas fontes, não é? Se eu não dominar o tema, se eu tiver algum colega que esteja aqui na redação, ou a própria Rita que me vá dando informação sobre aquilo que vá conseguindo, através do Comando Metropolitano de Lisboa, da relações públicas da PSP, da associação de moradores do bairro em causa, vai passando informação para mim, senão sou eu que faço os contactos a caminho, quando chego ao local tento inteirar-me obviamente junto

de quem de direito, entrevistar algumas pessoas e fazer o meu direito com a informação que consigo recolher. Agora, o que eu acho é que é muito fácil o jornalista falhar em direito, e tem que ter determinadas formas de proteção e de defesa. O jornalista não deve fingir que não é humano perante um direito e assumir quando erra, e a facilidade com que o fizer e a simplicidade com que o fizer em direito assumindo que não sabe muito sobre o assunto ou que não será bem assim como lhe contaram, ou que gostaria de ter mais dados para partilhar, é humanizá-lo. É a maneira como se diz as coisas... Como se diz as coisas, ou como não se tem nada para dizer. Querer inventar é a pior coisa que um jornalista em direito pode [fazer], porque muito facilmente pode cair no ridículo e mais do que isso, muito facilmente cair no erro e no rumor e na especulação. Assumir essa fragilidade é humanizá-lo, é torná-lo mais próximo do público, porque ninguém gosta de deuses em queda e se o jornalista à partida, assumir perante o público que é como ele, isso cria uma empatia muito grande e como tal as pessoas, o público vai sempre perdoar um jornalista que falhe, mas que assuma de forma simples que falha, ou que falhou.

ANEXO 25.4. ENTREVISTA A RITA RAMOS

Editora de Sociedade da RTP (18 de maio de 2016, na RTP Lisboa)

1) Produção informativa

- **Que importância é dada ao direto, em comparação com outros modos de dar as notícias?**

Isso foi mudando ao longo dos tempos, se calhar eu diria que hoje em dia, o direto deve ter menos importância do que já teve em outros tempos. Por causa da facilidade com que se fazem diretos, nos antigamente tínhamos por exemplo, só carros que faziam a ligação via satélite, era mais caro, fazer essa ligação, porque os custos das comunicações eram muito mais caros e então, o direto era quase um luxo, escolhia-se para aquele evento especial, aquele momento se calhar num/no JT, tinhas um ponto de direto ou no TJ, não tinhas sequer todos os dias porque de facto era caro, exigia meios tecnológicos mais caros do que hoje em dia. Tu hoje em dia tens a facilidade dos que nos chamamos os *teradeks*, que são uns equipamentos móveis que tu colocas na câmara e que rapidamente se ligam e tu consegues entrar em direto em simultâneo, quase como se estivesses a fazer a reportagem, que não acontecia antigamente e basta o sinal estar, como nos dizemos na gíria, a bater aqui na RTP que se consegue. É como se fosse uma chamada telefónica com vídeo quase. E isso diria que banaliza um pouco o direto. O direto hoje em dia, basta tu queres dar um carácter de imediatez, estares lá no local e fazes o direto. E é muito mais frequente, tu se calhar tens cinco diretos num Jornal da Tarde facilmente, num dia normalíssimo. Basta que tenhas esses equipamentos ligados, os acontecimentos estão-se a desenrolar e tu vais transmitindo em direto. Portanto, nesse sentido o direto pode ser importante, mas deixou de ter esse carácter quase de luxo que nos víamos aqui, se calhar não há muitos anos, há cinco, seis anos, sete. Foi quando surgiram estes equipamentos que facilitam. Mas em comparação com outros com jornalísticos, obviamente continua a ser um destaque, um momento de destaque, porque ainda assim, ainda havendo esses equipamentos, não os podemos colocar em todas as reportagens, portanto temos que colocar naqueles momentos-chave, quando está a acontecer qualquer coisa, que diz qualquer coisa às pessoas que estão lá em casa, portanto não pode ser só, porque está a acontecer, temos também que medir, portanto se for o Presidente da República, se for o Primeiro-Ministro, seguramente estaremos lá.

2) Perceções dos profissionais sobre o uso do direto

▪ O que é que do seu ponto de vista diferencia a peça do direto?

Em termos jornalísticos, diria que logo a partida a reportagem, consegue ter mais mediação. Tu numa reportagem vais depois editar e podes seleccionar aquele momento que tu queres que faça parte da história. No direto não, é o que esta a acontecer. Normalmente quem está numa régie tenta que seja um momento importante, que seja por exemplo um momento está a discursar o Presidente da República e vai-se em direto porque está a discursar naquele momento ou porque naquele momento o Primeiro-Ministro está a falar aos jornalistas e vamos em direto. Mas, há outras circunstâncias em que por exemplo, estás numa manifestação e não é tao controlável, numa manifestação a pessoa vai ao ponto direto e se calhar fecha o direto e passado um minuto há um momento em que há o pico de tensão, entre as forças da autoridade e os manifestantes e já não estava no direto porque não tão controlável. Na reportagem, nós obviamente conseguimos controlar isso, começar pelo melhor. Se estivermos numa manifestação, começamos a peça com aquele em que a manifestação esteve mais inflamada e é mais fácil nos construirmos a reportagem, construirmos no sentido de estrutura, com essa mediação do jornalista. No direto o jornalista está naquele momento em direto e tem que relatar o que está a acontecer, não quer dizer que de aí para a frente não venha a acontecer algo mais importante ou até já não tenha acontecido, portanto acaba por ser essa a grande diferença.

▪ O que distingue do seu ponto de vista o Jornal da Tarde do Telejornal?

Tem mais diretos, em termos de diretos, tem mais diretos. Porque em termos de agenda a agenda está mais preenchida à hora do JT, portanto tens mais acontecimentos em desenvolvimento, é um jornal mais imediato. Porque o TJ, já vai um pouco no fim do dia, não é o rescaldo, mas é como se houvesse mais tempo para se fazer o balanço do que aconteceu e há mais tempo para tratar os acontecimentos, fazer um enquadramento. Aconteceu isto, podemos ir ouvir outras reações, podemos ir fazer o enquadramento. O JT é mais em cima do momento, é um jornal mais reativo, também há reação no TJ, também tens esses momentos mas, é mais frequente. Outro ponto é que o JT é um jornal maior, em termos de tempo se calhar tem mais 20 minutos úteis, que é muito tempo em televisão, se cada peça tiver dois minutos, são mais dez reportagens, tem mais tempo. Portanto permite fazeres diretos, mais diretos e tratares mais assuntos, portanto acho que seria essa a grande diferença. É mais imediato, mais em cima do momento, acaba às vezes por ser um bocadinho menos consolidado, porque no TJ se há um acontecimento qualquer de manhã ou uns confrontos, podes depois no TJ, fazer uma peça que resume outros casos.

No JT, muitas vezes já não tens esse tempo, portanto é um jornal com um bocadinho mais de adrenalina, talvez.

▪ **Considera o direto um género jornalístico televisivo?**

Considero, atualmente considero, porque hoje em dia o direto é imprescindível, o saber fazer diretos, o saber relatar em direto, o jornalista tem que estar preparado para isso, porque enquanto antigamente o tempo de reportagem, até o tempo preparação era muito maior, o ritmo era diferente, não tínhamos os canais de informação, 24 horas por dia, isso dava outra calma e outro distanciamento, naturalmente ao jornalista. Hoje em dia, tem que haver uma grande autodisciplina, porque o jornalista que esta em direto não se pode deixar levar pelos acontecimentos, não se pode entusiasmar excessivamente, sobretudo quando está numa situação de tensão, em que é fácil a pessoa deixar-se levar, se não for experiente, pois também está relacionado obviamente com algumas características da personalidade dos jornalistas, pessoas que sejam mais calmas. Porque uma palavra, às vezes mal dita num direto, e não é intencional, as pessoas estão muito em cima disso. Mais uma vez, numa manifestação, por exemplo, há uma intervenção policial, se uma pessoa disser que a Polícia reagiu ou tentou manter a ordem é diferente de dizer que a Polícia atacou os manifestantes. Portanto, todas as palavras têm que ser medidas, e medidas conforme as circunstâncias e às vezes dois jornalistas no mesmo local têm uma prestação completamente diferente. Portanto, o direto tornou-se um género jornalístico, porque cada vez mais dominamos, os noticiários, e ganha essa importância de se saber aquilo que se está a fazer, da importância de se controlar, não é o acontecimento, mas controlarmos a nossa descrição do acontecimento, que é muito importante.

▪ **O que justifica, do seu ponto de vista, a introdução sistemática de diretos no jornal da Tarde?**

Eu acho que é essa facilidade tecnológica, o custo que baixou muito e essa necessidade de dar atualidade, de no JT as coisas estarem muito a acontecer e ser necessário nós darmos essa atualidade e obviamente também é assim, uma televisão que não o faça hoje em dia é ultrapassada pelas outras, porque todas as televisões fazem isso. Se uma televisão dissesse não eu não vou para lá em direto porque eu prefiro depois analisar, é ultrapassada porque os outros já deram, por isso íamos ser os últimos. Portanto, obviamente a necessidade também está relacionada com toda a dinâmica que se criou entre as várias televisões.

▪ **Do seu ponto de vista que temas são privilegiados nos diretos? E porquê?**

Muito a política, porque as pessoas hoje em dia habituaram-se a querer respostas na hora, dos políticos, por exemplo saem notícias de manhã no jornal: qual é a sua reação aos números do INE, do desemprego... As pessoas habituaram-se a querer isso no imediato, não se espera pelo dia a seguir para ler nos jornais. Portanto, saem esses números e nós queremos a reação e vamos à procura da reação. Alguns temas de social que envolvam manifestações, protestos... Casos que envolvam a saúde das pessoas, negligência médica, isso de certeza que vai ter direto à porta do hospital no JT quando os casos são conhecidos, porque no fundo os telejornais tentam mostrar aquilo que reflete, que preocupa as pessoas. Normalmente educação e saúde são temas incontornáveis. Depois parada política tens muito os diretos dos tribunais, medidas de coação, todos nós nos lembramos destes diretos agora recentes à porta do Palácio da Justiça, acórdãos ou sentenças que estão para sair, início de julgamentos e normalmente isso é marcado no JT. Raramente chega ao TJ até porque depois os tribunais ou fecham ou já são conhecidas as medidas até essa hora. Normalmente é no JT que tu vais ter este fervilhar de acontecimentos da agenda, daquilo que se está a passar no dia. Basicamente são esses os temas, saúde, educação, justiça, claro política.

▪ **Na maioria dos casos, os diretos são antecidos por *off's* ou peças, qual é o objetivo?**

Enquadrar. Eu diria que às vezes é um bocadinho ingrato, por exemplo se for pôr uma peça de enquadramento no caso de justiça, que está em tribunal e que depois vai em direto ter com o jornalista é extremamente ingrato porque normalmente essas peças já resumem tudo e o jornalista fica ali naquela posição... Eu não acho isso muito simpático, fica naquela posição de eles entraram ou não entram é a única coisa que pode acrescentar, porque ainda não há nenhuma decisão conhecida e muitas vezes os advogados não falam à entrada, portanto acabaram de entrar pronto, estamos a aguardar reações no final. Eu por exemplo nos casos de justiça prefiro um *off* e acho que, a não ser que seja um acontecimento muito difícil de se explicar em direto, eu acho preferível ir em direto logo, fazer só um pivô, o jornalista lançar por exemplo uma intervenção que tenha sido gravada pouco antes e lançar o *vivo*, o *soundbite* que foi escolhido do protagonista daquela notícia e lançar lá e fechar o direto, porque isso permite que tu tenhas quase um correspondente em reportagem. Mostras que a pessoa está lá, que está a acompanhar, foi aquele jornalista que captou aquela entrevista e é esse jornalista que lança esse segmento de entrevista. Eu prefiro, mas há casos em que agora por exemplo o túnel do Marão, faz algum sentido,

mostrar as obras, o que foi o túnel do Marão, o que é que aquele túnel diz às pessoas que moram ali, que importância é que aquilo tem, não podemos ficar só pelo direto da inauguração do túnel, porque isso diz muito pouco sobre o valor daquela notícia. São palavras de circunstância na inauguração de uma obra, mas são palavras de circunstância e tu precisas de facto de ter aquela peça de enquadramento que te mostra quando é que começaram as obras, se estiveram palavras, quantos trabalhadores morreram na construção, o que é que aquilo vai implicar no dia a dia das pessoas. Isso tens que fazer com uma peça de enquadramento, por isso é muito importante, em determinados acontecimentos, fazer esse enquadramento.

▪ **Outros diretos são realizados já muito depois do final do acontecimento, qual a justificação para estes serem feitos, sendo que o acontecimento já terminou?**

Muito depois não diria, porque as equipas de reportagem são bem escassas e quando acaba o acontecimento normalmente tenta-se que as equipas regressem à redação para executarem outras tarefas, para os RI's saírem para outras reportagens e para os jornalistas editarem o material. Portanto não será muito depois, mas por exemplo imaginemos que há uma visita de estado que termina ao meio dia e meia, se o JT é à uma é natural que se vá ter com o jornalista em direto para fazer um ponto da situação daquilo que se passou de manhã e lá está, se foi com algum tempo de antecedência dá inclusivamente até para o jornalista do local lançar a reportagem que foi feita sobre esse acontecimento. Por exemplo também se justifica imaginemos umas cheias, as cheias já aconteceram, ou um incêndio, já foi o pico, já está controlado, mas as pessoas querem saber se já houve intervenção dos bombeiros, como é que está naquela situação, se há pessoas desalojadas, esse balanço também deve ser feito em direto, mas normalmente, os diretos reportam assuntos que estão ainda a acontecer, a decorrer.

▪ **Quais pensa serem as razões para se optar por fazer diretos ou falsos diretos? (Questões horárias?)**

Normalmente meios técnicos. Se tiver os meios técnicos para fazer um direto e se estiverem a funcionar vai fazer em direto. Agora se a pessoa precisa de deslocar depois aquele meio técnico para outro lado ou de facto não tem, daí tem que fazer um, eu não diria um falso direto, é um vivo. Eu não gosto da expressão falso direto, porque nós não identificamos como direto, portanto não é um falso direto, é um vivo.

-Mas dá um pouco a ilusão que é um falso direto, a única coisa que não se mete na televisão é o sinal do direto...

Que faz toda a diferença. Eu acho que na RTP não me lembro de ver isso, o pivô não diz “e agora vamos em direto”, não fazemos isso. Não fazemos isso: “vamos até não sei onde”, não fazemos isso. Nós dizemos por exemplo “o repórter x está no local a acompanhar” ou esteve a acompanhar. Isso é diferente, porque no fundo é como se fosse uma reportagem, mas um *live on tape*, uma pessoa faz um minuto resumo em vivo. Eu não gosto muito da expressão falso direto, porque não se devem fazer essas passagens como falso direto porque nós não estamos aqui para enganar ninguém e as pessoas também não são parvas, porque depois se os outros da concorrência estiverem lá de facto em direto então, mas ali está naquele momento...as pessoas distinguem, não vale a pena. Para além de por exemplo isso é perigosíssimo então se for à hora do TJ que anoitece, as pessoas iam reparar..

▪ **Para o internacional observei que na maior parte das vezes são feitos falsos diretos. Porquê?**

Tem a ver com os meios técnicos sim, com os custos. Porque às vezes não têm *teradek*, têm que gravar e enviar pelo computador, mas lá está é um caso, um ponto *standup* em que o jornalista que está lá, já que temos correspondentes, devem fazer. Por exemplo, se o nosso correspondente em Bruxelas está a acompanhar uma reunião/união qualquer conjunta da comissão, obviamente não pode estar sempre cá fora, ele tem que, às vezes estar a assistir, tem que ir respeitando a dinâmica desse encontro. Ora, a única hipótese que ele tem é que quando tem oportunidade de vir cá fora, gravar um falso direto, vivo e enviar, e ir atualizando a informação ao longo da tarde assim, mas envia pelo computador, mas não lhe chama falso direto.

- **Eu digo falso direto, pelo que eu li, eles chamam falso direto. As literaturas que eu li...**

Sim, sim, mas isso é uma nomenclatura que se chamou, que tem. Mas não é falso direto...

▪ **No que diz respeito ao local do direto, nem sempre é possível realizar o direto no próprio local do acontecimento, e pude ver que muitas vezes o que é noticiável não tem sítio concreto para ser informado em direto, como é feita esta gestão?**

Mas por exemplo?

- **Por exemplo: sai uma lei, não tem um sítio concreto para informar...**

Sim, claro. Não, nós tentamos arranjar um ponto de direto que seja condizente com o tema, por exemplo: se sair uma lei, sobre regras para fazer os partos, novas regras,

acompanhamento dos pais...os pais podem não estar nas cesarianas, tu não vais fazer um direto à porta de uma escola, fazes à porta de uma maternidade Alfredo da Costa. Portanto eu acho que, não é uma questão de criatividade, é uma questão de bom senso, o tentar que o local onde tu estas esteja relacionado com o tema que tu estas a apresentar, se for qualquer coisa relacionada com a justiça devemos estar à frente de um tribunal, mas isso é bom senso...

- **Porque são tomadas as decisões de se realizarem diretos mesmo que o local não forneça qualquer informação (exemplo direto feito numa praia do Brasil em que fala sobre os protestos e a nomeação de Lula da Silva para Ministro)?**

Pois, eu aí não sei responder, porque eu não sei em que circunstâncias foi escolhido esse local, não sei mesmo. Às vezes não é uma escolha ... ele também tinha acabado de chegar e não sei com que meios técnicos ele fez, portanto não vou falar sobre esse caso. Mas às vezes acontece, já me aconteceu no estrangeiro, portanto a pessoa ter um ponto de direto, que é feito pela Eurovisão e não é um ponto que nos escolhemos, são os meios internacionais que a RTP aloca que estão naquele local. Em relação a esse, não sei mesmo, não posso responder porque não sei, mas sei que há essas circunstâncias, portanto é a única coisa que eu posso dizer.

- **Qual o papel do editor no direto?**

Do editor, por exemplo, da sociedade. Eu estou aqui na redação, portanto no meu conforto a minha participação tem que ser por antecipação, que é na marcação e na decisão. Se de facto há razão para direto e no acompanhamento, antes da saída em reportagem do jornalista, se tiver dúvidas, também depende do grau de inteiramento sobre os temas do jornalista, por exemplo: nós temos aqui jornalistas que são especializados em determinadas áreas, nem sequer vou ter qualquer tipo de intervenção, a pessoa sabe que é aquele tema, está perfeitamente dentro do assunto. Normalmente nós tentamos que as pessoas não caiam de paraquedas nos assuntos, que tenham tempo de se documentar, mesmo que seja aquela área que trabalham diariamente, porque as vezes acontece uma emergência, mas o meu grau de participação acaba por ser esse, à priori, na definição se aquilo merece ou não direto e numa conversa prévia com o jornalista que vai, sobre os temas do dia, aquilo que será mais interessante eventualmente. Mas depois ganha vida própria no direto, é o que esta a acontecer e o jornalista que está no local é que tem que fazer esse relato, eu não lhe estou a dizer ao ouvido nada, porque nem sequer estou na régie, portanto todo o mérito ou demérito será nesse ponto do jornalista.

- Mas quando tu marcas, já marcas com a ideia se será um direto ou não?**

Sim, já marcamos com a ideia, mas não é líquido, por exemplo: eu posso marcar, sem ideia de ser direto e sem ter meios de direto e o jornalista assim que chega ao local apercebe-se e liga-me e diz-me olha afinal isto tem outra dimensão, superior àquela que tínhamos calculado e então tentamos deslocar para lá meios de direto, ou pode acontecer o inverso, o jornalista chegar ao local e dizer olha, a montanha pariu um rato, não é nada. Por exemplo: uma manifestação que se esperam milhares de pessoas e chega ao local e estão lá 100 pessoas, liga e diz assim, olha só estão aqui 100 pessoas e aí define-se não fazer ou fazer o direto, mas normalmente não se faz.

3) Questões ético-deontológicas

- **Do seu ponto de vista o que é que se pretende oferecer aos telespetadores com o direto? [Entreter/ informar/ ocupar tempo no Jornal da Tarde]**

Imediatez. É o imediato, a pessoa sentir-se quase como protagonista muitas vezes. O telespetador está em casa e está a ver o acontecimento sem ter que esperar pelas oito da noite, acho que é isso, basicamente é ter acesso ao imediato, aquilo que nos também acedemos, uma janela para o mundo, agora, acho que não tem outro objetivo.

- **Vários autores afirmam que, nos dias de hoje, com os diretos, já não se procura que o espetador esteja ciente, senão que se entretenha, assim tudo se torna espetáculo para que a informação cumpra o objetivo. Qual é a sua opinião sobre esta afirmação?**

É aquilo que falávamos há pouco, sobre a questão do jornalista não se deixar levar. É muito importante as pessoas terem calma e saberem que não estão ali a fazer *infotainment*. Por exemplo: é muito fácil descambar, ou um populismo. O jornalista não pode ser um agente provocador, tem que ter a noção, de que hoje em dia as pessoas são muito conscientes do poder da televisão, já há manifestações que são convocadas para a hora dos principais noticiários. Eu lembro-me de manifestações em que as pessoas, faziam um Jornal da Tarde, iam almoçar e perguntavam quando é que é o próximo noticiário. Eu acho isso horrível, porque os próprios manifestantes já estão a tentar manipular, estão a tentar usar os jornalistas, mas lembro-me de alguns episódios, há alguns anos atrás e acho que os próprios jornalistas aprenderam a tentar pelo menos, não se deixarem instrumentalizar tanto. Tem que haver uma proximidade com as fontes, mas não pode haver uma promiscuidade no sentido de se condicionarem os acontecimentos, à oportunidade, ao momento que nos dá jeito porque é giro, entrar em direto e ter os manifestantes a gritar, então vamos lá, olha vamos entrar em direto em dois minutos, isso

não se faz. Há essa tendência, porque claro, depois as pessoas gostam também de ver no ar ação, mas não é isso que nós fazemos, portanto tem que haver aqui algum equilíbrio e o jornalismo espetáculo não tem lugar no serviço público, pode ter lugar noutras televisões, mas não pode ter lugar no serviço público. Não estou a dizer que tenha lugar em todas as outras televisões, longe de mim dizer isso, mas tem lugar em algumas e nos temos que perceber que isso pode funcionar no curto prazo, mas tira-nos a credibilidade que é a nossa grande vantagem, a médio prazo. É as pessoas saberem, que quando veem a RTP, não estão a ver palhaçada, estão a ver o que esta a acontecer, não estão ali para ver um espetáculo, estão para ver informação e acho que essa é a grande diferença.

▪ **Do seu ponto de vista que histórias se procuram para fazer diretos? [interesse do público ou interesse público]**

Que notícias? Já tínhamos falado um pouco, da política, da justiça, da sociedade, da saúde acho que é isso.

- São de interesse do público ou de interesse público?

Eu acho que, muito sinceramente, há diretos, por exemplo de política, na Assembleia da República que não têm muita audiência, portanto são de interesse público, porque nós temos que informar as pessoas, não podemos ir só atrás do interesse do público, porque senão havia diretos chatíssimos que nunca se fariam, porque assim epá não, mais ali uns sentados. Não, mas há temas que têm interesse público, nós devemos cobrir, temos obrigação de serviço público de cobrir, independentemente de acharmos que aquilo é, lá está a questão do espetáculo, o que é que é o interesse do público? O interesse do público não pode ser só o sangue, senão andávamos a fazer diretos só de crime e nós temos que ter esta noção... e depois também há vários tipos de público, por exemplo: vamos fazer um direto de um barricado, temos que pensar, então, mas o nosso direto pode estar a condicionar, se estiver com reféns, o desenvolvimento daquele acontecimento, porque ele pode estar a ver na televisão e temos que ter esse equilíbrio, esse filtro, até porque há vários tipos de público. Nós temos alguma responsabilidade em relação por exemplo às crianças e à sensibilidade das pessoas, não podemos, só porque há um grande grupo de pessoas, que veem aqueles programas de *reality show's*, que gostam de um determinado tipo de espetáculo, que devemos achar, que esse é todo o nosso público do espectro televisivo e que é para essas pessoas que nos temos que trabalhar, não. Porque temos uma série de obrigações de serviço público, de respeito pela nossa carteira profissional, porque a carteira profissional não é um bem dos órgãos de comunicação social, é um bem de cada jornalista, sou eu que pago a minha carteira profissional, ela é minha, portanto esse

respeito é um respeito pela minha profissão e por mim mesma e quando nós muitas vezes argumentamos assim, ai vou fazer este direto porque é do interesse do público, mas há situações em que é puro *voyeurismo*, o público pode achar muito interessante ver um caixão a descer num cemitério, mas tem interesse público zero, tem interesse do público porque há pessoas que são voyeuristas e gostam de ver, mas eu não vou mostrar só porque o público tem interesse e que poderia dar mais audiência, ou ver uma mãe a chorar agarrada ao caixão. Há momentos que tem que respeitar a intimidade das pessoas, tem que haver alguma reserva, tem que haver sobre tudo bom senso, porque nós estamos a dar informação, não estamos ali só para expor em direto as outras pessoas, porque temos essa possibilidade. Às vezes o nosso maior poder é o poder de não mostrar simplesmente, porque não deve ser mostrado, porque a pessoa tem o direito a dizer, não, este é um momento meu, íntimo e eu não quero.

- Quando eu estive lá em cima no Porto, a Susana tomou a decisão de não mostrar na altura em que o corpo tinha desaparecido em Chaves e os bombeiros estavam a tirar o corpo e ela não fez direto...

É uma boa decisão, porque a família que está em casa, tem o direito de não ver esse momento, e nunca nos podemos esquecer dessa nossa responsabilidade.

▪ **Considera possível compatibilizar a obtenção de audiências com o respeito pelas questões ético-deontológicas (não expor sofrimento humano; respeitar a privacidade, serenidade e liberdade dos envolvidos; proibir-se de humilhar as pessoas ou perturbar a sua dor) pelas quais se deve pautar o trabalho jornalístico? Quem fica regra geral a perder?**

Mais do que possível é uma obrigação. Agora o que eu acho é que, como eu te dizia, no imediato, podemos achar que estamos a perder a batalha, mas não perdemos a guerra. Porque as pessoas, a verdade vem sempre ao de cima e uma redação que trabalha com a segurança de que deve fazer o jornalismo isento, de uma forma correta sem a pressão de ter que dar espetáculo, de factos não confirmados ou mal confirmados, trabalha melhor e as pessoas motivam-se mais e vão a procura de histórias e fazem boas reportagens e isso no final vai ser reconhecido, e pode ser um bocadinho idealista, mas se a curto prazo podemos dizer, eles tinham aquilo, mas depois se calhar na hora seguinte vai-se perceber que aquilo era falso. Tiveram se calhar aquele resultado, epá estes deram primeiro, mas depois vão perder a credibilidade, porque deram uma informação falsa e as pessoas a partir do momento percebem, eu para ter o correto tenho que ir ver este canal, ter aquilo que é verdade, eu acho que isso nos credibiliza e que a médio-longo prazo, acho que passa

por aí o futuro da comunicação social. Os outros acabam por ir passando, podem ter bons resultados agora, mas depois as pessoas vão-se cansando...isto não é o jornal do fantástico.

- **Do seu ponto de vista, qual a influência da imediatez do relato em direto, no tempo necessário para a análise dos factos?**

Qual é a influência da imediatez?

- **Sim, do relato em direto, no tempo necessário para análise da informação, do que esta a acontecer...**

Isso depende, depende muito dos temas, porque se for um julgamento não tem assim grande influência, porque a pessoa documentou-se e sabe o processo que está em causa, vai estar a falar sobre o processo que está em causa, quanto mais informada estiver, melhor vai correr depois esse direto, porque sai o advogado e faz a pergunta certa e sabe relatar aquilo que está a acontecer, porque já tem essa preparação, portanto diria que não tem a ver propriamente com a análise dos dados. Agora, por exemplo: a pessoa está em direto e saem as medidas de coação, a pessoa tem que estar mais atenta, para ouvir, para transmitir bem, para não se enganar, mas se tiver essa preparação já sabe, quando está a falar de ocultação de provas, já sabe quais são os documentos que se estão a referir. Portanto eu acho que tem muito a ver com o grau de preparação. Depois, há o direto imprevisto, de um incêndio, que já não é tão bem assim, mas aí também não há tantos dados, os dados que existem são o número de bombeiros... mas eu diria que, os temas mais difíceis de tratar, é quase sempre possível uma antecipação, não há, no direto do acidente, no direto de crise, uma coisa ali imediata. Mas em política, também normalmente dá tempo de fazer essa preparação, porque há uma agenda, a pessoa vai-se informar sobre a proposta de lei que está em cima da mesa, portanto, consegue no momento do direto fazer o enquadramento e não está a receber dados pela primeira vez, até porque muitas vezes esses dados, nós temos indicação para divulgar a partir de uma certa hora, mas muitas vezes deram-nos acesso sobre embargo antes, para nos exatamente podermos trabalhá-los. Quando há por exemplo dados de estatísticas ou um estudo ou um relatório, normalmente um jornalista tem acesso antes, senão tem, deve pedi-lo e deve reclamar se não derem, porque, exatamente para isso não acontecer, porque nós estamos ali para informar, não estamos para confundir as pessoas e é muito difícil uma pessoa chegar com um relatório, aí saiu agora este relatório, estar em direto a ver o que é mais importante daquele relatório. Isso não acontece, nem pode acontecer.

ANEXO 26. ALINHAMENTOS DO JORNAL DA TARDE

Os alinhamentos dos 90 noticiários analisados estão depositados em CD no final do documento.